

Nº1 BEST SELLER DO THE NEW YORK TIMES

DANIEL
SILVA

CASA DE
ESPIÕES

UM JOGO MORTAL DE VINGANÇA

HarperCollins

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Nº1 BEST SELLER DO THE NEW YORK TIMES

DANIEL
SILVA

CASA DE
ESPIÕES

UM JOGO MORTAL DE VINGANÇA

HarperCollins

Nº1 BEST SELLER DO THE NEW YORK TIMES

DANIEL
SILVA

CASA DE
ESPIÕES

UM JOGO MORTAL DE VINGANÇA

HarperCollins

**DANIEL
SILVA**

CASA DE
ESPIÕES

Editado por HarperCollins Ibérica, S.A.
Núñez de Balboa, 56
28001 Madrid

Casa de espões

Título original: House of Spies

© 2017, Daniel Silva

© 2018, para esta edição HarperCollins Ibérica, S.A.

Publicado originalmente pela HarperCollins Publishers LLC, New York, U.S.A.

Tradutor: Ana Filipa Velosa

Reservados todos os direitos, inclusive os de reprodução total ou parcial em qualquer formato ou suporte.

Esta edição foi publicada com a autorização da HarperCollins Publishers LLC, New York, U.S.A.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e situações são produto da imaginação do autor ou são utilizados ficticiamente, e qualquer semelhança com pessoas, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, acontecimentos ou situações são pura coincidência.

Desenho da capa: Diego Rivera

Imagem da capa: Dreamstime.com

I.S.B.N.: 978-84-9139-261-3

Conversão ebook: MT Color & Diseño, S.L.

Sumário

Casa de espões

Créditos

Sumário

Dedicatoria

Cita

Primeira Parte

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Segunda Parte

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

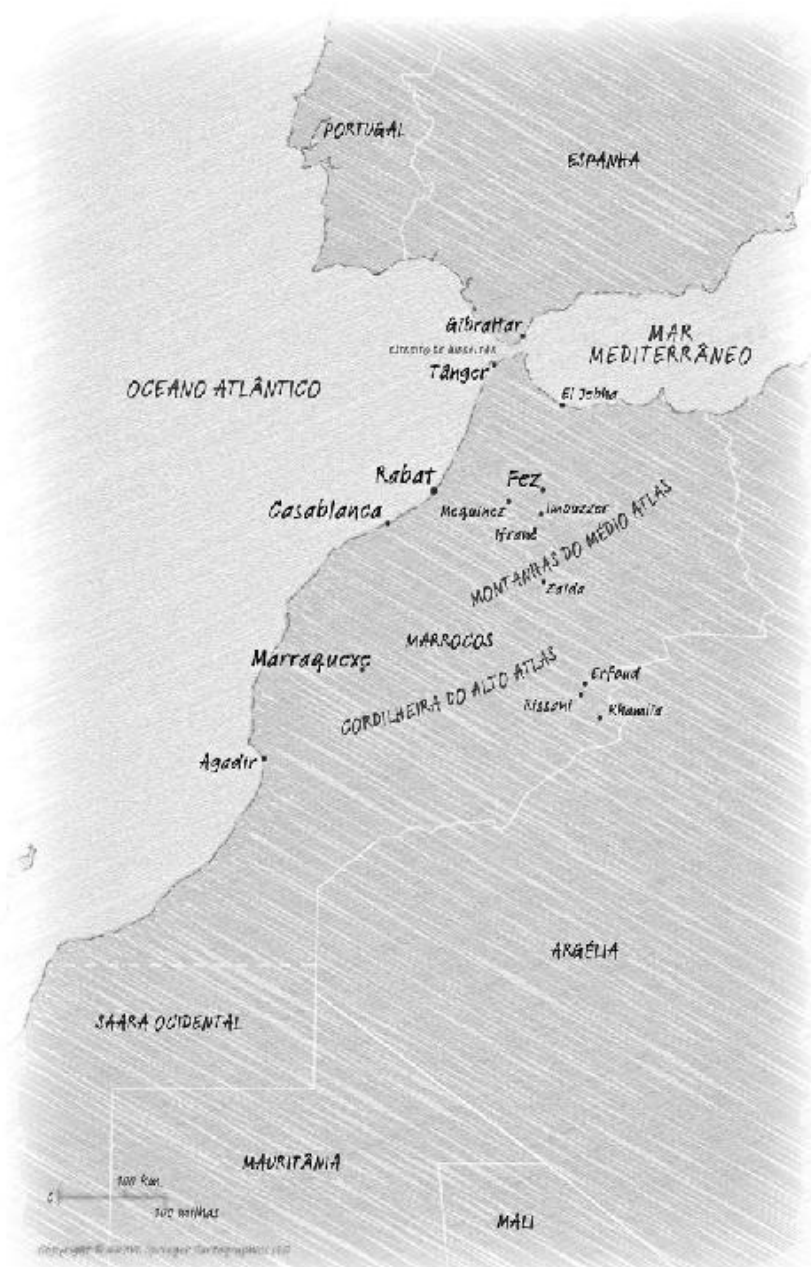
Capítulo 34	
Capítulo 35	
Capítulo 36	
Capítulo 37	
Capítulo 38	
Capítulo 39	
Capítulo 40	
Capítulo 41	
Capítulo 42	
Terceira Parte	
Capítulo 43	
Capítulo 44	
Capítulo 45	
Capítulo 46	
Capítulo 47	
Capítulo 48	
Capítulo 49	
Capítulo 50	
Capítulo 51	
Capítulo 52	
Capítulo 53	
Capítulo 54	
Capítulo 55	
Capítulo 56	
Capítulo 57	
Capítulo 58	
Capítulo 59	
Capítulo 60	
Capítulo 61	
Capítulo 62	
Capítulo 63	
Capítulo 64	
Capítulo 65	
Capítulo 66	
Capítulo 67	
Capítulo 68	
Capítulo 69	
Quarta Parte	
Capítulo 70	
Capítulo 71	
Capítulo 72	
Capítulo 73	
Nota do autor	
Agradecimentos	

Se gostou deste livro...

*Uma vez mais, para a minha esposa, Jamie,
e para os meus filhos, Nicholas e Lily.*

Cuidado com a fúria de um homem paciente.

John Dryden,
Absalom and Achitophel



PRIMEIRA PARTE

A PONTA SOLTA

AVENIDA REI SAUL, TELAVIVE

Para algo tão inusitado, tão cheio de risco institucional, foi tudo gerido com o mínimo de agitação. E silenciosamente, também. Esse foi o aspeto mais notável, o silêncio operacional com que foi realizado. Sim, tinha havido o anúncio dramático transmitido à nação, em direto, pelos meios de comunicação social; a ostentosa primeira reunião de Gabinete; a sumptuosa festa na *villa* de Ari Shamron junto ao lago, em Tiberíades, onde todos os amigos e colaboradores do seu extraordinário passado (os mestres de espionagem, os políticos, os sacerdotes do Vaticano, os negociantes de arte, até mesmo um inveterado ladrão de arte de Paris) tinham vindo desejar-lhe felicidades. Mas, à exceção disso, tudo ocorrera sem grandes ondas. Num dia, Uzi Navot estava sentado à sua grande secretária com um tampo de vidro fumado no escritório de chefe e, no seguinte, Gabriel estava no seu lugar. Mas atenção, sem a presença da moderna secretária de Navot, pois o vidro não fazia o estilo de Gabriel.

A madeira agradava-lhe mais. Madeira muito antiga. E quadros, evidentemente; aprendeu rapidamente que não conseguia passar doze horas por dia numa sala sem quadros. Pendurou um ou dois dos seus próprios trabalhos, sem assinatura, e diversos da sua mãe, que fora uma das mais proeminentes artistas israelitas do seu tempo. Até pendurou uma enorme pintura abstrata da sua primeira esposa, Leah, pintada quando eram ambos estudantes da Academia de Arte e Desenho Bezalel, em Jerusalém. Ao final do dia, quem visitasse o andar das chefias poderia ouvir um pouco de ópera (*La Bohème* era uma das suas favoritas) a fluir através da sua porta. A música só poderia significar uma coisa: Gabriel Allon, o príncipe de fogo, o anjo vingador, o filho escolhido de Ari Shamron, finalmente assumira a sua legítima posição como chefe dos serviços secretos de Israel.

Mas o seu antecessor não foi para muito longe. Na verdade, Uzi Navot mudou-se precisamente para o lado oposto do corredor, para um escritório que, na configuração original do edifício, fora o pequeno refúgio fortificado de Shamron. Nunca antes um chefe cessante permanecera debaixo do mesmo teto do que o seu sucessor. Era uma violação de um dos mais sagrados princípios do Departamento, que

ordenava que, periodicamente, se realizasse uma limpeza completa da vegetação, uma lavragem dos solos. Era verdade que alguns ex-chefes mantinham um envolvimento menor com a organização. Davam um passeio, de vez em quando, pela Avenida Rei Saul, trocavam histórias de guerra, distribuíam conselhos que eram ignorados e, geralmente, acabavam por se tornar inconvenientes. E depois, claro, havia Shamron, o eterno, a sarça-ardente. Shamron construía o Departamento do zero e fizera-o à sua imagem e semelhança. Dera ao serviço a sua identidade, a sua própria linguagem, e considerava que imiscuir-se nos seus assuntos quando assim o entendesse era um direito divino que lhe assistia. Fora Shamron quem premiara Navot com o cargo de chefe e, quando finalmente chegara o momento, fora Shamron quem lho tirara.

Mas foi Gabriel que insistiu para que Navot permanecesse, conservando todas as regalias de que gozara na encarnação anterior. Partilhavam a mesma secretária (a formidável Orit, conhecida na Avenida Rei Saul como a Cúpula de Ferro, pela sua capacidade para abater visitantes indesejados), e Navot manteve o uso do seu carro oficial, bem como uma equipa completa de guarda-costas, o que provocou alguns queixumes no Knesset, mas que, de uma forma geral, foi aceite como necessário para manter a paz. O seu título exato era bastante vago, mas isso era típico do Departamento. Eram mentirosos de profissão. Diziam a verdade apenas entre si. Perante todas as outras pessoas (as esposas, os filhos, os cidadãos que tinham jurado proteger), ocultavam-se atrás de uma capa de engano.

Quando as suas respetivas portas estavam abertas, o que habitualmente acontecia, Gabriel e Navot conseguiam ver-se através do corredor. Falavam todos os dias, logo de manhã, através de uma ligação telefónica segura, almoçavam juntos (por vezes na sala de refeições dos funcionários, outras vezes sozinhos, no escritório de Gabriel) e passavam alguns minutos de paz e sossego, ao final da tarde, em companhia da ópera de Gabriel, que Navot detestava, apesar da sua sofisticada linhagem vienense. Navot não tinha qualquer apreço pela música e as artes visuais aborreciam-no. Tirando isso, ele e Gabriel eram unânimes em todos os outros assuntos, pelo menos aqueles que envolviam o Departamento e a segurança do Estado de Israel. Navot lutara por ter acesso ao ouvido de Gabriel sempre que quisesse e conseguira-o, insistindo em estar presente em todos os encontros importantes com a equipa das chefias. Geralmente, mantinha um silêncio esfíngico, com os braços grossos cruzados sobre o peito de pugilista e uma expressão inescrutável no rosto. No entanto, ocasionalmente, terminava uma das frases de Gabriel, como se quisesse deixar claro a todos os presentes que, como se costumava dizer, eram unha e carne. Eram como Boaz e Jaquim, os dois pilares

que se erguiam à entrada do Primeiro Templo de Jerusalém, e qualquer pessoa que ousasse semear a discórdia entre eles pagaria um preço elevado. Gabriel era o chefe do povo, mas era, ainda assim, o chefe, e não toleraria intrigas na sua corte.

Não que fosse provável a existência de qualquer intriga, já que os restantes agentes que constituíam a sua equipa eram inseparáveis. Provinham todos da Barak, a equipa de elite que executara algumas das operações mais lendárias dos anais de um serviço lendário. Durante anos, tinham realizado o seu trabalho a partir de um conjunto de salas subterrâneas atulhadas que, em tempos, tinham sido usadas como local de depósito de mobiliário e equipamentos velhos. Agora, ocupavam uma fila de escritórios que se espalhava a partir da porta de Gabriel. Até mesmo Eli Lavon, um dos mais proeminentes arqueólogos bíblicos de Israel, concordara em renunciar à posição que ocupava como professor na Universidade Hebraica e regressar ao trabalho a tempo inteiro para o Departamento. Teoricamente, Lavon supervisionava as sentinelas, os carteiristas e aqueles que se especializavam em colocar dispositivos de escuta e câmaras ocultas. Na verdade, Gabriel usava-o de qualquer forma que considerasse necessária. Sendo o melhor artista de vigilância física que o Departamento alguma vez produzira, Lavon protegia Gabriel desde os tempos da Operação Ira de Deus. O seu pequeno cubículo, com os seus cacos de cerâmica, moedas antigas e ferramentas, era o local onde Gabriel frequentemente se refugiava para ter alguns minutos de sossego. Lavon nunca fora muito falador. Tal como Gabriel, trabalhava melhor na sombra e em silêncio.

Alguns dos agentes mais antigos do Departamento questionavam se seria sensato que Gabriel enchesse os gabinetes com tantos amigos incondicionais e relíquias do seu passado glorioso. Contudo, a imensa maioria guardava tais receios para si própria. Nenhum diretor-geral (exceto Shamron, evidentemente) assumira o controlo do Departamento com tanta experiência ou boa vontade do que Gabriel. Estava envolvido no ofício há mais tempo do que qualquer outra pessoa e, pelo caminho, colecionara um extraordinário leque de amigos e cúmplices. O primeiro-ministro britânico devia-lhe a carreira; o Papa, a vida. Ainda assim, não era o género de colega que cobrava despudoradamente uma dívida antiga. O homem verdadeiramente poderoso, dizia Shamron, nunca tinha de pedir um favor.

Contudo, também tinha inimigos. Inimigos que tinham destruído a sua primeira esposa e que tinham tentado, igualmente, destruir a segunda. Inimigos em Moscovo e Teerão que o viam como o único obstáculo às suas ambições. De momento, estavam sob controlo, mas, indubitavelmente, voltariam a atacar. Tal como o homem contra quem

travara a derradeira batalha. Aliás, esse mesmo homem ocupava o lugar cimeiro na lista de prioridades do novo diretor-geral. Os computadores do Departamento tinham-lhe atribuído um nome de código gerado aleatoriamente. Mas, atrás das portas protegidas por códigos da Avenida Rei Saul, Gabriel e os novos líderes do Departamento referiam-se a ele pelo grandioso nome de guerra que atribuíra a si próprio: *Saladino*. Falavam dele com respeito e até com um laivo de temor. A desforra era iminente. Era só uma questão de tempo.

Havia uma fotografia a circular pelos serviços de espionagem aliados. Fora tirada por um ativo da CIA na cidade paraguaia de Ciudad del Este, que se situava na célebre zona do Marco das Três Fronteiras da América do Sul. Mostrava um homem alto e corpulento, de aparência árabe, a beber café numa esplanada, acompanhado por um certo comerciante libanês suspeito de ter vínculos ao movimento jihadista global. O ângulo da câmara tornava o *software* de reconhecimento facial ineficaz. Mas Gabriel, abençoado com um dos melhores pares de olhos do ofício, estava convicto de que o homem era Saladino. Vira Saladino em pessoa, no átrio do Hotel Four Seasons, em Washington, D.C., dois dias antes do pior atentado terrorista em solo americano desde o 11 de Setembro. Gabriel sabia qual era a aparência de Saladino, como era o seu cheiro, como o ar reagia quando ele entrava ou saía de uma sala. E reconhecia o andar de Saladino. Tal como o seu homónimo, deslocava-se com um acentuado coxear, que resultara de um ferimento provocado por um estilhaço, do qual se recuperara com dificuldade numa casa com muitos quartos e pátios perto de Mossul, no norte do Iraque. O coxear era, agora, o seu cartão-de-visita. A aparência física de um homem poderia ser transformada de muitas formas. O cabelo poderia ser cortado ou pintado, o rosto poderia ser alterado com cirurgia plástica. Mas um coxear como o de Saladino era para sempre.

A forma como conseguira escapar da América era alvo de intenso debate, e todos os esforços subsequentes para o localizar tinham sido infrutíferos. Havia relatórios que o faziam, diversamente, em Asunción, em Santiago e em Buenos Aires. Corria até o rumor de que tinha encontrado abrigo em Bariloche, a estação de esqui argentina tão adorada pelos criminosos de guerra nazis foragidos. Gabriel descartou a ideia rapidamente. Ainda assim, estava disposto a considerar a possibilidade de Saladino estar escondido algures à vista de todos. Onde quer que estivesse, estava a planear o seu próximo passo. Disso, Gabriel tinha a certeza.

O recente atentado em Washington, com os edifícios e monumentos

destruídos e o catastrófico balanço de mortes, conferira a Saladino o estatuto de novo rosto do terrorismo islâmico. Mas qual seria o seu próximo golpe? O presidente americano, numa das últimas entrevistas antes de deixar o cargo, declarou que Saladino seria incapaz de executar outra operação em grande escala, que a resposta do exército americano deixara a sua outrora temível rede em farrapos. Saladino respondera, ordenando que um bombista suicida se fizesse explodir no exterior da embaixada dos Estados Unidos no Cairo. Uma preocupação menor, ripostara a Casa Branca. Um número de vítimas limitado, nenhum cidadão americano entre os mortos. O ato desesperado de um homem em declínio.

Talvez, mas também houve outros atentados. Saladino atingira a Turquia praticamente a seu bel-prazer (casamentos, autocarros, praças públicas, o movimentado Aeroporto de Istambul) e os seus seguidores na Europa Ocidental, aqueles que proferiam o seu nome quase com fervor religioso, tinham executado uma série de atentados, na qualidade de lobos solitários, que deixaram um rasto de morte em França, na Bélgica e na Alemanha. Porém, algo maior se avizinhava, algo coordenado, um espetáculo de terror que rivalizaria com a calamidade infligida em Washington.

Mas onde? Outro atentado na América parecia improvável. Com toda a certeza, diziam os peritos, o raio não cairia duas vezes no mesmo lugar. Por fim, a cidade escolhida por Saladino para a sua última *performance* não constituiu uma surpresa para ninguém, especialmente para aqueles que dedicavam a vida a combater terroristas. Apesar da sua propensão para o secretismo, Saladino amava o espetáculo. E que melhor lugar para um espetáculo do que o West End de Londres?

ST. JAMES, LONDRES

Talvez fosse verdade, pensou Julian Isherwood enquanto observava a tromba de água soprada pelo vento que caía de um céu negro. Afinal de contas, talvez o planeta estivesse mesmo nas últimas. Um furacão em Londres, para além do mais em pleno fevereiro. Alto e de gestos ligeiramente titubeantes, Isherwood não era dado a tais inclemências. Nesse momento, encontrava-se abrigado à entrada do Wilton, um restaurante na Jermyn Street que conhecia bem. Puxou a manga do impermeável para cima e olhou para o relógio de pulso de sobrolho franzido. Eram 19h40; estava atrasado. Inspeccionou a rua à procura de um táxi. Não havia nenhum à vista.

Do bar do Wilton chegou-lhe um gotejar de gargalhadas fingidas, seguidas da ribombante voz de barítono do anafado Oliver Dimbleby. Atualmente, o Wilton era o local mais frequentado por um pequeno grupo de *marchands* especializados em Grandes Mestres, que exerciam a sua atividade nas ruelas estreitas de St. James. Outrora costumavam reunir-se no Green, o restaurante e Oyster Bar da Duke Street, mas o Green fora obrigado a fechar portas devido a uma disputa com a empresa que geria o vasto património imobiliário da rainha em Londres. Era sintomático das mudanças que tinham varrido o bairro e a totalidade do mundo artístico londrino. Os Grandes Mestres estavam absolutamente fora de moda. Os colecionadores de hoje em dia, bilionários globais cujas fortunas instantâneas se construíam graças às redes sociais e aplicações para *iPhone*, só estavam interessados em arte contemporânea. Até mesmo os Impressionistas estavam a tornar-se ultrapassados. Isherwood vendera apenas dois quadros desde o Ano Novo. Ambos eram trabalhos para um mercado mediano, escola de pouca monta, estilo carente de bom gosto. Oliver Dimbleby não vendera nada em seis meses. Tal como Roddy Hutchinson, que era sobejamente considerado o comerciante mais inescrupuloso de toda a cidade de Londres. Porém, todos os dias, ao final da tarde, reuniam-se no bar do Wilton e asseguravam a si próprios que a tempestade iria passar. Mas, mais do que nunca, Julian Isherwood temia que assim não fosse.

Atravessara períodos conturbados anteriormente. O seu porte e

indumentária, ambos esmeradamente ingleses, bem como o seu apelido de profundas reminiscências inglesas, ocultavam o facto de não ser, pelo menos não em sentido estrito, de todo inglês. Britânico de nacionalidade e passaporte, sim, mas alemão de nascimento, francês de educação e judeu de confissão religiosa. Só alguns amigos de confiança sabiam que Isherwood tinha chegado a Londres em 1942, na condição de criança refugiada, após ter atravessado os Pireneus nevados com o auxílio de dois pastores bascos. Ou que o seu pai, Samuel Isakowitz, um conceituado *marchand* de arte em Paris, fora assassinado no campo de extermínio de Sobibor, juntamente com a sua mãe. Embora Isherwood tivesse guardado sigilosamente os segredos do seu passado, a história da sua fuga dramática da Europa ocupada pelos nazis chegara aos ouvidos dos serviços secretos de Israel. E, em meados dos anos setenta, durante a vaga de atentados terroristas palestinianos contra alvos israelitas na Europa, fora recrutado como *sayan*, um colaborador voluntário. Isherwood tinha apenas uma missão: ajudar a construir e manter o disfarce operacional de um restaurador de arte e assassino profissional chamado Gabriel Allon. Ultimamente, as suas carreiras tinham enveredado por direções definitivamente distintas. Gabriel era, agora, chefe dos serviços secretos israelitas, um dos espiões mais poderosos do mundo. E Isherwood? Encontrava-se à entrada do restaurante Wilton, na Jermyn Street, fustigado pelo vento de oeste, ligeiramente bêbado, à espera de um táxi que nunca chegaria.

Olhou para o relógio pela segunda vez. Eram agora 19h43. Não tendo guarda-chuva consigo, pousou a velha pasta de couro sobre a cabeça e saltitou sobre poças de água até Piccadilly, onde, após uma espera de cinco minutos debaixo de chuva, conseguiu entrar, agradecido e ensopado, para o banco de trás de um táxi. Deu ao taxista uma morada aproximada (sentiu-se demasiado embaraçado para dizer o nome do seu verdadeiro destino) e monitorizou ansiosamente o passar dos minutos enquanto o táxi avançava vagarosamente na direção de Piccadilly Circus. Aí, virou para a Shaftesbury Avenue, chegando à Charing Cross Road às oito em ponto. Isherwood estava, agora, oficialmente atrasado para a sua reserva.

Talvez devesse ter telefonado a avisar que estava atrasado, mas havia uma forte probabilidade de o estabelecimento em questão dar a sua mesa a outra pessoa. Fora necessário um mês de súplicas e subornos para conseguir aquela mesa; Isherwood não estava disposto a arriscar tudo, agora, com uma chamada precipitada. Para além disso, com um pouco de sorte, Fiona já teria chegado. Era uma das coisas de que Isherwood mais gostava em Fiona: a sua pontualidade. Também gostava do cabelo louro, dos olhos azuis, das pernas longas e da sua idade, trinta e seis anos. Na verdade, naquele momento, não conseguia

pensar em nada que não lhe agradasse em Fiona Gardner, razão pela qual envidara tanto esforço e tempo preciosos para garantir uma reserva num restaurante onde, em circunstâncias normais, nunca poria os pés.

Passaram mais cinco minutos antes que o táxi deixasse finalmente Isherwood à porta do St. Martin's Theatre, sede permanente de *A Ratoeira*, de Agatha Christie. Atravessou apressadamente a West Street até à entrada do afamado Ivy, o seu verdadeiro destino. O *maître* informou-o de que a menina Gardner ainda não chegara e de que, por algum milagre, a sua mesa continuava disponível. Isherwood entregou o impermeável à empregada do bengaleiro e foi conduzido a um sofá corrido com vista para a Litchfield Street.

Já a sós, fitou criticamente o seu reflexo na janela. Com o seu fato *Savile Row*, gravata carmim e abundantes caracóis grisalhos, projetava uma imagem bastante elegante, embora duvidosa, um estilo que descrevia como de depravação digna. De qualquer modo, não havia como negar que atingira aqueles anos a que os gestores de património se referiam como «o outono da vida». Não, pensou melancolicamente: era *velho*. Demasiado velho para andar atrás de mulheres como Fiona Gardner. Quantas outras tinham existido? As estudantes de arte, as curadoras inexperientes, as rececionistas, as jovens bonitas que atendiam as licitações telefónicas na Christie's ou na Sotheby's. Isherwood não o fazia por desporto; amara-as a todas. Acreditava no amor, como acreditava na arte. Amor à primeira vista. Amor eterno. Amor até que a morte nos separe. O problema era que jamais o encontrara verdadeiramente.

Subitamente, pensou numa tarde recente em Veneza, uma mesa de canto no Harry's Bar, um Bellini, *Gabriel*... Este dissera a Isherwood que não era demasiado tarde, que ainda tinha tempo para casar e ter um ou dois filhos. A face maltratada no vidro não era da mesma opinião. Ultrapassara, há muito, o prazo de validade, pensou. Morreria sozinho, sem filhos, e sem outra esposa que não a sua galeria.

Examinou novamente as horas. Oito e um quarto. Agora, era Fiona que estava atrasada. Não era habitual. Desenterrou o telemóvel do bolso da frente do fato e viu que recebera uma mensagem. DESCULPA JULIAN, MAS INFELIZMENTE NÃO VOU PODER... Parou de ler. Calculou que fosse melhor. Poupar-lhe-ia um coração partido. Mais importante do que isso, impedi-lo-ia de fazer novamente figura de urso.

Devolveu o telefone ao bolso e ponderou as suas opções. Poderia ficar e jantar sozinho, ou poderia ir-se embora. Escolheu a segunda; não se jantava sozinho no Ivy. Erguendo-se, recolheu a sua capa para a chuva e, com uma desculpa murmurada ao *maître*, saiu aceleradamente para a rua, exatamente no momento em que uma *Ford*

Transit branca travava bruscamente no exterior do St. Martin's Theatre. O condutor apeou-se imediatamente do veículo, vestido com um grosso casaco de lã e segurando na mão algo que parecia ser uma arma. Não era uma arma qualquer, pensou Isherwood, era uma arma de guerra. Outros quatro homens estavam, agora, a sair do compartimento de carga nas traseiras da carrinha; cada um deles envergava um casaco pesado e empunhava o mesmo tipo de espingarda de assalto. Isherwood mal conseguia acreditar no que estava a ver. Parecia uma cena de um filme. Um filme que já vira antes, em Paris e em Washington.

Os cinco homens deslocaram-se calmamente na direção das portas do teatro, formando uma sólida unidade de combate. Isherwood ouviu o estilhaçar de madeira, seguido de disparos. Então, poucos segundos depois, chegaram os primeiros gritos, abafados, distantes. Eram os gritos dos pesadelos de Isherwood. Pensou novamente em Gabriel e interrogou-se sobre o que faria ele numa situação como essa. Acorreria velozmente para o interior do teatro e salvaria o máximo de vidas possível. Mas Isherwood não tinha as competências de Gabriel, nem a sua coragem. Não era nenhum herói. Na verdade, em grande medida, era o oposto disso.

Os gritos aterradores foram-se intensificando. Isherwood desenterrou o telemóvel do bolso, marcou o 999, e comunicou que o St. Martin's Theatre estava a ser alvo de um atentado terrorista. Depois, virou-se para trás e fitou o famoso restaurante do qual acabava de sair. Os seus abastados clientes pareciam alheios à carnificina que decorria a só alguns metros de distância. Decerto, pensou, os terroristas não se contentariam com um único massacre. O icónico Ivy seria a próxima paragem.

Isherwood ponderou as suas opções. Mais uma vez, tinha duas. Poderia fugir ou poderia tentar salvar o máximo de vidas possível. Foi a decisão mais fácil da sua vida. Enquanto atravessava a rua atabalhoadamente, ouviu uma explosão vinda da Charing Cross Road. Depois outra. E uma terceira. Não era um herói, pensou enquanto voava através da porta do Ivy, a esbracejar como um louco, mas poderia agir como tal, nem que fosse apenas por um minuto ou dois. Talvez Gabriel tivesse razão. Afinal, talvez não fosse demasiado tarde para ele.

VAUXHALL CROSS, LONDRES

Eram doze ao todo, de etnia árabe e africana e passaporte europeu. Todos eles tinham passado algum tempo no califado do ISIS (num campo de treino, agora destruído, próximo da antiga cidade síria de Palmira) e regressado à Europa Ocidental sem serem detetados. Mais tarde, determinar-se-ia que tinham recebido as suas ordens via Telegram, o serviço gratuito de mensagens instantâneas com base na *cloud* que utilizava um sistema de encriptação ponta-a-ponta. Receberam apenas informação relativa à morada, data e hora do ataque. Ignoravam que outros tinham recebido instruções parecidas: não sabiam que faziam parte de uma rede mais vasta. Na verdade, nem sequer sabiam que faziam parte de uma rede.

Entraram paulatinamente no Reino Unido, um a um, de comboio e de *ferry*. Dois ou três tinham sido submetidos a interrogatórios na fronteira; os restantes tinham sido recebidos de braços abertos. Quatro deles encaminharam-se para a cidade de Luton, quatro para Harlow, e quatro para Gravesend. Em cada uma das moradas, aguardava-os um agente da rede na Grã-Bretanha. Também os aguardavam as armas: coletes suicidas, espingardas de assalto. Cada um dos coletes continha um quilo de TATP, um explosivo cristalino altamente volátil, manufaturado a partir de acetona e água oxigenada. As espingardas de assalto eram AK-47 de fabrico bielorrusso.

Os agentes radicados na Grã-Bretanha informaram rapidamente as células do atentado sobre os alvos e os objetivos da missão. Não eram bombistas suicidas, mas sim guerreiros suicidas. Deveriam matar com as espingardas de assalto o máximo possível de infieis e só deveriam detonar os coletes suicidas quando fossem encurralados pela polícia. O objetivo da operação não era a destruição de edifícios ou lugares emblemáticos, mas sim o derramamento de sangue, sem distinção de género ou idade. Não deveriam demonstrar nenhuma piedade.

Ao final da tarde (em Luton, Harlow e Gravesend), os membros das três células partilharam uma última refeição. Depois disso, prepararam ritualmente os seus corpos para a morte. Finalmente, às sete horas dessa noite, subiram para três carrinhas *Ford Transit* brancas idênticas. Os agentes radicados na Grã-Bretanha encarregaram-se da condução,

os guerreiros suicidas sentaram-se atrás, com os coletes e as armas. Nenhuma das células sabia da existência das outras, mas todas se estavam a dirigir para o West End de Londres e estava previsto atacarem à mesma hora. A sincronia era a marca registada de Saladino, pois acreditava que, no terrorismo, como na vida, o *timing* era tudo.

O venerável Garrick Theatre assistira a guerras mundiais, a uma guerra fria, a uma depressão e à abdicação de um rei. Mas jamais testemunhara nada como o que ocorreu às oito e vinte dessa noite, quando cinco terroristas do ISIS irromperam pelo teatro adentro e começaram a disparar contra a multidão. Mais de cem pereceram nos primeiros trinta segundos do ataque e outros cem morreriam nos terríveis cinco minutos que se seguiram, enquanto os terroristas se moviam metodicamente pelo teatro, fila a fila, lugar a lugar. Cerca de duzentas almas afortunadas conseguiram escapar pelas saídas laterais e traseiras, juntamente com todo o elenco da produção e os assistentes de palco. Muitos jamais voltariam a trabalhar no teatro.

Os terroristas saíram do Garrick sete minutos depois de entrarem. No exterior, encontraram dois agentes desarmados da Polícia Metropolitana. Depois de os matarem a ambos, encaminharam-se para a Irving Street e iniciaram uma chacina, de restaurante em restaurante, até que, finalmente, na periferia de Leicester Square, se confrontaram com dois agentes especiais da Polícia Metropolitana. Os agentes estavam armados apenas com pistolas *Glock 17* de nove milímetros. Em todo o caso, conseguiram matar dois terroristas antes de eles conseguirem detonar os coletes suicidas. Dois dos terroristas sobreviventes imolaram-se no átrio do cavernoso cinema Odéon; o terceiro, num frequentado restaurante italiano. Ao todo, quase quatrocentos pereceriam apenas nessa parte do atentado, transformando-o no mais mortífero da história britânica, pior ainda do que o atentado à bomba no voo 103 da Pan Am, em 1988, enquanto sobrevoava Lockerbie, na Escócia.

Mas infelizmente, a célula de cinco membros não agia sozinha. Uma segunda célula (a célula de Luton, como viria a ser conhecida) atacou o Prince Edward Theatre, também precisamente às oito horas e vinte minutos, durante o espetáculo *Miss Saigon*. O Prince Edward era muito maior do que o Garrick, 1600 lugares em vez de 656, logo, o número de vítimas mortais no interior do teatro foi consideravelmente superior. Para além disso, os cinco terroristas detonaram os seus coletes suicidas em bares e restaurantes ao longo da Old Compton Street. Perderam-se mais de quinhentas vidas num espaço de apenas seis minutos.

O terceiro alvo foi o St. Martin: cinco terroristas, precisamente às oito horas e vinte minutos. Contudo, dessa vez, uma equipa de agentes

especialistas em armas de fogo interveio. Mais tarde, seria revelado que um transeunte, um homem identificado unicamente como um proeminente negociante de arte londrino, informara as autoridades do atentado segundos depois de os terroristas entrarem no teatro. O mesmo negociante de arte londrino que ajudara depois a evacuar a sala de refeições do restaurante Ivy. Como resultado, só tinham perecido oitenta e quatro pessoas nessa parte do atentado. Em qualquer outra noite, em qualquer outra cidade, esse número teria sido impensável. Agora, era um motivo de alívio. Saladino infligira terror no coração de Londres. E a cidade jamais voltaria a ser a mesma.

De manhã, a dimensão da calamidade estava à vista. A maioria dos mortos ainda jazia onde tinha tombado; de facto, muitos continuavam sentados nos seus lugares do teatro. O comissário da Polícia Metropolitana declarou todo o West End como um cenário de crime ativo e instou londrinos e turistas a evitarem a zona. O serviço de metro foi encerrado como medida preventiva; negócios e instituições públicas permaneceram fechados ao longo do dia. A Bolsa de Valores de Londres abriu a horas, mas as transações foram suspensas quando o valor das ações caiu a pique. A perda económica, tal como a perda de vidas, foi catastrófica.

Por motivos de segurança, o primeiro-ministro, Jonathan Lancaster, aguardou até ao meio-dia para visitar o cenário da catástrofe. Com a esposa, Diana, ao lado, dirigiu-se, a pé, do Garrick até ao Prince Edward e, finalmente, até ao St. Martin. Posteriormente, no exterior do posto de comando temporário da Polícia Metropolitana em Leicester Square, fez uma breve declaração aos meios de comunicação social. Pálido e visivelmente abalado, prometeu que os autores do atentado responderiam perante a justiça.

— O inimigo está determinado — declarou —, mas nós também.

Todavia, o inimigo manteve-se curiosamente silencioso. Sim, houve várias publicações comemorativas nos habituais *websites* extremistas, mas nada oficial por parte do comando central do ISIS. Finalmente, às cinco da tarde, hora de Londres, surgiu, num dos muitos *feeds* do Twitter, uma reivindicação formal de responsabilidade, juntamente com fotografias dos quinze agentes que tinham executado o atentado. Alguns analistas de terrorismo expressaram surpresa pelo facto de a declaração não fazer qualquer menção a alguém chamado Saladino. Os mais experientes, não. Saladino, disseram eles, era um mestre. E, como muitos mestres, preferia deixar o seu trabalho sem assinatura.

Se o primeiro dia se caracterizou por solidariedade e pesar, o segundo foi de divisão e recriminações. Na Câmara dos Comuns, vários membros do partido da oposição fustigaram o primeiro-ministro e os diretores dos serviços de espionagem por não terem sido

capazes de detetar e interromper o complô. Questionaram, principalmente, como era possível que os terroristas tivessem conseguido adquirir espingardas de assalto num país que se caracterizava por ter algumas das mais draconianas leis de controlo de armas do mundo. O chefe do Comando Antiterrorista da Polícia Metropolitana emitiu uma declaração a defender as suas ações, bem como Amanda Wallace, diretora-geral do MI5. Mas Graham Seymour, o chefe dos serviços secretos, também conhecidos como MI6, optou por permanecer em silêncio. Até recentemente, o governo britânico nem sequer reconhecera a existência do MI6, e nenhum ministro no seu perfeito juízo alguma vez teria sonhado em mencionar publicamente o nome do seu chefe. Seymour preferia os velhos hábitos aos novos. Era um espião por natureza e educação. E um espião nunca falava oficialmente, quando bastava passar uma informação envenenada a um jornalista prestável.

A responsabilidade pela proteção do território britânico contra atentados terroristas recaía primeiramente no MI5, na Polícia Metropolitana e no Centro Conjunto de Análise de Terrorismo. Ainda assim, os serviços secretos desempenhavam um papel importante na deteção de conspirações no estrangeiro antes de estas atingirem as vulneráveis costas britânicas. Graham Seymour advertira repetidamente o primeiro-ministro de que um atentado do ISIS no Reino Unido estava iminente, mas os seus espiões não tinham conseguido recolher as informações concretas necessárias para o impedir. Consequentemente, considerava o atentado de Londres, com a sua terrível perda de vidas inocentes, o maior falhanço individual da sua longa e ilustre carreira.

Seymour estava no seu magnífico escritório do alto de Vauxhall Cross no momento do atentado (vira lampejos das explosões da sua janela) e, nos dias sombrios que se seguiram, raramente o abandonou. Os seus assessores mais próximos suplicaram-lhe que dormisse um pouco e, em privado, inquietaram-se com a sua aparência atipicamente desgastada. Seymour advertiu-os, asperamente, de que o seu tempo seria melhor empregue à procura de informação vital que prevenisse o atentado seguinte. O que ele queria era uma ponta solta, um membro da rede de Saladino que pudesse ser manipulado para se submeter às suas ordens. Não uma figura pertencente às chefias; eram demasiado leais. O homem de quem Graham Seymour estava à procura era um figurante, um moço de recados, um transportador de bagagens dos outros. Era possível que esse homem nem sequer soubesse que era membro de uma organização terrorista. Era possível, até, que nunca tivesse ouvido o nome Saladino.

Agentes da polícia, secreta ou não, têm certas vantagens em tempos de crise. Preparam rusgas, efetuam detenções, organizam conferências

de imprensa para assegurarem ao público que estão a fazer tudo ao seu alcance para manter a segurança. Os espões, por outro lado, não possuem tais recursos. Por definição, labutam em segredo, em vielas recônditas e quartos de hotel e casas seguras e em todos os outros locais esquecidos por Deus onde agentes são persuadidos ou coagidos a entregar informação vital a uma potência estrangeira. No início da sua carreira, Graham Seymour realizara esse tipo de trabalho. Agora, limitava-se a monitorizar os esforços de outros a partir da gaiola dourada do seu escritório. O seu pior medo era que outro serviço encontrasse a ponta solta primeiro e que ele fosse, mais uma vez, relegado para um papel secundário. O MI6 não conseguiria dismantelar a rede de Saladino por si só; necessitaria da ajuda dos seus aliados da Europa Ocidental, do Médio Oriente e do outro lado do oceano, da América. Porém, se o MI6 fosse capaz de desenterrar atempadamente o fragmento certo de informação, Graham Seymour seria o primeiro entre iguais. No mundo moderno, era o máximo a que um mestre de espionagem poderia aspirar.

E, portanto, permaneceu no seu escritório, dia após dia, noite após noite, a observar, não sem considerável inveja, como a Polícia Metropolitana e o MI5 descobriam vestígios da rede de Saladino na Grã-Bretanha. Contudo, os esforços do MI6 foram inconsequentes. Efetivamente, Seymour soube mais a partir dos seus amigos de Langley e Telavive do que da sua própria equipa. Finalmente, uma semana e um dia depois do atentado, decidiu que uma noite em casa lhe faria bem. Os registos informáticos mostrariam que a sua limusina *Jaguar* deixou o parque de estacionamento subterrâneo, por coincidência, precisamente às oito e vinte da noite. Mas enquanto atravessava o Tamisa em direção à sua casa em Belgravia, o seu telefone seguro vibrou suavemente. Reconheceu o número, bem como a voz feminina que lhe chegou pela linha momentos depois.

— Espero não te ter apanhado num mau momento — disse Amanda Wallace —, mas tenho uma coisa que talvez te interesse. Porque é que não passas pela minha casa para beber um copo? É por minha conta.

THAMES HOUSE, LONDRES

Graham Seymour conhecia bem a Thames House, o quartel-general do MI5 nas margens do Tamisa onde trabalhara durante mais de trinta anos, antes de assumir a chefia do MI6. Enquanto avançava pelo corredor da direção, parou à entrada da porta do gabinete que fora seu quando era subdiretor-geral. Miles Kent, o atual subdiretor, ainda estava na sua secretária. Era, possivelmente, o único homem em Londres que tinha pior aspeto do que Seymour.

— Graham — disse Kent, erguendo o olhar do computador. — O que é que te traz a este nosso cantinho do reino?

— Diz-me tu.

— Se dissesse — disse Kent em voz baixa —, a abelha-mestra punha-me a andar.

— Como é que ela está?

— Não ouviste dizer? — Kent acenou a Seymour para que entrasse e fechou a porta. — O Charles pirou-se com a secretária.

— Quando?

— Uns dias depois do atentado. Estava a jantar no Ivy quando a terceira célula entrou no St. Martin. Disse que isso o obrigou a olhar-se seriamente ao espelho. Disse que não conseguia continuar a viver como estava a viver.

— Tinha uma amante e uma esposa. O que é que ele queria mais?

— Um divórcio, aparentemente. A Amanda já saiu do apartamento. Tem estado a dormir aqui, no escritório.

— Há muito disso por aí.

Seymour ficou surpreso com as novidades. Vira Amanda, nessa mesma manhã, no número 10 da Downing Street, e ela não mencionara nada. Honestamente, Seymour sentiu-se aliviado pelo facto de a imprudente vida amorosa de Charles ter sido, finalmente, exposta. Os russos tinham uma habilidade especial para descobrir esse tipo de indiscrições e nunca tinham tido quaisquer dilemas morais quanto a usá-las em seu proveito.

— Quem mais é que sabe?

— Eu descobri quase por acidente. Tu conheces a Amanda, é muito discreta.

— É uma pena que o Charles não o tenha sido. — Seymour começou a dirigir-se para a porta, mas parou. — Fazes alguma ideia do motivo pelo qual ela me quer ver com tanta urgência?

— Pelo prazer da tua companhia?

— Vá lá, Miles.

— Tudo quanto sei — disse Kent — é que tem alguma coisa a ver com armas.

Seymour saiu para o corredor. A luz sobre a porta de Amanda brilhava a verde. Mesmo assim, bateu suavemente antes de entrar. Encontrou Amanda sentada à sua grande secretária, com os olhos pousados num processo aberto. Ao erguer o olhar, concedeu a Seymour um sorriso frio. Parecia, pensou ele, que ensinara o gesto a si própria, depois de praticar muito ao espelho.

— Graham — disse ela, levantando-se —, ainda bem que vieste.

Saiu lentamente de trás da secretária. Envergava, como habitualmente, um fato feito à medida que favorecia a sua figura alta e um pouco desajeitada. A sua abordagem foi cautelosa. Graham Seymour e Amanda Wallace tinham entrado no MI5 como parte do mesmo contingente e tinham passado a maior parte dos últimos trinta anos a competir entre si à mínima ocasião. Atualmente, ocupavam duas das posições mais poderosas dos serviços de espionagem ocidentais, contudo, a velha rivalidade persistia. Era tentador pensar que o atentado alteraria a dinâmica da sua relação, mas Seymour não acreditava nisso. Aproximava-se o inevitável inquérito parlamentar que indubitavelmente desvendaria falhas graves e passos em falso por parte do MI5. Amanda defender-se-ia com unhas e dentes. E faria tudo o que pudesse para garantir que Seymour e o MI6 arcassem com uma quota-parte das culpas.

Um tabuleiro com bebidas fora colocado na extremidade da reluzente mesa de reuniões de Amanda. Preparou um gim tónico para Seymour e um martíni com azeitonas e cebolinhas em vinagre para si própria. O seu brinde foi silencioso, contido. Depois, conduziu Seymour até à área onde se podiam sentar e fez um gesto na direção de uma moderna poltrona de couro. A BBC tremeluzia na grande televisão de ecrã plano. Aviões militares americanos e britânicos estavam a atingir alvos do ISIS perto da cidade síria de Raqqa. A porção iraquiana do califado fora largamente recuperada pelo governo central de Bagdade. Só o santuário sírio permanecia em poder do ISIS, e estava sitiado. No entanto, a perda de território nada fizera para diminuir a capacidade do ISIS para levar a cabo operações terroristas no estrangeiro. O atentado de Londres era prova disso.

— Onde é que achas que ele está? — perguntou Amanda, após um momento.

— O Saladino?

— Quem é que havia de ser?
— Fomos incapazes de determinar com certeza...
— Não estás a falar com o primeiro-ministro, Graham.
— Se tivesse de adivinhar, diria que não está no califado do ISIS, que continua a encolher a toda a velocidade.

— Então, onde?
— Talvez na Líbia ou num dos emirados do Golfo. Ou talvez esteja no Paquistão ou no outro lado da fronteira, no Afeganistão controlado pelo ISIS. Ou — disse Seymour —, pode estar mais próximo. Tem amigos e recursos. E lembra-te de que já foi um de nós. O Saladino trabalhou para a Mukhabarat iraquiana antes da invasão. O trabalho dele era fornecer apoio material aos terroristas palestinianos favoritos do Saddam. Ele sabe o que está a fazer.

— Isso — disse Amanda Wallace — é um eufemismo. O Saladino quase nos faz sentir saudades dos dias dos espões do KGB e das bombas do IRA. — Sentou-se em frente de Seymour e, pensativamente, colocou a sua bebida na mesinha de apoio. — Tenho uma coisa para te contar, Graham. Uma coisa pessoal, uma coisa horrível. O Charles deixou-me por causa da secretária. Tem metade da idade dele. Que *cliché*.

— Lamento muito, Amanda.
— Sabias que eles tinham um caso?
— Ouviam-se rumores... — disse Seymour, delicadamente.
— Eu não ouvia, e sou a diretora-geral do MI5. Parece que é verdade aquilo que dizem. A esposa é sempre a última a saber.

— Não há hipótese de reconciliação?
— Nenhuma.
— Um divórcio vai ser complicado.
— E caro — acrescentou Amanda. — Especialmente para o Charles.
— Vai haver pressão para que te demitas.
— E é por esse motivo — disse Amanda — que vou precisar do teu apoio. — Ficou em silêncio durante um momento. — Sei que, em grande medida, sou responsável pela nossa guerra fria, Graham, mas isto já dura há demasiado tempo. Se o Muro de Berlim caiu, certamente tu e eu podemos ter qualquer coisa semelhante a uma amizade.

— Não poderia estar mais de acordo.
Desta vez, o sorriso de Amanda quase pareceu genuíno.
— E, agora, o verdadeiro motivo para te ter pedido que viesses. — Apontou um comando na direção da televisão de ecrã plano, onde surgiu um rosto: um homem de descendência egípcia, com uma barba rala, de cerca de trinta anos. Pertencia a Omar Salah, o líder da chamada célula de Harlow, que fora abatido por um agente das forças especiais, no interior do St. Martin's Theatre, antes de poder detonar o

seu colete suicida. Seymour conhecia bem o processo de Salah. Era um dos vários milhares de muçulmanos europeus que tinham viajado para a Síria e para o Iraque depois de o ISIS ter declarado o seu califado, em junho de 2014. Durante mais de um ano após o seu regresso à Grã-Bretanha, Omar Salah fora alvo de vigilância a tempo inteiro por parte do MI5, tanto física como eletrónica. Mas, seis meses antes do atentado, o MI5 concluiu que Salah já não constituía uma ameaça iminente. O A4, as sentinelas, estava no limite das suas capacidades e Salah parecia ter perdido o gosto pelo islamismo radical e pelo jihadismo. A ordem para cessar a vigilância continha a assinatura de Amanda. Do que nem ela nem o resto dos serviços de espionagem britânicos se tinham apercebido fora de que Salah andava a comunicar com o comando central do ISIS utilizando métodos de encriptação que nem a poderosa Agência de Segurança Nacional Americana era capaz de decifrar.

— A culpa não foi tua — disse Seymour, serenamente.

— Talvez não — respondeu Amanda. — Mas alguém vai ter de assumir a responsabilidade, e provavelmente vou ser eu. A não ser, claro, que consiga dar a volta ao caso infeliz do Omar Salah e o use a meu favor. — Fez uma pausa, depois acrescentou: — Ou, melhor, a nosso favor.

— E como é que poderíamos fazer isso?

— O Omar Salah fez mais do que liderar uma equipa de assassinos islâmicos e conduzi-la ao interior do St. Martin's Theatre. Foi ele que contrabandeou as armas para a Grã-Bretanha.

— Onde é que ele as arranjou?

— Através de um agente do ISIS que reside em França.

— Quem é que diz isso?

— O Omar.

— Por favor, Amanda — disse Seymour, agastado —, é tarde.

Ela olhou de soslaio para o rosto no ecrã.

— Era competente o nosso Omar, mas cometeu um pequeno erro. Usou o computador portátil da irmã para tratar dos seus assuntos com o ISIS. Apreendemo-lo no dia posterior ao atentado e temos estado a passar o disco rígido a pente fino desde essa altura. Esta tarde, encontrámos o rasto digital de uma mensagem encriptada do comando central do ISIS, onde davam instruções ao Omar para que viajasse até Calais para se encontrar com um homem que se autodenomina o *Escorpião*.

— Fica no ouvido — disse Seymour com sarcasmo. — Havia alguma referência a armas na mensagem?

— A linguagem estava codificada, mas era óbvia. Também é coerente com um comunicado que recebemos da DGSI no final do ano passado. Aparentemente, os franceses têm o Escorpião no seu radar há

já algum tempo. Infelizmente, não sabem muito sobre ele, incluindo o seu verdadeiro nome. A teoria em que têm andado a trabalhar é que faz parte de um gangue de droga, provavelmente marroquino.

Fazia sentido, pensou Seymour. A ligação entre o ISIS e as redes criminosas europeias era inegável.

— Contaste aos franceses alguma coisa sobre isto? — perguntou.

— Não vou deixar a segurança do povo britânico nas mãos da DGSI. Para além disso, gostaria de encontrar o Escorpião *antes* dos franceses. Mas não posso — acrescentou rapidamente. — O meu mandato para nas margens da água.

Seymour ficou em silêncio.

— Longe de mim querer ensinar-te a fazer o teu trabalho, Graham. Mas, se fosse a ti, a primeira coisa que faria, amanhã de manhã, seria enviar um agente para França. Alguém que fale a língua. Alguém que se sinta à vontade no seio de redes criminosas. Alguém que não tenha medo de sujar as mãos. — Sorriu. — Por acaso não conheces ninguém assim, ou conheces, Graham?

HAMPSHIRE, INGLATERRA

Viera para a cidade portuária do sul de Inglaterra como muitos outros antes dele, na parte de trás de uma carrinha governamental com vidros fumados. Passara velozmente pelo porto e pelos antigos armazéns vitorianos de tijolo vermelho, antes de finalmente virar para um pequeno caminho que o conduziu através do primeiro *fairway* de um campo de golfe que, na manhã da sua chegada, se encontrava entregue às gaivotas. Imediatamente depois do *fairway*, havia um fosso vazio e, para lá do fosso, havia um antigo forte com paredes de pedra cinzenta. Originalmente construído por Henrique VIII, em 1545, era, agora, a principal escola de espões do MI6.

A carrinha fez uma breve pausa no portão de entrada antes de entrar no pátio central, onde os carros da ED, a Equipa de Direção, se encontravam ordeiramente alinhados em três filas. O motorista da carrinha, que se chamava Reg, desligou o motor e, com pouco mais do que um pequeno aceno da cabeça, indicou ao homem no banco de trás que podia sair sozinho da viatura. O Forte não era um hotel, poderia ter acrescentado, mas não o fez. O novo recruta era um caso especial, ou, pelo menos, fora essa a informação que Vauxhall Cross dera à ED. Tal como acontecia com todos os novos recrutas, sempre que houvesse oportunidade, dir-lhe-iam que estava a ser admitido num clube exclusivo. Os membros do clube regiam-se por um conjunto diferente de regras das dos seus compatriotas. Sabiam coisas, faziam coisas que os outros não sabiam, não faziam. Dito isso, o homem sentado no banco de trás não pareceu a Reg o tipo de pessoa que se impressionaria com tal lisonja. Na verdade, parecia reger-se por um conjunto diferente de regras há muito tempo.

O Forte era constituído por três alas: a este, a oeste e a principal, onde decorria a maior parte do treino. Exatamente por cima do portão de entrada, ficava um conjunto de divisões reservadas ao chefe e, para lá das muralhas, havia um campo de ténis, uma instalação para a prática de *squash*, um campo de *croquet*, um heliporto e uma carreira de tiro ao ar livre. Também havia uma carreira de tiro coberta, embora Reg suspeitasse que o seu passageiro não iria precisar de muito no que se referia a treino com armas, fossem elas armas de fogo

ou de outro tipo. Era um soldado de elite. Dava para perceber pela forma do seu corpo, pela posição da sua mandíbula e pelo modo como colocou o saco de lona ao ombro antes de atravessar com determinação o pátio. Sem emitir um som, notou Reg. Era, definitivamente, do género silencioso. Estivera em lugares que desejava esquecer e executara missões de que ninguém falava fora das salas insonorizadas e instalações seguras. A sua inteira existência estava imersa na mais absoluta confidencialidade. Era um tipo problemático.

Logo à entrada da ala ocidental, havia um pequeno recanto onde George Halliday, o porteiro, aguardava para o receber.

— Marlowe — disse o novo recruta, com pouca convicção. E depois, quase como se se tivesse lembrado tardiamente, acrescentou: — Peter Marlowe.

E Halliday, que era o mais antigo membro ao serviço da Equipa de Direção (um resquício dos dias do rei Henrique, segundo rezava a lenda do Forte) percorreu uma lista de nomes com um dedo indicador esguio e pálido.

— Ah, sim, senhor Marlowe. Estávamos à sua espera. Lamento muito pelo tempo, mas, se fosse a si, ia-me habituando.

Halliday disse isto enquanto se curvava para retirar uma chave de uma fila de chaveiros por baixo da sua secretária.

— Parece-me que se consegue encarregar do seu saco.

— Parece-me que sim — disse o novo recruta, com algo semelhante a um sorriso.

— Oh — disse Halliday subitamente. — Quase me esquecia. — Virou-se para trás e agarrou num pequeno envelope de um dos cubículos para a correspondência que havia na parede atrás da sua secretária. — Ontem à noite, chegou isto para si. É do «C».

O novo recruta pegou na carta e enfiou-a no bolso do sobretudo. Depois, colocou o saco de lona ao ombro (como um soldado, concordou Halliday) e carregou-o pelo lanço de escadas antigas que conduzia à zona residencial. A porta do quarto abriu-se com um rangido. Ao entrar, deixou que o saco deslizesse do seu ombro robusto para o chão. Com o olhar sagaz de um perito em observação rigorosa, inspecionou a área circundante. Uma cama de solteiro, uma mesa de cabeceira, um armário simples para as suas coisas, uma casa de banho privada com sanita e banheira. Um recém-licenciado de uma universidade de elite poderia ter achado o apartamento mais do que satisfatório, mas o novo recruta não ficou impressionado. Como homem de considerável fortuna (ilegítima, mas, ainda assim, considerável), estava acostumado a aposentos mais confortáveis.

Despiu o casaco e atirou-o para cima da cama, extraíndo o envelope do bolso. Relutantemente, rasgou a aba e retirou o pequeno cartão.

Não havia qualquer cabeçalho, apenas três linhas de texto elegantemente manuscrito com a característica cor verde.

A Grã-Bretanha está melhor agora que estás aqui para tomares conta dela...

Um recruta vulgar poderia ter guardado um bilhete como esse como lembrança do seu primeiro dia enquanto agente de um dos serviços de espionagem mais antigos e orgulhosos do mundo. Mas o homem conhecido como Peter Marlowe não era um recruta vulgar. Mais ainda, trabalhara em lugares onde um bilhete assim poderia custar a vida a um homem. E, portanto, depois de o ler (duas vezes, como era seu hábito), queimou-o no lavatório da casa de banho e abriu a torneira para as cinzas escorrerem pelo ralo. Depois, dirigiu-se à janelinha do quarto, em forma de seteira, e olhou fixamente para o outro lado do mar, na direção da ilha de Wight. E questionou-se, não por vez primeira, se não teria cometido o pior erro da sua vida.

O seu verdadeiro nome, escusado será dizer, não era Peter Marlowe. Era Christopher Keller, o que só por si era intrigante, pois tanto quanto o governo de Sua Majestade sabia, Keller estava morto há uns vinte e cinco anos. Consequentemente, acreditava-se que era o primeiro falecido a servir às ordens dos serviços secretos britânicos desde Glyndwr Michael, o sem-abrigo galês cujo corpo fora usado pelos magníficos mestres do engano dos tempos da Segunda Guerra Mundial para fornecer documentos falsos à Alemanha Nazi, como parte da Operação Mincemeat.

Contudo, a Equipa de Direção do Forte desconhecia este dado acerca do novo recruta. De facto, não sabiam praticamente nada sobre ele. Não sabiam, por exemplo, que era um veterano do restrito SAS, o Serviço Aéreo Especial britânico, que continuava a deter o recorde do regimento na prova de resistência de sessenta e cinco quilómetros através dos abruptos montes de Brecon Beacons, no sul de Gales, ou que obtivera a classificação mais elevada de sempre da *Killing House*, o temido centro de treino do SAS onde os membros aperfeiçoavam as suas aptidões de combate corpo a corpo. Uma análise mais detalhada do seu processo (classificado por ordem do próprio primeiro-ministro) teria revelado que, no final dos anos oitenta, durante um período particularmente violento da guerra na Irlanda do Norte, se infiltrara em West Belfast, onde vivera entre os católicos da cidade e conseguira infiltrar vários agentes no IRA. Esse mesmo processo teria mencionado, em termos bastante vagos, um incidente numa quinta em South Armagh para onde Keller fora levado para ser interrogado e executado, após o seu disfarce ter sido descoberto. As circunstâncias exatas que rodeavam a sua fuga eram pouco claras, embora tivessem

envolvido a morte de quatro experientes homens do IRA, dois dos quais tinham sido praticamente cortados aos pedaços.

Depois da sua evacuação apressada da Irlanda do Norte, Keller regressou ao quartel-general do SAS, em Hereford, para o que, pensava ele, seria um longo descanso e uma temporada de trabalho como instrutor. Porém, depois da invasão do Kuwait pelo Iraque, em agosto de 1990, foi-lhe atribuída uma missão no esquadrão Sabre, especializado na guerra no deserto, e foi enviado para o oeste do Iraque com o intuito de encontrar o mortífero arsenal de mísseis *Scud* de Saddam Hussein. Na noite de 28 de janeiro de 1991, Keller e a sua equipa localizaram lança-mísseis a cerca de cento e sessenta quilómetros a noroeste de Bagdade e enviaram, via rádio, as coordenadas para os seus comandantes na Arábia Saudita. Noventa minutos depois, uma formação de caças-bombardeiros aliados sobrevoou o deserto a baixa altitude. Mas, num caso trágico de fogo aliado, a aeronave atacou o esquadrão do SAS em vez do local onde se encontravam os *Scuds*. As autoridades britânicas concluíram que toda a unidade se perdera, incluindo Keller.

Na verdade, sobrevivera ao incidente sem um arranhão, para o qual parecia possuir um talento especial. O seu primeiro instinto foi entrar em contacto, via rádio, com a base e solicitar o resgate. Em vez disso, enfurecido pela incompetência dos seus superiores, começou a caminhar. Oculto sob as vestes de um árabe do deserto e altamente treinado na arte da movimentação clandestina, abriu caminho por entre as forças aliadas e entrou furtivamente na Síria. Daí, caminhou para oeste, atravessando a Turquia, a Grécia e a Itália, até chegar por fim à costa na acidentada ilha da Córsega, onde caiu nos braços acolhedores de Don Anton Orsati, um chefe mafioso cuja ancestral família de bandidos era especialista no assassinato a soldo.

O *don* deu a Keller uma *villa* e uma mulher para lhe tratar das feridas. Posteriormente, quando Keller se restabeleceu, deu-lhe trabalho. Com a sua aparência característica do norte da Europa e o treino do SAS, Keller era capaz de levar a cabo missões que estavam para além das capacidades dos sicários corsos de Orsati, os *taddunaghiu*. Fazendo-se passar por diretor da pequena empresa de azeite de Orsati, Keller tinha deambulado pela Europa Ocidental durante quase vinte e cinco anos com o objetivo de assassinar às ordens do *don*. Os corsos aceitaram-no como um dos seus, tendo ele retribuído a generosidade adotando os seus costumes. Vestia-se como um corso, comia e bebia como um corso, e via o resto do mundo com o desdém fatalista de um corso. Até usava um talismã corso ao do pescoço, um pedaço de coral vermelho com o formato de uma mão, para repelir o mau-olhado. Agora, por fim, voltara para casa, para uma antiga fortaleza de pedra cinzenta virada para um mar gélido e

implacável. Iam ensiná-lo a ser um autêntico espião britânico. Porém, antes disso, teria de aprender a ser novamente inglês.

Os restantes membros do contingente de Keller estavam mais em consonância com os gostos tradicionais do MI6: homens, brancos e de classe média ou privilegiada. Para além disso, todos eles eram recém-licenciados de Oxford ou de Cambridge. Todos exceto Thomas Finch, que frequentara a London School of Economics e trabalhara como banqueiro de investimento na cidade, antes de finalmente ceder ao assédio repetido do MI6. Finch falava fluentemente chinês e considerava-se particularmente astuto. Durante a sua primeira sessão conjunta, queixara-se, só meio a brincar, de que estava a aceitar um corte substancial de salário pela honra de servir o seu país. Keller poderia ter-se gabado do mesmo, mas teve o bom senso de não o fazer. Disse aos colegas recrutas que trabalhara no setor alimentar e que, no seu tempo livre, gostava de praticar montanhismo, sendo ambas as afirmações verdadeiras. Quanto à sua idade (era, de longe, o mais velho do grupo, talvez o mais velho recruta de sempre), alegou ser uma espécie de talento de revelação tardia, o que não era, de todo, o caso.

O curso, formalmente conhecido como Curso de Iniciação para Novos Agentes dos Serviços Secretos[1], tinha por objetivo preparar os recrutas para desempenharem funções básicas em Vauxhall Cross, embora fosse necessário um treino adicional antes de estarem preparados para operar no terreno, para que não causassem danos irreparáveis aos interesses do país ou às próprias carreiras. Havia dois instrutores principais: Andy Mayhew, grande, ruivo, charlatão, e Tony Quill, um ex-agente magro como um espeto que, segundo as más línguas, era capaz de engatar uma freira até lhe despir o hábito e roubar-lhe o terço sem que ela desse por isso. Vauxhall Cross investigou minuciosamente os processos de ambos os homens para determinar se, nas suas vidas passadas, poderiam ter-se cruzado com um agente do SAS chamado Christopher Keller. Não tinham. Mayhew era, em grande medida, um homem de quartel-general. Quill estivera envolvido em operações na Cortina de Ferro e Médio Oriente. Nenhum deles jamais pusera os pés na Irlanda do Norte.

A primeira parte do curso versava sobre o MI6 em si: a história, os sucessos, os fracassos mais badalados, a estrutura. Era muito mais pequeno do que os homólogos americanos e russos, mas batia-se olhos nos olhos com os maiores, como Quill gostava de dizer, graças à astúcia natural e aos ardis daqueles que o dirigiam. Enquanto os americanos dependiam da tecnologia, a especialidade do MI6 era a espionagem humana, e os seus agentes eram considerados os melhores

recrutadores e gestores de agentes do ramo. O trabalho árduo de convencer homens e mulheres a traírem os seus países e organizações era levado a cabo pelo IB, a secção de espionagem. Essa missão fora atribuída a cerca de trezentos e cinquenta agentes; a maioria trabalhava nas embaixadas britânicas de todo o mundo, ao abrigo do disfarce diplomático. Outros oitocentos, aproximadamente, trabalhavam no departamento de serviços gerais. Eram agentes especializados em questões técnicas ou que desempenhavam funções administrativas nas diversas divisões geográficas do MI6. Cada divisão era chefiada por um diretor que respondia perante o chefe. Embora Mayhew e Quill não o soubessem, «C» já determinara que o recruta conhecido como Peter Marlowe não iria trabalhar em nenhuma das divisões existentes. Seria ele próprio uma divisão. Uma divisão de uma só pessoa.

Após terem despejado a palha institucional, Mayhew e Quill centraram a atenção nos truques do ofício da espionagem humana: a manutenção do disfarce adequado, a deteção e despiste da vigilância, o uso de códigos secretos, o depósito de itens em lugares secretos, os brevíssimos encontros para troca de informações entre agentes, os exercícios mnemotécnicos. A memória de um espião, dizia Quill, era o seu único amigo no mundo. E depois vieram, como era lógico, longas e detalhadas palestras sobre como localizar informadores e posteriormente recrutá-los com êxito. Keller dispunha de uma vantagem injusta sobre os seus colegas: recrutara e dirigira agentes num lugar onde o mais pequeno passo em falso resultaria numa morte atroz. De facto, estava convencido de que poderia ter ensinado a Mayhew e Quill uma ou duas coisas sobre como organizar uma reunião clandestina de forma a que tanto o agente infiltrado como o seu contacto saíssem incólumes do encontro. Em vez disso, nas salas de aula da ala principal, adotou o comportamento de um aluno silencioso e atento, ansioso por aprender, mas não por agradar ou impressionar. Deixou isso para Finch e para Baker, um estudante de literatura de Oxford que já andava a tirar apontamentos para o seu primeiro romance de espiões. Keller falava apenas quando lhe dirigiam a palavra e nem uma só vez levantou a mão ou deu voluntariamente uma resposta. Foi tão invisível quanto um homem conseguia ser numa sala exígua com doze alunos. Mas, mais uma vez, esse era o seu talento especial: tornar-se invisível perante aqueles que o rodeavam.

Nas ruas da cidade vizinha de Portsmouth, onde realizaram a maioria dos seus exercícios no terreno, as formidáveis habilidades de Keller foram mais difíceis de ocultar. Recolheu todos os itens dos locais secretos sem erguer sequer um sobrolho; as suas trocas velozes e discretas de informações entre agentes foram exemplares. Seis

semanas após o início do curso, o MI5 enviou uma equipa de sentinelas A4 para auxiliar num exercício de contraespionagem que duraria o dia todo. O objetivo do exercício era demonstrar que a vigilância física adequada (a vigilância a sério, não a que se praticava na república das bananas) era quase impossível de detetar. Os restantes recrutas não conseguiram reconhecer nem uma das sentinelas do MI5, mas Keller foi capaz de identificar corretamente quatro membros da equipa especializada que o seguiu durante um passeio ao centro comercial Cascades. Incrédulos, os agentes do MI5 exigiram uma réplica, cujos resultados foram os mesmos. A sessão do dia seguinte foi dedicada não a identificar a vigilância, mas a despistá-la. Keller livrou-se da sua equipa nuns meros cinco minutos e desapareceu sem deixar rasto. Encontraram-no mais tarde, nessa mesma noite, a cantar com sotaque francês num *karaoke* do Druid's Arms, na Binstead Road. Abandonou o *pub* com o nome, número de telefone e morada de toda a gente que lá estava, para além de uma proposta de casamento. Na manhã seguinte, Quill telefonou à divisão de Pessoal em Vauxhall Cross e perguntou onde *é que* tinham encontrado o homem chamado Peter Marlowe.

— Não o encontrámos — responderam da divisão de Pessoal. — É da reserva privada do «C».

— Mandem-me mais dez exatamente como ele — disse Quill. — E a Grã-Bretanha voltará a governar o mundo.

O verdadeiro trabalho do IONEC era feito à noite, na sala de refeições e no bar privado dos recrutas. Eram encorajados a beber (o álcool, diziam-lhes, desempenhava um papel importante na vida de um espião) e, várias vezes por semana, um convidado especial juntava-se a eles para jantar. Diretores de divisão, especialistas da polícia, agentes lendários. Alguns ainda estavam no ativo. Outros eram figuras cobertas de teias de aranha, com fatos amarrotados, que recordavam os seus duelos com o KGB em Berlim, Viena e Moscovo. A Rússia era, mais uma vez, o alvo prioritário e o maior adversário do MI6: o grande jogo, disse um encarquilhado combatente da Guerra Fria, tinha recommçado. Quill advertiu os alunos de que, a seu tempo, os russos tentariam seduzir cada um deles, com bajulação, ofertas de dinheiro ou chantagem. A forma como respondessem à chamada do urso determinaria se conseguiriam dormir à noite ou se apodreceriam num inferno construído por si próprios. Depois, passou um vídeo da famosa conferência de imprensa de Kim Philby, em 1955, onde este negou ser um espião do KGB. Quill chamou-lhe a maior mentira que alguma vez vira ou veria.

James Bond poderia ter tido licença para matar, mas, no mundo real, os agentes do MI6 não tinham. O assassinato como ferramenta era estritamente proibido e a maioria dos espiões britânicos raramente

transportava uma arma, muito menos a disparava no cumprimento do dever. Ainda assim, não eram meramente espíões de bancada, pelo menos não todos, e o mundo era um local cada vez mais perigoso. O que significava que tinham de possuir conhecimentos básicos de como usar uma arma: onde introduzir o carregador, como colocar a bala na câmara, como segurar na geringonça para não dar um tiro em si próprios ou num colega agente, esse tipo de coisas. Aqui, novamente, a destreza de Keller foi difícil de camuflar. No primeiro dia de treino com armas, o instrutor entregou-lhe uma pistola, uma *Browning* de nove milímetros, e disse-lhe que a disparasse na direção do alvo com silhueta humana que se encontrava no fundo da carreira de tiro, a quinze metros de distância. Keller ergueu a arma rapidamente e, aparentemente sem fazer pontaria, despejou as treze balas do carregador, perfurando a cabeça do alvo com todas. Quando lhe pediram que repetisse o exercício, fez com que todas as balas do carregador atravessassem o olho esquerdo do alvo. Daí em diante, foi dispensado de qualquer treino adicional com armas de fogo. Nem sequer lhe foi requerido que participasse no rudimentar curso de autodefesa do IONEC. Não depois de quase ter deslocado o ombro de um instrutor que, insensatamente, lhe apontara uma arma. Depois disso, ninguém, nem sequer Mayhew, que tinha a constituição de um jogador de rãguebi, se atreveria a pisar um tapete de treino com ele.

Em grande medida, eram mantidos afastados da população civil que os rodeava, mas Mayhew e Quill não faziam qualquer esforço para os isolarem do mundo exterior; na verdade, longe disso. Todas as manhãs, uma pilha de jornais britânicos e internacionais aguardava-os ao pequeno-almoço e, na sala de estar, havia uma televisão que transmitia todos os canais de notícias europeus e internacionais. Reuniram-se à sua volta na noite do atentado em Londres, com desespero, com raiva e com a consciência de que aquela era a guerra que, em breve, todos estariam a combater. Um deles, antes dos restantes.

Na semana seguinte, o IONEC chegou ao fim. Os doze membros do contingente passaram com facilidade, com Peter Marlowe a receber a nota mais elevada e Finch a surgir num respeitável, mas distante, segundo lugar. Nessa noite, jantaram juntos pela última vez na companhia de Mayhew e Quill. E, de manhã, colocaram as chaves dos seus quartos na secretária do velho George Halliday e carregaram a respetiva bagagem para o pátio exterior, onde Reg, o motorista, aguardava ao volante de um autocarro para os levar, já como espíões recém-formados, para Londres. Contudo, um deles estava ausente. Procuraram-no incessantemente, nos quartos da ala este, na ala oeste e na ala principal, na carreira de tiro, no campo de ténis, no de *croquet* e no ginásio até que, finalmente, às nove da manhã, Reg partiu para

Londres com onze recrutas em vez de doze. Foi Quill quem encontrou a corda sob a sua janela, a minúscula amostra de tecido a esvoaçar como um galhardete no arame que havia no topo da vedação do perímetro e as pegadas recentes ao longo da praia, feitas por um homem apressado que pesava, aproximadamente, uns noventa quilos, na sua maioria de massa muscular. Uma pena, pensou Quill. Mais dez exatamente como ele e a Grã-Bretanha teria voltado a governar o mundo.

[1] No original IONEC (Intelligence Officers New Entry Course). (N.T.)

WORMWOOD COTTAGE, DARTMOOR

A rota precisa da sua fuga, tal como a evasão de Saladino da América, nunca foi determinada com exatidão. Contudo, havia pistas, como o *Volkswagen Jetta*, azul pálido, cujo furto do parque de estacionamento do supermercado Morrisons, em Gosport, foi participado nessa mesma manhã. Foi descoberto à tarde, cerca de cento e sessenta quilómetros a oeste, em Devon, estacionado à porta da loja e posto dos correios do minúsculo lugarejo de Coldeast. O depósito fora atestado com gasolina e no tabliê havia um bilhete, manuscrito, onde se pedia desculpa ao proprietário por qualquer inconveniente. A Polícia de Hampshire, que possuía jurisdição sobre o assunto, abriu uma investigação que terminou de forma abrupta, depois de um telefonema de Tony Quill para o chefe da polícia, que lhe entregou respeitosamente o bilhete e a gravação de videovigilância do parque de estacionamento do Morrisons, embora, mais tarde, tenham ouvido o chefe comentar que estava farto das artimanhas dos rapazes da velha fortaleza cinzenta do rei Henrique. Fazer brincadeiras de espões nas ruas de Portsmouth era uma coisa. Mas roubar o carro de um pobre coitado, embora com o objetivo de realizar um exercício de treino, era simplesmente má educação.

A cidade de Coldeast era digna de nota apenas pelo facto de repousar na extremidade do Parque Nacional de Dartmoor. No dia em questão, chovia copiosamente e escurecera antes do previsto. Consequentemente, ninguém reparou em Christopher Keller que caminhava ao longo da Old Liverton Road, de mochila ao ombro. Quando chegou ao Liverton Village Hall, a noite estava escura como breu. Não importava; sabia o caminho. Virou para um caminho ladeado de sebes e seguiu-o para norte, passando pela Old Leys Farm. Uma vez, teve de afastar-se para a berma para permitir a passagem de uma carrinha agrícola, antiga e ruidosa, mas, fora isso, parecia ser o último homem à face da terra.

A Grã-Bretanha está melhor agora que estás aqui para tomares conta dela...

Em Brimley, mudou de direção para oeste e seguiu uma série de caminhos pedestres até Postbridge. Para lá da povoação, havia uma

estrada que não constava de nenhum mapa e, no final da estrada, havia um portão que revelava uma serena autoridade. Parish, o guarda permanente, esquecera-se de o destrancar. Keller trepou-o, sem produzir um som, e subiu pelo longo caminho de gravilha em direção à casa de campo de pedra que se erguia sobre um promontório na charneca desolada. Uma luz amarela brilhava, como uma vela, sobre a porta da frente destrancada. Entrando, Keller limpou cuidadosamente os pés no tapete. O ar cheirava a carne, ervas aromáticas e batata. Espreitou para o interior da cozinha e viu a senhora Coventry de pé, coberta de pó e com uma aparência vagamente imponente, diante de um forno aberto, com um avental atado à larga cintura.

— Senhor Marlowe — disse ela, virando-se. — Estávamos à sua espera mais cedo.

— Atrasei-me um bocadinho a sair.

— Espero que não tenha tido nenhum problema.

— Não, nenhum.

— Mas olhem só para si! Coitadinho. Veio a pé de Londres?

— Não exatamente — disse Keller com um sorriso.

— Está a pingar o meu chão todo.

— Consegue perdoar-me?

— Não me parece muito provável. — Ela aliviou-o do casaco encharcado. — Preparei o seu antigo quarto. Tem roupa lavada e alguns artigos de higiene. Tem tempo para tomar um belo banho quente antes de o «C» chegar.

— O que é o jantar?

— Empadão de carne.

— A minha refeição favorita.

— Foi por isso que o fiz. Uma chávena de chá, senhor Marlowe? Ou prefere alguma coisa mais forte?

— Talvez um bocadinho de uísque para aquecer os ossos.

— Vou preparar-lho. Agora, vá lá para cima antes que se constipe.

Keller deixou os sapatos no *hall* de entrada e subiu as escadas até ao seu quarto. Havia uma muda de roupa disposta organizadamente sobre a cama. Calças de bombazina, uma camisola verde-azeitona, roupa interior, um par de sapatos de camurça, tudo do tamanho apropriado. Havia também um maço de *Marlboro* e um isqueiro dourado. Keller leu a inscrição. *Ao futuro...* Sem saudação, sem nome. Não era necessário.

Keller arrancou a roupa molhada e permaneceu de pé sob um chuveiro a esquentar durante muito tempo. Quando regressou ao quarto, havia um copo de uísque na mesa de cabeceira, sobre um naperão branco do MI6. Já vestido, transportou a bebida para a sala de visitas no andar de baixo, onde encontrou Graham Seymour sentado diante da lareira, elegantemente envolto em *tweed* e flanela.

Estava a ouvir as notícias num velho rádio de baquelite.

— O carro roubado — disse, erguendo-se — foi um belo detalhe.

— É melhor agitar um pouco as águas num caso como este, não foi isso que me ensinaste nos velhos tempos?

— Foi? — Seymour fez um sorriso travesso. — Estou simplesmente feliz por não teres recorrido à violência.

— Um agente do MI6 — disse Keller com severidade fingida — nunca recorre à violência. E se, efetivamente, sentir necessidade de empunhar uma arma ou de dar um soco, é apenas porque não fez devidamente o seu trabalho.

— Talvez tenhamos de repensar essa abordagem — disse Seymour. — Só tenho pena de perder um homem como o Peter Marlowe. Ouvi dizer que as notas dele no IONEC foram deveras impressionantes. O Andy Mayhew ficou tão perturbado com o teu desaparecimento que pôs o lugar à disposição.

— Mas o Quill não?

— Não — respondeu Seymour. — O Quill é feito de um material mais resistente.

— Espero que não tenhas sido demasiado severo com o pobre Andy.

— Assumi a responsabilidade, embora tenha ordenado uma revisão completa do perímetro de segurança do Forte.

— Quem mais é que sabe da nossa pequena artimanha?

— O diretor de divisão da Europa Ocidental e dois dos seus mais altos funcionários administrativos.

— Então e o Whitehall?

— A Comissão Conjunta dos Serviços Secretos — disse Seymour, abanando a cabeça — está totalmente às cegas.

Os membros da Comissão eram os supervisores e superintendentes do MI5 e MI6. Estabeleciam prioridades, avaliavam o produto, aconselhavam o primeiro-ministro e obrigavam certos espões a cumprir as regras do jogo. Graham Seymour chegara à conclusão de que os serviços secretos precisavam de espaço de manobra e de que, num mundo perigoso, rodeado de ameaças, ocasionalmente, precisavam de sujar um pouco as mãos. Daí a sua renovada relação com Christopher Keller.

— Sabes — disse Seymour, com os olhos pousados na robusta figura de Keller —, pareces quase um dos nossos novamente. É uma pena que tenhas de te ir embora.

Entraram na cozinha e sentaram-se à mesa, no pequeno recanto aconchegado, com as suas janelas de chumbo viradas para a charneca. A senhora Coventry serviu-lhes o empadão de carne com um vinho de Bordéus, proveniente da adega bem abastecida, e uma salada verde para facilitar a digestão. Seymour passou grande parte da refeição a interrogar Keller sobre o IONEC. Interessava-lhe particularmente a

qualidade dos outros membros do contingente.

— Não vês as avaliações e as notas? — perguntou Keller.

— Claro. Mas valorizo a tua opinião.

— O Finch dá má reputação às serpentes — disse Keller —, o que significa que tem o que é preciso para ser um bom espião.

— As notas do Baker também foram bastante boas.

— Tal como o primeiro capítulo do thriller em que está a trabalhar.

— E o curso em si? — perguntou Seymour. — Conseguiram ensinar-te alguma coisa?

— Isso depende.

— De quê?

— De como tencionas utilizar-me.

Com o sorriso cuidadoso de um espião, Seymour declinou o subtil convite de Keller para o informar sobre a sua missão inaugural como agente de pleno direito do MI6. Em vez disso, enquanto a chuva fustigava intensamente as janelas da copa, falou do seu pai. Arthur Seymour servira a Inglaterra como espião durante mais de trinta anos. Porém, no final da sua carreira, quando foi completamente destruído por Philby e pelos outros espiões e traidores, o serviço enviou-o para o promontório de pedra cinzenta junto ao mar, para que ateasse o fogo secreto da sua paixão pelo ofício no seio da geração seguinte de espiões britânicos.

— E ele odiou cada minuto desse trabalho — disse Seymour. — Viu aquilo como o que realmente era: o fim da linha. O meu pai sempre pensou no Forte como uma cripta para onde o Serviço tinha enviado o seu corpo velho e desgastado.

— Se o teu pai te pudesse ver agora...

— Sim — disse Seymour. — Se me pudesse ver agora, de facto.

— O velhote era exigente contigo?

— Era exigente com toda a gente, especialmente com a minha mãe. Felizmente, mal se lembrava de mim. Estive com ele em Beirute durante seis meses, nos anos sessenta, quando o Philby também estava lá. A seguir, despachou-me para a escola. Depois disso, era alguém que eu só via duas vezes por ano.

— Deve ter ficado dececionado contigo, quando te juntaste ao MI5.

— Ameaçou deserdar-me. Achava que o MI5 eram polícias e agentes proletários, a mesma coisa que todos os membros do MI6 achavam.

— Então, porque é que o fizeste?

— Porque preferia ser julgado com base nos meus próprios feitos. Ou talvez — disse Seymour, passado um momento — não quisesse juntar-me a um serviço que tinha sido deixado nas últimas pelos traidores. Talvez quisesse *apanhar* espiões, em vez de os recrutar. Talvez quisesse impedir que as bombas do IRA explodissem nas nossas ruas. — Fez uma pausa, depois acrescentou: — Foi aí que tu entraste.

Houve um silêncio.

— Fizemos um bom trabalho juntos em Belfast, tu e eu. Impedimos muitos atentados, salvámos inúmeras vidas. E o que é que tu fizeste? Fugiste e juntaste-te à quadrilha de assassinos do Don Orsati.

— Omitiste algumas coisas desse teu relato.

— Apenas por uma questão de tempo. — Seymour abanou a cabeça, lentamente. — Fiz o luto por ti, seu filho da mãe. E os teus pais também. No teu funeral, tentei confortar o teu pai, mas estava inconsolável. O que lhes fizeste foi uma coisa terrível.

Keller acendeu um cigarro e, depois, entregou o novo isqueiro dourado a Seymour.

— Lembras-te do que diz a inscrição?

— Já percebi. É tudo passado. Foste plenamente restaurado, Christopher. Estás como novo. Agora, só precisas de uma rapariga jeitosa para partilhar aquela tua linda casa em Kensington. — Seymour esticou a mão para pegar nos cigarros de Keller, mas parou. — Oito milhões de libras, uma quantia bem generosa. Pelos meus cálculos, isso deixa-te com uns meros vinte e cinco milhões, tudo isso a trabalhar para o Don Orsati. Agora, pelo menos, o dinheiro está numa instituição britânica respeitável, e não num daqueles bancos da Suíça ou das Bahamas que costumavas usar. Foi repatriado, exatamente como tu.

— Tínhamos um acordo — disse Keller serenamente.

— E tenciono cumpri-lo. Não te preocupes, podes ficar com o teu dinheiro sujo.

Keller não deu qualquer resposta.

— E a rapariga? — inquiriu Seymour, mudando de assunto. — Alguém em perspectiva? Tens consciência de que teremos de a investigar minuciosamente, não tens?

— Tenho andado um bocado ocupado, Graham. Não tive oportunidade de conhecer muitas raparigas.

— Então é aquela que te fez um pedido de casamento no Druid's Arms?

— Estava bastante bêbada, na altura. Para além disso, achava que eu era francês.

Seymour sorriu.

— Não será a primeira a cometer esse erro.

LONDRES – CÔRSEGA

Há quinze anos que Christopher Keller não permitia que ninguém lhe tirasse uma fotografia. Da última vez, estava empoleirado sobre um banco de madeira alto e bambo, numa lojinha no alto dos montes do centro da Córsega. Das paredes da loja pendiam retratos (noivas, viúvas, patriarcas), todos com expressões carrancudas, pois os habitantes da povoação eram gente séria que desconfiava de forasteiros e de geringonças modernas como máquinas fotográficas, consideradas distribuidoras de mau-olhado. O fotógrafo era parente de Don Antoni Orsati, um primo afastado, não de sangue mas por afinidade. Ainda assim, sentira-se intimidado na presença daquele inglês duro e taciturno de quem se dizia que executava missões para o clã Orsati que os *taddunaghiu* vulgares não conseguiam levar a cabo. O fotógrafo tirara-lhe seis fotografias nesse dia; Keller não parecia, nem sequer remotamente, a mesma pessoa em nenhuma delas. As fotografias apareceram em seis passaportes franceses falsos que Keller usou ao longo da sua carreira de assassino profissional. Dois dos passaportes ainda estavam válidos. Mantinha um deles num cofre de um banco em Zurique, o outro em Marselha, um facto que não mencionara aos seus novos empregadores dos serviços secretos. Nunca se sabia, cogitou, quando seria necessário ter um trunfo na manga.

O técnico que tirou a fotografia de Keller para o MI6 também se sentiu amedrontado pelo sujeito e, por conseguinte, trabalhara com uma pressa invulgar. A sessão teve lugar não em Vauxhall Cross (a exposição de Keller ao edifício deveria ser estritamente limitada), mas numa cave em Bloomsbury. O produto acabado mostrava um homem carrancudo, de cerca de cinquenta anos, que parecia ter regressado recentemente de umas longas férias ao sol. O seu nome, de acordo com o passaporte no qual a fotografia foi eventualmente colocada, era Nicholas Evans, e não tinha cinquenta anos, mas sim quarenta e oito. O MI6 forneceu a Keller uma carta de condução britânica com o mesmo nome, juntamente com três cartões de crédito e uma pasta cheia de ficheiros relacionados com o seu disfarce, que tinha algo a ver com vendas e *marketing*. Keller também se apossou de um telemóvel do MI6 que lhe permitiria comunicar de forma segura com

Vauxhall Cross enquanto estivesse no terreno. Deduzia, e com razão, que por sua vez Vauxhall Cross utilizaria o telefone para monitorizar os seus movimentos e, se necessário, espiar as suas conversas. Por conseguinte, planeou desfazer-se do aparelho na primeira oportunidade.

Deixou Londres na manhã seguinte, no Eurostar das cinco e quarenta para Paris, que chegou ao seu destino às nove menos um quarto, daí que Keller tenha disposto de quase duas horas para determinar se estava a ser seguido. Usando as técnicas ensinadas por Mayhew e Quill no Forte (e outras que aprendera nas ruas de West Belfast) determinou, sem sombra de dúvidas, que não estava.

O seu comboio seguinte, o TGV para Marselha, partiu da Gare de Lyon às onze e meia da manhã. Passou a viagem a trabalhar diligentemente no computador portátil para manter o seu disfarce, enquanto, para lá da janela, as cores do sul de Cézanne (amarelo de crómio, terra de siena queimada, verde *viridian*, azul ultramarino) passavam num lampejo pela sua visão periférica, como uma agradável memória de infância. Chegou a Marselha às duas e passou a hora seguinte a deambular pelas ruas encardidas e familiares do centro da cidade, até se certificar de que a sua chegada passara inadvertida. Finalmente, na Place de la Joliette, entrou no banco privado Sociétés Générale, onde Monsieur Laval, o seu gestor de conta, lhe concedeu acesso ao cofre. Dele, retirou o passaporte francês falso, juntamente com cinco mil dólares em dinheiro. No seu interior depositou o telefone, o passaporte, a carta de condução, os cartões de crédito e o computador portátil do MI6.

No exterior, percorreu uma curta distância ao longo do Quai du Lazaret até ao terminal do *ferry*, onde comprou um bilhete para a travessia noturna para a Córsega, num camarote em primeira classe. O funcionário do balcão não estranhou o facto de ter pagado com dinheiro. Afinal de contas, estavam em Marselha e o *ferry* tinha Ajaccio como destino. Num café das proximidades, pediu uma garrafa de um *Bandol* rosé que bebeu até meio do rótulo enquanto lia o *Le Figaro*, satisfeito pela primeira vez em muitos meses. Uma hora depois, alerta, mas agradavelmente inebriado, estava de pé, na proa do *ferry* que sulcava o Mediterrâneo rumo ao sul, e um antigo provérbio veio-lhe à cabeça: Quem tem duas mulheres perde a alma. Mas quem tem duas casas perde o juízo.

Pouco antes do romper da aurora, Keller acordou com o cheiro de alecrim e alfavema que penetrava pela janela entreaberta do camarote. Levantou-se, vestiu a sua roupa inglesa cinzenta e branca e, vinte minutos depois, saiu do *ferry* em fila indiana, na companhia de uma

família de corsos anafados, que estavam mais mal-humorados do que o habitual devido ao horário madrugador. Num bar do outro lado da rua, em frente do terminal, perguntou se podia usar o telefone para fazer uma chamada local. Em circunstâncias normais, o proprietário poderia ter encolhido os ombros em sinal de contrariedade perante tal pedido vindo de um estrangeiro. Ou até lhe poderia ter explicado que o telefone não funcionava desde o último siroco. Mas Keller fez o seu pedido utilizando impecavelmente o dialeto da ilha. E o proprietário ficou tão chocado que até sorriu, enquanto colocava o telefone sobre o balcão. Depois, espontaneamente, preparou uma chávena de café forte e um pequeno copo de água para Keller, pois estava muito frio nessa manhã e um homem não poderia enfrentar um tempo assim sem qualquer coisinha para fortalecer o sangue.

O número que Keller marcou só era do conhecimento de um reduzido número de ilhéus, entre os quais não constava nenhum elemento das autoridades francesas. O homem que atendeu pareceu ficar satisfeito e, curiosamente, nada surpreendido ao ouvir a voz de Keller. Instruiu-o para permanecer no café; enviaria um carro para o ir buscar. Este chegou uma hora depois, conduzido por um jovem chamado Giancomo. Keller conhecia-o desde miúdo. O desejo de Giancomo era ser um *taddunaghiu* como Keller, que idolatrava. Por agora, era um moço de recados para o *don*. Na Córsega, havia coisas piores que um jovem rapaz de vinte e cinco anos poderia ser.

— O *don* disse que o senhor nunca mais ia voltar.

— Até o *don* — disse Keller filosoficamente — se engana às vezes.

Giancomo franziu o sobrolho, como se Keller tivesse proferido uma heresia.

— O *don* é como o Santo Padre. É infalível.

— Agora e para sempre — disse Keller, em voz baixa.

Percorriam a costa ocidental da ilha. Na cidade de Porto, viraram para o interior por uma estrada ladeada de oliveais e pinheiros-larícios, e iniciaram a longa e sinuosa subida até às montanhas. Keller abriu a janela. Eis novamente, alecrim e alfavema, o cheiro da *macchia*, um tapete denso e emaranhado de vegetação rasteira que definia a mesmíssima identidade da ilha e que cobria a Córsega de este a oeste, de uma ponta à outra. Os corsos usavam a *macchia* para temperarem os seus pratos, para aquecerem as suas casas no inverno e para nela se refugiarem em tempos de guerra e *vendetta*. De acordo com uma lenda corsa, um homem perseguido poderia refugiar-se na *macchia* e, se o desejasse, ali permanecer escondido para sempre sem ser descoberto. Keller sabia que era verdade.

Pouco depois, chegaram à antiga aldeia dos Orsatis, um aglomerado de casas cor de grés com telhados vermelhos, agrupadas em redor do campanário de uma igreja. Diziam que existia desde o tempo dos

Vândalos, quando os povoadores da costa procuravam refúgio nos montes. A propriedade histórica de Don Orsati estendia-se mesmo ao lado da aldeia, num pequeno vale povoado de oliveais que produziam o melhor azeite da ilha. Dois homens armados montavam guarda à entrada. Em sinal de respeito, tocaram nos seus chapéus tipicamente corsos, enquanto Giancomo virava para atravessar o portão e começava a subir o longo caminho de acesso à casa.

Estacionou entre as espessas sombras do pátio da frente. Keller entrou sozinho na *villa* e subiu os degraus de pedra fria até ao escritório do *don*. Este estava sentado numa grande mesa de carvalho, a perscrutar um livro de contas aberto, com encadernação de couro. Era um homem grande para os parâmetros corsos, com uma altura superior a um metro e oitenta e largo de ombros e costas. Envergava um par de calças largas, sandálias de couro empoeiradas e uma camisa branca impoluta que a sua esposa engomava todas as manhãs e, novamente, à tarde, quando se levantava da sesta. Tinha o cabelo preto, tal como os olhos. Junto ao seu cotovelo, havia uma garrafa decorativa de azeite Orsati, o negócio legal através do qual o *don* lavava os dividendos da morte.

— Como vai o negócio? — perguntou Keller, finalmente.

— Qual deles? O do sangue ou o do azeite? — No mundo de Don Orsati, sangue e azeite fluíam juntos numa única empresa sem fissuras.

— Ambos.

— O do azeite, não muito bem. Esta economia estagnada está a dar cabo de mim. E os britânicos com este disparate do Brexit! — Gesticulou como se estivesse a dispersar um odor pestilento.

— E o do sangue? — perguntou Keller.

— Por acaso viste a notícia sobre o empresário alemão que desapareceu do Hotel Carlton, em Cannes, na semana passada?

— Onde é que ele está?

— Oito quilómetros a oeste de Ajaccio. — O *don* sorriu. — Ou coisa que o valha.

— Vivo numa hora — disse Keller, citando um provérbio corso —, morto na seguinte.

— Lembra-te, Christopher, a vida dura apenas o tempo que demoramos a passar por uma janela. — O *don* fechou o livro de contas com a firmeza de quem fecha um caixão e observou Keller pensativamente. — Não esperava ver-te de volta à ilha tão cedo. Tens dúvidas quanto à tua nova vida?

— Tenho mais do que dúvidas — respondeu Keller.

Aquilo agradou ao *don*. Continuou a avaliar Keller com os seus olhos negros. Era como sentir-se observado por um cão.

— Espero que os teus amigos dos serviços de espionagem britânicos

não sabem que estás aqui.

— É possível — disse Keller, candidamente. — Mas, não se preocupe, o seu segredo está a salvo comigo.

— Não me posso dar ao luxo de não me preocupar. Quanto aos britânicos — disse o *don* —, não são de confiança. És o único habitante dessa ilha pavorosa com quem simpatizo. Se, pelo menos, deixassem de vir passar as férias de verão para cá, tudo seria muito mais agradável.

— É bom para a economia da ilha.

— Bebem demasiado.

— Temo que seja um mal cultural.

— E agora — disse o *don* —, és novamente um deles.

— Quase.

— Deram-te um nome novo?

— Peter Marlowe.

— Prefiro o antigo.

— Não estava disponível. O pobre sujeito morreu, sabe.

— E os teus novos empregadores? — perguntou o *don*.

— Todas as camas têm pulgas — disse Keller.

— Só a colher — respondeu o *don* — conhece as dores da panela.

Com isso, um silêncio cúmplice instalou-se entre eles. Só se ouvia o vento nos pinheiros-larícios e a crepitação da lenha de *macchia* que perfumava o ar no grande escritório do *don*. Muito tempo depois, perguntou a Keller porque é que regressara à Córsega e o inglês, com um gesto indiferente de cabeça, insinuou que voltara por motivos relacionados com o seu novo ramo de atividade.

— Foram os serviços secretos britânicos que te enviaram?

— Mais ou menos.

— Não fales comigo através de enigmas, Christopher.

— Não tinha um provérbio adequado na ponta da língua.

— Os nossos provérbios — disse o *don* — são sagrados e acertam sempre. Agora, diz-me porque é que estás aqui.

— Estou à procura de um homem. Um marroquino que se autodenomina o Escorpião.

— E se eu aceitar ajudar-te? — O *don* bateu suavemente com os dedos na capa de couro do seu livro de contas.

Keller não disse nada.

— Não ganho dinheiro a cantar, Christopher.

— Estava à espera que pudesse fazer isto como um favor pessoal.

— Abandonas-me, e agora queres utilizar os meus serviços gratuitamente?

— Isso também é um provérbio?

O *don* franziu o sobrolho.

— E se eu conseguir encontrar esse homem? O que é que acontece a

seguir?

— Os meus amigos dos serviços secretos britânicos acham que talvez seja uma boa ideia fazer negócio com ele.

— Qual é o ramo de atividade dele?

— Droga, aparentemente. Mas, nos tempos livres, fornece armas ao ISIS.

— Ao ISIS? — Don Orsati abanou a cabeça gravemente. — Suponho que isto tenha alguma coisa a ver com os atentados em Londres.

— Suponho que sim.

— Nesse caso — disse o *don* —, vou fazê-lo de graça.

CÓRSEGA

A esperança média de vida da espécie *Capra aegagrus hircus*, também conhecida como cabra doméstica, é de quinze a dezoito anos. Por conseguinte, o velho bode pertencente a Don Casabianca, um notável que detinha grande parte do vale adjacente ao dos Orsatis, excedera definitivamente o seu tempo de permanência na Terra. Segundo os cálculos de Keller, o animal consumia oxigénio precioso há mais de vinte e quatro anos, grande parte deles à sombra das três oliveiras antigas que se erguiam, exatamente, antes da curva apertada para a esquerda, no caminho de terra e gravilha que conduzia à *villa* de Keller. Uma criatura anónima, com as manchas de um cavalo palomino e uma barba ruiva, que bloqueava o caminho a seu bel-prazer, negando o acesso àqueles que não lhe agradavam. Keller, um forasteiro do continente que não possuía sangue corso nas veias, nutria por ele um especial ressentimento. A deles era uma guerra de vontades de longa data e, frequentemente, era o bode que levava a melhor. Em diversas ocasiões, Keller ponderara pôr fim ao impasse com um tiro certo entre os olhos malévolos do animal. Contudo, isso teria sido um erro grave. O bode desfrutava da proteção de Don Casabianca. E, se Keller tocasse num pelo da sua maldita cabeça, haveria uma disputa. Nunca se sabia onde uma disputa poderia terminar. Poderia ser resolvida amigavelmente, com um copo de vinho, um pedido de desculpas ou algum tipo de restituição. Ou poderia arrastar-se durante meses, ou até mesmo anos. Consequentemente, Keller não tinha outra opção senão aguardar pacientemente pelo falecimento do bode. Sentia-se como um filho avarento que fazia contas à sua herança, enquanto o pai abastado se agarrava à vida teimosamente e por pura maldade.

— Tinha esperança — disse Keller, maldisposto — de evitar esta cena.

— Ele apanhou um susto em outubro. — Giancomo bateu impacientemente com um dedo no volante. — Ou talvez tenha sido em novembro.

— A sério?

— Cancro. Ou talvez tenha sido uma infeção nos intestinos. O Don

Casabianca trouxe cá o padre para administrar a extrema unção.

— O que é que aconteceu?

— Um milagre — disse Giancomo, encolhendo os ombros.

— Que infelicidade. — Keller e o bode trocaram um olhar longo, tenso. — Tenta buzinar.

— Não pode estar a falar a sério.

— Talvez desta vez funcione.

— Obviamente — disse Giancomo —, esteve fora algum tempo.

Com um profundo suspiro, Keller saiu do carro. O bode ergueu o queixo de modo provocador e manteve firmemente a sua posição, enquanto Keller, com as pontas dos dedos a apertarem a ponte do nariz, ponderou as suas opções. A sua tática habitual era um ataque frontal acompanhado por uma série de impropérios e movimentos furiosos de braços no ar; na maioria dos casos, o velho bode cedia e fugia para a *macchia*, o esconderijo de patifes e bandidos. Mas, naquela manhã, Keller não se sentia com estômago para um confronto. Estava exausto da viagem e um pouco enjoado do *ferry*. Para além disso, o bode, esse velho filho da mãe, tinha passado um mau bocado ultimamente, com o cancro e o problema nos intestinos e a extrema unção administrada pelo padre da aldeia. E desde quando é que a Igreja admitia a dispensa de sacramentos sagrados a caprinos de cascos fendidos? Só mesmo na Córsega, pensou Keller.

— Ouve — disse ele finalmente, encostando-se contra o capô do carro —, a vida é demasiado curta para este tipo de disparates. — Poderia ter acrescentado que a vida dura apenas o tempo que demoramos a passar por uma janela, mas achou que o bode, que afinal de contas era simplesmente um bode, não entenderia a analogia. Em vez disso, Keller falou da importância dos amigos e da família. Confessou que cometera muitos erros na vida e que, agora, depois de muitos anos em território selvagem, regressara a casa e se sentia quase feliz. Tinha apenas uma quezília, aquela, e desejava resolver as coisas antes que fosse demasiado tarde. O tempo, esse grande conquistador, não poderia ser mantido ao largo para sempre.

Perante isso, o bode inclinou a cabeça para o lado, da mesma forma que fizera um homem que Keller fora contratado para matar muitos anos antes. Então, deu alguns passos à frente e lambeu as costas da mão de Keller antes de se retirar para a sombra das três oliveiras centenárias. O sol brilhava intensamente sobre a *villa* de Keller, enquanto Giancomo virava para o caminho de acesso à casa. O ar cheirava a alecrim e alfazema.

No interior, Keller encontrou os seus bens (a extensa biblioteca, a modesta coleção de quadros de impressionistas franceses)

precisamente como os deixara, embora cobertos com uma camada de poeira fina. Era a poeira saariana, supôs, transportada através do Mediterrâneo pelo último siroco. Tunisina, argelina, talvez marroquina, tal como o homem que Don Orsati se propusera encontrar em nome de Keller.

Ao entrar na cozinha, descobriu a despensa e o frigorífico abastecidos de produtos. De alguma forma, o *don* tivera conhecimento antecipado do regresso de Keller. Serviu um copo de um rosé pálido da Córsega e transportou-o para o seu quarto no andar de cima. Havia uma pistola *Tanfoglio* carregada pousada na mesa de cabeceira, sobre um livro de McEwan. Vários fatos de negócios pendiam, em ordem, do armário (a indumentária do ex-diretor de vendas para o norte e centro da Europa da Companhia Olivícola Orsati) e, atrás de uma porta secreta, havia uma vasta seleção de roupa para qualquer ocasião ou assassinato. As calças de ganga rasgadas e as camisolas de lã do boémio errante, a seda e ouro de um ricoço do *jet set*, os forros polares e *Gore-Tex* de um montanhista aventureiro. Havia até uma batina e cabeção de um padre católico, juntamente com um breviário e um *kit* de viagem para dar missas. Ocorreu a Keller que os disfarces, tal como os seus passaportes franceses falsos, poderiam vir a revelar-se úteis no seu novo ramo de atividade. Pensou no telemóvel e no computador portátil do MI6, cujas baterias se esgotavam lentamente no cofre do banco, em Marselha. Certamente, nesse momento, Vauxhall Cross já tinha conhecimento de que os aparelhos estavam imóveis há mais de doze horas. A dada altura, Keller teria de dizer a Graham Seymour que estava vivo e de boa saúde. A dada altura, pensou novamente.

Keller mudou de roupa, vestindo um par de calças amarrotadas e uma camisola felpuda de lã, e transportou o vinho e o livro de McEwan para o terraço no andar de baixo. Estendido na espreguiçadeira de ferro forjado, recomeçou a ler o romance onde o deixara, a meio de uma frase, como se a interrupção tivesse ocorrido há alguns minutos, e não há muitos meses. Era a história de uma jovem mulher, estudante em Cambridge, atraída para os serviços secretos britânicos no início dos anos setenta. Keller achava que tinha pouco em comum com a personagem, mas, ainda assim, gostava do livro. Passado pouco tempo, uma sombra invadiu a página. Arrastou a espreguiçadeira através do terraço e encostou-a à balaustrada, onde permaneceu até que a escuridão e o frio o conduziram para dentro. Nessa noite, uma tramontana gélida soprou de nordeste, soltando várias telhas do telhado de Keller. Isso não o incomodou. Dar-lhe-ia algo para fazer enquanto aguardava que o *don* encontrasse o homem chamado o Escorpião.

Passou os dias seguintes sem qualquer plano ou propósito. A reparação do telhado consumiu apenas parte de uma manhã,

incluindo as duas horas que passou na loja de ferragens de Porto, a discutir sobre os estragos provocados pela recente série de ventos com diversos homens das aldeias circundantes. Parecia que a tramontana, que vinha da região do Pó, soprara com mais frequência do que era habitual, tal como o *maestrale*, que era como os corsos, donos de uma independência feroz, denominavam o vento que vinha do Vale do Rhône. Todos concordavam que fora um inverno difícil, o que, segundo os provérbios corsos, prometia uma primavera benevolente. Keller, cujo futuro era incerto, absteve-se de comentar.

Durante as tardes, trepava os picos íngremes do centro da ilha (Rotondo, d'Oro, Renoso) e fazia caminhadas pelos vales de *macchia* banhados pelo sol. Na maioria das noites, jantava com Don Orsati na propriedade. Depois disso, enquanto tomavam *brandy* no escritório do *don*, sondava-o delicadamente sobre pormenores relativos à busca do Escorpião. O *don* falava apenas em forma de provérbios, e Keller, que estava sob a disciplina de um serviço de espionagem, respondia com os seus próprios provérbios. Acima de tudo, escutavam a tramontana e o *maestrale* a rondarem os beirais, que era a forma como os homens corsos preferiam passar o serão.

Na sexta manhã após o regresso de Keller, houve um atentado na Alemanha, um único bombista suicida no terminal ferroviário de Estugarda, dois mortos, vinte feridos. Seguiram-se as questões habituais. O autor do atentado era um lobo solitário ou agira sob as ordens do comando central do ISIS no califado? Aquele a quem chamavam Saladino. Keller observou a cobertura noticiosa na televisão até ao meio da tarde, quando entrou para a sua maltratada carrinha *Renault* e a conduziu até à aldeia. A praça central ficava no ponto mais elevado da povoação. Em três lados da praça, havia lojas e cafés e, no quarto, havia uma igreja antiga. Keller ocupou uma mesa num dos cafés e observou um jogo de petanca até o sino da igreja repicar as cinco horas. A sua porta abriu-se pouco depois e vários paroquianos, a maioria deles idosos, desceram tremulamente as escadas. Um deles, uma mulher idosa vestida inteiramente de preto, parou durante um momento e olhou de soslaio na direção de Keller, antes de entrar na casinha torta adjacente ao presbitério. Keller terminou o seu vinho, enquanto a escuridão se abatia sobre a aldeia. Depois, pousou algumas moedas na mesa e encaminhou-se para o lado oposto da praça.

Ela cumprimentou-o, como sempre, com um sorriso preocupado e uma mão leve e cálida sobre a maçã do seu rosto. A sua pele era da cor da farinha; um lenço negro cobria-lhe o cabelo branco e seco como palha. Era estranho, pensou Keller, como as marcas da origem étnica e

nacional eram apagadas pelo tempo. Se não fosse pela língua corsa e o comportamento católico místico, poderia ter sido confundida com a sua velha tia Beatrice, de Ipswich.

— Estás na ilha há uma semana — disse ela finalmente —, e só agora é que vens ver-me. — Fitou profundamente os olhos dele. — O mal regressou, meu filho.

— Onde é que o apanhei?

— No castelo junto ao mar, na terra de druidas e feiticeiros. Havia um homem com nome de pássaro[2]. Cuidado com ele no futuro. Ele não deseja o teu bem.

A mão da velha mulher continuava pressionada contra a maçã do rosto de Keller. Na linguagem da ilha, era conhecida como uma *signadora*. A sua tarefa era cuidar dos que eram afetados pelo mau-olhado, embora tivesse igualmente o poder de ver o passado e o futuro. Quando Keller ainda trabalhava para Don Orsati, nunca deixava a ilha sem fazer uma visita à velha mulher. E, quando regressava, a casinha torta na extremidade da praça estava sempre entre as suas primeiras paragens.

Retirou a mão do rosto de Keller e remexeu na pesada cruz à volta do seu pescoço.

— Estás à procura de alguém, não estás?

— Sabe onde é que ele está?

— Cada coisa a seu tempo, meu querido.

Com um movimento de mão, convidou Keller a sentar-se junto da mesinha de madeira da sua sala de visitas. Diante dele, colocou um prato cheio de água e um recipiente com azeite. Keller mergulhou o indicador no azeite. Depois, susteve-o sobre o prato e permitiu que três pingos caíssem na água. O azeite deveria ter-se agrupado numa única gota. Em vez disso, desfez-se em mil gotas, e, pouco depois, não havia vestígios dele.

— Tal como eu suspeitava — disse a velha mulher, franzindo o sobrolho. — E é pior do que o habitual. O mundo para lá da ilha é um lugar problemático, repleto de mal. Deverias ter ficado aqui connosco.

— Estava na altura de partir.

— Porquê?

Keller não tinha uma resposta.

— Foi tudo obra do israelita. Aquele com nome de anjo.

— Foi opção minha, não dele.

— Ainda não aprendeste, pois não? É escusado mentires-me. — Fitou o prato de água e azeite. — É importante que saibas — disse — que o teu caminho te conduzirá novamente a ele.

— Ao israelita?

— Temo que sim.

Sem mais palavras, agarrou na mão de Keller e rezou. Após um

momento, começou a chorar, um sinal de que o mal passara do corpo dele para o dela. Depois, fechou os olhos e parecia estar a dormir. Quando acordou, instruiu Keller para que repetisse o teste do azeite e da água. Desta vez, o azeite aglutinou-se numa única gota.

— Não esperes tanto tempo da próxima vez — disse ela. — É melhor não permitires que o mal se demore no teu sangue.

— Preciso de alguém em Londres.

— Conheço uma mulher num lugar chamado Soho. É grega, uma herege. Usa-a apenas em caso de emergência.

Keller empurrou o prato na direção do centro da mesa.

— Fale-me daquele a quem chamam o Escorpião.

— O *don* vai encontrá-lo numa cidade que é o destino de um dos nossos *ferries*. Não está ao meu alcance dizer-te qual. Esse homem não é importante. Mas pode conduzir-te àquele que é.

— Quem?

— Não está ao meu alcance — disse novamente.

— Quanto tempo terei de esperar?

— Quando fores para casa, faz a tua mala. Vais deixar-nos em breve.

— Tem a certeza?

— Duvidas de mim? — Sorrindo, examinou os olhos dele. — És feliz, Christopher?

— Tão feliz quanto um homem como eu pode ser.

— Mas ainda sofres por aquela que perdeste em Belfast?

Ele não disse nada.

— É natural, meu filho. A forma como ela morreu foi terrível. Mas mataste o homem que ta tirou, aquele com o nome de Quinn. Obtiveste a tua vingança.

— Será que a vingança cura verdadeiramente feridas como esta?

— Estás a perguntar à pessoa errada. Afinal de contas, sou corsa. Tu também costumavas ser. — Olhou de relance para o fio de couro à volta do pescoço de Keller. — Pelo menos, ainda usas o teu talismã. Vais precisar dele. Ela também.

— Quem?

Os olhos dela começaram a fechar-se.

— Agora estou cansada, Christopher. Preciso de descansar.

Keller beijou-lhe a mão e fez deslizar um maço de notas para o interior da sua palma.

— É demasiado — disse ela, suavemente, enquanto ele se despedia.

— Dás-me sempre demasiado.

[2] No original «*finch*» (tentilhão), que designa várias espécies de pequenos pássaros da família dos fringílídeos. (N.T.)

CÓRSEGA – NICE

Mais tarde, nessa mesma noite, no aconchego proporcionado pela lareira do escritório de Don Orsati, Christopher Keller soube que o homem que se autodenominava o Escorpião estaria à espera, dali a dois dias, no Le Bar Saint Étienne, na Rue Dabray, em Nice. Keller fingiu surpresa. E o *don*, que sabia que Keller visitara a *signadora*, fez um esforço fraco para ocultar a sua irritação pelo facto de a velha mulher mística, que conhecia desde que era um rapazinho, lhe ter roubado, mais uma vez, os louros.

Havia muito sobre o encontro que nem mesmo a *signadora*, com os seus extraordinários poderes extrassensoriais, poderia ter adivinhado. Não sabia, por exemplo, que o verdadeiro nome do Escorpião era Nouredine Zakaria, que detinha passaportes de nacionalidade francesa e marroquina, que fora um criminoso de rua de nível inferior a maior parte da vida e cumprira pena numa prisão francesa, e que havia rumores de que passara vários meses no califado, provavelmente em Raqqa. O que significava que era possível que estivesse sob vigilância da DGSI, embora os homens do *don* não tivessem observado quaisquer provas disso. Estava previsto que chegasse ao Le Bar Saint Étienne, sozinho, às duas e um quarto da tarde. Estaria à espera de se encontrar com um francês chamado Yannick Ménard, um criminoso profissional especializado na venda de armamento. Contudo, Ménard não poderia comparecer. Jazia já no fundo do mar, a oito quilómetros a oeste de Ajaccio, no cemitério aquático dos Orsatis. E as armas que planeava vender a Nouredine Zakaria (dez espingardas de assalto *Kalashnikov* e dez metralhadoras compactas *Heckler & Koch MP7* com silenciadores e miras *ELCAN* antirreflexo) estavam num armazém dos Orsati à saída da cidade provençal de Grasse.

— Quanto é que isto valeria para os teus amigos de Londres? — perguntou o *don*.

— Pensei que tínhamos acordado que o seu trabalho seria *pro bono*.

— Faz-me lá a vontade.

— A morte do Ménard poderia complicar as coisas — disse Keller, pensativamente.

— Como assim?

- Os britânicos não aprovam sangue.
 - Não é verdade que vocês têm licença para matar?
- Não, explicou Keller, não era.

Le Bar Saint Étienne ocupava o rés-do-chão de um edifício com forma de bolo de três andares, na esquina da Rue Vernier. Tinha um toldo verde; mesas e cadeiras de alumínio pintalgado com marcas de gelado derramado. Era um lugarzinho de bairro, um sítio para tomar um *café crème* rápido, uma cerveja ou talvez uma sandes. Os turistas raramente se aventuravam a ir até lá, a não ser que estivessem perdidos.

Do lado oposto do cruzamento ficava La Fantasia, onde se servia *pizza*, mas de resto era em tudo praticamente idêntico ao anterior. Keller chegou à uma e meia e, depois de ter pedido um café ao balcão, ocupou uma mesa na esplanada. Estava vestido como um homem do sul. Não o género de homem próspero que vivia numa *villa* nas montanhas ou num apartamento junto ao mar, mas o tipo de homem que vivia da sua esperteza de rua. Empregado de mesa num dia, operário no dia seguinte, ladrão à noite. Aquela versão de Keller passara algum tempo na prisão e era bom com os punhos e com uma navalha. Era um excelente amigo para se ter em momentos problemáticos, mas também um perigoso inimigo.

Tirou um cigarro do seu maço de *Marlboro* e acendeu-o com um isqueiro descartável. O telefone também era de usar e deitar fora. Através de uma baforada de fumo, examinou rapidamente com o olhar a rua sossegada e as janelas com persianas fechadas dos apartamentos circundantes. Não conseguiu ver qualquer sinal da oposição. Mayhew e Quill, os seus instrutores no Forte, ter-lhe-iam recordado que a vigilância por parte de um serviço profissional era quase impossível de detetar. Contudo, Keller confiava nos seus instintos. Trabalhara como assassino em França durante mais de vinte anos e, mesmo assim, para a polícia, ele não passava de um rumor. Isso não se devia a sorte. Devia-se à sua eficiência profissional.

Uma pequena carrinha de carga *Peugeot*, amolgada e poeirenta, passou na rua, com um rosto norte-africano ao volante, outro no lugar do passageiro. Lá se ia o acordo de vir sozinho. Keller também não estava sozinho. Violando todas as regras conhecidas do MI6, escritas e não escritas, transportava uma pistola *Tanfoglio* ilegal no fundo das costas. Se a arma fosse descarregada (e a bala atingisse outro ser humano), a carreira de Keller poderia ser a carreira mais curta na história dos Serviços Secretos de Sua Majestade.

A *Peugeot* estacionou num lugar vago na Rue Dabray, enquanto um segundo carro, um *sedan Citroën*, parava à porta do Le Bar Saint

Étienne. Este também transportava dois homens de aparência norte-africana. O passageiro saiu do carro e sentou-se numa das mesas da esplanada, enquanto o condutor encontrava um lugar vazio na Rue Vernier.

Keller esmagou o cigarro e refletiu sobre a situação. Não havia sinal dos serviços de segurança franceses, pensou, apenas de quatro membros de um gangue de criminosos marroquinos, muito possivelmente com ligações ao ISIS. Recordou as muitas palestras a que assistira durante o IONEC relativas às regras para realizar ou abortar uma reunião. Dadas as circunstâncias, a doutrina do MI6 ditava uma retirada célere. No mínimo, Keller estava obrigado a entrar em contacto com o seu diretor de divisão em Londres para solicitar orientação. Infelizmente, o seu telefone seguro do MI6 estava trancado no cofre de um banco em Marselha.

Com o telefone descartável, Keller tirou uma fotografia ao homem que o aguardava no Le Bar Saint Étienne. Depois, erguendo-se, deixou algumas moedas em cima da mesa e começou a atravessar a rua. Ele não é importante, disse a velha mulher. Mas pode conduzir-te àquele que é.

RUE DABRAY, NICE

Era cidadão de uma França esquecida, das grandes faixas de subúrbios, os *banlieues*, que circundavam os grandes centros metropolitanos como Paris, Lyon e Toulouse. Em geral, os seus residentes viviam em miseráveis blocos altos de habitação social, que eram fábricas do crime, abuso de droga, ressentimento e, cada vez mais, do islamismo radical. A esmagadora maioria da crescente população muçulmana em França desejava, acima de tudo, viver em paz e cuidar das suas famílias. Porém, uma pequena minoria tornara-se vítima do canto da sereia do ISIS. E alguns, como Nouredine Zakaria, estavam preparados para chacinar em nome do califado. Keller deparara-se com muitos como ele (membros de gangues de rua norte-africanos) enquanto trabalhava para Don Orsati. Suspeitava que Zakaria pouco sabia sobre o Islão, a doutrina do jihadismo ou os costumes dos *salaf al Salih*, os seguidores originais do profeta Maomé que os assassinos do ISIS aspiravam a emular. Mas o marroquino possuía algo mais valioso para o ISIS do que o conhecimento do Islão. Como criminoso profissional, era um trapaceiro nato que sabia como adquirir armas e explosivos, como roubar carros e telemóveis, e onde encontrar locais para os membros de uma célula terrorista se esconderem antes e depois de um atentado. Resumidamente, sabia como fazer as coisas sem chamar a atenção da polícia. Para um grupo terrorista (ou, já agora, para um serviço de espionagem) era uma competência essencial.

Era três ou quatro centímetros mais baixo do que Keller e tinha uma constituição possante. O seu corpo não era esculpido num ginásio. Era o físico de um presidiário, aperfeiçoado pela calistenia contínua num espaço fechado. Aparentava ter cerca de trinta e cinco anos, mas Keller não conseguia ter a certeza; nunca fora bom a adivinhar as idades de homens norte-africanos. A sua aparência era arquetípica: uma testa alta com arcos nas têmporas, maçãs do rosto largas, boca carnuda, lábios escuros. Óculos de aviador com lentes amarelas protegiam-lhe os olhos; Keller teve a impressão de que eram quase negros. No pulso direito havia um grande relógio suíço, indubitavelmente roubado. Pelo facto de o usar à direita poder-se-ia

deduzir que, provavelmente, era canhoto. Portanto, seria a mão esquerda, e não a direita, que tentaria agarrar na arma que transportava no interior do seu casaco de cabedal com o fecho parcialmente apertado. A saliência era bastante óbvia. E intencional, pensou Keller.

Nesse preciso momento, uma unidade da Police Nationale passou lentamente pelo café, um *Peugeot 308* amigo do ambiente, basicamente um *kart* com luzes e uma pintura vistosa. O agente ao volante lançou um longo olhar na direção dos dois homens sentados no exterior do Le Bar Saint Étienne. Keller observou o carro a dobrar a esquina, enquanto acendia um cigarro. Quando finalmente falou, fê-lo à maneira corsa, para que Nouredine Zakaria soubesse que era um homem que não deveria ser encarado com ligeireza.

— Deram-te instruções — disse ele — para vires sozinho.

— Vês mais alguém aqui sentado, meu amigo?

— Não sou teu amigo. Nem sequer perto disso. — Keller olhou de soslaio para o *Citroën* estacionado do outro lado da rua e para a carrinha *Peugeot* na Rue Dabray. — Então e eles?

— Gajos do bairro — disse Zakaria com um encolher de ombros evasivo.

— Diz-lhes para irem dar uma volta.

— Não posso.

Keller começou a levantar-se.

— Espera.

Keller ficou imóvel e, após um momento de hesitação, voltou a sentar-se na cadeira. Mayhew e Quill ficariam orgulhosos com o desempenho do seu aluno estrela; acabara de estabelecer domínio sobre a fonte. Era uma técnica de regatear tão antiga quanto o próprio bazar, aparentar que se está disposto a abandonar um negócio. Mas Nouredine Zakaria também era um homem do bazar. Os marroquinos eram negociantes natos.

Começou a esticar a mão para o interior do casaco.

— Calma — disse Keller.

Lentamente, a mão retirou um telemóvel de um bolso interior. Era descartável, tal como o de Keller. O marroquino usou-o para enviar uma breve mensagem de texto. *Ping*, pensou Keller, enquanto a mensagem atravessava velozmente a rede celular francesa. Alguns segundos mais tarde, houve dois motores que se ligaram e dois exemplos da indústria automobilística francesa, um *Peugeot* e um *Citroën*, que se afastaram.

— Contente? — perguntou Nouredine Zakaria.

— Extasiado.

O marroquino acendeu, ele próprio, um cigarro, um *Gauloise*.

— Onde é que está o Yannick?

— Não se estava a sentir bem.

— Então, tu és o patrão?

Keller permitiu que a questão passasse sem resposta. O facto de ser o patrão, pensou, era evidente.

— Não gosto de mudanças — disse o marroquino. — Fazem-me sentir desconfortável.

— As mudanças são boas, Nouredine. Mantêm toda a gente alerta.

Uma sobranceira ergueu-se sobre os óculos de aviador com lentes amarelas.

— Como é que sabes o meu nome verdadeiro?

Keller conseguiu aparentar ficar ofendido com a questão.

— Não estaria aqui — disse, sem alterar o tom de voz — se não soubesse.

— Falas como um corso — disse Zakaria —, mas não pareces corso.

— As aparências iludem.

O marroquino não respondeu. A dança estava quase completa, pensou Keller, a dança que dois criminosos experientes realizavam antes de passarem aos negócios. Não tinha qualquer interesse em vê-la terminar, ainda não. Já não era um assassino a soldo, estava ali para reunir informação. E a única forma de obter informação era conversar. Decidiu colocar outra moeda na *jukebox* e permanecer na pista mais algum tempo.

— O Yannick disse-me que estavas interessado em adquirir vinte peças de mercadoria.

— É problemático, conseguir vinte?

— Não, de todo. Na verdade, a minha organização normalmente lida com quantidades muito superiores.

— Quão superiores?

Keller olhou de relance para as nuvens, como se quisesse dizer que o céu era o limite.

— Para dizer a verdade, vinte unidades dificilmente são merecedoras do nosso tempo e esforço. O Yannick deveria ter-me consultado antes de ter feito quaisquer promessas. Tem um futuro brilhante, mas é jovem. E, por vezes — acrescentou Keller —, não faz perguntas suficientes.

— Tais como?

— A minha organização funciona um pouco como um governo — explicou Keller. — Queremos conhecer os nossos compradores e como é que eles tencionam usar a nossa mercadoria. Quando os americanos vendem aviões aos seus amigos sauditas, por exemplo, os sauditas têm de prometer que não irão usar as armas contra os israelitas.

— Porcos sionistas — murmurou o marroquino.

— Ainda assim — disse Keller franzindo o sobrolho —, acredito que entendas a minha questão. Não vamos satisfazer a vossa encomenda

sem certas restrições.

— Que tipo de restrições?

— Precisamos que nos garantam que nada será usado aqui em França nem contra cidadãos da República. Somos criminosos, mas também somos patriotas.

— Nós também.

— Patriotas?

— Criminosos.

— Não me digas? — Keller fumou em silêncio durante um momento. — Ouve, Nouredine, o que vocês lá fazem no vosso tempo livre não me interessa. Se querem fazer a jihad, força. Provavelmente, eu também faria a jihad se estivesse na vossa posição. Mas, se usarem as armas em solo francês, há grandes probabilidades de que o rasto conduza até ao meu patrão. E isso fá-lo-ia ficar extremamente insatisfeito.

— Pensava que *tu* é que eras o patrão.

Uma nuvem de fumo veio a ondular do outro lado da mesa. Os olhos de Keller humedeceram-se involuntariamente. Nunca gostara do cheiro de *Gauloises*.

— Vá, Nouredine. Promete-me que não vão usar as minhas armas contra os meus compatriotas. Promete-me que não me vão dar um motivo para vos perseguir e matar.

— Não estás a ameaçar-me, pois não?

— Isso nem me passaria pela cabeça. Só não quero que faças algo de que venhas a arrepender-te mais tarde. Porque, se te comportares corretamente, o meu patrão consegue arranjar-te tudo o que quiseres. Percebes?

O marroquino esmagou o seu cigarro lentamente.

— Ouve, *habibi*, estou a começar a perder a paciência. Vamos fazer negócio ou é melhor encontrar outra pessoa para me vender as armas? Alguém que não me faça tantas malditas perguntas.

Keller não disse nada.

— Onde é que elas estão?

Keller olhou de soslaio para ocidente.

— Espanha?

— Não tão longe. Eu levo-te lá, só nós os dois.

— Não, não levas. — Zakaria agarrou no telemóvel e, com uma segunda mensagem, convocou o *Citroën*. — Mudança de planos.

— Não gosto de mudanças.

— As mudanças são boas, *habibi*. Mantêm toda a gente alerta.

GRASSE, FRANÇA

Keller, conforme fora instruído, sentou-se no assento do passageiro com Nouredine Zakaria exatamente atrás de si. O marroquino indagou, em voz alta, se Keller queria colocar as mãos no tabliê, uma sugestão que Keller rejeitou, em dialeto corso, com algumas obscenidades insultuosas e um provérbio murmurado. Zakaria não se deu ao trabalho de perguntar se Keller tinha uma arma. Afinal de contas, Keller estava a fazer-se passar por um traficante de armas. Zakaria provavelmente presumiu que ele tinha um lança-granadas no bolso de trás.

O *Citroën* parou uma vez na periferia de Nice, apenas o tempo suficiente para que outro norte-africano entrasse rapidamente para o banco de trás. Era uma versão mais pequena de Zakaria, talvez um ou dois anos mais novo, com uma profunda cicatriz que lhe atravessava uma das maçãs do rosto. Muito provavelmente, Keller estava agora rodeado por três criminosos profissionais com ligações ao ISIS. Consequentemente, passou os vários minutos seguintes a coreografar a complexa sequência de movimentos que seriam necessários para se libertar do carro se a transação corresse mal.

Não estavam de acordo quanto ao caminho que deveriam seguir de Nice até ao seu destino. Zakaria queria usar a Autoroute A8, mas Keller convenceu-o que a D4, de duas vias, era uma opção melhor. Entraram onde a estrada começava, na praia perto do aeroporto, e seguiram-na até ao sopé dos Alpes Marítimos, atravessando Biot e Valbonne e, finalmente, os arredores de Grasse. Keller espreitou pelo espelho lateral. Aparentemente, não havia outros membros do gangue no seu encalço. Esta conclusão não lhe proporcionou qualquer conforto. A permuta final de dinheiro por bens era a parte mais perigosa de qualquer transação criminosa. Não era invulgar que uma das partes, comprador ou vendedor, acabasse com uma bala na cabeça.

O armazém da Companhia Olivícola Orsati, em Grasse, servia como principal centro de distribuição para toda a Provença. Contudo, tal como a maioria das instalações de Orsati, passava facilmente despercebida. Erguia-se numa estrada empoeirada denominada

Chemin de la Madeleine, num bairro industrial a nordeste do centro histórico da cidade. Keller premiu o código no teclado numérico do portão principal e entrou na propriedade a pé, seguido pelo *Citroën*. Em seguida, abriu a porta do armazém e conduziu Zakaria e o homem da cicatriz no rosto para o interior. Zakaria levava uma pasta de aço inoxidável. Provavelmente, continha uma soma de sessenta mil euros (três mil euros por cada arma de contrabando). Keller considerava-o um preço bastante justo. Acionou um interruptor e, sobre as suas cabeças, uma fila de luzes fluorescentes tremeluziu para a vida. As luzes iluminaram várias centenas de caixotes de madeira. Três continham armas, os restantes, azeite Orsati.

— Bem jogado — disse o marroquino.

— Esta é a parte — replicou Keller — em que me mostras o dinheiro.

Estava à espera da habitual discussão sobre o protocolo. Em vez disso, Zakaria colocou a pasta no chão de cimento, abriu as fechaduras de combinação e levantou a tampa. Notas de dez, de vinte, de cinquenta e de cem, todas presas com elásticos. Keller ergueu um dos maços até ao nariz. Cheirava vagamente a haxixe.

Keller fechou a pasta e gesticulou com a cabeça na direção do canto mais afastado do armazém. Zakaria e o segundo marroquino hesitaram e, depois, começaram a caminhar, com Keller alguns passos atrás, com a pasta a balouçar na mão esquerda. Por fim, chegaram a uma pilha ordenada de caixotes retangulares. Com um aceno de cabeça, Keller instruiu Zakaria para que removesse a tampa da caixa mais alta. No interior, havia cinco *AK-47* de fabrico bielorrusso. O marroquino retirou uma das armas e inspecionou-a cuidadosamente. Era óbvio que tinha bastante conhecimento de armas de fogo.

— Vamos precisar de munições. Estou interessado em adquirir cinco mil balas. É suficiente para a tua organização?

— Parece-me que sim.

— Esperava que fosse essa a tua resposta.

O marroquino voltou a colocar a *Kalashnikov* no caixote. Depois, entregou a Keller um pedaço de papel, dobrado ao meio.

— O que é isto?

— Considera-o uma pequena demonstração de boa vontade.

Keller desdobrou o papel e viu algumas linhas em francês, manuscritas a vermelho. Ergueu bruscamente o olhar.

— Porquê? — perguntou.

— Para me provares que não és da bófia. — O marroquino fez uma pausa, depois acrescentou: — Nem um espião.

— Pareço-te um espião?

— As aparências — disse Zakaria — iludem. — O seu olhar pousou no segundo marroquino, o que tinha a cicatriz na face. — Prova-me,

monsieur. Prova que és realmente um traficante de armas e não um espião francês.

— E se recusar?

— Então, é altamente improvável que saias daqui vivo.

O segundo marroquino encontrava-se a poucos metros de distância do ombro direito de Keller e Zakaria mesmo à sua frente, junto aos caixotes. Sorrindo, Keller permitiu que o pedaço de papel lhe escorregasse das pontas dos dedos. Enquanto o papel esvoaçava para o chão, já tinha sacado a *Tanfoglio* do fundo das costas. Apontou-a ao rosto de Nouredine Zakaria.

— Deveras impressionante — disse o marroquino. — E sempre a segurar no dinheiro. Mas se calhar não sabes ler assim tão bem.

— Sei ler perfeitamente. Também ouço bastante bem, E tenho a certeza de que acabaste de me ameaçar. Erro crasso, *habibi*. — Keller fez uma pausa, depois disse: — Fatal, na verdade.

Zakaria olhou de soslaio, nervosamente, para o segundo marroquino, que fez uma tentativa atabalhoada de puxar de uma arma do interior do casaco. O braço de Keller girou quarenta e cinco graus para a direita e, sem hesitar, premiu o gatilho da *Tanfoglio* duas vezes. O pum pum de um profissional treinado. Ambos os disparos atingiram o marroquino no centro da testa. Depois, voltou a girar o braço para a sua posição original. Se Zakaria tivesse permanecido imóvel, poderia ter colocado a Keller um dilema sobre como proceder. Em vez disso, tentou igualmente puxar da arma, tornando, assim, instintiva a decisão de Keller. Pum pum... Outro marroquino morto.

Keller devolveu a *Tanfoglio* ao cós das calças. Depois, recuperou o pedaço de papel do chão do armazém e leu novamente as palavras que Nouredine Zakaria escrevera a vermelho.

Mata o meu amigo ou mato-te.

Mudança de planos, pensou Keller. Colocou a pasta no chão do armazém, junto dos corpos, e dirigiu-se para o exterior, onde o terceiro marroquino estava sentado ao volante do *Citroën*. Keller bateu com o nó de um dedo na janela do lado do condutor e o vidro deslizou para baixo.

— Pareceu-me ouvir tiros — disse o marroquino.

— O teu amigo Nouredine insistiu em testar a mercadoria. — Abriu a porta. — Entra, meu amigo. Ele quer que vejas uma coisa.

Keller passou a noite num pequeno hotel próximo do Porto Velho de Cannes e, de manhã, alugou um carro com motorista para o levar até Marselha. Passavam alguns minutos das dez quando chegou; entrou no Sociétés Générale da Place de la Joliette e solicitou acesso ao seu cofre. As baterias do seu computador e telemóvel tinham-se esgotado há

muito. Carregou ambas no TGV para Paris e descobriu, na caixa de entrada do seu *e-mail*, várias mensagens não lidas de Vauxhall Cross, cujo tom denotava uma escala ascendente de alarme. Aguardou até estar em segurança a bordo do seu segundo comboio, um Eurostar com destino a Londres, antes de informar o seu diretor de divisão que estava a caminho de casa. Duvidava que a sua receção fosse agradável.

Não houve mais mensagens de Vauxhall Cross até ao momento em que o comboio se aproximava de St. Pancras International. Foi aí que recebeu uma transmissão insípida de seis palavras, declarando que seria recebido no átrio das chegadas. Veio a revelar-se que o seu comité de boas-vindas era constituído apenas por Nigel Whitcombe, o ajudante de campo, provador de comida e faz-tudo de aparência jovial de Graham Seymour. Whitcombe não disse uma palavra, enquanto conduzia Keller da Euston Street até uma fileira de casas do pós-guerra cobertas de fuligem, perto da estação de metro de Stockwell. Enquanto Keller subia o passeio do jardim, a agarrar a pasta de aço inoxidável que continha sessenta mil euros de dinheiro do ISIS, compôs o relatório verbal que faria, em breve, ao seu chefe. Conseguiu encontrar o agente do ISIS conhecido como o Escorpião e, conforme fora instruído a fazer, tentara fazer negócio com ele. Lamentavelmente, a primeira transação não decorrera como planeado, e três membros da célula do ISIS estavam, agora, mortos. À exceção disso, a sua primeira missão como agente dos Serviços Secretos de Sua Majestade decorrera sem percalços.

STOCKWELL, LONDRES

— Não podias ter falhado?

— Eu tentei — respondeu Keller. — Mas os malditos idiotas saltaram para a frente das minhas balas.

— E porque é que tinhas uma arma?

— Ponderei levar um ramo de narcisos, mas achei que uma arma seria melhor para o meu disfarce. Afinal de contas, eles tinham a impressão de que a minha profissão era vendê-las.

— Onde é que está agora?

— A arma? De volta à Córsega, calculo.

— E os corpos?

— Alguns quilómetros para oeste.

Seymour olhou desconsoladamente em redor da pequena sala de estar. Estava mobilada com o charme da sala de embarque de um aeroporto. A casa segura dificilmente poderia ser considerada uma das joias da coroa do MI6 (havia propriedades do Serviço muito mais grandiosas nas zonas exclusivas de Mayfair e Belgravia), mas Seymour usava frequentemente aquela, devido à sua proximidade relativamente a Vauxhall Cross. O sistema de gravação automática fora desativado há muito. Ainda assim, verificou o módulo de energia para se certificar de que o sistema não fora ligado por engano. Estava localizado num armário da cozinha. As luzes e os medidores de sinal estavam escuros e inanimados.

Fechou o armário e olhou para Keller.

— Tinham mesmo de morrer?

— Não eram exatamente pilares da comunidade, Graham. Para além disso, não tive muita escolha na matéria. Eram eles ou eu.

— Eu aconselharia o teu amigo, o *don*, a esfregar minuciosamente aquele armazém. O sangue deixa vestígios, sabias?

— Tens andado outra vez a ver o *CSI*?

Seymour não deu qualquer resposta.

— A polícia francesa nunca se atreveria a investigar o armazém — disse Keller —, os agentes estão na folha de pagamentos do *don*. É assim que as coisas funcionam no mundo real. É por isso que os tipos maus nunca são apanhados. Pelo menos, os que são espertos.

— Mas, ocasionalmente — disse Seymour —, até os espões são apanhados. E, quando envolve homicídio, às vezes vão parar à prisão.

— Define homicídio.

— O ato ilegal de matar outro...

— *Se quiséssemos ser escoteiros, tínhamo-nos juntado aos Escoteiros.*

Seymour ergueu uma sobrancelha.

— T. S. Eliot?

— Richard Helms.

— O meu pai odiava-o.

— Se quisesse o trabalho feito no estrito cumprimento das regras — disse Keller —, tê-lo-ias dado a um agente certinho que estivesse de olho no cargo de diretor de divisão. Mas, em vez disso, mandaste-me a mim.

— Pedi-te que te infiltrasses na célula, fazendo-te passar por um traficante de armas corso. Estou bastante convencido de que nunca te disse nada sobre matares três terroristas do ISIS em solo francês.

— Não era a minha intenção inicial. Mas não finjas que os meus métodos te perturbam, Graham. Já não estamos nesse ponto. A nossa história vem de há demasiado tempo atrás.

— Sim, é verdade — disse Seymour, em voz baixa. — Dos tempos de uma quinta em South Armagh.

Abriu a porta de outro armário e tirou uma garrafa de *Tanqueray* e uma segunda garrafa de água tônica. Em seguida, abriu o frigorífico e espreitou para o interior. Estava vazio, à exceção de duas limas ressequidas. As cascas estavam da cor de um saco de papel.

— Uma heresia.

— O quê?

— Um gim tónico sem lima. — Seymour agarrou num punhado de gelo do congelador e dividiu-o entre dois copos manchados. — As tuas ações têm consequências. A principal é o facto de o nosso único elo de ligação entre o atentado e a rede do Saladino jazer, agora, no fundo do Mediterrâneo.

— Onde não poderá matar mais ninguém.

— Às vezes, um terrorista vivo é mais útil do que um terrorista morto.

— Às vezes — concordou Keller relutantemente. — Onde é que queres chegar?

— Quero chegar ao facto — disse Seymour, entregando a Keller a sua bebida — de agora não termos outra opção senão partilhar o nome do Nouredine Zakaria com os nossos amigos da espionagem francesa.

— E o que é que dizemos aos franceses sobre o atual paradeiro do Nouredine?

— O mínimo possível.

— Se não te importares — disse Keller —, acho que vou saltar essa reunião.

— Na verdade, também não tenho qualquer intenção de ir falar com eles.

— Quem é que estás a planear enviar?

Quando Graham Seymour disse o nome, Keller sorriu.

— Ele sabe alguma coisa sobre isto?

— Ainda não.

— És um sacana diabólico.

— Está-nos no sangue. — Seymour deu um gole na bebida e franziu o sobrolho. — Não te ensinaram nada no Forte?

AVENIDA REI SAUL, TELAVIVE

Se existisse um registo oficial do assunto, que naturalmente não existia, teria revelado o facto de Gabriel Allon ter passado grande parte dessa mesma noite no Centro de Operações da Avenida Rei Saul. Da travessia de Christopher Keller para França (ou da reunião na casa segura de Stockwell) não sabia nada. Só tinha olhos para os monitores de vídeo, onde uma caravana de quatro camiões de carga se deslocava para oeste a partir de Damasco, na direção da fronteira com o Líbano. Um ecrã mostrava as imagens obtidas a partir do Ofek 10, um satélite espião israelita que pairava sobre a Síria a uma altitude elevada. Noutro, a vista era de uma câmara de vigilância do exército israelita colocada no topo do Monte Hérmon. Ambas as gravações recorriam à tecnologia de infravermelhos. Como resultado, os motores dos camiões cintilavam, brancos e quentes, contra um fundo negro. O Departamento sabia, de fonte segura, que a caravana continha armas químicas que se destinavam ao Hezbollah, como pagamento em género pelo apoio do grupo radical xiita ao sitiado regime sírio. Por motivos óbvios, não poderiam permitir que as armas chegassem ao destino pretendido, que era o armazém do Hezbollah no Vale do Beqaa.

O Centro de Operações era muito mais pequeno do que o dos seus homólogos ingleses ou americanos, mais espartano e utilitário, a sala de um guerreiro secreto. Havia uma cadeira reservada para o chefe e uma segunda para o seu subdiretor. Contudo, estavam ambos de pé; Navot com os braços pesados cruzados sobre o peito, Gabriel com uma mão no queixo e a cabeça ligeiramente inclinada para um lado. Os seus olhos verdes estavam fixos na imagem do Ofek. Não tinha agentes no terreno, não havia operacionais em risco. Ainda assim, estava tenso e inquieto. Era isto que significava ser chefe, pensou. O terrível fardo do comando. Por outro lado, não apreciava a ultramoderna parafernália tecnológica da operação dessa noite. Preferia, sobremaneira, enfrentar os seus inimigos a um metro de distância do que a um quilómetro.

Subitamente, foi assolado por uma memória. Era outubro de 1972, na Piazza Annibaliano, em Roma, a sua primeira missão. Um anjo

vingador à espera junto do elevador que funcionava com moedas, um terrorista palestino com o sangue de onze treinadores e atletas israelitas nas mãos.

— *Desculpe-me, mas o senhor é o Wadal Zwaiter?*

— *Não! Por favor, não!*

O toque característico do telefone do chefe arrastou Gabriel de volta para o presente. Navot esticou instintivamente o braço para o agarrar, mas deteve-se. Sorrindo, Gabriel levantou o auscultador até ao ouvido, ouviu em silêncio e desligou. Depois disso, ele e Navot colocaram-se de pé lado a lado, como Boaz e Jaquim, cada um deles a contemplar o ecrã.

Finalmente, Gabriel disse:

— A Força Aérea vai atingi-los assim que atravessarem a fronteira.

Navot assentiu com a cabeça, pensativamente. Esperar que a caravana chegasse ao Líbano eliminaria o risco de atingir por erro quaisquer forças russas ou sírias, reduzindo, assim, a probabilidade de começar a Terceira Guerra Mundial.

— Em que é que estavas a pensar agora mesmo? — perguntou Navot, após um momento.

— Na operação — respondeu Gabriel, surpreendido.

— Tretas.

— Como é que sabes?

— Estavas a premir o gatilho com o indicador direito.

— Estava?

— Onze vezes.

Gabriel ficou em silêncio durante um momento.

— Roma — disse, finalmente. — Estava a pensar em Roma.

— Porquê agora?

— Porquê, seja em que momento for?

— Achava que o tinhas baleado com a mão esquerda.

Gabriel observou a caravana de quatro camiões a deslocar-se para oeste a uma velocidade constante. Às nove horas e dez minutos, hora de Telavive, atravessou a fronteira para o Líbano.

— Oh, oh — disse Navot.

— Deviam ter verificado a rota — gracejou Gabriel.

Houve um crepitar na rede segura de comunicações e, alguns segundos mais tarde, dois mísseis atravessaram o ecrã num lampejo, da esquerda para a direita. Observadas através das câmaras de infravermelhos, as explosões foram tão brilhantes que Gabriel teve de desviar o olhar. Quando voltou a erguer os olhos, viu um único homem em chamas a fugir a correr da caravana despedaçada. Só desejava que se tratasse de Saladino. Não, pensou friamente enquanto deixava o Centro de Operações. É preferível a um metro de distância do que a um quilómetro.

Gabriel parou no escritório para ir buscar o casaco e a pasta, antes de se dirigir para o parque de estacionamento subterrâneo e deslizar para as traseiras do seu jipe blindado. Enquanto se aproximava da periferia de Jerusalém Ocidental, o seu telefone seguro tocou. Era uma chamada da Kaplan Street: o primeiro-ministro queria dar-lhe uma palavrinha. Durante noventa minutos, enquanto jantava frango *kung pao* e crepes, fez de Gabriel seu prisioneiro, interrogando-o sobre operações atuais e iminentes. O Irão era a sua principal obsessão, com a nova administração de Washington a vir em segundo lugar. A sua relação com o último presidente americano fora desastrosa. O novo presidente prometera estreitar os laços entre Washington e Israel e estava até a ameaçar deslocar, formalmente, a embaixada americana de Telavive para Jerusalém, uma iniciativa que, provavelmente, levaria a uma tempestade de protestos no mundo árabe e islâmico. Havia elementos na coligação do primeiro-ministro que queriam aproveitar as condições favoráveis para expandir rapidamente os colonatos judeus na Cisjordânia. A anexação estava no ar. Gabriel era a voz da prudência. Como chefe do Departamento, precisava da ajuda dos serviços de espionagem árabe em Amã e no Cairo para proteger a periferia de Israel. Para além disso, estava a fazer progressos importantes com os sauditas e com os emirados sunitas do Golfo, que temiam mais os persas do que os judeus. A última coisa que queria, agora, era um avanço unilateral sobre a frente palestina.

— Quando é que está a planear ir a Washington? — questionou o primeiro-ministro.

— Não fui convidado.

— Desde quando é que precisa de convite? — O líder israelita tentou pegar num crepe com dois pauzinhos e, fracassando, empalou-o. — Tem a certeza de que não quer um?

— Agradeço, mas não.

— E um pouco de frango?

Gabriel ergueu a mão defensivamente.

— Mas é *kung pao* — disse o primeiro-ministro, incrédulo.

Era quase meia-noite quando o jipe de Gabriel virou para a Narkiss Street. Outrora uma das ruas mais tranquilas da cidade, assemelhava-se, agora, a um campo militar. Havia controlos de segurança em cada ponta e, no exterior do velho prédio de calcário do número 16, havia um homem que mantinha guarda constante. À exceção disso, pouco mudara. O portão do jardim continuava a chiar ao abrir, um eucalipto demasiado grande continuava a dar sombra aos três pequenos

terraços, a luz das escadas continuava a ser verde enjoativa. Ao chegar ao patamar do terceiro andar, Gabriel encontrou a porta entreaberta. Entrou silenciosamente e viu Chiara sentada numa extremidade do sofá, com um livro aberto no colo. Retirou-lho suavemente da mão e olhou para a capa. Era uma edição italiana de um *thriller* americano de espiões.

— Não te fartas disto na vida real?

— Parece muito mais glamoroso quando ele escreve sobre isso.

— Como é que é o herói?

— Um assassino com consciência, um bocadinho como tu.

— Também é um restaurador de arte?

Ela fez uma careta.

— Quem é que conseguiria inventar uma coisa dessas?

Gabriel despiu o sobretudo e o *blazer* e atirou ambos, de modo provocador, para as costas de uma poltrona. Chiara abanou a cabeça lentamente, em sinal de desaprovação, e, lambendo a ponta do indicador, virou a página do seu livro. Envergava um par de calças de fato de treino cinzentas vulgares e um pulôver de forro polar contra o frio do inverno. Mesmo assim, com o seu longo cabelo indomável caído sobre um ombro, tinha uma aparência espantosamente bela. Chiara tinha, agora, perto de quarenta anos, mas nem o tempo nem o intenso stresse do trabalho de Gabriel tinham deixado marcas no seu rosto. Nele, Gabriel via vestígios da Arábia e do Norte de África e de Espanha e de todos os outros locais por onde os seus antepassados tinham vagueado antes de darem por si num antigo gueto judeu de Veneza. Mas, acima de tudo, eram os seus olhos que sempre o tinham fascinado. Eram cor de caramelo sarapintados de dourado, uma combinação que ele fora incapaz de reproduzir numa tela. Quando estavam felizes, enchiam-no de uma satisfação que ele jamais conhecera. E, quando estavam dececionados ou zangados, sentia-se como a mais reles criatura a caminhar sobre a Terra.

— Como é que estão os miúdos? — perguntou ele.

— Se os acordares... — Lambeu o indicador e virou outra página.

Gabriel descalçou os sapatos e, de meias, entrou no quarto das crianças. Dois berços estavam encostados, lateralmente, contra uma parede que Gabriel pintara com nuvens. Dois bebês, um menino e uma menina, com catorze meses de idade, dormiam, cabeça com cabeça, como tinham feito no útero da mãe. Gabriel debruçou-se na direção da filha, que se chamava Irene em honra da avó, mas parou. Ela era uma criatura da noite, que acordava facilmente, uma espia por natureza. Porém, Raphael conseguia dormir em quaisquer circunstâncias, mesmo sob o toque da mão do pai a meio da noite.

Subitamente, Gabriel apercebeu-se de que tinham passado três dias desde que vira, pela última vez, as crianças acordadas. Era chefe há

pouco mais de um mês e já perdera momentos importantes: a primeira palavra de Gabriel, os primeiros passos titubeantes de Irene. Prometera a si próprio que não seria assim, que não permitiria que o trabalho se intrometesse na sua vida pessoal. Era uma fantasia, obviamente; o chefe do Departamento não tinha vida pessoal. Não tinha família, não tinha outra esposa senão o país que jurara proteger. Não era uma sentença perpétua, assegurava a si próprio. Eram apenas seis anos. As crianças teriam sete no final do seu mandato. Haveria bastante tempo para as compensar. A não ser, claro, que o primeiro-ministro lhe impusesse uma continuação de funções. Calculou a idade que teria no final de dois mandatos. O número deprimiu-o. Era tão velho como Abrão. Ou Noé...

Saiu sorrateiramente do quarto das crianças e entrou na cozinha, onde a mesinha ao estilo de mesa de café fora preparada com o seu jantar. *Tagliatelle* com favas e queijo, um sortido de *bruschettas*, uma omeleta com tomate e ervas, tudo disposto como se se destinasse a ser fotografado para um livro de receitas. Gabriel sentou-se e colocou o telemóvel no centro da mesa, cautelosamente, como se fosse uma granada. Depois de aceitar o emprego como chefe, ponderara brevemente mudar-se com a família para um dos bairros residenciais dos arredores de Telavive, para estar mais perto da Avenida Rei Saul. Apercebia-se, agora, de que tinha sido melhor permanecer em Jerusalém para estar perto do gabinete do primeiro-ministro. Fora convocado para ir à Kaplan Street a meio da noite três vezes, uma delas porque o primeiro-ministro estava inquieto e necessitava de companhia. Tinham discutido o estado do mundo, enquanto viam um filme de ação americano na televisão. A cabeça de Gabriel tombara durante o desenlace e, ao amanhecer, fora conduzido de carro, com os olhos sonolentos, até à sua secretária.

— Vinho? — perguntou Chiara, segurando no ar uma garrafa de vinho tinto da Galileia.

Gabriel recusou.

— É tarde — disse ele.

Chiara colocou o vinho na bancada da cozinha.

— Como estava o primeiro-ministro?

— Invulgarmente interessado em assuntos asiáticos.

— Outra vez comida chinesa?

— *Kung Pao* e crepes.

— É muito coerente.

Chiara sentou-se diante de Gabriel e observou-o com apreço enquanto este enchia o prato.

— Não vais comer nada? — perguntou ele.

— Jantei há cinco horas.

— Come qualquer coisa, para eu não me sentir um absoluto cretino.

Ela pegou numa fatia de *bruschetta*, polvilhada com azeitonas cortadas e salsa, e mordiscou a ponta.

— Como é que correu o trabalho?

Ele encolheu os ombros evasivamente e enrolou o *tagliatelle* no garfo.

— Nem te atrevas — advertiu ela. — És o meu único contacto com o mundo real.

— O Departamento não é propriamente o mundo real.

— O Departamento — contrapôs ela — é o mais real que pode haver. Tudo o resto é faz-de-conta.

Contou-lhe uma versão pública, de Livro Branco, do ataque dessa noite à caravana, mas os lindos olhos de Chiara rapidamente se aborreceram. Preferia, muito mais, ouvir os mexericos do Departamento do que os detalhes das operações do Departamento. As disputas políticas, as batalhas mutuamente destrutivas, os casos românticos. Tinham passado muitos anos desde que deixara o serviço ativo e, mesmo assim, se tivesse oportunidade, regressaria ao terreno num abrir e fechar de olhos. Gabriel tinha demasiados inimigos para que tal acontecesse, inimigos que, anteriormente, tinham feito da sua família um alvo. E, portanto, Chiara tinha de se contentar com desempenhar o papel de primeira-dama. Ao contrário da esposa do chefe anterior, a intriguista Bella Navot, Chiara era imensamente querida pelas tropas.

— É assim que vai ser durante os próximos seis anos? — perguntou ela.

— O quê?

— Jantares à meia-noite. Tu a comeres, eu a ver.

— Sabíamos que ia ser difícil.

— Sim — disse ela distraidamente.

— É demasiado tarde para ter dúvidas, Chiara.

— Não são dúvidas. Simplesmente, tenho saudades do meu marido.

— Também tenho saudades tuas. Mas não há nada...

— Os Shamrons convidaram-nos para jantar amanhã à noite — disse ela subitamente.

— Amanhã à noite não dá. — Não explicou porquê.

— Talvez pudéssemos ir até Tiberíades no sábado.

— Talvez — disse ele, sem convicção.

Um silêncio pesado abateu-se sobre eles.

— Sabes, Gabriel, Deus nem sempre foi bondoso contigo.

— Não, não foi.

— Mas deu-te uma segunda oportunidade para seres pai. Não a desperdices. Não sejas um homem que vai e vem na escuridão. Isso é tudo quanto eles se vão lembrar. E não tentes justificar-te, dizendo a ti próprio que estás a protegê-los. Isso não é suficiente.

Nesse preciso momento, o seu telemóvel iluminou-se. Hesitantemente, premiu a palavra-passe e leu a mensagem de texto.

— O primeiro-ministro? — perguntou Chiara.

— Graham Seymour.

— O que é que ele quer?

— Falar comigo em privado.

— Cá ou lá?

— Lá — disse Gabriel.

Sem dizer mais nada, telefonou para a Avenida Rei Saul e ordenou à divisão de Viagens que tratasse dos preparativos necessários para aquela que seria a sua primeira viagem ao estrangeiro como chefe do Departamento. Havia um voo que saía do Ben Gurion às sete, chegando a Londres às dez e meia. Seria providenciado um espaço em primeira classe para Gabriel e para o seu destacamento. Os britânicos encarregar-se-iam da segurança do seu lado.

Com o itinerário completo, terminou a chamada e, erguendo o olhar, viu que Chiara desaparecera. Sozinho, fez uma segunda chamada para Uzi Navot e contou-lhe sobre os seus planos de viagem. Depois, ligou a televisão a terminou o jantar. Com um pouco de sorte, pensou, conseguiria dormir uma ou duas horas. Deixaria os seus filhos na escuridão, pensou, e regressaria na escuridão. Mantê-los-ia protegidos. E, como recompensa, talvez um dia eles se lembrassem do toque da sua mão a meio da noite.

JERUSALÉM – LONDRES

E foi assim que Gabriel Allon, tendo dormido de forma intermitente, se dormiu, deslizou para fora da cama e para o ventre do seu jipe blindado. Chegou ao Aeroporto Ben Gurion alguns minutos antes da partida do seu voo e, acompanhado por dois guarda-costas, embarcou pela área do asfalto adjacente ao avião. Não tinha bilhete, o seu nome não aparecia na lista de passageiros. Como regra, o *ramsad*, o chefe do Departamento, nunca fazia viagens internacionais utilizando o nome verdadeiro, mesmo que fosse para um destino razoavelmente amigável como o Reino Unido. Agentes hostis como os iranianos e os russos também tinham acesso aos registos de voo. Tal como os americanos.

Passou o voo de cinco horas a ler os jornais, um exercício bastante inútil para um homem que sabia demasiado, e, à chegada a Heathrow, entregou-se ao cuidado de uma equipa de boas-vindas do MI6. Enquanto viajava para o centro de Londres na parte de trás de uma limusina *Jaguar*, arrependeu-se brevemente de não ter atirado uma gravata para dentro da pasta. Fundamentalmente, fitou o exterior pela janela e lembrou as inúmeras vezes em que entrara furtivamente nessa cidade, usando diferentes nomes, hasteando diferentes bandeiras, combatendo diferentes guerras. A geografia de Londres era, para Gabriel, um campo de batalha. Hyde Park, Westminster Abbey, Covent Garden, a Brompton Road... Sangrara em Londres, sofrera em Londres e, em tempos, num apartamento seguro do Departamento na Bayswater Road, recitara votos de casamento secretos a Chiara, pois temia não sobreviver no dia seguinte. Tinha uma profunda dívida para com os serviços secretos britânicos. A Grã-Bretanha concedera-lhe um santuário no período mais sombrio da sua vida e protegera-o quando outro país poderia tê-lo atirado aos lobos. Em troca, lidara com a sua quota-parte de problemas em nome do Governo de Sua Majestade. Segundo os cálculos de Gabriel, o balanço estava, agora, aproximadamente equilibrado.

Finalmente, o carro virou para a Vauxhall Bridge e atravessou o Tamisa a alta velocidade na direção do templo de espionagem na margem oposta. No último andar, Gabriel atravessou o jardim inglês de um átrio e entrou no mais elegante escritório de todo o universo da

espionagem, onde Graham Seymour, rodeado de vários membros da sua equipa de chefias, aguardava para o receber. Seguiu-se uma ronda de apresentações, breve e superficial. Depois, as chefias foram saindo, lentamente, em fila indiana, e Seymour e Gabriel ficaram sozinhos. Durante um longo momento, avaliaram-se mutuamente, em silêncio. Não poderiam ser mais diferentes um do outro (em tamanho e forma, em educação, em orientação religiosa), mas o laço que os unia era inquebrável. Fora forjado durante numerosas operações conjuntas, dirigido contra um diversificado leque de alvos e inimigos. Terroristas jihadistas, o programa nuclear iraniano, um traficante de armas chamado Ivan Kharkov. Desconfiavam só um bocadinho um do outro. No ramo da espionagem, isso tornava-os melhores amigos.

— Então — disse Seymour finalmente —, que tal é a sensação de ser membro do clube?

— A nossa secção do clube não é tão grandiosa como a vossa — disse Gabriel, a olhar em redor do magnífico escritório. — Nem tão antiga.

— Não foi Moisés que enviou uma equipa de agentes para espiar a terra de Canaã?

— O primeiro fracasso de espionagem da História — disse Gabriel. — Imagina como poderiam ter sido as coisas para o povo judeu se Moisés tivesse escolhido outro pedaço de terra.

— E agora cabe-vos proteger esse pedaço de terra.

— O que explica porque é que o meu cabelo está mais grisalho a cada dia que passa. Quando era um miúdo a crescer no Vale de Jezreel, costumava ter pesadelos em que o país era invadido pelos nossos inimigos. Agora, tenho sonhos desses todas as noites. E, nos meus sonhos — disse Gabriel —, a culpa é sempre minha.

— Até eu tenho tido sonhos desses ultimamente. — Seymour fitou o outro lado do rio, na direcção do West End. — E pensar que teria sido pior se um proeminente negociante de arte não tivesse visto os terroristas a entrarem no teatro.

— Alguém que eu conheça?

— Na verdade — disse Seymour —, talvez. É proprietário de uma galeria de Grandes Mestres em St. James. Tem setenta e cinco anos embora não o confesse, mas continua a andar por aí na companhia de mulheres mais novas. Na verdade, era suposto ter jantado no Ivy, com uma rapariga que tinha metade da idade dele, na noite do atentado, mas a rapariga não apareceu. Foi a melhor coisa que lhe poderia ter acontecido. — Seymour olhou para Gabriel. — Ele não te referiu nada disto?

— Tentamos limitar os nossos contactos ao mínimo.

— Deves ter deixado marca nele. Agiu como um verdadeiro herói.

— Tens a certeza de que estamos a falar do mesmo Julian

Isherwood?

Seymour não conseguiu evitar sorrir.

— Tenho de dar crédito ao teu amigo Saladino — disse ele, passado um momento. — Dirigi a operação de forma extremamente eficiente. Até agora, só conseguimos identificar um outro indivíduo diretamente relacionado com a trama, um operacional em França que forneceu as espingardas automáticas. Enviei um dos nossos agentes para localizar esse operacional, mas infelizmente houve um pequeno contratempo.

— Que tipo de contratempo?

— Uma morte. Três, na verdade.

— Estou a ver — disse Gabriel. — E o nome do agente?

— Peter Marlowe. Cumpriu algum tempo de serviço na Irlanda do Norte. Costumava trabalhar no negócio do azeite, na Córsega.

— Nesse caso — disse Gabriel —, considera-te afortunado por só terem morrido três pessoas.

— Duvido que os franceses vejam as coisas assim. — Seymour fez uma pausa, depois acrescentou: — É por isso que preciso que fales com eles por mim.

— Porquê eu?

— Apesar do teu terrível historial em solo francês, conseguiste fazer alguns amigos importantes no seio dos serviços de segurança franceses.

— Não vão ser meus amigos durante muito tempo, se me misturar na tua operação desordenada.

Seymour não disse nada.

— E se aceitar ajudar-te? — perguntou Gabriel. — O que é que eu ganho com isso?

— A gratidão eterna dos Serviços Secretos de Sua Majestade.

— Vá lá, Graham, consegues fazer melhor do que isso.

Seymour sorriu.

— Por acaso, consigo mesmo.

Aproximava-se o entardecer quando Gabriel finalmente deixou Vauxhall Cross. Não o fez na parte de trás de uma limusina *Jaguar*, mas no lugar do passageiro de um pequeno *Ford hatchback*, pilotado por Nigel Whitcombe. O jovem inglês conduzia muito depressa e com a descontração lânguida de quem pilotava carros de corrida ao fim de semana. Gabriel equilibrou a sua pasta nos joelhos e agarrou-se firmemente ao apoio de braço.

— Onde é que ele vive agora?

— Temo que isso seja confidencial — respondeu Whitcombe sem vestígios de ironia.

— Então, talvez devesse estar de olhos vendados.

— Peço desculpa.

— Não faz mal, Nigel. Mas podes abrandar um pouco? Preferia não ser o primeiro chefe do Departamento a morrer no exercício de funções.

— Pensava que o senhor *estava* morto — disse Whitcombe. — Que tinha morrido na Brompton Road, à porta do Harrods. Foi o que escreveram no *Telegraph*.

Whitcombe soltou o acelerador, mas apenas ligeiramente. Seguiu a Grosvenor Road ao longo do Tamisa e, depois, dirigiu-se para norte, através de Chelsea e Kensington, para a Queen's Gate Terrace, onde finalmente parou no exterior de uma grande casa georgiana com cor de natas coalhadas.

— Isso *tudo* é dele? — perguntou Gabriel.

— Só os dois andares inferiores. Foi uma pechincha de oito milhões.

Gabriel observou a janela do primeiro andar. As cortinas estavam fechadas e parecia não haver luz no interior.

— Onde é que achas que ele está?

— Preferia não arriscar um palpite.

— Tenta ligar-lhe para o telemóvel.

— Ainda está a tentar perceber como usá-lo.

— O que é que isso significa?

— Vou deixar que seja ele a explicar-lhe.

Whitcombe digitou o número. Tocou várias vezes, sem resposta. Digitou o número uma segunda vez, com o mesmo resultado.

— Achas que há uma chave debaixo do tapete?

— Duvido.

— Então, acho que vamos ter de usar a minha.

Gabriel saiu do carro e desceu o curto lanço de escadas que conduzia à entrada da cave do duplex. Tentou o ferrolho; estava trancado. Whitcombe franziu o sobrolho.

— Pensei que tinha uma chave.

— E tenho. — Gabriel sacou uma ferramenta fina de metal do bolso da frente do sobretudo.

— Não pode estar a falar a sério.

— É difícil perder hábitos antigos.

— Talvez lhe custe acreditar — disse Whitcombe —, mas o «C» nunca transporta consigo uma gazua.

— Se calhar, devia.

Gabriel deslizou a ferramenta para o interior da fechadura e movimentou-a suavemente para trás e para a frente até o mecanismo ceder.

— E se houver um alarme? — perguntou Whitcombe.

— Tenho a certeza de que te vais lembrar de alguma solução.

Gabriel girou o ferrolho e abriu a porta alguns centímetros. Houve

apenas silêncio.

— Diz ao Graham que vou sozinho para casa hoje. Diz-lhe que lhe ligo de Paris assim que tiver resolvido a confusão com os franceses.

— E o seu destacamento de segurança?

— Trago comigo mais do que uma gazua para arrombar fechaduras — disse Gabriel, e entrou.

A porta dava para uma cozinha que seria tudo com que Chiara sempre sonhara. Um enorme espaço de bancada iluminado de forma requintada, uma ilha com um lava-louça de *chef*, dois fornos de convecção, um fogão a gás *Vulcano* com um exaustor de categoria profissional. O frigorífico era um *Sub-Zero* de aço inoxidável. No interior, havia várias garrafas de vinho rosé corso e um queijo temperado com alecrim, alfavaca e tomilho. Aparentemente, o proprietário ainda se encontrava em processo de adaptação.

Gabriel retirou um copo de vinho do armário e encheu-o com um pouco de rosé. Depois, apagou as luzes da cozinha e levou o vinho para a sala de visitas no andar superior. Estava mobilada apenas com uma cadeira com repouso-pés e uma televisão do tamanho de um *outdoor*. Gabriel dirigiu-se até à janela e, separando as cortinas, espreitou para a rua, onde um homem de sobretudo dispendioso estava, naquele momento, a sair da parte de trás de um táxi. O homem começou a subir os degraus de entrada da casa, mas deteve-se subitamente e disparou um olhar de soslaio na direção da janela onde estava Gabriel. Depois, virou-se para trás abruptamente e desceu o lance de escadas em direção à entrada da cave.

Alguns segundos mais tarde, Gabriel ouviu o som de uma porta a abrir-se e a fechar-se, o acionar de um interruptor e um palavrão sussurrado no dialeto dos nativos da Córsega. Era a cápsula de alumínio da garrafa de rosé. Gabriel deixara-a à vista, na bancada da cozinha. Um erro de amador, pensou.

Havia um pouco de luz que escoava da cozinha para a escadaria que conduzia ao andar superior, o suficiente para revelar, à contraluz, a silhueta do homem que apareceu, pouco depois, à entrada da sala de visitas, a segurar uma arma nas mãos esticadas. Contudo, na extremidade da divisão onde Gabriel se encontrava a escuridão era absoluta. Observou, enquanto o homem girava para a esquerda e depois para a direita, com os movimentos compactos de alguém que sabia esvaziar uma divisão de adversários fortemente armados. Então, o homem avançou furtivamente e, acionando um interruptor, inundou a sala de luz. Girou uma última vez, apontando a arma na direção de Gabriel, antes de baixar rapidamente o cano para o chão.

— Seu maldito idiota — disse Christopher Keller. — Tens sorte de

não te ter matado.

— Sim — disse Gabriel, sorrindo. — E não é a primeira vez.

KENSINGTON, LONDRES

— Uma *Walther PPK* — disse Gabriel, admirando a arma de Keller.
— Tão *Bond* da tua parte.

— É fácil de esconder e tem um poder de fogo impressionante. — Keller sorriu. — Um tijolo atirado contra uma janela de vidro laminado.

— Não sabia que os agentes do MI6 estavam autorizados a andar com armas de fogo.

— Não estamos. — Keller encheu um copo de vinho com o rosé e, depois, ofereceu a garrafa a Gabriel. — Queres?

— Vou conduzir.

Keller franziu o sobrolho e encheu o copo de Gabriel até restar apenas um centímetro de espaço vazio até à borda.

— Como é que entraste?

— Deixaste a porta destrancada.

— Tretas.

Gabriel respondeu honestamente.

— Um dia — disse Keller — vais ter de me ensinar a fazer isso.

Despiu o sobretudo *Crombie* e atirou-o, descuidadamente, para cima da bancada da cozinha. O seu fato era cor de carvão, a gravata era cor de prata oxidada. Tinha uma aparência quase respeitável.

— Onde é que estiveste? — perguntou Gabriel. — Num funeral?

— Numa reunião com o meu consultor de investimentos. Levou-me a almoçar ao Royal Exchange e informou-me de que o valor do meu património caiu mais de um milhão de libras. Graças ao Brexit, tenho estado a apanhar uma bela surra, ultimamente.

— O mundo é um lugar perigoso e imprevisível.

— Nem me digas nada — disse Keller. — O vosso cantinho começa a parecer uma ilha de paz e tranquilidade, principalmente agora que és tu a mandar naquilo. Desculpa não ter podido estar presente na tua festinha de tomada de posse. Estava ocupado na altura e não consegui escapar-me.

— No IONEC?

Keller fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Três meses de aborrecimento ininterrupto junto ao mar.

— Mas bem-sucedido — disse Gabriel. — Deixaste as sentinelas A4 esfrangalhadas. Nota recorde no exame final. Mas foi pena aquilo de França. Não foi forma de começar uma carreira.

— Olha quem fala. A tua carreira tem sido uma série de desastres, intercalados com a ocasional calamidade. E olha até onde é que isso te levou. Agora és o chefe.

— O Shamron dizia sempre que uma carreira sem controvérsia não é uma carreira como deve ser.

— Como é que está o velhote?

— Vai resistindo — disse Gabriel.

— É bastante parecido com Israel.

— O Shamron? Ele é Israel.

Keller acendeu um cigarro e soprou um jato de fumo na direção do teto.

— Isqueiro novo? — perguntou Gabriel.

— Não te escapa nada.

Gabriel tirou o isqueiro da mão de Keller e leu a inscrição.

— Não se esmerou lá muito.

— O que conta é a intenção — disse Keller. Depois perguntou: — O que é que ele te contou?

— Contou-me que te enviaram para França para descobrires a localização do marroquino que forneceu as *Kalashnikovs* para o atentado de Londres. Disse que conseguiste encontrar o marroquino numa questão de dias, apesar de a DGSI nunca ter conseguido sequer saber o nome dele. Insinuou que o teu antigo empregador, o inigualável Don Anton Orsati, poderá ter proporcionado um auxílio precioso. Não entrou em detalhes.

— Fez bem.

— Parece que te encontraste com esse marroquino, cujo nome era Nouredine Zakaria, num café em Nice e o levaste a crer que eras um traficante de armas corso. Para provares a tua boa-fé, aceitaste vender-lhe dez *Kalashnikovs* e dez *Heckler & Koch MP7s* pelo valor bastante razoável de sessenta mil euros. Infelizmente, o negócio não correu conforme planeado e pareceu-te necessário matar o Zakaria e dois dos seus parceiros, eliminando, assim, o único elo de ligação conhecido entre a rede do Saladino e o atentado de Londres. Analisando bem as coisas — disse Gabriel —, diria que excedeste os limites da tua missão.

— A merda acontece.

— Bastante. E agora cabe-me a mim limpar a trapalhada.

— Para que conste — disse Keller —, não foi ideia minha mandar-te falar com os franceses de chapéu na mão.

— Estás a confundir-me com outra pessoa.

— Com quem?

— Com alguém que tira o chapéu quando entra numa sala.

- Então, qual é o teu plano?
- Primeiro, vou pedir aos franceses tudo o que têm sobre o Nouredine Zakaria. E, depois — disse Gabriel —, vou convidá-los para se unirem à minha operação para encontrar o Saladino.
- À tua operação? Os franceses nunca vão cair nessa. E o Graham também não.
- O Graham deu autorização esta tarde. E também aceitou emprestar-te. Agora, trabalhas para mim.
- Filho da mãe — disse Keller, esmagando o cigarro. — Devia ter-te matado quando tive oportunidade.

Jantaram num pequeno restaurante italiano, próximo de Sloane Square, onde nenhum deles era conhecido. Depois, Gabriel apanhou, sozinho, um táxi para a embaixada israelita, que se situava numa esquina tranquila mesmo ao lado da High Street. O embaixador e o chefe de delegação ficaram desmedidamente satisfeitos de o verem, tal como os seus guarda-costas. No andar de baixo, na sala de comunicações segura (no léxico do Departamento, era conhecida como o Santíssimo Lugar) telefonou para o número privado do homem com quem precisava de se encontrar em Paris. A chamada encontrou-o na cama, no seu apartamento de solteiro pequeno e triste na Rue Saint-Jacques. Não ficou nada insatisfeito por ouvir o som da voz de Gabriel.

— Estava a pensar se terias um minuto ou dois para me dispensar amanhã.

— Tenho uma reunião com o meu ministro que vai durar toda a manhã.

— Os meus pêsames. Então, e à tarde?

— Estou livre depois das duas.

— Onde?

— Na Rue de Grenelle.

Em seguida, Gabriel ligou para a Avenida Rei Saul e informou o departamento de Operações de que iria prolongar a sua estadia no estrangeiro pelo menos mais um dia. A divisão de Viagens tratou dos preparativos. Sentiu-se tentado a passar a noite no velho apartamento seguro da Bayswater Road, mas os seus guarda-costas persuadiram-no a permanecer onde se encontrava. Tal como a maioria dos postos avançados do Departamento, este continha quatro pequenos quartos para momentos de crise. Gabriel estendeu-se na odiosa cama de campanha, mas o sono fugiu-lhe. Era a atração da operação, a pequena excitação de estar de volta ao terreno, mesmo que «o terreno» fosse, nesse momento, uma embaixada num dos bairros mais exclusivos do mundo.

Finalmente, nas horas que precederam a alvorada, o sono apoderou-se dele. Levantou-se às oito, tomou o pequeno-almoço com os agentes da delegação de Londres e, às nove, entrou para a parte de trás de um *Jaguar* do MI6 com destino ao Aeroporto de Heathrow. O seu voo era o 334 da British Airways. Embarcou no último minuto, acompanhado pelos guarda-costas, e ocupou o seu lugar em primeira classe junto à janela. Enquanto a aeronave levantava voo sobre o sudeste de Inglaterra, espreitou para baixo, para os campos verdes-acinzentados que se afundavam sob ele. Contudo, interiormente estava a observar um homem grande, de constituição poderosa e aparência árabe, a coxear através do átrio de um hotel em Washington. O cabelo poderia ser cortado ou pintado, o rosto poderia ser alterado com cirurgia plástica. Mas um coxear como aquele, pensou Gabriel, era para sempre.

RUE DE GRENELLE, PARIS

Dizia-se de Paul Rousseau que tinha tramado mais atentados do que Osama Bin Laden. Ele não contestava a afirmação, embora fosse rápido a assinalar que nenhuma das suas bombas tinha, de facto, explodido. Paul Rousseau era um praticante habilidoso da arte do engano a quem fora concedida a autoridade de tomar «medidas ativas» para retirar potenciais terroristas de circulação antes de os terroristas poderem tomar medidas ativas contra a República ou a cidadania. Os oitenta e quatro agentes do Grupo Alpha, a unidade de elite de Rousseau no interior da DGSI, não desperdiçavam recursos preciosos a vigiar suspeitos de terrorismo, a ouvir as suas chamadas ou a monitorizar as suas reflexões maníacas na Internet. Em vez disso, abanavam a árvore e esperavam que o fruto venenoso lhes caísse nas mãos. Noutro país, noutro momento, um defensor das liberdades civis poderia ter condenado os seus métodos por se tratarem quase de uma emboscada. Paul Rousseau também não teria contestado essa alegação.

Durante os primeiros seis anos de existência, o Grupo Alpha foi um dos segredos mais bem guardados de França e os seus agentes operaram com impunidade. Isso mudou no rescaldo do atentado em Washington, quando relatos da imprensa americana revelaram que Rousseau fora ferido no atentado com camiões-bomba ao Centro Nacional de Antiterrorismo, na região suburbana do Norte da Virgínia. Relatos subsequentes, principalmente nos meios de comunicação franceses, continuaram a detalhar alguns dos métodos mais repulsivos do Grupo Alpha. Houve operações comprometidas, confidentes identificados. O ministro do Interior e o chefe da DGSI responderam através da negação categórica da existência de tal unidade, denominada Grupo Alpha. Mas era tarde demais; o estrago estava feito. Discretamente, incentivaram Rousseau a abandonar o seu quartel-general anónimo na Rue de Grenelle e a deslocar a sua operação para o interior das paredes do quartel-general da DGSI, em Levallois-Perret. Contudo, Rousseau recusou-se a arredar pé. Nunca apreciara os subúrbios de Paris. E os seus agentes não poderiam executar devidamente os seus deveres se fossem vistos a entrar e a sair

do complexo amuralhado que ostentava um sinal que dizia MINISTÈRE DE L'INTÉRIEUR.

E portanto, apesar do nível elevado de ameaça, Paul Rousseau e o Grupo Alpha continuaram a combater a sua guerra silenciosa contra as forças do islamismo radical a partir de um elegante edifício do século dezanove no exclusivo sétimo *arrondissement*. Uma discreta placa de latão proclamava que o edifício albergava algo chamado Sociedade Internacional para a Literatura Francesa, um toque particularmente rousseauiano. Contudo, no interior do edifício todos os subterfúgios se esfumavam. A equipa de apoio técnico ocupava a cave; as sentinelas, o rés-do-chão. No segundo andar, ficava o transbordante Registo do Grupo Alpha já que Rousseau preferia dossiês de papel à moda antiga a ficheiros digitais, e o terceiro e quarto andares eram a reserva dos agentes operacionais. A maioria entrava e saía pelo pesado portão negro da Rue de Grenelle, a pé ou no carro oficial. Outros entravam por uma passagem secreta que ligava o edifício à desmazelada lojinha de antiguidades que lhe era vizinha, cujo proprietário era um idoso francês que desempenhara funções secretas durante a guerra na Argélia. Rousseau era o único membro do Grupo Alpha que fora autorizado a ler o aterrador processo do antiquário.

O quinto andar era austero, lúgubre e silencioso, a não ser pelo som de Chopin que, ocasionalmente, flutuava através da porta aberta de Paul Rousseau. Madame Treville, a sua martirizada secretária de longa data, ocupava uma ordenada secretária na antessala e, na extremidade oposta de um corredor estreito, ficava o escritório do jovem e ambicioso subdiretor de Rousseau, Christian Bouchard. Era crença firme no interior das instituições de segurança francesas que Bouchard assumiria o comando do Grupo Alpha se e quando Rousseau decidisse reformar-se. Tentara fazê-lo uma vez anteriormente, após a morte da sua amada Colette. O livro que esperava escrever, uma biografia de Proust em vários volumes, não era mais do que um amontoado de notas manuscritas. Atualmente, resignara-se ao facto de que a luta contra o terrorismo radical islâmico seria a obra da sua vida. Não era um combate que a França pudesse perder. Rousseau acreditava que estava em causa a própria sobrevivência da República.

Em Gabriel Allon, encontrara um parceiro solícito, embora improvável. A sua aliança constituíra-se na sequência da estreia de Saladino em Paris, o letal atentado à bomba no Centro Isaac Weinberg para o Estudo do Antissemitismo em França. Saladino não escolhera o alvo de ânimo leve; conhecia os laços secretos que uniam Gabriel à mulher que o dirigia. Também Paul Rousseau os conhecia, e, juntos, Gabriel e ele tinham infiltrado uma agente na corte de Saladino. A operação não conseguira evitar o atentado em Washington, mas acabara quase completamente com décadas de animosidade e

desconfiança entre o Departamento e os serviços de espionagem franceses. Uma consequência bem-vinda da nova relação era Gabriel ser agora livre de viajar por França sem medo de ser detido e julgado. O seu rol de pecados em solo francês, os assassinatos, os danos colaterais, tinham sido oficialmente perdoados. Tinha um estatuto tão legítimo quanto um espião profissional algum dia poderia ter.

As novas medidas de segurança rigorosas do Grupo Alpha exigiam que Gabriel se livrasse do seu carro oficial e da escolta perto da Torre Eiffel e que caminhasse sozinho o resto do percurso. Normalmente, entrava no edifício pelo portão da Rue de Grenelle, mas em vez disso, a pedido de Rousseau, entrou através da passagem da loja de antiguidades. Rousseau aguardava-o no quinto andar, na sala de conferências com paredes de vidro à prova de som. Envergava um casaco de *tweed* amarrotado que Gabriel vira muitas vezes antes e, como era habitual, estava a fumar cachimbo, uma violação à lei francesa que proibia o fumo de tabaco no local de trabalho. Gabriel era um não-fumador devoto. Ainda assim, havia algo na rebelião privada de Rousseau que considerava reconfortante.

Tirou uma fotografia da pasta e fê-la deslizar sobre o tampo da mesa. Rousseau olhou de soslaio para o rosto do sujeito e, depois, olhou abruptamente para cima.

— Nouredine Zakaria?

— Conhece-lo?

— Só de reputação. — Rousseau levantou a fotografia. — Onde é que arranjaste isto?

— Não é importante.

— Desculpa, mas é.

— Vem dos britânicos — cedeu Gabriel.

— De que agência?

— MI6.

— E porque é que o MI6 está subitamente interessado no Nouredine Zakaria?

— Porque foi o Nouredine que forneceu as *Kalashnikovs* para o atentado em Londres. O Nouredine é aquele a quem chamam o Escorpião.

Não existe pior sensação para um espião profissional do que ouvir algo de um agente de outro serviço que ele próprio já deveria saber. Paul Rousseau suportou esta indignidade enquanto recarregava lentamente o seu cachimbo.

— O que é que sabes sobre ele? — perguntou Gabriel.

— Trabalha para a maior rede de tráfico de droga da Europa.

— A fazer o quê?

— A forma educada de te responder é dizer que se encarrega da segurança.

— E a forma mal-educada?

— É um capanga e um assassino. A Police Nationale acredita que matou pessoalmente pelo menos doze pessoas. Não que o consigam provar — acrescentou Rousseau. — O Nouredine é o mais cauteloso possível. Tal como o seu patrão.

— Quem é esse?

— Cada coisa a seu tempo. — Rousseau levantou novamente a fotografia. — Onde é que arranjaste isto?

— Já te disse, dos britânicos.

— Sim, eu ouvi-te da primeira vez. Mas onde é que os britânicos a arranjaram?

— Não é importante.

— Desculpa — disse Rousseau —, mas é.

RUE DE GRENELLE, PARIS

— Estamos a falar exatamente de quantas armas?

— Acho que eram vinte.

— E como é que esse agente da espionagem inglesa conseguiu pôr as mãos em vinte *Kalashnikovs* e *HK*?

A expressão de Gabriel conseguiu transmitir simultaneamente ignorância e indiferença, ou algo entre as duas.

— E fez-se passar por corso? — perguntou Rousseau. — Tens a certeza disso?

— Isso é relevante?

— Talvez seja. Sabes que só alguém que tenha vivido na ilha durante muitos anos é que consegue imitar o modo de falar dos cursos.

Gabriel não disse nada.

— Esse agente britânico é teu amigo?

— Somos conhecidos.

— Deve ter uma excelente rede de contactos, para conseguir fazer uma coisa dessas. E ser bastante talentoso.

— Tem muito que aprender.

— Qual é o teu interesse neste assunto sujo? — perguntou Rousseau.

— O meu interesse— disse Gabriel — é o Saladino.

— O meu também. E é por esse motivo que vou contar até dez e conter a minha raiva. Porque é bastante possível que esse teu amigo britânico tenha conseguido provar algo de que eu suspeitava há muito tempo.

— O quê?

Rousseau não respondeu, pelo menos não diretamente. Em vez disso, adotou um ar professoral e fez um desvio para o passado, remontando-se ao esperançoso inverno de 2011. Na Tunísia e no Egito, dois regimes opressivos tinham sido varridos por uma súbita vaga de raiva e ressentimento popular. A Líbia tinha vindo depois. Em janeiro, tinha havido uma série de protestos devido à falta de habitação e à corrupção política, que rapidamente se tornou numa insurreição à escala nacional. Foi imediatamente evidente que

Muammar Kadhafi, o tirânico governante da Líbia, não seguiria o exemplo dos seus homólogos na Tunísia e no Cairo e não entraria nessa noite árabe com doçura. Governara a Líbia com mão de ferro durante mais de quatro décadas, roubando as suas riquezas petrolíferas e assassinando os seus oponentes, por vezes apenas para sua própria diversão. Como homem do deserto, sabia que destino o aguardava se caísse. E, portanto, mergulhou a sua nação virada do avesso numa tremenda guerra civil. Temendo um banho de sangue, o Ocidente interveio militarmente, com a França a assumir a liderança. Em outubro, Kadhaifi estava morto e a Líbia estava livre.

— E o que é que nós fizemos? Inundámos a Líbia de dinheiro e outras formas de assistência? Demos-lhe a mão, enquanto tentava fazer a transição de uma sociedade tribal para uma democracia ao estilo ocidental? Não — disse Rousseau —, não fizemos nada disso. Na verdade, não fizemos praticamente nada de nada. E o que é que aconteceu como resultado da nossa inação? A Líbia tornou-se mais um estado falhado e o ISIS ocupou o vazio.

O perigo de um porto seguro do ISIS no Norte de África, continuou Rousseau, era óbvio. Permitiria aos terroristas infiltrar combatentes e armamento na Europa Ocidental e, praticamente, realizar atentados sempre que desejassem. Porém, pouco meses depois da chegada do ISIS à Líbia, as forças policiais gregas e espanholas repararam noutra tendência preocupante. O fluxo de estupefacientes do Norte de África, principalmente haxixe vindo de Marrocos, cresceu para níveis sem precedentes. Para além disso, verificou-se uma alteração nas rotas tradicionais de contrabando. Quando, outrora, os gangues de droga se contentavam com traficar o seu produto através do Estreito de Gibraltar, usando um barquinho ou uma mota de água de cada vez (ou percorrendo, por via terrestre, o Egito e, depois, os Balcãs), agora, este chegava por via marítima em gigantescos navios de carga.

— Olha, por exemplo, para o caso do *Apollo*, um monte de ferrugem registado em nome grego e apreendido pela marinha italiana ao largo da Sicília pouco tempo depois de o ISIS se ter estabelecido na Líbia. Os italianos tinham recebido indicação por parte de um informador residente no Norte de África de que o navio continha um carregamento invulgarmente grande de haxixe. Mesmo assim, ficaram chocados com o que encontraram. Dezassete mil quilos, uma apreensão recorde.

Mas o *Apollo*, explicou Rousseau, foi apenas o início. Ao longo dos três anos seguintes, as autoridades europeias fizeram outras apreensões espantosas. Todos os navios tinham uma coisa em comum; todos tinham passado por portos líbios. E todas as rusgas se baseavam em indicações de informadores bem posicionados no Norte de África. Tudo contabilizado, mais de trezentos mil quilos de estupefacientes,

com um valor de mercado estimado de dois mil milhões e meio de euros, foram retirados de circulação. Então, os informadores, subitamente, pararam de falar, e as apreensões abrandaram até se tornarem um gotejar.

— Mas porquê? Porquê a mudança repentina da rota de contrabando? Porque é que os produtores estavam, subitamente, a forçar a entrada de quantidades astronómicas de mercadoria no mercado? E porque é que os informadores — perguntou Rousseau — deixaram de falar? Aqui em França, concluímos que havia um novo interveniente poderoso em cena. Alguém com o músculo necessário para assumir o controlo das rotas de contrabando. Alguém cujos métodos foram capazes de assustar os informadores para que se calassem. Alguém que estava disposto a arriscar a perda de toneladas de carga preciosa, porque estava mais interessado em ganhar uma enorme quantia de dinheiro o mais rapidamente possível. Concluímos que só havia um grupo com esse perfil.

— O ISIS.

Rousseau anuiu lentamente com a cabeça.

— A união entre o haxixe e o terrorismo — disse ele — é tão antiga quanto o próprio tempo. Como sabes, a palavra *assassino* deriva do árabe *hashashin*, os homicidas xiitas que atuavam sob o efeito de haxixe. O Hezbollah, os seus descendentes no Líbano, financiam parcialmente as suas operações através da venda de haxixe, grande parte dele a consumidores no teu país. E, quase desde o início, o ISIS tem sido um interveniente ativo no mundo da droga, principalmente através da imposição de taxas sobre o produto que é movimentado pelo território que controla. Atualmente, acreditamos que o Estado Islâmico assumiu o controlo de grande parte do comércio europeu de estupefacientes ilícitos. E a maioria dessas drogas circula através da organização de um homem. O homem para quem o teu amigo trabalha — acrescentou, batendo suavemente com os dedos na fotografia de Nouredine Zakaria.

O cachimbo de Rousseau tinha-se apagado. Para decepção de Gabriel, o francês esticou a mão para agarrar na sua bolsa de tabaco.

— O meu maior medo — continuou Rousseau — era que a relação fosse mais do que financeira, que o ISIS usasse a infraestrutura da rede de distribuição deste homem para levar a cabo atentados na Europa. Se o teu amigo britânico estiver correto, se o Nouredine Zakaria tiver fornecido as armas usadas em Londres, então parece que os meus receios se confirmaram. A questão é: estaria o Nouredine a agir sozinho? Ou terá contado com a bênção do patrão?

— Talvez devêssemos perguntar-lhe.

— Ao patrão do Nouredine? É mais fácil dizê-lo do que fazê-lo. Sabes — explicou Rousseau —, ele é um homem muito popular aqui

em França. Principalmente entre os ricos e bem relacionados. Jantam nos seus restaurantes e dançam nas suas discotecas. Dormem nos seus hotéis, compram nas suas boutiques e adornam os dedos e pescoços com objetos da sua linha exclusiva de joalheria. E sim, de vez em quando, fumam ou snifam ou injetam as suas drogas. O atual presidente francês é amigo pessoal dele. Tal como o ministro do Interior e muitos outros no seio das autoridades policiais francesas. Eles garantem que nunca são colocadas questões desconfortáveis e que as investigações nunca se aproximam demasiado do seu império empresarial.

— Ele tem um nome?

— Jean-Luc Martel.

— JLM?

Rousseau pareceu ficar genuinamente surpreendido.

— Conheces o nome?

— Passei muito tempo no teu país ao longo dos anos. É difícil não conhecer o Jean-Luc Martel.

— É uma celebridade e tanto, isso é verdade. Um dos nossos empresários mais bem-sucedidos. Mas é tudo um embuste. O verdadeiro negócio do Martel é a droga. — Rousseau ficou em silêncio durante um momento. — E, se eu dissesse estas palavras no escritório do meu ministro, ele expulsava-me do gabinete às gargalhadas. E, depois, apressar-se-ia a ir jantar ao novo restaurante do Martel no Boulevard Saint-Germain. Está na berra.

— Ouvi dizer que sim.

Rousseau sorriu involuntariamente.

— Talvez o Martel possa ser persuadido — disse Gabriel. — Com um apelo ao seu patriotismo.

— O Jean-Luc Martel? Impossível.

— Então suponho que temos de lhe dar a volta à maneira antiga.

— Como?

— Deixa isso comigo.

Houve um silêncio.

— E se conseguirmos? — perguntou Rousseau.

— Talvez isso nos conduza àquele de quem ambos andamos à procura.

— Sim — disse Rousseau. — Talvez, efetivamente. Mas o meu ministro nunca irá aprovar.

— Olhos de ministro que não veem, coração de ministro que não sente.

O francês fez um sorriso travesso.

— E as regras básicas?

— Iguais às da última vez. Uma parceria igualitária. Tenho autonomia no estrangeiro, tens poder de veto sobre tudo o que

acontecer em solo francês.

— E os britânicos?

— Vou precisar dos serviços daquele que fala francês como um corso.

— Quanto é que eu sei sobre o que realmente aconteceu com o Nouredine Zakaria e aquelas armas?

— Cerca de cinquenta por cento.

— Quero saber o resto?

— Nem pensar.

— Nesse caso — disse Rousseau — parece-me que temos um acordo.

Rousseau telefonou para o Ministério do Interior e pediu cópias de dois processos, um com o nome de Nouredine Zakaria, o outro com o nome do homem para quem ele trabalhava. O chefe do Registo, um *fonctionnaire* da melhor tradição francesa, levantou imediatamente problemas ao pedido. Porque é que Rousseau, cuja missão se restringia ao terrorismo jihadista, estava subitamente interessado num criminoso marroquino de pouca monta e num dos mais admirados empresários franceses? Era, assinalou o funcionário do Registo, uma combinação bastante estranha, como vinho tinto e ostras. Num gesto merecedor de reconhecimento, Rousseau não disse ao seu oponente que achava a sua analogia, no mínimo, infantil. Em vez disso, referiu que, como chefe de uma divisão da DGSI, apesar de ser uma divisão que, oficialmente, não existia, tinha o direito de ver praticamente todos os processos existentes no sistema francês. O funcionário do Registo capitulou rapidamente, embora tivesse insinuado que haveria um atraso de várias horas, pois os processos eram bastante volumosos. Desperdiçar o tempo valioso dos outros, pensou Rousseau, era a derradeira vingança de um burocrata.

Afinal, foi necessário ligeiramente menos de uma hora para localizar e copiar os ficheiros em questão. Um estafeta de mota do Grupo Alpha recolheu os documentos às quatro horas e cinquenta e dois minutos e, por um pequeno milagre, entregou-os na Rue de Grenelle onze minutos depois das cinco. Não houve qualquer contestação à hora; o segurança, uma contratação recente, fez uma anotação da mesma no seu livro de registos, como exigiam os novos protocolos do Grupo Alpha. O guarda fez uma rápida inspeção aos documentos (quinhentas páginas, unidas por dois cliques metálicos) antes de fazer sinal ao estafeta para que entrasse no edifício. Para bem da sua preparação física, o estafeta utilizou as escadas em vez do instável elevador e, passados treze minutos, colocou os documentos na secretária de Madame Treville. Aqui, uma vez mais, houve certeza absoluta relativamente às horas. Madame Treville apontou-as no seu

diário de secretária, que foi mais tarde recuperado.

Foi neste ponto que Christian Bouchard, sempre alerta para perigos ou oportunidades, espreitou, com a sua cabeça cuidada, para o exterior da sua toca e, vendo a pilha de ficheiros recentemente entregues na mesa de Madame Treville, caminhou até lá para dar uma olhada.

— JLM? Quem é que pediu isto?

— O Monsieur Rousseau.

— Porquê?

— Terá de lhe perguntar a ele.

— Onde é que ele está?

— Na sala de conferências segura. — Baixou a voz e acrescentou: — Com o israelita.

— O Allon?

Madame Treville assentiu com gravidade.

— Porque é que eu não fui incluído?

— O senhor estava a almoçar quando ele chegou. — Fez com que estas palavras soassem a acusação. — Monsieur Rousseau pediu-me para lhe entregar os ficheiros assim que chegassem. Talvez queira fazê-lo por mim.

Bouchard agarrou na pilha de papéis e carregou-a ao longo do corredor para a sala de conferências segura, onde encontrou Gabriel e Rousseau abstraídos numa conversa, atrás de uma parede de vidro à prova de som. Digitou o código na fechadura eletrónica, entrou e deixou cair os pesados processos sobre a mesa, como se estes fossem a prova de uma conspiração.

Foi aí, no instante em que as quinhentas páginas aterraram com um pesado estrondo, que a bomba detonou. Na verdade, a sincronização foi tal que Gabriel pensou, inicialmente, que tinham sido os próprios documentos a explodir, de alguma forma. Felizmente, viria a ter apenas uma vaga recordação do que sucedeu depois. Teve consciência de que estava a cair através de uma nevasca de vidro e alvenaria e sangue humano e de que Paul Rousseau e Christian Bouchard estavam a cair com ele. Quando finalmente parou, sentiu como se estivesse confinado ao seu próprio caixão. Os seus últimos pensamentos conscientes foram do seu funeral, um nó de enlutados em redor de uma sepultura aberta no Monte das Oliveiras, duas jovens crianças, uma filha chamada Irene em honra da avó, um rapaz que ostentava o nome de um magnífico pintor. Para eles, era um homem que fora e viera na escuridão. E à escuridão regressara.

SEGUNDA PARTE

UMA RAPARIGA ASSIM

PARIS – JERUSALÉM

Foi o papel (os dossiês, os relatórios de vigilância, as mensagens de texto e os *e-mails* intercetados, os históricos de casos) que expôs a verdadeira natureza da organização sigilosa alojada no interior do elegante edifício antigo da Rue de Grenelle. Durante várias horas depois do atentado, rodopiou pelas ruas do sétimo *arrondissement*, da Torre Eiffel aos Les Invalides, até aos jardins do Musée Rodin, ao sabor de um vento incerto. Houve numerosos relatos de polícias fardados e à paisana a recolherem freneticamente os documentos, até mesmo enquanto as equipas de resgate e os paramédicos estavam a retirar os sobreviventes atordoados dos destroços. Porém, ao início da noite, começaram a surgir no Twitter e noutras redes sociais fotografias de documentos recuperados, cada um deles exibindo o logótipo da DGSJ. O *Le Monde* foi o primeiro a contar a história, seguido, pouco depois, pelos restantes grandes meios de comunicação franceses. Finalmente, sem que lhe restasse outra alternativa senão a verdade, o ministro do Interior confirmou o óbvio. O alvo do segundo grande atentado em Paris em menos de um ano não fora uma obscura sociedade dedicada à promoção da literatura francesa; fora uma unidade secreta de elite da DGSJ cuja mesmíssima existência o ministro negara recentemente. Depois, pediu aos cidadãos da República que entregassem às autoridades todos os documentos recuperados e que cessassem a publicação de imagens dos mesmos na Internet. Muito poucos acataram o pedido.

Infelizmente, o escândalo político que se seguiu, e as muitas questões que rodeavam as táticas do Grupo Alpha, ofuscarão a precisão e a brutalidade friamente calculada do atentado em si. Havia simbolismo não só no alvo, mas também na forma de entrega da bomba: uma carrinha *Renault Trafic* branca, o mesmo modelo utilizado no atentado contra o Centro Isaac Weinberg para o Estudo do Antissemitismo em França, dez meses antes. Todavia, com apenas duzentos quilos, era bastante mais pequena do que o engenho do Centro Weinberg. Ainda assim, era comparável em termos de poder de explosão, o que sugeria aos especialistas que o fabricante de bombas de Saladino, quem quer que fosse, aperfeiçoara a sua arte. A força da

explosão deixou o quartel-general do Grupo Alpha em ruínas e danificou edifícios em várias centenas de metros ao longo da Rue de Grenelle. Quatro transeuntes que estavam a passar, por acaso, pela carrinha quando esta explodiu foram mortos de imediato, bem como uma mãe e a sua filha de seis anos, que estavam a entrar na farmácia do outro lado da rua. À exceção destes, os únicos óbitos foram de agentes do Grupo Alpha.

Da carrinha em si, não restou praticamente nada. Uma porta aterrou perto de uma *boucherie* na Rue Cler; uma porção do tejadilho, num parque infantil no Champ de Mars. Mais tarde, determinar-se-ia que o veículo fora dado como roubado três semanas antes, num subúrbio de Bruxelas, e que entrara em Paris vindo de noroeste pela A13. O local onde a bomba fora montada nunca seria determinado com fiabilidade. As autoridades francesas jamais conseguiriam sequer identificar o homem que estacionara a carrinha mesmo por baixo da janela do escritório de Paul Rousseau no quinto andar. Fora visto pela última vez a trepar para uma mota que lhe fora deixada na Praça de la Tour-Maubourg. A mota, tal como o homem, jamais seria encontrada.

Felizmente, metade da equipa do Grupo Alpha não se encontrava de serviço ou estava fora no cumprimento de alguma missão quando a bomba explodiu. Os atingidos com maior gravidade foram a equipa de apoio técnico e as sentinelas, cujos espaços de trabalho ocupavam a cave e o rés-do-chão. Perderam-se duas jovens do Registo, bem como nove dos mais experientes agentes do Grupo Alpha. Paul Rousseau e Christian Bouchard sofreram apenas ferimentos ligeiros, em parte devido ao facto de estarem no interior da sala de conferências segura no momento da explosão. Infelizmente, Madame Treville escolhera esse preciso momento para arrumar o desordenado escritório de Rousseau e fora exposta ao impacto total da detonação. Foi retirada ainda viva dos escombros, mas veio a falecer mais tarde, nessa mesma noite, enquanto o resto da França chafurdava em intrigas políticas.

Mas o escândalo não acabava ali. Efetivamente, no dia posterior ao atentado, surgiram questões sobre se as vítimas no interior do edifício se limitavam ou não a agentes do Grupo Alpha. A fonte da controvérsia foi um relato de que algumas testemunhas tinham visto dois homens (jovens, robustos e armados com pistolas) a vasculharem freneticamente os escombros no rescaldo imediato da explosão, enquanto repetiam aos gritos um nome. O nome era Gabriel, que, casualmente, era a versão em hebreu do nome do atual chefe dos serviços secretos israelitas. Isso deu azo a especulações sobre a possibilidade de o homem em questão, cuja história em França era longa e sórdida, estar no interior do edifício quando a bomba detonou. O ministro do Interior e o chefe da DGSJ negaram que ele tivesse estado presente, ou que tivesse, sequer, estado em França. Dado o

historial recente de ambos, as suas declarações foram recebidas com o ceticismo natural.

Na realidade, o homem em questão estivera, efetivamente, no interior do quartel-general do Grupo Alpha no momento do atentado e passara quarenta e cinco longos minutos enterrado nos escombros, dobrado e torcido como um contorcionista, antes de ser finalmente arrastado para o exterior pelos seus guarda-costas e uma equipa de resgate francesa. Ensanguentado e coberto de pó, foi levado para o hospital militar vizinho de Val-de-Grâce, onde foi cosido, remendado e tratado a várias costelas severamente partidas, duas vértebras fraturadas na região lombar e uma comoção cerebral grave. Os médicos recordariam que ele falara francês fluente, embora com um ligeiro sotaque, que fora infalivelmente educado, embora estivesse algo atordoado, e que recusara todos os medicamentos para as dores, apesar do intenso desconforto das suas lesões. No entanto, mais tarde, após uma visita dos agentes dos serviços secretos franceses, os médicos e enfermeiras de serviço negariam ter mantido qualquer contacto com ele.

Na verdade, permaneceu no hospital durante três dias, num quarto adjacente ao ocupado por Paul Rousseau e Christian Bouchard, cuidado por uma equipa conjunta de médicos franceses e israelitas e vigiado por uma equipa de guarda-costas de idêntica composição. Finalmente, depois de uma série de radiografias e ressonâncias magnéticas ter confirmado que era seguro deslocá-lo, foi vestido com um fato e camisa limpos e conduzido de ambulância para o Aeroporto Charles de Gaulle. Aí, depois de recusar todas as ofertas de ajuda, subiu um íngreme lanço de escadas, parando diversas vezes para descansar e recuperar o equilíbrio, e entrou na cabina da primeira classe de um avião a jato da El Al. Estava vazia, à exceção de uma bela mulher de cabelo escuro indomável. Baixou lentamente o corpo para se sentar ao lado dela, descansou a cabeça no seu ombro e fechou os olhos. O cabelo da mulher cheirava a baunilha. Só nesse momento teve a certeza de que estava vivo.

Após o seu regresso a Israel, Gabriel foi diretamente para a Narkiss Street e aí permaneceu, escondido, a maior parte da semana seguinte. No início, mantinha-se essencialmente na cama, erguendo-se apenas para apanhar os poucos minutos de sol de final de inverno que caíam todas as tardes sobre o pequeno terraço. A dor dos seus ferimentos, embora suportável, era imensa. Cada inspiração era um suplício e até o mais pequeno movimento era como se estivesse a espetar a ponta de um ferro em brasa na base da sua coluna. E, depois, havia os efeitos persistentes da comoção cerebral: a dor de cabeça crónica, a

sensibilidade à luz e ao som, a incapacidade para se concentrar durante mais do que um minuto ou dois. Estava mais confortável num quarto escuro, atrás de uma porta fechada. Quando estava a sós, com os seus pensamentos confusos como única companhia, afligia-se com a possibilidade de o seu estado ser permanente, de ter finalmente sofrido o ferimento que não conseguiria ultrapassar, de ter esgotado a capacidade que lhe fora concedida de se curar. De que nenhum retoque, por mais intenso, fosse capaz de lhe devolver a saúde. Em suma, de que o seu corpo fosse uma tela impossível de restaurar.

Porém, o resto de Israel desconhecia que o lendário chefe dos serviços secretos jazia incapacitado numa cama, com quatro costelas partidas, duas vértebras rachadas e uma enxaqueca descomunal. Sim, houve rumores, alimentados principalmente pela imprensa francesa, mas foram silenciados com catorze segundos de um vídeo divulgado pelo gabinete do primeiro-ministro e emitido na televisão israelita. Mostrava, alegadamente, uma reunião na Kaplan Street. Nele, o primeiro-ministro exibia um sorriso satisfeito e uma gravata azul; Gabriel estava vestido de cinzento e não apresentava quaisquer sinais de ferimentos. O vídeo fora gravado pouco depois de ele se ter tornado chefe e reservado para uma ocasião como aquela. Havia igualmente outros vídeos, com roupas diferentes e condições de iluminação diversas, para o caso de Gabriel alguma vez sentir necessidade de passar um período significativo longe do olhar do público. O próprio Gabriel era consciente de que esse momento tinha chegado muito antes do previsto. O chefe do Departamento quase morrera num atentado friamente calculado ao quartel-general de um amigo de confiança e aliado na guerra contra o terrorismo. Por conseguinte, o chefe não tinha outra opção senão retaliar. Eram essas as regras da vizinhança. Gabriel não delegaria a outros a tarefa da vingança. Também não atacaria alvos insignificantes nos desertos do Iraque e da Síria. O seu alvo era um homem. Um homem que construía uma rede de morte que sitiara as grandes cidades do mundo civilizado. Um homem que estava a financiar as suas operações através da venda de estupefacientes na Europa Ocidental. Encontraria esse homem e varrê-lo-ia da face da terra. Seria detalhista na sua abordagem, meticuloso. Pois não havia nada mais perigoso, pensou, do que um homem paciente.

Mas não podia travar uma guerra contra o seu inimigo sem um corpo e um cérebro. A dor recuava gradualmente, como a água de uma grave inundação, mas os seus pensamentos continuavam um emaranhado. A operação estava algures lá fora, sabia-o, mas o enredo e as personagens principais estavam perdidos no nevoeiro da comoção cerebral. Decidiu que era necessário exercitar-se vigorosamente, não a nível físico, mas mental, portanto recorreu aos velhos jogos de

memória de Shamron e, na sua cabeça, releu densas monografias sobre Ticiano, Bellini, Tintoretto e Veronese. O esforço fatigava-o (afinal de contas, era exercício), mas, paulatinamente, os contornos da operação começaram a tornar-se mais nítidos, para seu alívio. Apenas o desfecho lhe escapava. Via um homem abastado arruinado, exposto ao escárnio público e disposto a cumprir as suas ordens. Mas, como conseguiria manobrar o homem até chegar a esse ponto? Paulatinamente, foi relembrando. Cuidado com a fúria de um homem paciente.

O seu sono era perturbado pela dor, bem como por pesadelos em que caía através de um tufão de alvenaria, vidro e sangue. Apesar disso, acordou cedo na quarta manhã para descobrir que a dor de cabeça desaparecera e que os seus pensamentos se tinham tornado claros. Levantou-se antes de Chiara e das crianças, foi para a cozinha e fez café, que bebeu enquanto via as notícias na televisão. Depois disso, entrou furtivamente na casa de banho e confrontou o seu reflexo no espelho. De um ponto de vista objetivo, a imagem era perturbadora. O lado esquerdo do rosto estava razoavelmente intacto, mas o direito (o lado que estivera virado para o impacto total da explosão) era uma história completamente diferente. O olho estava escuro e inchado, e havia numerosos pequenos cortes e escoriações deixados pelo vidro e destroços esvoaçantes. Não era o rosto de um chefe, pensou; era o rosto de um vingador. Encheu o lavatório com água a esquentar e, lenta e dolorosamente, fez a barba de uma semana no queixo e nas maçãs do rosto. Cada vez que a lâmina passava pela sua pele, sentia uma descarga de dor na base da espinha, e um espirro, completamente inesperado, deixou-o curvado sobre si próprio durante vários segundos de agonia.

Depois de ter tomado um duche, regressou ao quarto para descobrir que Chiara já se levantara. Vestiu um par de calças impermeáveis e uma camisa sentindo, apenas, um nível mínimo de dor, mas o esforço de apertar os sapatos de vela quase o conduziu novamente para o santuário da sua cama. Sorrindo firmemente para esconder o desconforto, foi para a cozinha, onde Chiara estava a preparar uma cafeteira fresca de café.

— Já te sentes bem? — Entregou-lhe uma chávena de café e olhou-o de cima a baixo. — Por favor, não me digas que estás a pensar em ir para a Avenida Rei Saul.

Honestamente, estava. Mas o tom de voz de Chiara levou-o a reconsiderar.

— Na verdade — disse ele —, estava com esperança de passar algum tempo com os miúdos e queria parecer novamente uma pessoa, em vez de um paciente.

— Deste bem a volta à questão — disse Chiara, ceticamente. Nesse

preciso momento, um chilrear de gargalhadas veio do quarto das crianças. Ela sorriu e sussurrou: — E assim começa o dia.

Ele mostrou corajosamente que queria cumprir a sua palavra. Ajudou Chiara a vestir as crianças, uma atividade que lhe infligiu uma quantidade considerável de dores, e supervisionou a caótica luta de comida também conhecida como pequeno-almoço. Passou o resto da manhã a jogar jogos, a ler histórias, a ver vídeos educativos e a mudar um desfile interminável de fraldas sujas. Entretanto, perguntava-se como é que Chiara conseguia tratar dos filhos sozinha, dia após dia, sem colapsar de exaustão ou perder o juízo. Dirigir um dos mais desafiantes serviços de espionagem do mundo parecia, subitamente, uma atividade bastante trivial em comparação com esta.

A hora da sesta foi um oásis. Gabriel também dormiu e, quando acordou, foi para o terraço para aquecer o corpo exausto sob o sol de Jerusalém. Contudo, desta vez levou consigo uma pilha de material de leitura: as quinhentas páginas do processo de Jean-Luc Martel que trouxera consigo de França. Martel fora alvo do interesse francês, intermitentemente, ao longo de mais de uma década. E, mesmo assim, com exceção de dois problemas menores relacionados com o não pagamento de impostos, ambos resolvidos longe do domínio público, a sua reputação continuava a ser irrepreensível. A mais recente investigação ao seu império empresarial tivera lugar dois anos antes. Fora iniciada depois de um traficante de droga de nível intermédio se ter oferecido para testemunhar contra Martel em troca de uma redução da sua pena de prisão. No final, o caso foi arquivado por falta de provas, embora o chefe da investigação, um homem com um carácter inatacável, se tenha reformado antecipadamente em protesto. Talvez não por coincidência, o traficante de droga cuja acusação dera início à investigação foi, mais tarde, encontrado morto na sua cela de prisão, com a garganta cortada.

A investigação produziu resmas de interceções de comunicações (algumas obscenas, muitas prosaicas, todas insignificantes) e várias centenas de fotografias de vigilância. Rousseau enviou, com o processo, uma amostragem das melhores. Havia Jean-Luc Martel no Festival de Cinema de Cannes, Jean-Luc Martel na Bienal de Veneza, Jean-Luc Martel na primeira fila da Semana da Moda em Nova Iorque, Jean-Luc Martel no seu iate de quarenta e cinco metros no Mediterrâneo, Jean-Luc Martel na Rue de Rhône em Genebra e Jean-Luc Martel na inauguração de gala do seu novo restaurante em Paris, que foi um sucesso porque, de acordo com uma estimativa, gastara uns descontraídos cinco milhões de euros para se assegurar de que todas as celebridades francesas relevantes estavam presentes, juntamente com uma estrela americana de *reality shows* que era famosa por ser famosa e dois artistas de *hip-hop* americanos que

tinham coisas desagradáveis para dizer sobre o tratamento dado pela França às minorias raciais.

Martel não estava sozinho em nenhuma das fotografias; a mulher estava sempre com ele. A mulher invulgarmente alta e de membros longos, com enormes olhos azuis e cabelo louro nórdico que caía a direito sobre os seus ombros quadrados. Não era francesa, mas inglesa; era curioso, pois Martel era um defensor acérrimo de todas as coisas gaulesas. O seu nome não dizia nada a Gabriel, mas o rosto perfeito era-lhe vagamente familiar. Uma pesquisa normal na Internet produziu mais de quatro mil imagens altamente profissionais. Anúncios de roupa. De joias. De uma linha exclusiva de relógios de pulso. De perfume. De fatos de banho. De um carro desportivo italiano de duvidosa fiabilidade. No entanto, tudo isso era passado. Atualmente, era a proprietária oficial de uma conceituada galeria de arte na Place de l'Ormeau, em Saint-Tropez, contra a qual as autoridades francesas não tinham encontrado nada. Uma pesquisa adicional de documentos e notícias publicamente disponíveis revelou que era uma condutora atroz, que fora detida duas vezes com acusações menores relacionadas com droga e que estivera envolvida numa série de relações amorosas questionáveis: futebolistas, atores, um membro do Parlamento, uma estrela de *glam rock* envelhecida que dormira com todas as outras modelos da Grã-Bretanha. Nunca fora casada, não tinha filhos, nem pais, nem irmãos. Estava, pensou Gabriel, sozinha no mundo.

Na maioria das fotografias de vigilância, o seu olhar estava desviado, o rosto virado para baixo. Mas numa delas, tirada na Île Saint-Louis, em Paris, fora apanhada a fitar diretamente a objetiva da máquina fotográfica. Foi essa fotografia que Gabriel mostrou a Uzi Navot, já tarde nessa noite, na pequena mesa da cozinha de Gabriel. Era quase meia-noite; Navot, que passara a maior parte da última década numa ou noutra dieta da moda, estava a devorar lentamente os restos do jantar de Chiara. Entre dentadas, estudou cuidadosamente a fotografia. Como ex-recruta e coordenador de agentes, tinha um olhar apurado para o talento.

— É problemática — disse ele. — A evitar.

— Achas que sabe onde é que o seu namorado famoso realmente arranja o dinheiro?

— Uma rapariga assim... — Navot encolheu os ombros pesados. — Sabe. Sabem sempre.

— A galeria está em nome dela.

— Estás a pensar ser agressivo com ela?

— Não é a minha primeira escolha, mas nunca devemos limitar as nossas opções.

— O que é que *estás* a pensar?

Gabriel explicou, enquanto Navot terminava os últimos resquícios de comida.

— Vais precisar de um traficante de armas russo — disse Navot.

— Já tenho um.

— É casado, ou anda à caça?

— É casado — disse Gabriel. — Muito casado.

— Com quem?

— Com uma rapariga francesa simpática.

— Alguém que eu conheça?

Gabriel não respondeu. Navot fitou a fotografia da bela mulher de longas pernas.

— Uma rapariga assim não vai sair barata — disse ele. — Vais precisar de dinheiro.

— Eu sei onde é que podemos arranjar dinheiro, Uzi. — Gabriel sorriu. — Muito dinheiro.

AVENIDA REI SAUL, TELAVIVE

Passariam outras setenta e duas horas até Jean-Luc Martel, hoteleiro, empresário da restauração, de roupa, de joalheria, e comerciante internacional de estupefacientes ilícitos, se tornar alvo de vigilância a tempo inteiro por parte do Departamento, juntamente com Olivia Watson, a sua «não-exatamente» esposa. O atraso teve a ver com a sua localização e a estação do ano. A sua localização era a encantada ilha das Caraíbas de Saint Barth e a estação do ano era o final do inverno, o que significava que não havia uma *villa* para alugar, nem um quarto de hotel para reservar no *resort* inteiro. Sob a implacável pressão de Gabriel, a divisão de Viagens finalmente conseguira pôr as mãos numa cabana infestada de mosquitos com vista para os pântanos salgados de Saline. Mordecai e Oded, dois agentes de campo que eram pau para toda a obra, instalaram-se pouco depois, acompanhados por duas agentes do sexo feminino que falavam inglês americano. Os franceses não contribuíram com pessoal, apesar do facto de, teoricamente, se tratar de solo francês. O Grupo Alpha de Paul Rousseau não estava em condições de operar contra ninguém; ainda estava a fazer o luto pelos seus mortos e à procura de um novo quartel-general clandestino em Paris. E, para o resto da França oficial (os vários ministros, os diretores de espionagem e dos serviços de segurança, a polícia e os procuradores), não *existia* qualquer operação.

Contudo, o alvo dessa operação inexistente não tinha dificuldades em encontrar alojamento em Saint Barth. Era proprietário de uma enorme *villa* nas colinas acima da povoação de Saint-Jean, de onde conseguia contemplar o seu hotel de luxo, a sua boutique especializada em roupa de praia para senhora, e o seu restaurante, chamado Chez Olivia. O primeiro lote de fotografias de vigilância mostrava-a nua, estendida junto da piscina, na *villa* de Martel. O seguinte captava-a em várias fases, enquanto se despia. Gabriel aconselhou a equipa a dedicar a energia a mais do que fotografias. Já sabia qual era a aparência de Olivia Watson; o que queria era espionagem a sério. Foi recompensado com outra fotografia, dessa feita de Martel em flagrante delito com uma das vendedoras da sua boutique. Gabriel guardou a fotografia em segurança, embora tivesse

dúvidas quanto ao seu potencial impacto. Quando uma mulher entrava numa relação com um francês, especialmente um tão bem-parecido como Jean-Luc Martel, a infidelidade fazia parte do acordo. Interrogava-se, apenas, se Olivia Watson se regia pelo mesmo conjunto de regras.

Permaneceriam em Saint Barth durante os dez dias seguintes, desconhecendo que, a vários milhares de quilómetros de distância, num bloco de apartamentos anónimo em Telavive, as suas vidas estavam a ser alvo de um escrutínio contínuo, embora sigiloso. Eli Lavon, um investigador financeiro habilidoso, esquadrinhou a JLM Enterprises, cuja sede, apesar de todo o seu chauvinismo, ficava logo após a fronteira, na sigilosa Genebra. Com a ajuda da Unidade 8200, o serviço de espionagem ultrassecreta de sinais e códigos de Israel, Lavon estudou cuidadosamente os balancetes e registos fiscais de JLM à sua vontade, os quais revelaram que a empresa era, de facto, altamente lucrativa. Anormalmente lucrativa, na opinião de Lavon, que tinha um olho altamente treinado para detetar dinheiro sujo. Depois, analisou a empresa unidade por unidade. Os restaurantes, os hotéis, as discotecas, as boutiques e as lojas de joalharia. Todas tinham um balanço financeiro positivo, um golpe de sorte verdadeiramente notável durante um período global de crescimento económico lento. O mesmo poderia dizer-se da Galeria Olivia Watson, em Saint-Tropez. Efetivamente, enquanto o resto do mundo da arte passava por dificuldades no mercado posterior à Grande Recessão, a Galeria Olivia Watson vendera mais de cento e setenta milhões de euros em arte, apenas durante os últimos dezoito meses.

— Calder, Pollock, Rothko, Basquiat, três obras de Roy Lichtenstein, outras três de Kooning, dois Rauschenbergs e mais Warhols do que seria capaz de contabilizar.

— Deveras impressionante — disse Gabriel.

— Principalmente, se tiveres em conta os preços a que está a conseguir vendê-los. Comparei-os com as vendas em casas de leilões de Nova Iorque e Londres.

— E?

— Não estão nem próximos.

— Talvez seja uma boa negociante — disse Gabriel.

— Posso dizer-te uma coisa. É discreta. Quase todas as vendas são totalmente privadas.

— Conseguiste encontrar alguma guia de remessa?

— Na verdade, consegui.

— E?

— Durante os últimos seis meses, enviou quatro quadros para a mesma morada no Freeport de Genebra.

Inicialmente, Lavon conduziu a investigação a partir do seu

escritório no último andar. Mas, depois de o anzol ter sido lançado, reuniu os seus ficheiros e migrou pelo edifício para a zona inferior, a atulhada sala subterrânea conhecida como Sala 456C. Os restantes membros da antiga equipa do Barak juntaram-se a ele pouco tempo depois. Havia o alto e quase careca Yossi Gavish, com o seu hebreu de sotaque britânico e ar erudito, e Rimona Stern, de cabelo louro, ancas largas e língua ácida. Yaakov Rossman, o ex-agente de rosto bexigoso que era agora o chefe das Operações Especiais, reivindicou o seu antigo lugar na mesa comum, junto ao último quadro de ardósia de toda a Avenida Rei Saul. Dina Saris, a base de dados ambulante do Departamento sobre terrorismo palestino e islâmico, ocupou o seu lugar habitual no canto mais distante. Na parede vazia sobre a sua secretária, pendurou uma ampliação da última fotografia conhecida de Saladino, a fotografia de vigilância tirada na zona das Três Fronteiras, na América do Sul. A mensagem para os outros era inconfundível. Jean-Luc Martel e Olivia Watson eram meros pontos de partida. O prémio derradeiro era Saladino.

Gabriel, com as costas e costelas doridas, não precisava que lho relembrassem. Ocasionalmente, assomava à porta para verificar o progresso da equipa, mas permanecia a maior parte do tempo no último andar e caminhava sobre uma corda bamba administrativa: chefe num minuto, homem de campo e planificador no seguinte. Desde os dias de Ari Shamron que um diretor-geral não controlava tão de perto uma operação. Ainda assim, os restantes assuntos diários do Departamento (a miríade de operações menores, o recrutamento em curso, a análise e avaliação de atuais ameaças) prosseguia normalmente, graças à presença de Uzi Navot logo do outro lado do corredor. Era a viagem inaugural da sua nova parceria e descolara sem qualquer percalço. Navot até acompanhou Gabriel a uma reunião com o primeiro-ministro, embora, ao contrário de Gabriel, se tivesse mostrado impotente para resistir ao frango *kung pao*.

— É o sal — confessou enquanto saíam em fila indiana da Kaplan Street. — Até comia o meu sapato se fosse frito em óleo e coberto de molho de soja.

Enquanto Eli Lavon investigava a fundo o duvidoso conglomerado do setor hoteleiro conhecido como JLM Enterprises, Yossi Gavish e Rimona Stern centraram os seus esforços na pessoa de Jean-Luc Martel. A história do seu início humilde fora contada muitas vezes. Nunca se esforçou por ocultá-lo; era, tal como a sua juba de cabelo quase negro, parte do seu charme. Enquanto criança, vivera numa aldeia ínfima nas colinas da Provença. Era o tipo de local, narrava ele muitas vezes, pelo qual os ricos e bonitos passavam a caminho do mar. O pai montava azulejos em casas, a mãe varria-os e limpava. Ela era parte argelina, pelo menos era esse o rumor que circulava pela aldeia.

O pai de Jean-Luc espancava-a frequentemente. Também espancava Jean-Luc. O pai desapareceu quando Jean-Luc tinha dezassete anos. Alguns meses mais tarde, o seu corpo foi descoberto no fundo de uma ravina isolada, a alguns quilómetros da aldeia. O crânio estava desfeito, traumatismo por lesão contundente, provavelmente com um martelo. No seio das agências policiais francesas, era amplamente considerado como o primeiro homicídio de Jean-Luc Martel.

Em conferências de imprensa, Martel falava frequentemente do facto de ter sido um estudante pobre e malcomportado. A universidade não era uma possibilidade, portanto aos dezoito anos, encaminhou-se para Marselha, onde começou a trabalhar a servir à mesa num restaurante perto do Porto Velho. Estudou cuidadosamente o negócio (ou assim rezava a história) e conseguiu juntar dinheiro suficiente para abrir o seu próprio restaurante. Com o tempo, abriu um segundo, depois um terceiro. E assim nasceu um império.

No entanto, as quinhentas páginas do processo do francês contavam uma versão bastante diferente do tempo que Jean-Luc Martel passara em Marselha. Era verdade que trabalhara, durante um breve período de tempo, como empregado de mesa, mas o restaurante não era um restaurante vulgar. Tratava-se de uma operação de lavagem de dinheiro gerida por Philippe Renard, uma figura de alto nível no *basfond* francês que se especializara na importação e distribuição de estupefacientes ilegais. Renard afeiçoou-se imediatamente ao jovem bem-parecido que viera das colinas, principalmente depois de saber que Jean-Luc assassinara o próprio pai. Renard ensinou ao jovem aprendiz tudo o que havia para saber sobre o negócio. Apresentou-o a fornecedores no Norte de África e na Turquia. Aconselhou-o sobre como gerir as rivalidades com outros gangues de forma a evitar derramamento de sangue e publicidade desnecessários. E instruiu-o sobre como usar negócios aparentemente legítimos para lavar dinheiro e ocultar lucros. Martel recompensou a confiança de Renard assassinando-o como assassinara o seu pai, com um martelo, e assumindo o controlo do seu negócio.

Do dia para a noite, Jean-Luc Martel tornou-se numa das figuras mais importantes no mundo da droga francês. Mas não ficou satisfeito por ser apenas um entre muitos; o seu objetivo era o domínio total do negócio. E, portanto, montou um exército de assassinos experientes, principalmente marroquinos e argelinos, e soltou-os sobre os rivais. Quando o sangue parou finalmente de jorrar, Martel era o único que continuava de pé. A sua expansão no comércio de droga coincidiu com a sua ascensão no mundo legítimo. Cada lado do negócio alimentava o outro. A JLM Enterprises era uma firma criminosa de alto a baixo, uma gigantesca máquina de lavar com abertura frontal, que produzia centenas de milhões de euros limpos todos os anos.

Fora casado uma vez, brevemente, com uma bonita atriz que desempenhava papéis secundários em filmes medíocres. Durante o processo de divórcio, ela ameaçou contar à polícia tudo o que sabia sobre a verdadeira fonte dos rendimentos do marido. Uma *overdose* de comprimidos para dormir e álcool foi o seu destino. Depois disso, evitou romances públicos durante muitos meses, o que a imprensa considerou enternecedor. A polícia não ficou tão impressionada. Discretamente, tentaram estabelecer uma ligação entre Martel e a morte da esposa. A investigação não deu em nada.

Quando finalmente emergiu do seu Período Azul, fê-lo de braço dado com Olivia Watson. Ela tinha, na altura, trinta e três anos e era um membro da tribo perdida de exilados ingleses que tinham ido parar à Provença e jamais tinham conseguido encontrar o caminho de volta para casa. Demasiado velha para continuar a ser modelo, estava a gerir uma pequena galeria de arte que vendia trabalhos menores (— E isso — explicou Rimona Stern — é ser caridosa.) para os turistas que sitiavam a aldeia todos os verões. Com a ajuda financeira de Martel, abriu a sua própria galeria. Também desenhou uma linha de roupa de praia e uma coleção de mobiliário de estilo provençal. Tal como a galeria, ambos os negócios ostentavam o seu nome.

— Aparentemente — acrescentou Ramona — há um perfume em desenvolvimento.

— A que é que cheira? — perguntou Gabriel.

— A haxixe — gracejou ela.

Mas será que havia outro lado da JLM Enterprises? Um lado que ficava para lá do setor hoteleiro e das drogas? O caso de Nouredine Zakaria sugeria que assim fosse. O marroquino conseguira meter, pelo menos, quinze espingardas de assalto *Kalashnikov* no Reino Unido, uma proeza impressionante de contrabando e logística. Indubitavelmente, usara uma parte da rede que introduzia as drogas de Martel na Grã-Bretanha e no resto da Europa. Mas será que Nouredine era a exceção, ou existiriam outros? Felizmente, o Departamento tinha em sua posse vários milhares de documentos dos serviços de espionagem franceses que Paul Rousseau entregara, depois do atentado no Centro Weinberg, em Paris. Com a ajuda de um analista do Grupo Alpha em Paris, Dina Sarid comparou os nomes da base de dados com membros conhecidos ou suspeitos do exército de traficantes e capangas de Jean-Luc Martel, a maioria dos quais era de ascendência norte-africana. Seis nomes surgiram em ambas as listas: três marroquinos, dois argelinos e um tunisino. Quatro dos homens tinham cumprido penas em prisões francesas por crimes relacionados com droga; pensava-se que dois deles tinham passado algum tempo na Síria, a combater pelo ISIS. Mas, quando Dina alargou os parâmetros de busca para incluir o segundo e o terceiro níveis da associação, os

resultados foram ainda mais alarmantes.

— A JLM Enterprises — concluiu ela — é um batalhão do ISIS à espera de atuar.

Gabriel reenviou a análise de Dina para Paul Rousseau, em Paris, e Rousseau colocou os piores dos piores sob vigilância do Grupo Alpha. Nessa mesma noite, o último membro da equipa do Barak chegou a Telavive a bordo de um avião proveniente de Zurique, onde passara os últimos dias a lidar com um assunto sem qualquer relação com este. Ao entrar na Sala 456C, fez uma breve pausa diante da fotografia ampliada de Saladino, desejou-lhe uma noite desagradável e sentou-se na sua antiga secretária, onde Gabriel colocara, pessoalmente, duas pilhas altas de processos. Abriu o primeiro e franziu o sobrolho:

— Ivan Kharkov — murmurou. — Há quanto tempo, seu filho da mãe miserável.

Fora Ari Shamron que uma vez descrevera Mikhail Abramov como um «Gabriel sem consciência». Não era uma caracterização absolutamente justa, mas não andava longe da verdade. Nascido em Moscovo, filho de um casal de académicos soviéticos dissidentes, Mikhail servira nas forças de elite Sayeret Matkal, a versão israelita do SAS britânico, antes de se juntar ao Departamento. Contudo, os seus vastos talentos não se limitavam ao uso da arma, daí as duas pilhas de processos que Gabriel colocara na sua secretária.

Em termos de aparência, era o oposto de Gabriel. Alto e esguio, com uma palidez absoluta e olhos cinzentos incolores, era o príncipe do gelo que contrastava com o príncipe do fogo que era Gabriel. Ao longo daqueles dias intensos de preparação, praticamente ignorou Jean-Luc Martel e Olivia Watson. Eram luzes numa margem distante (ou, como Gabriel gostava de dizer, do outro lado de uma baía em forma de U). Mikhail tinha apenas uma tarefa, preparar-se para o papel que desempenharia em breve. Não por coincidência, a personagem em cuja vida habitaria tinha muito em comum com a sua presa. Tal como Jean-Luc Martel, era um homem de duas faces, uma que mostrava ao resto do mundo, outra que mantinha cuidadosamente oculta.

Grande parte do programa de estudos de Mikhail era ensinado por si próprio, pois envolvia armamento russo, um assunto que conhecia bem. Mas Gabriel, em mais uma quebra da tradição do Departamento, monitorizava pessoalmente o resto. Na noite em que Martel e Olivia Watson deixaram Saint Barth, convocou Mikhail até à sua suíte para um exame final. Gabriel colocou-se de pé diante de um monitor de vídeo, com um comando na mão, enquanto Mikhail se sentava no sofá de couro de executivo, com as pernas compridas apoiadas sobre a mesinha de apoio e os olhos semicerrados com aborrecimento fingido,

a sua expressão padrão.

— Tintoretto — disse ele.

Gabriel premiu o comando e outra imagem surgiu no ecrã.

— Ticiano — disse Mikhail, contendo um elaborado bocejo.

A imagem mudou.

— Rembrandt, por amor de Deus. Seguinte.

Quando a imagem apareceu, colocou a mão na testa fazendo um ar de profunda reflexão.

— É um Parmigianino ou um Perugino?

— Qual deles é? — perguntou Gabriel.

— Parmigianino.

— Correto, mais uma vez.

— Porque é que não me dás qualquer coisa um pouco mais desafiante?

Outra imagem surgiu no ecrã. Desta vez, não era uma pintura, mas o rosto de uma mulher.

— Natalie Mizrahi — disse Mikhail.

— Não é isso que estou a perguntar.

— Se está preparada? É isso que queres saber?

— Sim.

— Queres que fale com ela?

Gabriel desligou o monitor e abanou a cabeça lentamente. Não era o género de trabalho para um amante, pensou. Só um chefe poderia pedir algo assim.

VALE DE JEZREEL, ISRAEL

No início da tarde seguinte, depois de ler todos os *e-mails* da sua caixa de entrada e devolver as chamadas necessárias, Gabriel entrou cuidadosamente na parte de trás do seu jipe blindado e partiu para o vale da sua juventude. A paisagem para lá da janela era amarelada como uma velha fotografia. Durante a noite, um incendiário palestino ateou fogo ao Monte Carmelo. Fustigadas por ventos fortes, as chamas tinham consumido mil e duzentos hectares de pinheiro de Alepo altamente inflamável e estavam agora a avançar na direção da periferia de Haifa. Os bombeiros de Israel tinham-se mostrado incapazes de extinguir o incêndio, deixando o primeiro-ministro sem outra opção senão solicitar assistência internacional. A Grécia economicamente deprimida enviara duzentos homens; a Rússia aceitara enviar um avião-cisterna. Até mesmo o governante da Síria, que estava a batalhar pela sua própria sobrevivência, se oferecera, ironicamente, para vir em auxílio de Israel. Gabriel considerava a impotência do seu país profundamente inquietante. O povo judeu drenara os pântanos de malária, regara os desertos e vencera três conflitos existenciais contra um inimigo que o superava largamente em número. E, contudo, um palestino com uma caixa de fósforos conseguia paralisar completamente o canto noroeste do país e ameaçar a sua terceira maior cidade.

A Autoestrada 6, a principal ligação entre o norte e o sul de Israel, estava bloqueada no nó do ferro. A caravana de Gabriel virou para a Autoestrada 65 e seguiu-a no sentido este para Megido, o outeiro onde, de acordo com o Livro do Apocalipse, Cristo e o Demónio travariam um duelo climático que provocaria o final dos dias. O monte ancestral parecia tranquilo, embora estivesse envolto num véu de fumo em tons de sépia proveniente dos incêndios distantes na cordilheira. Dirigiram-se para norte, para o Vale de Jezreel, permanecendo em estradas secundárias para evitar o tráfego desviado, até que, finalmente, um portão de segurança, de metal e com espigões, lhes bloqueou o caminho. Para lá dele ficava Nahalal, um colonato agrícola cooperativo, ou moshav, fundado por judeus da Europa de Leste em 1921, quando a Palestina ainda estava nas mãos no Império

Britânico. Não foi o primeiro Nahalal, mas o segundo. O primeiro colonato judeu neste pedaço de terra fora estabelecido pouco depois da conquista de Canaã. Conforme registado no décimo nono capítulo do Livro de Josué, pertencia à tribo de Zebulom, uma das doze tribos ancestrais de Israel.

Gabriel inclinou-se para o exterior da janela, premiu o código no teclado numérico e o portão de segurança abriu-se. Loendros e eucaliptos bordeavam a via ligeiramente curva que se estendia diante deles. A Nahalal moderna tinha uma configuração circular. De frente para a estrada, havia vários *bungalows* e, atrás das casas, quais dobras de um leque, espalhavam-se pastagens serenas e terrenos cultivados. As crianças que enchiam a única escola da aldeia prestaram escassa atenção ao grande jipe preto de Gabriel. Vários residentes de Nahalal serviam no exército israelita ou nos serviços de segurança. Moshe Dayan, possivelmente o mais famoso general de Israel, estava enterrado no cemitério de Nahalal.

Na extremidade sul da *moshav*, o jipe virou para o caminho de acesso a uma casa de aspeto contemporâneo. Um segurança de colete caqui apareceu instantaneamente no alpendre sombreado e, vendo Gabriel sair lentamente do veículo, ergueu uma mão para o cumprimentar. Na outra, agarrava a coronha de uma arma automática.

— Ela acabou de sair.

— Onde é que está?

O guarda-costas inclinou a cabeça na direção da terra cultivada.

— Há quanto tempo saiu?

— Vinte minutos. Talvez meia hora.

— Por favor diz-me que não foi sozinha.

— Tentou, mas eu mandei dois dos rapazes com ela. Levaram uma moto-quatro. Nenhum de nós a consegue acompanhar.

A sorrir, Gabriel entrou no *bungalow*. O mobiliário era parco e funcional, mais escritório do que casa. Em tempos, das paredes tinham pendido fotografias a preto e branco, em tamanho grande, de palestinianos em sofrimento: o longo caminho empoeirado para o exílio, os campos deploráveis, os rostos gastos dos idosos que sonhavam com um paraíso perdido. Agora havia quadros. Alguns eram de Gabriel, obras juvenis, imitações. Os restantes eram da sua mãe. Eram obras cubistas e expressionistas abstratas, repletas de fogo e dor, produzidas por uma artista no seu auge. Uma representava uma mulher em semiperfil, macilenta, sem vida, envolta em trapos. Recordava-se da semana em que a sua mãe o pintara: fora na semana da execução de Eichmann. O esforço deixara-a exausta e acamada. Muito anos mais tarde, Gabriel descobriria o testemunho que a sua mãe gravara e depois trancara nos arquivos do Yad Vashem. Só nesse

momento perceberia que a representação cubista de uma mulher cadavérica em farrapos era um autorretrato.

Foi para o jardim. O fumo erguia-se sobre o Monte Carmelo como a coluna de fumo de um vulcão em erupção, mas o céu sobre o vale estava limpo e perfumado com o cheiro de terra e excrementos bovinos. Gabriel olhou de soslaio sobre o ombro e viu que estava sozinho; o seu destacamento de segurança parecia ter-se esquecido dele. Seguiu um caminho empoeirado para lá do curral dos animais, observado por vacas leiteiras de olhar vazio. O pedaço de terra cultivável da quinta espalhava-se à sua frente. A parte mais próxima do *bungalow* estava plantada com algum tipo de cultura (Gabriel sofria de uma ignorância ressentida relativamente a todos os assuntos que envolviam agricultura), mas a secção distante da parcela estava lavrada e em pousio, aguardando semente. Para lá do limite exterior, ficava Ramat David, o *kibbutz* onde Gabriel nascera e fora criado. Fora estabelecido alguns anos depois de Nahalal, em 1962, e o seu nome advinha não do antigo rei judeu, mas de David Lloyd George, o primeiro-ministro britânico cujo governo vira favoravelmente a ideia de estabelecer uma pátria judia no território da Palestina.

Os residentes de Ramat David não eram do Leste; eram, maioritariamente, judeus alemães. A mãe de Gabriel chegara à povoação no outono de 1948. O seu nome era Irene Frankel, na altura, e, pouco tempo depois, conheceu um homem de Munique, um escritor, um intelectual, que adotara o nome hebreu de Allon. Esperava ter seis filhos, um por cada milhão perdido no Holocausto, mas uma criança fora tudo quanto o seu útero conseguira suportar, um rapaz chamado Gabriel, o mensageiro de Deus, o defensor de Israel, o intérprete das visões de Daniel. A casa deles, como a maioria em Ramat David, era um local de tristeza (de velas que ardiam por pais e irmãos que não tinham sobrevivido, de gritos aterrorizados na noite) e, portanto, Gabriel passava os dias a vaguear pelo antigo vale da tribo de Zebulom. Quando era criança, pensava nele como o *seu* vale. E agora cabia-lhe cuidá-lo e protegê-lo.

O sol deslizara para trás do monte a arder; a luz do dia estava a retirar-se. Nesse preciso momento, Gabriel ouviu o que soou como um grito distante de socorro. Eram apenas as primeiras notas do chamamento para a oração que flutuavam a partir da aldeia árabe empoleirada nas encostas das colinas a este. Quando era criança, Gabriel conhecera um menino da aldeia chamado Yusuf. Yusuf referia-se a ele como Jibril, a versão árabe do seu nome, e contara-lhe histórias sobre o passado do vale antes do regresso dos judeus. A sua amizade era um segredo muito bem guardado. Gabriel nunca ia à aldeia de Yusuf, Yusuf nunca vinha à sua. Essa divisão fora intransponível. Ainda o era.

O chamamento para a oração esmoreceu lentamente, juntamente com a última luz do dia. Gabriel olhou para lá dos campos sombrios, na direção do *bungalow*. Onde raios estavam os seus guarda-costas? Estava grato pelo indulto; não conseguia recordar-se da última vez que estivera completamente sozinho. Repentinamente, ouviu a voz de uma mulher a chamar o seu nome. Por um instante, imaginou que era a sua mãe. Depois, virando-se para trás, vislumbrou uma figura esbelta que vinha na sua direção, pelo caminho, perseguida por dois homens numa moto-quatro. Subitamente, sentiu uma punhalada de dor no fundo das costas. Ou seria culpa? É o que fazemos, assegurou a si próprio enquanto esfregava a dor para a afastar. É o nosso castigo por termos sobrevivido nesta terra.

NAHALAL, ISRAEL

Tal como Gabriel, a Dra. Natalie Mizrahi tivera o singular desprazer de ver Saladino em carne e osso. O encontro de Gabriel com o monstro fora fugaz, mas Natalie fora obrigada a passar vários dias com ele numa enorme casa com muitos quartos e pátios perto da cidade de Mossul, no Norte do Iraque. Aí, tratara Saladino de dois ferimentos graves sofridos num ataque aéreo norte-americano, um no peito, o outro na perna direita. Infelizmente, Natalie e Saladino tinham-se encontrado novamente, numa minúscula cabana em forma de A no Norte da Virgínia rural. Uma pintura ao estilo de Caravaggio que representava o instante anterior ao seu resgate pendia da aterradora galeria da memória de Gabriel. Por mais que tentasse, era incapaz de a remover. Também isso era algo que ele e Natalie tinham em comum.

A história da jornada dela para o interior do obscuro coração do califado do ISIS era uma das mais extraordinárias nos anais do Departamento. Efetivamente, até mesmo Saladino, que conhecia apenas parte dela, previra que, um dia, alguém escreveria um livro sobre isso. Nascida e educada em França, fluente no dialeto do árabe argelino, imigrou para Israel com os seus pais para escapar à crescente vaga de antissemitismo na sua terra natal e aceitou um cargo nas urgências do Centro Médico Hadassah, em Jerusalém Ocidental. A sua chegada a Israel não passou despercebida aos caça-talentos do Departamento. E, quando Gabriel estava à procura de uma agente para infiltrar na rede de Saladino, foi a Natalie que recorreu. Na pequena quinta em Nahalal, removeu as muitas camadas da sua identidade e transformou-a em Leila Hadawi, uma mulher árabe de linhagem palestiniiana, uma viúva negra determinada a vingar-se. Depois, com a ajuda de Paul Rousseau e do Grupo Alpha, introduziu-a na corrente de franceses e outros muçulmanos europeus que se dirigiam para a Síria para combater pelo ISIS.

Ela passara quase um mês no califado, num apartamento próximo do Parque al-Rasheed, na baixa de Raqqa, num campo de treino na antiga cidade de Palmira e, finalmente, na casa próxima de Mossul onde, ameaçada de morte, salvara a vida do maior cérebro

operacional do terrorismo desde Osama bin Laden. Durante o período de recuperação, ele fora extremamente gentil com ela. Referia-se a ela apenas como Maimónides, o filósofo e acadêmico talmúdico que fora um dos médicos da corte do verdadeiro Saladino no Cairo, e autorizara-a a estar na sua presença sem ter o rosto coberto por um véu. Ela não saía de perto dele uma única vez. Monitorizara os seus sinais vitais, mudara os seus pensos ensanguentados e silenciara a sua dor com injeções de morfina. Ponderara muitas vezes empurrá-lo para a porta da morte com uma *overdose*. Em vez disso, vinculada ao seu juramento como médica e à sua crença de que era essencial relatar o que testemunhara, cuidara dele até que estivesse curado, um ato de misericórdia que ele recompensara enviando-a para Washington numa missão suicida.

Tinham passado três meses desde aquela noite e, no entanto, ainda agora, Gabriel notava resquícios de Leila Hadawi no comportamento de Natalie e nos seus olhos escuros. Perdera o véu de Leila e a raiva de Leila, mas não a sua silenciosa piedade nem a sua dignidade. À exceção disso, não havia qualquer rasto visível do martírio que sofrera no califado islâmico ou na cabana de Virgínia, onde Saladino a sujeitara, pessoalmente, a um brutal interrogatório. A sua intenção era executar Natalie da forma preferida do ISIS, por decapitação, e a sua morte iminente teve o efeito de lhe soltar a língua. Reconheceu que estivera ao serviço da Mukhabarat iraquiana às ordens de Saddam Hussein, que fornecera apoio material e logístico a terroristas palestinos rejeicionistas tais como Abu Nidal e que se juntara à insurgência iraquiana depois da invasão americana de 2003. Aqueles três elementos do seu *curriculum vitae* representavam o total da informação que os serviços secretos do Ocidente sabiam sobre ele. Até mesmo o seu nome verdadeiro permanecia um mistério. Contudo, Natalie tivera permissão para aceder ao claustro de Saladino, num momento em que este estava fisicamente debilitado. Conhecia cada centímetro do seu corpo alto e poderoso, cada sinal e marca de nascença, cada cicatriz. Esse era apenas um dos motivos pelos quais Gabriel viera à quinta em Nahalal, no vale do seu nascimento.

A noite tornou-se fria rapidamente, como acontecia sempre na Galileia. Não obstante, sentaram-se no exterior, no jardim, à mesma mesa onde, dez meses antes, Gabriel conduzira o recrutamento inicial de Natalie. Agora, como então, ela estava sentada muito direita, com as mãos recatadamente colocadas no colo. Envergava um fato de treino azul justo e ténis verdes-néon, sujos pela poeira das estradas da quinta. O seu cabelo escuro estava afastado do rosto e apertado na base do pescoço com um elástico. A boca grande, sensual, exibia um meio-sorriso. Parecia feliz pela primeira vez em muitos meses. Subitamente, Gabriel sentiu outra punhalada de dor. Desta vez era

real.

— Sabes — disse Natalie, com uma expressão séria —, vais sarar mais rapidamente se tomares alguma coisa.

— É assim tão óbvio?

— Estás a inclinar-te para o lado para retirar pressão das fraturas.

Fazendo uma careta, Gabriel tentou imitar a postura ereta de Natalie.

— E a tua respiração — disse ela — é pouco profunda.

— Isso é porque me dói a respirar. E de cada vez que tusso ou espirro, vejo estrelas.

— Tens conseguido dormir?

— O suficiente. — Depois, perguntou calmamente: — E tu?

Natalie retirou a rolha de uma garrafa de branco da Galileia e serviu dois copos. Bebeu apenas uma pequena quantidade do seu e, depois, devolveu o copo à mesa. Durante os muitos meses em que vivera como muçulmana radicalizada abster-se, em grande medida, do álcool. O seu consumo diário de vinho branco (os caça-talentos do Departamento tinham-no considerado o seu único vício) baixara drasticamente desde o seu regresso a Israel.

— Tu *tens conseguido*? — perguntou Gabriel uma segunda vez.

— Dormir? Nunca fui muito boa nisso, mesmo antes da operação. Para além do mais — acrescentou, com um olhar de soslaio para o exterior do *bungalow* —, não é exatamente uma casa de segredos, pois não? Todas as divisões estão sob vigilância e todos os movimentos que faço são gravados e analisados pelos vossos psiquiatras.

Gabriel não se deu ao trabalho de negar. O *bungalow* estava, efetivamente, sob vigilância, tanto de áudio como de vídeo, e uma equipa de médicos do Departamento tinha registado todas as facetas da recuperação de Natalie. As suas avaliações pintavam um retrato de uma agente que ainda estava a sentir dificuldades com os efeitos do transtorno de stresse pós-traumático. A agente sofria de períodos prolongados de insónia, terrores noturnos e ataques de depressão severa. As suas corridas de treino diárias no vale tinham melhorado globalmente a sua saúde e acalmado as mudanças de humor. Tal como a sua relação romântica com Mikhail, que era um visitante regular de Nahalal. No geral, os médicos de Natalie (e Mikhail) eram da opinião de que ela estava pronta para regressar ao serviço com certas limitações. Contudo, não era propriamente essa a ideia de Gabriel. Tinha Saladino na mira.

Gabriel remexeu-se desconfortavelmente na cadeira. Natalie franziu o sobrolho.

— Pelo menos bebe um bocadinho de vinho. Talvez alivie a dor.

Ele assim fez. Isso não aconteceu.

— Ele era igual — disse Natalie.

— Quem?

— O Saladino. Não queria analgésicos. Tive praticamente de o torturar para o convencer de que precisava deles. E, sempre que lhe acrescentava morfina à solução intravenosa, ele lutava para permanecer consciente. Se eu tivesse...

— Fizeste o que era correto.

— Não tenho a certeza se as vítimas de Londres estariam de acordo com isso. Ou as de Paris — acrescentou. — Tens sorte em estar vivo. E nada disso teria acontecido se eu o tivesse matado quando tive oportunidade.

— Não somos como eles, Natalie. Não fazemos missões suicidas. Para além disso — continuou Gabriel —, outra pessoa teria ocupado o lugar dele.

— Não *existe* outra pessoa como o Saladino. Ele é especial. Acredita, eu sei.

Ela aqueceu a mão sobre a vela que ardia entre eles. A direção do vento mudou subtilmente, trazendo consigo o odor acre dos incêndios. Gabriel preferia isso ao cheiro do vale. Mesmo quando era criança, detestava-o.

Natalie retirou a mão da chama.

— Estava a começar a pensar que te tinhas esquecido de mim.

— Nem por um minuto. E também não me esqueci daquilo pelo qual passaste.

— Já somos dois.

Ela esticou a mão para pegar no vinho, mas deteve-se. A temperança de Leila, aparentemente, apoderara-se dela.

— O Mikhail garante-me que um dia não me vou lembrar de nada daquilo, que vai ser semelhante a uma recordação desagradável de infância, como aquela vez em que quase fiquei sem dedo enquanto brincava com uma das facas de cozinha da minha mãe. — Ergueu a mão na escuridão. — Ainda tenho a cicatriz.

O vento esmoreceu, a chama da vela ardia direita.

— Aprova-lo? — perguntou ela.

— O Mikhail?

— Sim.

— Não interessa o que eu acho.

— Claro que interessa. És o chefe.

Ele sorriu.

— Sim, Natalie, aprovo. Completamente, na verdade.

— E aprovavas aquela rapariga americana com quem ele esteve envolvido? Aquela que trabalhava para a CIA? O nome dela — acrescentou Natalie friamente — está-me a escapar...

— Chamava-se Sarah.

— Sarah Bancroft — acrescentou ela, enfatizando a primeira sílaba

do apelido, que soava bastante aristocrático.

— Sim — disse Gabriel. — Sara Bancroft.

— Não parece judeu, Bancroft.

— Porque não é. E não — disse Gabriel. — Não aprovava a relação. Pelo menos, não no início.

— Porque ela não era judia?

— Porque as relações entre agentes secretos são complicadas por natureza. E relações entre agentes que trabalham para serviços de países diferentes são inauditas.

— Mas ela era próxima do Departamento.

— Muito.

— E tu gostavas dela.

— Gostava.

— Quem é que terminou a relação?

— Não estava a par de todos os pormenores.

— Por favor — disse ela, sem fazer caso do que ele dissera.

— Creio — disse ele cautelosamente — que foi o Mikhail.

Natalie pareceu refletir cuidadosamente sobre essa última afirmação. Gabriel esperava não ter dito algo que não devia. Nunca se sabia verdadeiramente como eram as conversas entre amantes, especialmente no que se referia a antigas relações. Era possível que Mikhail se tivesse retratado a si próprio como a parte lesada. Não, pensou, não era esse o estilo de Mikhail. Tinha muitas qualidades excelentes, mas o seu coração era feito de ferro fundido.

— Calculo que ele vá partir em breve — disse ela.

— Tenho mais algumas peças para pôr no lugar.

— Trabalhos preliminares?

Ele sorriu.

— E quanto tempo calculas que ele vá estar fora?

— É difícil de prever.

— Ouvi dizer que o vais transformar num traficante de armas.

— Um muito rico.

— Vai precisar de uma rapariga. Caso contrário, o Jean-Luc Martel não vai acreditar que ele seja real

— Sabes muito sobre ele?

— O JLM? — Encolheu os ombros. — Só o que costumava ler nos jornais.

— Achas que está envolvido com drogas?

— Era esse o rumor. Cresci em Marselha, sabias?

— Sim — disse Gabriel monotonamente. — Acho que talvez tenha lido qualquer coisa sobre isso no teu processo, uma vez.

— E tratei a minha quota-parte de pacientes com *overdoses* de heroína quando trabalhava lá — continuou Natalie. — Dizia-se que era heroína do Martel. Mas suponho que não se pode acreditar em

tudo o que se ouve.

— Às vezes, pode-se.

Um silêncio abateu-se entre eles.

— Então, quem é a sortuda? — perguntou Natalie finalmente.

— A rapariga do Mikhail? Tenho uma pessoa em mente para o papel — disse Gabriel —, mas não tenho a certeza de que ela o queira.

— Perguntaste-lhe?

— Ainda não.

— De que é que estás à espera?

— De perdão.

— Por quê?

Nesse preciso momento, uma rajada de vento ergueu-se subitamente e extinguiu a chama. Ficaram sentados sozinhos na escuridão, sem dizer absolutamente nada, e observaram as montanhas a arder.

Natalie demorou apenas alguns minutos a atirar os seus pertences para dentro de um saco. Depois, ainda de fato de treino, instalou-se na parte de trás do jipe de Gabriel e voltou com ele para Telavive. A doutrina ditava que ela estabelecesse residência num «trampolim», um andar seguro onde os agentes do Departamento assumiam as identidades que levariam consigo para o terreno. Em vez disso, Gabriel deixou-a no apartamento de Mikhail junto à HaYarkon Street. Considerava que não era uma violação absoluta do protocolo; afinal de contas, Mikhail e Natalie iriam fazer-se passar por marido e mulher. Com um pouco de sorte, até poderiam aprender a não gostar um bocadinho um do outro. Dessa forma, ninguém duvidaria da autenticidade do seu disfarce.

Eram quase nove horas quando o jipe de Gabriel iniciou a longa subida pela Bab al-Wad em direção a Jerusalém. Desde que não houvesse acidentes nem alertas de segurança (nem chamadas do primeiro-ministro), estaria na Narkiss Street no máximo às nove e meia. Provavelmente, as crianças estariam a dormir, mas pelo menos poderia partilhar uma refeição tranquila com Chiara. Mas, quando estavam a aproximar-se da extremidade ocidental da cidade, o seu telemóvel iluminou-se ao receber uma mensagem. Fitou-a durante um longo momento, ponderando se poderia fingir que esta se perdera de alguma forma durante a transmissão. Lamentavelmente, não podia. Estava prestes a fazer a sua segunda viagem ao estrangeiro como chefe. Mas desta vez, ia para a América.

MEMORIAL DE LINCOLN, WASHINGTON

Langley enviou um avião para o ir buscar, o que nunca era bom sinal. Era um *Gulfstream G650*, com um interior em couro e madeira de teca, uma vasta seleção de filmes para ver durante o voo e cestos repletos de *snacks* nocivos para a saúde. Na parte de trás da aeronave, havia um camarote privado. Gabriel esticou-se na cama estreita, mas não conseguiu encontrar nenhuma posição do tronco e dos membros que não lhe causasse dor. O céu para lá da janela não se iluminava; estava a perseguir a noite em direção ao ocidente. Sem conseguir dormir, tinha pouco mais para fazer do que interrogar-se sobre a razão da inesperada convocatória para ir a Washington. Duvidava que fosse de natureza social. O novo pessoal da Casa Branca não se dedicava a ser simpático.

O avião tocou no chão do Aeroporto Dulles às três e meia e deslizou até um hangar privado onde uma caravana de três *Suburban* blindados aguardava, com os tubos de escape a fumar suavemente no ar frio e húmido. Por uma vez, havia pouco trânsito, afinal de contas era de madrugada. Enquanto atravessavam a autoestrada de circunvalação da capital, Gabriel olhou de soslaio na direção do Campus de Informação de Liberty Crossing, o antigo quartel-general do gabinete do diretor dos serviços secretos nacionais e do Centro Nacional de Antiterrorismo. Um matagal de árvores bloqueava a visão da devastação. Até agora, o Congresso não alocara os milhares de milhões de dólares necessários à reconstrução de Liberty Crossing, em tempos um símbolo resplandecente da caótica expansão do estado de segurança nacional americano pós-11/09. Tal como os membros do Grupo Alpha de Paul Rousseau, as equipas do ODNI e do NCTC tinham sido obrigadas a procurar instalações noutros locais. No mínimo, Saladino transformara muitos espões e analistas em sem-abrigo.

A caravana de jipes virou para a Route 123 e dirigiu-se para a McLean. Gabriel temeu estar a ser levado para o quartel-general da CIA (evitava-o sempre que podia), mas os jipes passaram a alta velocidade pela entrada sem sequer abrandar e encaminharam-se para a George Washington Memorial Parkway. Esta conduziu-os ao longo

do Potomac, do lado da Virgínia, para as torres de vidro e aço de Rosslyn. No outro lado do rio, erguiam-se os graciosos pináculos da Universidade de Georgetown, mas o olhar de Gabriel foi atraído para a hedionda laje retangular do Key Bridge Marriott, onde Natalie passara muitas horas encurralada num quarto com uma terrorista franco-argelina chamada Safia Bourihane. Através de uma câmara de vídeo oculta, Gabriel observara Natalie gravar um vídeo de mártir e, depois, envolver o corpo com um colete suicida. Só mais tarde, na cabana da Virgínia, ela saberia que o colete estava inoperacional. Saladino enganara-a. E também enganara Gabriel.

Continuaram para sul ao longo do rio, para lá da periferia do Cemitério Nacional de Arlington, e viraram para a Memorial Bridge. Na margem oposta, incandescente como se estivesse iluminado a partir do interior, ficava o Memorial de Lincoln. Normalmente, o trânsito que fluía da Virgínia para Washington era encaminhado para a Twenty-Third Street. Mas os três jipes da caravana de Gabriel passaram lentamente sobre um separador de cimento e depois estacionaram na avenida pedonal do flanco sul do memorial. Alguns agentes fardados da Polícia de Parques dos Estados Unidos estavam de pé na escuridão, mas, à exceção destes, o espaço estava deserto. Nesse preciso momento, o telefone de Gabriel vibrou com uma mensagem recebida. Saiu do jipe, encaminhou-se para a base das escadas do memorial e, com uma mão a pressionar o fundo das costas, começou a subir.

Uma pesada lona que se movia com o vento ténue estendia-se de um lado ao outro da entrada. Gabriel afastou a lona com o ombro, atravessou a abertura e entrou hesitantemente na câmara central. Lincoln olhava contemplativamente para baixo a partir do seu trono de mármore, como quem está pesaroso pela destruição circundante. A base da estátua estava perfurada de minúsculas crateras. Também o estavam os murais de Jules Guérin e as colunas jónicas que separavam a câmara central das câmaras laterais, norte e sul. Uma das colunas sofrera danos estruturais significativos na base. Fora aí que um membro da rede de Saladino colocara uma mochila cheia de explosivos e esferas de rolamentos. A explosão fora suficientemente poderosa para fazer estremecer a Casa Branca. Vinte e uma pessoas tinham perecido no interior do memorial, outras sete nas escadas, onde o terrorista abrira fogo com uma pistola. E isso fora apenas o início.

Gabriel passou entre duas colunas desfiguradas e entrou na câmara norte, onde Adrian Carter, com o rosto inclinado para cima, estava a ler as palavras do segundo discurso da tomada de posse de Lincoln.

Baixou o olhar na direção da face de Gabriel e franziu o sobrolho.

— Parece que os rumores, afinal, eram verdade — disse.

— Que rumores são esses?

— Os rumores de que estavas dentro do quartel-general do Grupo Alpha quando a bomba explodiu.

— Péssimo *timing* da minha parte.

— A tua especialidade.

Carter retomou o estudo do imponente painel. Envergava uma canadiana, calças amarrotadas e sapatos que pareciam ter sido desenhados para caminhar nos bosques de Nova Inglaterra. A indumentária, combinada com o seu cabelo escasso e desgrenhado e o bigode antiquado, dava-lhe um ar de professor de uma universidade pouco importante, do tipo que defendia causas nobres e era uma espinha constante atravessada na garganta do reitor. Na verdade, Carter era o chefe da Direção de Operações da CIA, a pessoa que aí trabalhara durante mais tempo na história da Agência. O facto de ter convocado Gabriel era uma violação do protocolo; globalmente falando, o *ramsad* não se encontrava com subalternos. Porém, Adrian Carter era um caso especial. Admirado entre espões, era uma lenda que, nos dias sombrios após o 11/09, elaborara o plano da Agência para destruir a Al-Qaeda e eliminar as suas redes globais. As prisões secretas, as extradições ilegais, os métodos avançados de interrogatório: todos exibiam o seu cunho. Durante uma década e meia, fora capaz de dizer a si próprio (e aos seus críticos) que, apesar de todos os seus pecados, conseguira proteger o solo americano de um segundo espetáculo de terror. E, num abrir e fechar de olhos, Saladino transformara-o num mentiroso.

— O meu pai trouxe-me aqui para ver o Dr. King em 63 — disse Carter. — O meu pai estava envolvido no movimento dos direitos civis; era pastor episcopal. — Olhou de soslaio para Gabriel. — Alguma vez te falei disso?

— Uma ou duas vezes.

— Lembro-me de me orgulhar muito do meu país nesse dia — continuou Carter. — Senti que tudo era possível. E senti-me orgulhoso quando elegemos o nosso primeiro presidente afro-americano, apesar de todas as coisas desagradáveis que ele disse sobre a Agência durante a campanha. Eu e ele tivemos as nossas divergências ao longo dos anos, mas nunca me esqueci do que representava. A eleição foi um milagre. E nunca teria acontecido se não fossem as palavras que Martin Luther King proferiu aqui naquele dia. Este é o nosso espaço abençoado, o nosso solo sagrado. E é por isso que nunca vou perdoar o Saladino pelo que fez.

Carter virou-se de costas para o painel e dirigiu-se lentamente para a câmara central, onde se deteve aos pés de Lincoln.

— Tu és o especialista. Pode ser restaurado?

— O mármore não é o meu material — respondeu Gabriel. — Mas, sim, quase tudo pode ser restaurado.

— Então e o meu país? — perguntou Carter subitamente. — Pode ser consertado?

— As vossas divisões são pequenas fendas comparadas com as nossas. A América vai encontrar o seu caminho.

— Vai? Não tenho tanta certeza disso. — Carter agarrou Gabriel pelo braço. — Anda comigo. Há uma coisa que quero mostrar-te.

GEORGETOWN, WASHINGTON

Não é fácil o chefe do Departamento e o subdiretor da CIA passearem-se por Washington sem chamarem a atenção, nem mesmo antes do nascer do sol, mas fizeram o seu melhor. Foram seguidos por um único guarda-costas ao longo do passeio pedonal na margem do Potomac; os restantes ficaram confinados à constelação de *Suburbans* pretos que se moviam na sua órbita. O ritmo da passada de Carter foi cuidadoso, atencioso. Pelo menos por isso, Gabriel estava agradecido. As suas costas ardiam de dor, um facto que não conseguia ocultar do seu velho amigo.

— É muito grave? — perguntou Carter.

— Infelizmente, dizem que vou sobreviver.

— Espero que o voo não tenha sido demasiado duro para ti.

— O *Gulfstream* tornou-o tolerável.

— Pertence a um amigo meu chamado Bill Blackburn. O Bill trabalhava no departamento de Atividades Especiais. Era um verdadeiro gorila[3], na altura. América Central, principalmente. Deu uma última volta no Afeganistão depois do 11 de Setembro. Agora, é proprietário de uma empresa de espionagem privada. Chama-lhe *Black Ops*.

— Astuto.

— É mesmo, na verdade. O Bill é bastante bem-sucedido. Uso-o para trabalhos que requerem um pouco de discrição extra.

— Pensava que me usavas a mim para esse tipo de trabalhos.

— O Bill e os homens dele jogam baixo e sujo — explicou Carter. — Eu reservo-te para aqueles trabalhos que exigem um pouco de requinte.

— É bom vermos o nosso trabalho reconhecido.

Caminharam em silêncio durante um momento. À sua volta, a cidade gemia e agitava-se.

— O Bill anda há anos a tentar convencer-me a ir trabalhar com ele — disse Carter finalmente. — Diz que me pagaria um valor de sete dígitos no primeiro ano. Aparentemente, não teria de fazer grande coisa. O Bill quer usar-me para atrair clientes, para garantir que os contratos lucrativos continuam a fluir na direção dele. A luta global

contra o terrorismo tem sido muito lucrativa para muita gente nesta cidade. Sou o único idiota que não se aproveitou disso.

— Merece-lo, Adrian.

— Aceitarias um trabalho assim?

— Nunca na vida.

— Nem eu. Para além disso, tenho coisas mais importantes para fazer antes de me mandarem embora de Langley.

— Como o quê?

— Como apanhar o homem que fez *aquilo*.

Carter ergueu os olhos na direção do Centro Kennedy. Alguns minutos após o atentado no Memorial de Lincoln, um bombista suicida detonara o seu dispositivo no Hall of States. Depois, outros três terroristas tinham-se deslocado metodicamente pelo resto do complexo (o Teatro Eisenhower, a Opera House, o Concert Hall) abatendo todas as pessoas que encontraram.

— Conhecia duas das vítimas — disse Carter. — Um casal jovem que vivia ao virar da esquina da rua onde vivo, em Herndon. Ele trabalhava no setor tecnológico, ela era gestora financeira. Estavam na crista da onda. Boas carreiras, uma hipoteca, dois filhos lindos. Agora, a casa está à venda e os filhos vivem com a tia em Baltimore. É o que acontece quando pessoas como nós cometem erros. Morrem pessoas. Muitas pessoas.

— Fizemos tudo o que podíamos para evitar os atentados, Adrian.

— O meu novo diretor não vê as coisas assim. É um verdadeiro osso duro de roer, um autêntico fanático. Pessoalmente, sempre me pareceu perigoso misturar ideologia e espionagem — disse Carter. — Turva-nos o pensamento e faz-nos ver exatamente o que queremos ver. O meu novo diretor discorda. Tal como os jovens zelosos que trouxe com ele para a Agência. Consideram-me um falhado, o que, no mundo deles, é a pior coisa que um homem pode ser. Quando apelo à cautela operacional, acusam-me de fraqueza. E quando ofereço uma avaliação que entra em contradição com a visão deles do mundo, acusam-me de deslealdade.

— As eleições têm consequências — disse Gabriel.

— Tal como os atentados terroristas bem-sucedidos em solo americano. Aparentemente, é tudo culpa minha, apesar do facto de eu ter dito a toda a gente que quis ouvir que o ISIS estava a conspirar para nos atingir com algo grande. De acordo com os boatos, tenho os dias contados.

— Quanto tempo te resta?

— Algumas semanas, talvez menos. A não ser — acrescentou Carter tranquilamente — que possa fazer algo para alterar drasticamente o panorama.

Subitamente, Gabriel percebeu porque é que Adrian Carter o

trouxera para Washington a bordo de um *Gulfstream* pertencente a um empresário do ramo da espionagem chamado Bill Blackburn.

— O teu diretor sabe que eu estou aqui?

— Talvez me tenha esquecido de lhe mencionar isso — disse Carter.

Tinham chegado ao Thompson Boat Center. Atravessaram uma ponte pedonal que cruzava a Rock Creek e passaram pela embaixada sueca, encaminhando-se para Harbor Place. Talvez não por coincidência, era a mesma rota que três atiradores do ISIS tinham feito naquela noite, depois de deixarem o Centro Kennedy. Ali, a sua obra letal continuava a ser evidente. O Nick's Riverside Grill, um popular local turístico, tinha as janelas e portas tapadas com tábuas e encontrava-se encerrado até nova ordem. Tal como os mais requintados Sequoia e Fiola Mare.

— Como é que se estão a aguentar as tuas costas? — perguntou Carter enquanto caminhavam pela K Street, por baixo da Whitehurst Freeway.

— Depende de quanto mais tencionas fazer-me andar.

— Não muito mais. Há só mais uma coisa que quero que vejas.

Viraram para a Wisconsin Avenue e subiram a ladeira da colina até à M Street. A um quarteirão para norte ficava a Prospect Street. Dobraram a esquina e, depois de alguns passos, detiveram-se à entrada do Café Milano. Tal como os restaurantes de Harbor Place, encontrava-se encerrado até nova ordem. Quarenta e nove pessoas tinham perecido ali. Ainda assim, o número teria sido muito superior se não fosse por Mikhail Abramov, que matara sozinho quatro terroristas do ISIS. O restaurante era digno de nota por outro motivo. Era o único alvo onde Saladino aparecera pessoalmente.

— Um símbolo bastante trágico da nossa sólida parceria — disse Carter. — O Mikhail salvou muitas vidas naquela noite. Mas talvez isso nunca tivesse acontecido se eu tivesse ouvido o teu aviso sobre o homem que encontraste no átrio do Four Seasons.

— Sabes o que é que se diz sobre chorar sobre o leite derramado, Adrian.

— Sei. E sempre considereirei que era uma desculpa para o fracasso.

Carter virou-se sem dizer mais nada e conduziu Gabriel para o coração do bairro residencial de Georgetown. O bairro estava a começar a despertar. Havia luzes a cintilar nas janelas das cozinhas; os cães conduziam os donos sonolentos pelos passeios de tijolos vermelhos. Finalmente, chegaram à escadaria curvilínea de uma enorme vivenda de estilo federal na N Street, a propriedade segura mais exclusiva da Agência. No interior, a majestosa casa antiga parecia uma câmara frigorífica, mais uma prova de que a visita de Gabriel a Washington era de natureza privada.

— Alguém se esqueceu de pagar a conta da eletricidade? —

perguntou.

— Novos regulamentos. A Agência está a tornar-se ecológica. Oferecia-te um café, mas...

— Não faz mal, Adrian. Tenho mesmo de me ir embora.

— Assuntos urgentes em casa?

— O trabalho de um chefe nunca acaba.

— Não saberia dizer-te. — Carter deambulou até ao termostato e semicerrou os olhos na direção do mostrador, confuso.

— Por favor diz-me que não me arrastaste até Washington para passear pela rota dos pesadelos, Adrian. Eu estava cá, lembras-te? Tinha uma agente no interior da operação do Saladino.

— Um trabalho verdadeiramente excepcional da tua parte — disse Carter. — Mas foi tudo em vão. No final, o Saladino venceu-te. Sei bem quanto odeias perder, especialmente para uma criatura como ele.

— Onde é que queres chegar com isso?

— Diz-se por aí que andas a cozinhar algo com os franceses que não é um belo tacho de *coq au vin*. Algo que envolve o Saladino. Quero lembrar-te de que foi o meu país que ele atacou em novembro passado, não o teu. E se alguém o vai apanhar, vou ser eu.

— Alguma operação em curso?

— Várias.

— Alguma delas prestes a dar frutos?

— Nem uma. A tua?

Gabriel manteve-se em silêncio.

— Nunca fui tímido quanto a invadir festas operacionais para as quais não fui convidado — disse Carter. — Bastaria um único telefonema para o chefe da DGSI e seria minha.

— Ele não sabe da existência da operação.

— Então deve ser das boas.

— Deve ser — concordou Gabriel.

— Talvez eu possa contribuir.

— E assim manter o teu poder na Direção de Operações.

— Absolutamente.

— Aprecio a tua honestidade, Adrian. É refrescante no nosso ramo de atividade.

— Tempos difíceis — disse Carter.

— De que é que precisas para continuares na mó de cima?

— Neste ponto, só o Saladino poderá salvar-me.

— Nesse caso — disse Gabriel — talvez possa ajudar-te.

Conversaram na sala de estar, embrulhados nos seus sobretudos, sem a distração de uma refeição ligeira. A versão de Gabriel da operação até ao momento foi abreviada, mas suficientemente honesta

para que nada se perdesse na tradução. Carter não vacilou perante a menção do nome de Jean-Luc Martel; Carter era um homem do mundo real. Ofereceu apoio no que podia, principalmente sob a forma de vigilância eletrônica e digital, o ponto forte da América. Em troca, Gabriel permitiu que Carter levasse a operação até ao sétimo andar de Langley e a apresentasse como um esforço conjunto entre a Agência e os seus amigos de Telavive. Do ponto de vista de Gabriel, era um preço elevado a pagar e não estava isento de risco. Mas, se isso mantivesse Carter no seu posto, valeria o seu peso em ouro.

Deixaram juntos a casa segura pouco antes das oito e viajaram de carro até ao Aeroporto Dulles, onde o *Gulfstream* de Bill Blackburn repousava abastecido e preparado para a partida. A tripulação já apresentara um plano de voo para o Ben Gurion, mas, após a entrada na aeronave, Gabriel pediu para ser levado, em vez disso, para Londres. Esticado na cama do camarote privado, caiu num sono sem sonhos. A sua mente estava em paz pela primeira vez em muitos dias. Estava prestes a fazer um velho amigo bastante rico. Era, pensou, o mínimo que podia fazer.

[3] Soldado paramilitar que trabalha para a CIA. (N.T.)

MAYFAIR, LONDRES

Julian Isherwood era um homem de muitos defeitos, mas a avareza não era um deles. De facto, nos negócios, tal como na vida privada, sempre fora, de algum modo, excessivamente liberal com a sua carteira. Adquirira um grande número de quadros quando deveria ter-se absterido de o fazer (dizia-se que a sua coleção pessoal e profissional rivalizava com a da própria rainha) e, invariavelmente, era o seu cartão de crédito que acabava no prato da conta todas as noites no bar do Wilton. Sem surpresa, as suas finanças encontravam-se num estado de perpétua negligência. Nos últimos tempos, a situação tornara-se calamitosa. O seu tristonho contabilista, adequadamente chamado Blunt[4], sugerira uma venda relâmpago de bens disponíveis, juntamente com uma redução drástica nas despesas. Isherwood recusara. A maior parte do seu inventário profissional tinha pouco ou nenhum valor. Estava acabado, como se dizia no ramo. Completamente queimado. Feito num oito. E quanto à ideia de cortar nas despesas, bom, isso estava simplesmente fora de questão. Uma pessoa tinha de viver a sua vida, principalmente com a sua idade. Para além disso, as suas ações na noite do atentado tinham-no imbuído de uma sensação de otimismo pessoal. Se o malandro Julian Isherwood conseguia arriscar a vida para salvar outras pessoas, tudo era possível.

Foi esta crença de que melhores dias se avistavam no horizonte que compeliu Isherwood a abrir as portas da sua galeria de Mason's Yard a Brady Boswell, o diretor de um museu pequeno, mas respeitado, no centro-oeste americano, no final dessa tarde. Boswell tinha uma reputação merecida de observador, não de comprador. Passou a maior parte das duas horas a acariciar o inventário de Isherwood, antes de finalmente confessar que o seu orçamento de aquisição estava em pior estado do que a conta bancária de Isherwood e que não estava em posição de comprar alcatifas novas para o seu museu, muito menos um quadro novo para pendurar nas paredes. Isherwood sentiu-se tentado a dizer a Boswell que, na próxima vez que quisesse ver os Grandes Mestres em Londres, deveria tentar a National Gallery. Em vez disso, aceitou o convite do americano para jantar, quanto mais não fosse porque não conseguia suportar a ideia de passar mais uma

noite a ouvir o anafado Oliver Dimbleby a descrever a sua última conquista sexual.

Boswell sugeriu o Alain Ducasse, no Dorchester, e Isherwood, não tendo alternativa na ponta da língua, concordou. Jantaram caranguejo de Dorset e linguado de Dover e, entre os dois, beberam duas garrafas de *Domaine Billaud-Simon Les Clos grand cru Chablis*. Boswell passou grande parte da noite a lamentar as terríveis políticas do seu país. Isherwood ouviu atentamente. Contudo, interiormente interrogou-se sobre o motivo pelo qual os americanos cultos consideravam sempre necessário criticar o seu país quando colocavam um pé na antiga metrópole.

— Estou a pensar em ir-me embora. — Boswell estava a cuspir de indignação. — Toda a gente está.

— Toda a gente?

— Bom, toda a gente não. Só pessoas como eu.

Só os que eram completamente enfadonhos. Em breve, pensou Isherwood, a América seria um local muito mais interessante.

— Para onde iria?

— Posso candidatar-me à cidadania irlandesa.

— Irlanda? Valha-me Deus.

— Ou talvez arranje uma casinha aqui em Inglaterra até que tudo isto passe.

— Nós temos os nossos próprios problemas. É melhor ficar onde está.

A noção de que a Inglaterra moderna poderia não ser um paraíso cultural pareceu chocar Brady Boswell. Era um daqueles americanos que formavam as suas impressões sobre a vida no Reino Unido vendo repetições de *Masterpiece Theater*.

— Uma pena, os atentados terroristas — disse Boswell.

— Sim — disse Isherwood distraidamente.

— Estava à espera de ver qualquer coisa no West End enquanto cá estou, mas não tenho a certeza se é seguro.

— Disparate.

— Conhaque?

— Porque não?

Boswell pediu o mais caro da lista e, quando a conta chegou, adotou a pose favorita de Oliver Dimbleby, a de um desnordeado sobrevivente de um desastre natural.

— Com quem é que se vai encontrar amanhã? — perguntou Isherwood enquanto fazia deslizar discretamente o seu cartão de crédito para o interior da pequena caixa de couro, o cartão que esperava que não se autodestruísse automaticamente quando fosse inserido no leitor.

— Tenho o Jeremy Crabbe de manhã e o Roddy Hutchinson à tarde.

Confio que não lhes vá contar sobre os meus pequenos problemas de financiamento. Não gostaria que pensassem que não estou a ser honesto.

— O seu segredo está a salvo comigo.

Na realidade, não estava. De facto, Isherwood planeava telefonar a Roddy logo de manhã e aconselhá-lo a adoecer com um súbito ataque de malária. Caso contrário, seria Roddy a pagar a conta da próxima refeição de Brady Boswell.

Lá fora, Isherwood agradeceu a Boswell pelo que fora a sua mais desagradável saída à noite desde o seu heroísmo no Ivy. Depois, meteu o americano num táxi (estava hospedado numa espelunca qualquer em Russel Square) e mandou-o à sua vida. Outro táxi aguardava-o. Isherwood deu a morada da sua casa em Kensington ao condutor e afundou-se no banco de trás. Porém, enquanto o táxi virava para Park Lane, sentiu a vibração do telemóvel contra o coração. Presumiu que se tratasse do agradecimento obrigatório de Boswell e, por um instante, ponderou ignorá-lo. Em vez disso, retirou o telemóvel e franziu o olhar para o ecrã. A mensagem era concisa, uma ordem em vez de um pedido, e parecia não ter remetente. Por conseguinte, apenas poderia ter vindo de uma pessoa. Isherwood sorriu. A sua noite, pensou, estava prestes a tornar-se muito mais interessante.

— Mudança de planos — disse ao condutor. — Leve-me para Mason's Yard.

A galeria de Isherwood ocupava três andares de um armazém vitoriano de teto descaído que fora, em tempos, propriedade da Fortnum & Mason. Num dos lados ficavam os escritórios de uma empresa grega de transportes pouco importante, noutro um *pub* cuja clientela era constituída por meninas de escritório bonitas que conduziam *scooters*. A porta era feita de vidro à prova de arrombamento e protegida por três fechaduras de última geração. Cedeu perante o toque gentil de Isherwood.

— Raios partam — sussurrou.

O espaço limitado da galeria compeliu Isherwood a ordenar o seu império verticalmente: armazéns no rés-do-chão, escritórios de negócio no primeiro andar e, no segundo, uma gloriosa sala de exposições inspirada na famosa galeria de Paul Rosenberg, em Paris, onde Isherwood passara muitas horas de felicidade quando era criança. Entrando, esticou a mão para o interruptor.

— Não — disse uma voz vinda da extremidade oposta da sala. — Deixa-as apagadas.

Isherwood moveu-se furtivamente para a frente, contornando uma otomana com um estilo de museu, e juntou-se ao homem que parecia

estar a contemplar uma grande paisagem de Claude. O homem, como a pintura, estava envolto em escuridão. Mas os seus olhos verdes, quando fixos em Isherwood, pareceram brilhar como se possuíssem uma fonte interna de calor.

— Estava a começar a perguntar-me — disse Gabriel — se o teu jantar alguma vez teria fim.

— Também eu — respondeu Isherwood desalentadamente. — Importas-te de me dizer como é que entraste aqui?

— Deves lembrar-te de que fomos nós que instalámos o teu sistema de segurança.

De facto, Isherwood lembrava-se. Também recordava que o sistema recebera uma importante atualização depois de uma operação que envolvera um traficante de armas russo chamado Ivan Kharkov.

— Parabéns, Julian. Os meus amigos dos serviços secretos britânicos disseram-me que foste um verdadeiro herói na outra noite.

— Ora essa... — Isherwood acenou com a mão, desvalorizando a questão.

— Não sejas modesto. A coragem é algo que escasseia hoje em dia. E pensar que não teria acontecido se aquela tua jovem namorada bonita não te tivesse deixado pendurado.

— A Fiona? Como raio é que tu sabes dela?

— Os britânicos deram-me uma cópia da mensagem de texto que ela te enviou enquanto estavas sentado no restaurante.

— Será que nada é sagrado?

— Também me mostraram alguns minutos das imagens das câmaras de videovigilância — disse Gabriel. — Estou orgulhoso de ti, Julian. Salvaste um grande número de vidas naquela noite.

— Só consigo imaginar o que deve ter parecido. Um Dom Quixote envelhecido a perseguir moinhos de vento.

Sobre as suas cabeças, a chuva noturna embatia na claraboia.

— Então, o que é que te traz à cidade? — perguntou Isherwood. — Negócios ou prazer?

— Não me dedico ao prazer, Julian. Pelo menos, agora já não.

— Já somos dois.

— Está assim tão mau?

— Estou a atravessar um pequeno período de seca, para não dizer mais.

— Quão seco?

— Como o Saara — disse Isherwood.

— Talvez eu possa proporcionar um pouco de chuva.

— Nada muito perigoso, espero. Não tenho a certeza se consigo aguentar mais emoções.

— Não, Julian, não é nada disso. Só preciso que aconselhes um amigo meu que está interessado em construir uma coleção.

— Esse sujeito é israelita?
— Russo, na verdade.
— Oh, meu Deus. Como é que ele ganha dinheiro?
— De formas das quais não gosta de falar.
— Estou a ver — disse Isherwood. — Suponho que não tenha nada a ver com todas as bombas que têm andado a explodir ultimamente.
— Talvez tenha.
— E se eu concordar em servir de consultor a esse sujeito?
— Aplicar-se-ão as regras *standard* para este tipo de relações.
— Com isso, queres dizer que vou poder cobrar-lhe uma comissão por cada quadro que o ajudar a adquirir.
— Na verdade — disse Gabriel —, podes extorqui-lo à vontade. Ele não vai estar a prestar muita atenção.
— O teu homem gosta de Grandes Mestres?
— Adora. Mas também aprecia trabalhos contemporâneos.
— Não vou levar-lhe isso a mal. Quanto é que ele está disposto a gastar?
— Duzentos — disse Gabriel. — Talvez trezentos.
Isherwood franziu o sobrolho.
— Com isso, não vai longe.
— *Milhões*, Julian. Duzentos milhões.
— Não podes estar a falar a sério.
A expressão de Gabriel disse que estava.
— Vai chegar a Londres daqui a alguns dias. Leva-o às casas de leilões e galerias. Compra cuidadosa, mas apressadamente. E faz um pouco de ruído, Julian. Quero que as pessoas reparem.
— Não consigo fazer isso com charme e boa aparência — disse Isherwood. — Vou precisar de dinheiro a sério.
— Não te preocupes, Julian. O cheque está no correio.
— Duzentos milhões? — perguntou Isherwood.
— Talvez trezentos.
— Trezentos é definitivamente melhor do que duzentos.
Gabriel encolheu os ombros.
— Então, que sejam trezentos.

[4] Franco, direto. (N.T.)

LONDRES – GENEVRA

Saladino atacou novamente às oito e meia da manhã seguinte. O alvo foi a estação ferroviária Central de Antuérpia, dois bombistas suicidas, dois atiradores, sessenta e nove mortos. Gabriel estava, nesse momento, na estação de St. Pancras, em Londres, à espera de embarcar no Eurostar para Paris. O comboio partiu com quarenta minutos de atraso, embora não tivesse sido facultada qualquer explicação para a demora. Parecia que Saladino conseguira criar uma nova normalidade na Europa Ocidental.

— Se ele continuar assim — disse Christian Bouchard —, vai ficar sem alvos.

Bouchard estivera à espera de Gabriel no átrio das chegadas da Gare du Nord. Agora, estava ao volante de um *Citroën* do Grupo Alpha, a acelerar no Boulevard de la Chapelle em direção a leste. Não exibia quaisquer vestígios visíveis dos ferimentos que sofrera no atentado na Rue de Grenelle. Aliás, a aparência do elegante francês era melhor do que nunca.

— Já agora — disse ele —, devo-lhe um pedido de desculpas pela forma como agi antes do atentado à bomba. Fico simplesmente satisfeito pelo facto de essa não ser a sua última impressão de mim.

— Para ser sincero, Christian, não me recordo sequer de o ver nesse dia.

Bouchard sorriu, contrariado.

— Para onde é que me está a levar?

— Para uma casa segura no vigésimo distrito.

— Já conseguiram encontrar um novo quartel-general?

— Ainda não. Estamos um pouco como os antigos israelitas — disse Bouchard. — Espalhados aos quatro ventos.

O andar seguro situava-se num bloco de apartamentos moderno que não ficava longe de um supermercado *kosher*. Paul Rousseau, sentado numa mesa de linóleo barata na cozinha, fumou incessantemente cachimbo enquanto Gabriel fazia o seu relatório. Rousseau tinha motivos para se sentir desconfortável. Dera rédea solta a um serviço de espionagem estrangeira para seguir um proeminente empresário francês e agora estava a deleitar-se com o fruto de uma árvore

venenosa. Resumidamente, estava de facto a caminhar sobre gelo muito fino.

— Não estou contente com a participação dos americanos. Atualmente, as prioridades deles parecem ser fusões e aquisições.

— Fi-lo por uma única e exclusiva razão.

— Mesmo assim... — Rousseau mordiscou pensativamente a ponta do cachimbo. — Quão seguro estás em relação à galeria?

— Devo saber mais ao final do dia.

— Porque se conseguires provar que a galeria é suja...

— A ideia é essa, Paul.

— Quando é que pretendes entrar em modo operacional?

— Assim que obtiver o financiamento necessário — disse Gabriel.

— Há mais alguma coisa de que precisas da nossa parte?

— De uma propriedade perto de Saint-Tropez.

— Há muitas para alugar, principalmente nesta época do ano.

— Na verdade, não estou à procura de um aluguer.

— Queres comprar?

Gabriel assentiu com a cabeça.

— Na verdade — disse ele —, já tenho uma propriedade em mente.

— Qual?

Gabriel respondeu. Rousseau pareceu ficar incrédulo.

— A que pertenceu ao...

— Sim, essa mesma.

— Está embargada.

— Então, desembarga-a. Confia em mim. Vai valer a pena. Os contribuintes franceses vão ficar agradecidos.

— Quanto é que estás preparado para oferecer?

Gabriel levantou o olhar em direção ao teto.

— Doze milhões parecem-me bem.

— Aparentemente, caiu num estado de degradação avançada.

— Pretendemos restaurá-la.

— Na Provença? — Rousseau abanou a cabeça. — Desejo-te a melhor das sortes.

Cinco minutos depois, tendo tratado de alguns assuntos operacionais mais prosaicos, Gabriel estava novamente no lugar do passageiro do *Citroën* de Bouchard. Desta vez, conduziram do vigésimo *arrondissement* para o décimo segundo e pararam no Boulevard Diderot, no exterior da Gare de Lyon. Parecia estar sob ocupação militar. O mesmo se passava em todas as estações ferroviárias de França.

— Tem a certeza de que quer entrar aí? — perguntou Bouchard. — Posso arranjar-lhe um carro, se preferir.

— Eu cá me arranjo.

Longas filas espalhavam-se a partir da entrada da estação, onde

polícia fortemente armada estava a revistar sacos e malas e a questionar qualquer pessoa, especialmente homens jovens, de aparência remotamente árabe. A nova normalidade, pensou Gabriel, enquanto era autorizado a entrar no átrio elevado das partidas. O famoso relógio mostrava cinco minutos depois das três, o embarque para o seu comboio fazia-se na linha D. Linha Dalet[5], pensou. Porque é que tinha de ser aquela? Não podiam ter escolhido outra?

Caminhou ao longo da plataforma, entrou numa das carruagens de primeira classe e instalou-se no lugar que lhe fora atribuído. Só quando as recordações desapareceram é que pegou no telemóvel. O número que digitou era de Berna. Um homem atendeu em suíço alemão. Gabriel dirigiu-se a ele no alemão com sotaque berlinense da sua mãe.

— Estou a caminho do teu lindo país, e estava a pensar se poderias mostrar-me um pouco de diversão.

Houve um silêncio, seguido de uma demorada exalação de ar.

— Quando é que chegas?

— Seis e um quarto.

— Como?

— No TGV de Paris.

— O que é desta vez?

— A mesma coisa que da última vez. Uma espreitadela, só isso.

— Não vai explodir nada, pois não?

Gabriel terminou a chamada e observou a plataforma a deslizar lentamente para lá da sua janela. Mais uma vez, foi assaltado por recordações. Viu uma mulher, com cicatrizes e prematuramente grisalha, sentada numa cadeira de rodas, e um homem a correr desenfreadamente na sua direção com uma arma na mão. Fechou os olhos e agarrou o apoio de braço para impedir a sua mão de tremer. Eu cá me arranjo, pensou.

O NDB, tal como a própria Suíça, era pequeno mas eficiente. Sediado num monótono prédio de escritórios em Berna, o serviço era responsável por impedir os inúmeros problemas de um mundo desordenado de atravessarem as fronteiras da Confederação Suíça. Espiava os espões que exerciam a sua atividade em solo suíço, vigiava os estrangeiros que escondiam o dinheiro em bancos suíços e monitorizava as atividades do crescente número de muçulmanos que faziam da Suíça a sua casa. Até agora, o país fora poupado a um grande atentado terrorista por parte da Al-Qaeda, ISIS e afins, e não era por acaso. Christoph Bittel, o chefe da divisão antiterrorista do NDB, era muito bom no seu trabalho.

Era também pontual como um relógio suíço. Alto e magro, estava

encostado contra o capô de um *sedan* alemão quando Gabriel saiu da Gare de Cornavin, em Genebra, às seis e meia. O polícia secreto suíço franziu o sobrolho. Na Suíça, seis e um quarto significavam seis e um quarto.

— Sabes a localização do cofre?

— Edifício três, corredor oito, cofre dezanove.

— Quem é o titular do aluguer?

— Uma empresa chamada TXM Capital. Mas suspeito que o verdadeiro proprietário seja o JLM.

— O Jean-Luc Martel?

— O próprio.

Bittel praguejou suavemente.

— Não quero problemas com os franceses. Preciso da DGSI para proteger o meu flanco ocidental.

— Não te preocupes com os franceses. Quanto ao teu flanco ocidental, eu estaria muito assustado.

— É verdade o que dizem sobre o Martel? Que o verdadeiro negócio dele são as drogas?

— Vamos saber daqui a alguns minutos.

Atravessaram o Ródano e, depois, passado um momento, as águas verde-muco do Arve. A sul, estendia-se um *quartier* de Genebra onde turistas e diplomatas raramente se aventuravam a ir. Era um terreno de armazéns ordenados e prédios baixos de escritórios. Era também a casa do sigiloso Freeport de Genebra, um depósito seguro e isento de impostos onde os magnatas do mundo guardavam tesouros de todo o tipo: barras de ouro, joalheria, vinho *vintage*, automóveis e, claro, arte. Não era arte para ser vista e apreciada. Era arte como mercadoria, arte como salvaguarda para tempos de incerteza.

— O local mudou desde a última vez que cá estivemos — disse Bittel. — A última gota foi o escândalo que envolveu o Modigliani, o que tinha sido roubado pelos nazis. Muitos colecionadores retiraram-se depois disso e deslocaram os bens para lugares como Delaware e Londres. As autoridades do cantão chamaram um homem novo para dirigir o local. É um ex-ministro das Finanças suíço, verdadeiramente exigente quanto a cumprir a lei à letra.

— Afinal, talvez haja esperança para o teu país.

— Vamos saltar essa parte — disse Bittel. — Gosto mais quando estamos do mesmo lado.

Uma fila de estruturas brancas uniformes apareceu à direita, rodeada por uma cerca verde opaca com arame de concertina e câmaras de vigilância no topo. O local poderia ter sido confundido com uma prisão, se não fosse pela placa vermelha e branca onde se podia ler PORTS FRANCS. Bittel virou para a entrada e aguardou que o portão de segurança se abrisse. Depois, avançou suavemente alguns

metros e colocou o carro em ponto-morto.

— Edifício três, corredor oito, cofre dezanove.

— Muito bem — disse Gabriel.

— Não vamos encontrar drogas lá dentro, pois não?

— Não.

— Como é que podes ter a certeza?

— Porque os traficantes de droga não trancam o seu produto em instalações de armazenamento seguras e isentas de impostos. Vendem-no a idiotas que o fumam, snifam e injetam nas veias. É assim que fazem dinheiro.

Bittel entrou no escritório da segurança. Através dos estores semiabertos das janelas, Gabriel conseguiu vê-lo numa conversa íntima com uma atraente morena. Era óbvio que estavam a falar em francês, em vez de suíço alemão. Finalmente, houve alguns acenos com a cabeça e garantias e, depois, uma chave trocou de mãos. Bittel transportou-a de volta até ao carro e deslizou novamente para trás do volante.

— Tens a certeza de que não há nada entre vocês os dois? — perguntou Gabriel.

— Não comeces outra vez com isso.

— Talvez ma pudesses apresentar. Poupar-te-ia o trabalho de teres de conduzir de Berna até aqui sempre que preciso de dar uma espreitadela ao cofre de algum criminoso.

— Prefiro o nosso sistema atual.

Bittel estacionou no exterior do edifício três e conduziu Gabriel para o interior. A partir da entrada, estendia-se um corredor aparentemente interminável de portas. Subiram um lanço de escadas até ao segundo andar e encaminharam-se para o corredor oito. A porta do cofre dezanove era de metal cinzento. Bittel inseriu a chave na fechadura e, entrando, acendeu a luz. O cofre continha dois compartimentos. Ambos estavam cheios de caixas de madeira retangulares, do género que era utilizado para transportar arte valiosa. Todas eram de tamanho idêntico, cerca de 1,80 m por 1,20 m.

— Outra vez não — disse Bittel.

— Não — disse Gabriel. — Outra vez não.

Examinou uma das caixas. Presa a ela, havia uma guia de remessa que exibia o nome de Galerie Olivia Watson de Saint-Tropez. Gabriel puxou a tampa, mas esta não se moveu. Estava firmemente fixa com pregos.

— Por acaso, não tens um martelo de carpinteiro no teu bolso de trás, não?

— Desculpa.

— Então e uma chave de desmontar pneus?

— Talvez tenha uma no porta-bagagens.

Gabriel escrutinou as restantes caixas enquanto Bittel descia até ao andar de baixo. Havia quarenta e oito. Todas tinham vindo da Galerie Olivia Watson. A TXM Capital era o destinatário de vinte e sete das caixas. As restantes exibiam nomes igualmente vagos (o tipo de nomes, pensou Gabriel, inventados por advogados astutos e banqueiros privados).

Bittel regressou com a chave de desmontar pneus. Gabriel utilizou-a para abrir a primeira caixa. Trabalhou lenta e suavemente, de forma a deixar as mínimas marcas possíveis na madeira. No interior, encontrou uma tela envolta em papel cristal, que repousava numa moldura protetora de poliuretano. Tudo tinha uma aparência extremamente profissional, à exceção da tela em si.

— Que contemporâneo — disse Bittel.

— Gostos não se discutem — respondeu Gabriel.

Abriu outra caixa. Os conteúdos eram idênticos aos da primeira. O mesmo sucedeu com a terceira caixa. E a quarta. Uma tela envolta em papel cristal, uma moldura protetora de poliuretano. Tudo muito profissional, à exceção das telas em si.

Todas estavam em branco.

— Importas-te de me dizer o que é que isto significa? — perguntou Bittel.

— Significa que o verdadeiro negócio do Jean-Luc Martel são as drogas e que está a usar a galeria de arte da namorada para lavar alguns dos seus lucros.

— É exatamente disso que o Freeport precisa. De outro escândalo.

— Não te preocupes, Cristoph. Vai ser o nosso segredinho.

[5] Referência ao romance *Príncipe de Fogo*. *Dalet* é a quarta letra do alfabeto hebreu (ד). (N.T.)

TELAVIVE – SAINT-TROPEZ

Assim sendo, faltava apenas o dinheiro. O dinheiro necessário para levar a operação de Gabriel da fase de produção à cena. Os duzentos ou trezentos milhões para adquirir uma coleção de arte vistosa. Os doze milhões para uma *villa* sumptuosa na Côte d’Azur francesa e os cinco milhões, mais coisa menos coisa, para a tornar apresentável. E, depois, havia o dinheiro para todos os pequenos extras da vida. Os carros, as roupas, as joias, os restaurantes, as viagens de avião privado, as festas luxuosas. Gabriel tinha um número em mente, ao qual acrescentou outros vinte milhões, para o caso de serem necessários. As operações, como a própria vida, eram incertas.

— Isso é muito dinheiro — disse o primeiro-ministro.

— Quinhentos milhões já não dão para tanta coisa como antigamente.

— Onde fica o banco?

— Temos vários à escolha, mas o Banco Nacional do Panamá é a nossa melhor opção. Conseguimos fazer tudo lá — explicou Gabriel — e a ameaça de retaliação é reduzida, depois do escândalo com os Papéis do Panamá. Ainda assim, vamos deixar algumas pistas falsas para cobrir o nosso rasto.

— Quem é que vai culpar?

— Os norte-coreanos.

— Porque não os iranianos?

— Da próxima vez — prometeu Gabriel.

Os fundos visados estavam distribuídos por oito contas separadas, todas em nome da mesma empresa de investimentos fantasma. Faziam parte de uma vasta fortuna de dinheiro furtado, controlada pelo governante da Síria e pelos seus amigos e parentes próximos. Pouco tempo antes de se tornar chefe, Gabriel localizara e depois confiscara a maior parte da fortuna, numa tentativa de moderar a conduta assassina do governante na guerra civil síria. Mas fora obrigado a devolver o dinheiro, mais de oito mil milhões de dólares, em troca de uma única vida humana. Pagara o resgate sem arrependimento: tinha sido, dizia sempre, o melhor negócio que alguma vez fizera. Ainda assim, tinha estado à procura de uma desculpa, qualquer desculpa,

para ter a última palavra. Encontrar Saladino era um motivo tão bom como qualquer outro.

Gabriel não devolvera os oito mil milhões diretamente ao governante sírio. Depositara-o, conforme fora instruído a fazer, no Gazprombank, em Moscovo, por conseguinte colocando-o, na prática, nas mãos do czar, o benfeitor e amigo mais próximo do governante sírio. O czar tirara metade do dinheiro para si: taxas de serviço, despesas de transporte, envio e manutenção. Os restantes fundos, ligeiramente superiores a quatro mil milhões de dólares, tinham sido depositados numa série de contas secretas na Suíça, Luxemburgo, Liechtenstein, Dubai, Hong Kong e, claro, no Banco Nacional do Panamá.

Gabriel sabia disso porque, com o auxílio de uma unidade altamente sigilosa de *hackers* do Departamento, observara cada uma das movimentações do dinheiro. A unidade não tinha nome oficial porque, oficialmente, não existia. Aqueles que tinham sido informados do seu trabalho referiam-se a ela unicamente como «o Minyan», pois era constituída por dez elementos, todos do sexo masculino. Premindo, simplesmente, algumas teclas do computador, conseguiam deixar uma cidade às escuras, cegar os radares de um centro de controlo aéreo ou fazer as turbinas de uma fábrica de enriquecimento de urânio iraniana girarem furiosa e descontroladamente. Em suma, tinham a capacidade de virar as máquinas contra os seus amos. Em privado, Uzi Navot referia-se ao Minyan como dez boas razões pelas quais ninguém no seu perfeito juízo alguma vez usaria um computador ou um telemóvel.

O Minyan trabalhava numa sala ao fundo do mesmo corredor que albergava a divisão onde a equipa de Gabriel estava a fazer os retoques finais do planeamento pré-operacional. O seu líder formal era um miúdo chamado Ilan. Era o equivalente cibernético de Mozart. Primeiro código informático aos cinco, primeiro *hack* aos oito, primeira operação secreta contra os iranianos aos vinte e um. Era magro como um indigente e tinha a palidez macilenta de alguém que não saía muito para o exterior.

— Basta-me carregar num botão — disse com um sorriso travesso — e *puf*: o dinheiro desaparece.

— Sem deixar impressões digitais?

— Só norte-coreanas.

— E não há nenhuma forma de conseguirem seguir o rasto do dinheiro do Banco do Panamá para o HSBC em Paris?

— Nem pensar.

— Lembra-me — disse Gabriel — para guardar o meu dinheiro debaixo do colchão.

— Guarda o teu dinheiro debaixo do colchão.

— Era um pedido retórico, Ilan. Não queria realmente que me

lembrasses.

— Oh.

— Tens de sair para o mundo real de vez em quando.

— Isto é o mundo real.

Gabriel fitou o ecrã do computador. Ilan também o fitou.

— Então? — perguntou Gabriel.

— Então o quê?

— Estás à espera de quê?

— De autorização para roubar quinhentos milhões de dólares.

— Isto não é roubar.

— Duvido que os sírios vejam isso da mesma forma. Ou os panamenhos.

— Carrega no botão, Ilan.

— Ia sentir-me melhor se fosses tu a fazê-lo.

— Qual é?

Ilan indicou a tecla *enter*. Gabriel premiu-a uma vez. Depois, caminhou até ao fundo do corredor e informou a sua equipa das notícias. O financiamento necessário tinha chegado. Estavam em ação.

Deixou-se ver pela primeira vez na semana seguinte, na quarta-feira, a sair da Bonhams, na New Bond Street, com Julian Isherwood no seu encalço. Quis a sorte (ou, olhando para trás, talvez não tivesse sido, de todo, sorte) que Amelia March da *ARTnews* estivesse no passeio nesse momento, a matar tempo para o encontro agendado para as duas horas com o presidente do departamento de pós-guerra e contemporânea da Bonhams. Era uma jornalista de arte, não uma verdadeira jornalista, mas tinha faro para uma boa história e olho para o pormenor. *Alto, elegante, bastante louro, mais para o pálido, sem qualquer cor nos olhos. O seu casaco e sobretudo eram perfeitos, o perfume cheirava a dinheiro.* Achou estranho que estivesse na companhia de um fóssil como Julian. Aparentava ter um gosto mais virado para o moderno, em vez de anjos, santos e mártires. Isherwood fez uma apresentação apressada antes de enfiar o seu cúmplice no banco de trás de uma limusina *Jaguar* que os aguardava. Dmitri Qualquer Coisa. Só podia.

No interior da Bonhams, Amelia conseguiu apurar que Isherwood e o amigo alto e pálido tinham passado várias horas com Jeremy Crabbe, o especialista em Grandes Mestres da casa de leilões. Localizou Jeremy no Wilton mais tarde nessa mesma noite. Conversaram como dois espões num café de Viena no pós-guerra.

— O nome é Antonov. Dmitri Antonov. Russo, suponho, mas o assunto não veio à baila na conversa informal. Está completamente a *nadar* em dinheiro. Trabalha em qualquer coisa no setor dos recursos

naturais. Não é o que fazem *todos*? — disse Jeremy, arrastando a voz. — O Julian agarrou-se a ele como uma lapa ao casco de um navio. Aparentemente, age tanto na qualidade de vendedor como de consultor. Uma relação bem confortável, financeiramente falando. Parece que o Dmitri tirou vários quadros das mãos do Julian e agora andam à caça grossa. Mas não me cites em relação a isso. Na verdade, não me cites em relação a nada. Isto é tudo *off the record*. Estritamente *entre nous*, minha querida.

Amelia concordou em manter a informação confidencial, mas Jeremy não foi tão discreto. Na verdade, disse a toda a gente no bar, incluindo a Oliver Dimbleby. No final da noite, era o único tema de conversa entre todos ali presentes.

Em meados de março, ambos foram vistos na Christie's e na Sotheby's. Também fizeram uma visita à galeria de Oliver na Bury Street, onde, após uma hora de negociação inócua, se comprometeram com a aquisição de uma paisagem de uma duna montanhosa do pintor holandês Jacob van Ruysdael, de duas cenas de canais venezianos de Francesco Guardi e de um funeral de Zelotti. Roddy Hutchinson vendeu-lhe cinco quadros no total, incluindo uma natureza morta com fruta e um lagarto de Ambrosius Bosschaert II. No dia seguinte, Amelia March publicou um pequeno artigo sobre um jovem russo que andava a agitar as águas do mercado de arte londrino. Julian Isherwood, na qualidade de porta-voz do russo, recusou tecer quaisquer comentários.

— Quaisquer compras efetuadas pelo meu cliente foram privadas — disse ele — e continuarão a sê-lo.

O início de abril viu Isherwood e o seu amigo russo do outro lado do Atlântico, em Nova Iorque, onde a sua chegada foi ansiosamente antecipada. Visitaram as casas de leilões e as galerias, jantaram em todos os restaurantes certos e até assistiram a um musical na Broadway. Um colunista de mexericos do *Post* relatou que adquiriram vários quadros de Grandes Mestres da Otto Naumann Lda., na East Eightieth Street, mas, uma vez mais, Isherwood balbuciou qualquer coisa sobre o desejo de privacidade do seu cliente. Segundo constava, esse desejo não era assim tão intenso. Quem se encontrou com ele ficou com a impressão de que era um homem que gostava de ser visto. O mesmo se aplicava à bonita jovem (aparentemente era sua esposa, mas tal nunca foi irrefutavelmente provado) que o acompanhou à América. Era esbelta, morena, francesa e profundamente antipática.

— Não perdeu uma única oportunidade de se ver ao espelho — disse o gerente de uma joalheria exclusiva da Quinta Avenida. — Uma verdadeira peça.

Mas quem era aquele homem chamado Dmitri Antonov? E, talvez mais importante do que isso, de onde vinha tanto dinheiro? Tornou-se

rapidamente no foco de muitos rumores ao estilo de Gatsby, alguns maliciosos, outros bastante certos. Dizia-se que matara um homem, que matara muitos homens, e que amealhara a sua fortuna ilícitamente, tudo coisas que, por acaso, eram verdade. Não que isso o tornasse menos apetecível para aqueles que faziam da venda de arte a sua profissão. Não se importavam muito com o modo como ganhava dinheiro, desde que o cheque chegasse a horas e não houvesse problemas por parte do banco. Não havia. Tinha os seus fundos respeitavelmente depositados no HSBC de Paris, mas, curiosamente, todas as suas aquisições eram enviadas para um cofre no Freeport de Ginebra.

— É um daqueles — disse uma mulher que trabalhava no departamento de negócios da Sotheby's. Um superior recordou-a calmamente que «aqueles» eram os que mantinham lugares como a Sotheby's a funcionar.

O cofre no Freeport era o mais parecido que tinha com uma morada permanente. Em Londres, vivia no Dorchester, em Paris no Hôtel de Crillon. E quando os negócios o levavam até Zurique, só a suíte Terrazza no Dolder Grand servia. Até mesmo Julian Isherwood, que comunicava com ele através de telemóvel e mensagens de texto, alegava não saber onde ele estava de um dia para o outro. Mas havia rumores (aqui, uma vez mais, tratavam-se apenas de rumores) de que adquirira um castelo para si alí em França.

— Está a usar o Freeport como armazém temporário — sussurrou Isherwood ao ouvido de Oliver Dimbleby. — Há qualquer coisa grande em preparação. — Depois, Isherwood obrigou Oliver a jurar segredo absoluto, garantindo, dessa forma, que a notícia se tornaria global até à manhã seguinte.

Mas onde, em França? Mais uma vez, a fábrica de boatos começou a funcionar pois, no dia em que o homem chamado Dmitri Antonov deixou Nova Iorque, surgiu um pequeno artigo no *Nice-Matin* sobre uma certa propriedade imobiliária célebre, perto de Saint-Tropez. Conhecida como Villa Soleil, o extenso complexo à beira-mar na Baie de Cavalaire fora, em tempos, propriedade de Ivan Kharkov, o oligarca e traficante de armas russo morto a tiro à porta de um exclusivo restaurante em Saint-Tropez. Durante quase uma década, a propriedade estivera nas mãos do governo francês. Agora, por motivos nunca esclarecidos, o governo estava subitamente ansioso por se desfazer da Villa Soleil. Aparentemente, fora encontrado um comprador. Apesar dos árduos esforços, o *Nice-Matin* ainda não fora capaz de o identificar.

A renovação da propriedade começou imediatamente. De facto, no dia seguinte à publicação do artigo, um exército de pintores, eletricitistas, pedreiros e paisagistas aterraram na Villa Soleil e aí

permaneceram, sem interrupções, até que o grandioso palácio à beira-mar se tornou novamente habitável. A natureza empreendedora da mão-de-obra provocou uma dose de ressentimento significativa entre os vizinhos, todos eles veteranos da construção na Provença. Até mesmo Jean-Luc Martel, que vivia numa grandiosa *villa* no lado oposto da baía, ficou impressionado com a velocidade com que o projeto foi terminado. Gabriel e a equipa sabiam disso pois, com a ajuda da poderosa NSA americana, estavam agora a par de todas as comunicações privadas de Martel, incluindo o *e-mail* que enviou ao seu empreiteiro, indagando por que motivo a renovação da sua casa de apoio à piscina estava dois meses atrasada em relação ao previsto. *Se as obras não estiverem concluídas até ao final de abril*, escreveu, *despeço-o e contrato a empresa que tratou da antiga casa do Ivan*.

A decoração interior da Villa Soleil foi realizada no mesmo ritmo célere tão pouco habitual na Provença, supervisionada por uma das mais proeminentes empresas da Côte d'Azur. Houve apenas um atraso: dois sofás a condizer, encomendados da loja de *design* de Olivia Watson em Saint-Tropez. Devido a um erro administrativo menor (na verdade, absolutamente intencional), o nome do proprietário da *villa* apareceu na nota de encomenda. Olivia Watson partilhou o nome com Martel, que, por sua vez, o deu a um colunista do *Nice-Matin* que escrevera favoravelmente sobre ele no passado. Gabriel e a sua equipa souberam disso porque a poderosa NSA americana assim o assegurava.

Assim sendo, faltavam apenas os quadros, os quadros adquiridos sob o olhar impecável de Julian Isherwood e armazenados num cofre do Freeport de Genebra. Em meados de maio, foram transportados para a Provença numa caravana de furgões, vigiada por agentes de uma empresa de segurança privada e vários agentes de uma unidade secreta da DGSi conhecida como Grupo Alpha. Isherwood supervisionou a sua fixação nas paredes, com o auxílio da esposa francesa do proprietário. Depois, voaram para Paris, onde o proprietário em pessoa estava hospedado na sua suíte habitual no Crillon. Nessa noite, jantaram no próspero restaurante novo de Martel, no Boulevard Saint-Germain, acompanhados por um homem de aspeto resiliente, que falava francês com um acentuado sotaque corso. Martel também estava lá, juntamente com a glamorosa namorada inglesa. Gabriel e a equipa não foram surpreendidos pela presença da sua presa; souberam dos planos de Martel com vários dias de antecedência e reservaram uma mesa para quatro em nome de Dmitri Antonov. Poucos minutos depois da chegada do grupo do jantar, surgiu na mesa uma garrafa de champanhe, juntamente com um bilhete manuscrito. O champanhe era um *Dom Pérignon* de 1998, o bilhete era de Jean-Luc Martel. «*Bem-vindo à vizinhança. Vemo-nos em Saint Tropez...*». Era, globalmente, um início promissor.

CÔTE D'AZUR, FRANÇA

- Acho que vou à vila daqui a pouco.
- Fazer o quê?
- É dia de mercado. Sabes como eu adoro o mercado.
- Ah, sim, fantástico.
- Podes vir comigo?
- Infelizmente, não posso. Tenho umas chamadas para fazer.
- Tudo bem.

Tinham transcorrido dez dias desde que Mikhail e Natalie (também conhecidos como Dmitri e Sophie Antonov) se tinham instalado na sua nova casa na Baie de Cavalaire, e já parecia que estavam aborrecidos. Não era aborrecimento operacional, era de natureza conjugal. Gabriel determinara que os Antonovs não seriam uma união inteiramente feliz. Poucos casamentos eram perfeitos, argumentou, e um casamento entre um criminoso russo e uma francesa de proveniência duvidosa não seria isento dos seus maus momentos. Também decretara que deveriam manter as suas identidades falsas permanentemente, mesmo quando estivessem seguros atrás das paredes de três metros e meio da Villa Soleil. Tal explicava a frígida troca verbal ao pequeno-almoço. Foi realizada em inglês, visto que o francês de Dmitri Antonov era atroz e o russo da sua esposa inexistente. Os empregados da casa, todos agentes do Grupo Alpha de Paul Rousseau, dirigiam-se apenas à Madame Sophie. Em geral, evitavam o Monsieur Antonov. Achavam-no rude e grosseiro, e ele considerava-os, com alguma razão, os piores empregados domésticos de toda a Provença. Gabriel partilhava a sua opinião. Em privado, instara Rousseau a pô-los rapidamente em sentido. Caso contrário, arriscavam-se a afundar toda a operação.

Mikhail e Natalie estavam sentados, como personagens de um filme, numa mesa do vasto terraço rodeado por colunas com vista para a piscina. Era onde tinham tomado o pequeno-almoço em cada uma das nove manhãs anteriores, pois o Monsieur Antonov preferia aquele local sobre todos os outros. Ele começara o dia com uns vigorosos trinta minutos de natação na piscina. Agora envergava um roupão de banho branco impoluto contra a pele pálida. O olhar de Natalie foi atraído pelo riacho de água que escorria pelo leito esculpido dos seus

músculos abdominais na direção da cintura dos calções de banho. Rapidamente, desviou o olhar. A Madame Sophie, recordou a si própria, estava irritada com o Monsieur Antonov. Ele não conseguiria voltar a cair nas suas boas graças simplesmente com uma demonstração insignificante de beleza física.

Ela serviu uma chávena de café forte simples do bule de prata e acrescentou uma medida generosa de leite evaporado. Ao fazê-lo, parecia inegavelmente francesa. Em seguida, puxou um *Gitane* do maço e acendeu-o. Os cigarros, tal como o seu comportamento indelicado, serviam unicamente o seu disfarce. Como médica, vira em primeira mão os efeitos terríveis do tabaco no corpo humano e era uma não-fumadora convicta. A primeira inalação arranhou-lhe a parte de trás da garganta, mas, com um gole de café, conseguiu reprimir a vontade de tossir. O café era quase perfeito; só no sul de França, pensou, tinha tal sabor. A manhã estava limpa e agradável, com um vento suave a circular na fila de ciprestes que marcava a fronteira entre a Villa Soleil e o vizinho. Uma ondulação salpicava a Baie de Cavalaire e, do outro lado, Natalie conseguia distinguir as linhas ténues da *villa* pertencente a Jean-Luc Martel, hoteleiro, empresário da restauração, de roupa, de joalharia e comerciante internacional de estupefacientes ilícitos.

— *Croissant*? — perguntou ela.

— Desculpa? — Mikhail estava a ler qualquer coisa num *tablet* com grande intensidade e não se podia dar ao trabalho de erguer o olhar para que se encontrasse com o dela.

— Perguntei se querias outro *croissant*.

— Não.

— Então e o almoço?

— Agora?

— Em Saint-Tropez. Podes encontrar-te comigo lá.

— Vou tentar. A que horas?

— À hora do *almoço*, querido. À hora a que as pessoas normalmente almoçam.

Ele deslizou um dedo indicador pela superfície do *tablet*, mas não disse nada. Natalie apagou o cigarro e, comportando-se como Sophie Antonov, levantou-se abruptamente. Depois, inclinou-se para baixo e aproximou a boca do ouvido de Mikhail.

— Pareces estar a gostar demasiado disto — sussurrou em hebreu.

— Se fosse a ti, não me habituava muito.

Entrou na *villa* e caminhou lentamente, com os pés descalços, pelas suas inúmeras divisões cavernosas, até chegar à base da imponente escadaria principal. Os seus aposentos, pensou, eram bem melhores do que os que tivera de suportar na primeira operação: o apartamento pardacento no *banlieue* parisiense de Aubervilliers, o quatinho

esquálido num dormitório do ISIS em Raqqa, o campo de treino no deserto nos arredores de Palmira, o quarto na casa de Mossul onde cuidara de Saladino até que estivesse curado.

Tu és o meu Maimónides...

No quarto, os lençóis de cetim continuavam desordenados. Evidentemente, as criadas do Grupo Alpha não tinham encontrado tempo na sua atarefada agenda para arrumar o quarto. Natalie esboçou um sorriso culpado. Essa era a única divisão da casa onde ela e Mikhail não faziam qualquer tentativa de ocultar os seus verdadeiros sentimentos um pelo outro. Em rigor, as suas ações na noite anterior tinham sido uma violação do regulamento do Departamento, que proibia relações íntimas entre agentes no terreno. Era, celebrenemente, umas das regras menos cumpridas em todo o serviço. De facto, sabia-se que o atual chefe e a sua esposa tinham desrespeitado a regra em inúmeras ocasiões. Para além disso, pensou Natalie enquanto alisava os lençóis, fazerem amor servia o disfarce. Nem mesmo cônjuges desavindos eram imunes à obscura atração do desejo.

O closet estava a transbordar de roupa, sapatos e acessórios de marca, tudo pago pelo sanguinário governante da Síria. Só o melhor para a Madame Sophie. De uma gaveta, retirou um par de *leggings* de licra e um sutiã de desporto. Os seus ténis *Nike* estavam na prateleira dos sapatos, junto a um par de sapatos de salto alto *Bruno Magli*. Vestida, caminhou por um corredor fresco de mármore até à sala de *fitness* e subiu para a passadeira. Odiava correr dentro de casa, mas não tinha outra opção. A Madame Sophie não estava autorizada a correr no exterior. A Madame Sophie tinha problemas de segurança. Natalie Mizrahi também os tinha.

Colocou uns auscultadores nos ouvidos e começou com uma corrida fácil, mas foi aumentando a velocidade da passadeira a cada quilómetro, até estar a correr velozmente, em ritmo apressado. A sua respiração manteve-se controlada e estável; as muitas semanas que passara na quinta em Nahalal tinham-na deixado no auge da sua forma física. Terminou com uma corrida final a alta velocidade e passou trinta minutos a levantar pesos antes de regressar ao quarto para tomar um duche e vestir-se. Calças *capri* brancas, um pulôver de malha elástica e corte justo que lhe favorecia os seios e a cintura esguia, sandálias rasas douradas. De pé diante do espelho, pensou na última operação, no *hijab* e nas roupas pias da Dra. Leila Hadawi. Leila, pensou ela, não teria aprovado Sophie Antonov. Nisso, Natalie e ela estavam completamente de acordo.

Saiu para a varanda e espreitou para baixo, na direção do terraço onde Mikhail estava esticado numa *chaise longue*, expondo a sua pele incolor aos raios de sol matinal. Em dez dias, a sua palidez não se alterara. Parecia ser incapaz de se bronzear.

— Tens a certeza de que não queres vir comigo? — gritou ela para baixo.

— Estou ocupado.

Natalie deixou cair o telemóvel do Departamento na sua mala de senhora e encaminhou-se para o andar de baixo, rumo ao pátio, onde a limusina *Maybach* de Antonov aguardava junto à fonte salpicante, com um motorista do Grupo Alpha ao volante. No banco de trás, havia um segundo agente do Grupo Alpha. O seu nome era Roland Girard. Durante a primeira operação, desempenhara a função de diretor da pequena clínica em Aubervilliers onde a Dra. Leila Hadawi exercera medicina. Agora, era o guarda-costas favorito da Madame Sophie. Havia rumores de que mantinham um caso tórrido, rumores que tinham chegado aos ouvidos do Monsieur Antonov. Este tentara despedir o guarda-costas várias vezes, mas a Madame Sophie nem sequer queria ouvir falar dessa possibilidade. Enquanto a *Maybach* atravessava lentamente o imponente portão de segurança, acendeu outro *Gitane* e fitou o exterior da janela, mal-humorada. Desta vez, não conseguiu reprimir a vontade de tossir.

— Sabias — disse Girard — que não tens de fumar essas coisas deploráveis quando estamos só os dois?

— É a única forma de me habituar a eles.

— Quais são os teus planos?

— O mercado.

— E depois?

— Tinha esperança de almoçar com o meu marido, mas parece que ele não pode ser incomodado.

Girard sorriu, mas não disse nada. Nesse preciso momento, o telemóvel de Natalie tocou com uma mensagem recebida. Depois de a ler, voltou a meter o aparelho na mala e, tossindo, fumou o que restava do *Gitane*. Estava quase na hora de a Madame Sophie conhecer a Madame Olivia. Tinha de praticar.

SAINT-TROPEZ, FRANÇA

Enquanto passavam pela saída para a Plage de Pampelonne, Natalie foi inundada por memórias. Dessa vez, não eram as memórias de Leila, eram as suas. Uma manhã perfeita no final de agosto. Natalie e os pais fizeram a difícil viagem de carro de Marselha até Saint-Tropez porque nenhuma outra praia em França (nem no mundo, já agora) se compara àquela. Corria o ano de 2011. Natalie terminou a sua formação médica e embarcou no que promete ser uma carreira bem-sucedida no sistema de saúde público francês. É uma cidadã francesa modelo; não consegue imaginar-se a viver em nenhum outro lugar. Mas a França está a mudar vertiginosamente. Já não é um lugar onde seja seguro ser-se judeu. Cada dia, aparentemente, traz consigo notícias de mais um horror. Outra criança que espancaram ou em quem cuspiram, outra montra de loja que partiram, outra sinagoga que pintaram com *graffiti*, outra lápide que derrubaram. E, portanto, naquele dia do final de agosto, na praia de Pampelonne, Natalie e os pais fazem os possíveis para ocultar o facto de serem judeus. Não conseguem, e o dia não decorre sem olhares desdenhosos e um insulto murmurado pelo empregado de mesa que, de má vontade, lhes serve o almoço. Durante a viagem de regresso a Marselha, os pais de Natalie tomam uma decisão que mudará os seus destinos. Abandonarão França e estabelecer-se-ão em Israel. Pedem a Natalie, a sua única filha, que se junte a eles. Ela aceita, sem hesitar. E agora, pensava, fitando o exterior através dos vidros fumados da limusina *Maybach*, estava de volta.

Para lá das praias havia vinhedos recentemente plantados e minúsculas *villas* sombreadas por ciprestes e pinheiros mansos. No entanto, assim que alcançaram os limites exteriores de Saint-Tropez as *villas* passaram a estar escondidas por muros altos cobertos por trepadeiras floridas. Essas eram as casas dos *meramente* ricos, não dos milionários como Dmitri Antonov ou Ivan Kharkov antes dele. Quando era criança, Natalie sonhara com viver numa casa grandiosa rodeada de muros. Gabriel concedera-lhe o desejo. Gabriel, não, pensou subitamente. Fora Saladino.

O motorista conduziu suavemente a *Maybach* para a Avenue Foch e

seguiu por esta até ao *centre ville*. Era apenas junho, ainda não o pico do verão, portanto as multidões eram toleráveis, até mesmo na Place des Lices, onde se situava o fervilhante mercado ao ar livre de Saint-Tropez. Enquanto Natalie abria lentamente caminho por entre as banquinhas, sentiu uma avassaladora sensação de perda. Este era o *seu* país, pensou, e, contudo, a sua família fora obrigada a abandoná-lo devido ao mais antigo dos ódios. A presença de Roland Girard centrou a sua atenção na tarefa que tinha em mãos. Não caminhava ao seu lado, mas atrás de si. Não havia forma de o confundirem com um marido. Estava ali por uma única e exclusiva razão: para proteger a Madame Sophie Antonov, a nova residente do célebre palácio na Baie de Cavalaire.

Subitamente, ouviu alguém chamar o seu nome de um café no Boulevard Vasserot.

— Madame Sophie, Madame Sophie! Sou eu, o Nicolas. Aqui, Madame Sophie. — Ela ergueu o olhar e viu Christopher Keller a acenar-lhe de uma mesa no Le Clemenceau. A sorrir, atravessou a rua, com Roland Girard um passo atrás dela. Keller levantou-se e ofereceu-lhe uma cadeira. Quando Natalie se sentou, Roland Girard regressou à Place des Lices e ficou, de pé, sob a sombra sarapintada de um plátano.

— Que agradável surpresa — disse Keller quando ficaram sozinhos.

— Sim, é verdade. — O tom de Natalie foi frio. Era a voz que a Madame Sophie utilizava quando se dirigia aos homens que trabalhavam para o seu marido. — O que te traz por cá?

— Vim tratar de um recado. E a senhora?

— Fazer umas compras. — Olhou de relance em redor do mercado.

— Há alguém a ver-nos?

— Claro, Madame Sophie. Os senhores causaram uma agitação e tanto.

— Era esse o objetivo, não era?

Keller estava a beber *Campari*.

— Teve oportunidade de visitar alguma das galerias de arte? — perguntou ele.

— Ainda não.

— Há uma bastante boa perto do Porto Velho. Teria todo o gosto em mostrar-lha. É uma caminhada de cinco minutos, no máximo.

— A proprietária vai lá estar?

— Diria que sim, com certeza.

— Como é que o nosso amigo quer que eu me comporte?

— Parece pensar que se justificaria uma boa humilhação.

Natalie sorriu.

— Acho que a Madame Sophie consegue fazer isso bastante bem.

Caminharam na direção do Porto Velho, para lá do desfile de lojas que ladeavam a Rue Gambetta. Keller envergava calças brancas, *mocassins* pretos e um pulôver justo igualmente preto. Com o seu bronzeado escuro e gel no cabelo, tinha uma aparência absolutamente duvidosa. Natalie, desempenhando o papel de Madame Sophie, fingia um intenso e profundo tédio. Deambulou por várias montras de lojas, incluindo a de uma boutique que exibia o nome de Olivia Watson. Roland Girard, o seu falso guarda-costas, manteve-se vigilantemente junto dela.

— O que é que achas daquele? — perguntou, apontando na direção de um vestido fino que pendia de um manequim sem cabeça como um *négligé*. — Achas que o Dmitri repararia em mim se usasse aquilo? Ou então *aquele*? Aquele talvez conseguisse chamar a atenção dele.

Recebida por um silêncio profissional, continuou a caminhar, balouçando a sua mala de senhora como uma menina mimada. Yossi Gavish e Rimona Stern vinham pela rua estreita na direção deles, de mãos dadas, rindo-se de uma piada privada. Dina Sarid estava a examinar um par de sandálias na montra da Minelli e, um pouco mais ao fundo da rua, Natalie identificou Eli Lavon a entrar apressado numa farmácia, com a urgência de um homem cujas entranhas estão em estado de rebelião.

Finalmente, chegaram à Place de l'Ormeau. Não era um verdadeiro quadrado, como a Place des Lices, mas um minúsculo triângulo no cruzamento de três ruas. No centro, havia um fontanário antigo, sombreado por uma única árvore. Num dos lados havia uma loja de vestidos, no outro um café. E, junto do café, ficava o elegante edifício de quatro andares (grande para os cânones de Saint-Tropez, cinzento-pálido em vez de castanho-claro) ocupado pela Galerie Olivia Watson.

A pesada porta de madeira estava fechada e trancada. Ao lado, havia uma placa de bronze que declarava, em francês e inglês, que o visionamento do inventário da galeria se fazia unicamente por marcação. Na montra, havia três quadros em exposição: um Lichtenstein, um Basquiat e um trabalho do pintor e escultor francês Jean Dubuffet. Natalie aproximou-se para observar mais de perto o Basquiat, enquanto Keller examinava o telemóvel. Depois de um momento, apercebeu-se de uma presença nas suas costas. O aroma intoxicante a lilás tornou claro que não se tratava de Roland Girard.

— É lindo, não é? — perguntou uma voz feminina em francês.

— O Basquiat?

— Sim.

— Na verdade — disse Natalie para o vidro —, prefiro o Dubuffet.

— Tem bom gosto.

Natalie virou-se lentamente e avaliou a quarta obra de arte que se

erguia a alguns centímetros de distância, na Place de l'Ormeau. Era espantosamente alta, tão alta, na verdade, que Natalie teve de levantar o olhar para encontrar o dela. Não era bonita, era profissionalmente bonita. Até àquele momento, Natalie nunca se apercebera de que havia uma diferença.

— Gostaria de o ver mais de perto? — perguntou a mulher.

— Desculpe?

— O Dubuffet. Tenho alguns minutos antes da minha próxima marcação. — Sorriu e esticou uma mão. — Desculpe, devia ter-me apresentado. O meu nome é Olivia. Olivia Watson — acrescentou. — Esta é a minha galeria.

Natalie aceitou a mão estendida. Era invulgarmente longa, tal como o braço nu, suave e dourado, ao qual estava unida. Olhos azuis luminosos fitavam-na a partir de um rosto tão perfeito que quase parecia irreal. Ostentava nele uma expressão de moderada curiosidade.

— É a Sophie Antonov, não é?

— Já nos conhecemos?

— Não. Mas Saint-Tropez é uma cidade pequena.

— Muito pequena — disse Natalie friamente.

— Vivemos do outro lado da baía onde vive com o seu marido — explicou Olivia Watson. — Na verdade, conseguimos ver a vossa *villa* da nossa. Talvez gostassem de nos vir visitar, um destes dias.

— Receio que o meu marido esteja extremamente ocupado.

— Parece o Jean-Luc.

— O Jean-Luc é o seu marido?

— Parceiro — disse Olivia Watson. — O nome dele é Jean-Luc Martel. Talvez tenha ouvido falar dele. A Sophie e o seu marido jantaram na nossa nova *brasserie* em Paris, há duas semanas. Ele enviou-vos uma garrafa de champanhe. — Olhou de soslaio para Keller, que parecia estar absorto nalguma coisa que estava a ler no telemóvel. — Ele também estava lá.

— Trabalha para o meu marido.

— E aquele? — Olivia Watson apontou na direção de Roland Girard com a cabeça.

— Trabalha para mim.

Os olhos luminosos fixaram-se novamente em Natalie, que estudara centenas de fotografias de Olivia Watson como preparação para o primeiro encontro, mas, mesmo assim, o impacto da sua beleza continuava a ser absolutamente surpreendente. Agora, estava a sorrir ligeiramente. Era um sorriso astuto, sedutor, superior. Tinha perfeita consciência do efeito que a sua aparência tinha sobre as outras mulheres.

— O seu marido é colecionador de arte — disse ela.

— O meu marido é um empresário que aprecia arte — disse Natalie cautelosamente.

— Talvez ele gostasse de visitar a galeria.

— O meu marido prefere quadros de Grandes Mestres a trabalhos contemporâneos.

— Sim, eu sei. Causou uma verdadeira sensação em Londres e Nova Iorque, nesta primavera. — Mergulhou a mão na sua mala de senhora e retirou um cartão-de-visita, que ofereceu a Natalie. — O meu número privado está no verso. Tenho algumas peças especiais que creio que poderiam interessar ao seu marido. E, por favor, venham almoçar à nossa *villa* este fim de semana. O Jean-Luc está ansioso por conhecê-los a ambos.

— Eu e o meu marido temos outros planos para este fim de semana — disse Natalie bruscamente. — Tenha um bom dia, Madame Wilson. Foi um prazer conhecê-la.

— Watson — gritou ela, enquanto Natalie se afastava. — O meu nome é Olivia Watson.

Ainda estava a segurar o cartão-de-visita entre o polegar e o indicador. Keller aproximou-se e puxou-lho da mão.

— Por vezes, a Madame Sophie é um pouco temperamental. Não se preocupe. Vou ter uma conversa com o patrão em seu nome. — Ofereceu a sua mão. — O meu nome é Nicolas, já agora. Nicolas Carnot.

Keller caminhou com Natalie e Roland Girard no regresso à Place des Lices e acompanhou-os enquanto aguardavam a *Maybach*, que alguns segundos mais tarde abandonou o *centre ville* qual borrão negro, observada de forma igualmente invejosa por turistas e residentes locais. Sozinho, Keller cortou através das banquinhas do mercado até ao outro lado da praça e subiu para a mota *Peugeot Satelis* que ali deixara. Dirigiu-se para oeste ao longo da extremidade do golfo de Saint-Tropez, depois para sul para as montanhas do Var, até chegar à povoação de Ramatuelle. Não era muito diferente da aldeia dos Orsati na Córsega Central, um aglomerado de casas de cor parda com telhados vermelhos, empoleirada defensivamente no topo de uma montanha. Havia *villas* maiores escondidas nas planícies arborizadas em baixo. Uma delas chamava-se La Pastorale. Keller assegurou-se de que não estava a ser seguido antes de se apresentar no portão de segurança de ferro. Estava pintado de verde e tinha uma aparência bastante temível. Premiu o botão do intercomunicador com o polegar e depois virou-se para ver um camião de entregas passar na estrada.

— *Oui?* — disse uma fina voz metálica passado um momento.

— *C'est moi* — disse Keller. — Abre a merda do portão.

O caminho de acesso à casa era longo e sinuoso e ensombrado por pinheiros e choupos. Terminava no pátio de gravilha de uma enorme *villa* de pedra com portadas amarelas. Keller encaminhou-se para a sala de estar, que fora transformada num centro de operações temporário. Gabriel e Paul Rousseau estavam curvados sobre um computador portátil. Rousseau reconheceu a chegada de Keller com um aceno cuidadoso de cabeça (continuava profundamente desconfiado desse talentoso agente do MI6 que falava francês como um corso e estava à vontade na presença de criminosos), mas Gabriel tinha um sorriso rasgado.

— Bem jogado, Monsieur Carnot. Levar o cartão-de-visita foi um belo detalhe.

— As primeiras impressões são importantes.

— Efetivamente, são. Ouve isto.

Gabriel bateu suavemente no teclado do computador portátil e, alguns segundos depois, ouviu-se a voz de uma mulher enraivecida a gritar em francês. Era fluente e obsceno, mas marcado por um inconfundível sotaque inglês.

— Com quem é que ela está a falar?

— Com o Jean-Luc Martel, claro.

— Como é que ele reagiu?

— Vais ouvir daqui a um minuto.

Keller encolheu-se, enquanto a voz de Martel ribombava a partir das colunas.

— Claramente — disse Gabriel —, não está habituado a que as pessoas lhe digam que não.

— Qual é a tua próxima jogada?

— Outra humilhação. Várias, na verdade.

As colunas silenciaram-se depois de Olivia Watson terminar a chamada com uma enxurrada final de obscenidades aos gritos. Keller caminhou até um conjunto de monitores de vídeo e observou uma limusina *Maybach* a virar para uma *villa* palaciana à beira-mar. Uma mulher saiu e abriu caminho por entre divisões cavernosas de onde pendiam quadros de Grandes Mestres até um terraço com vista para uma piscina do tamanho de uma lagoa. Aí, dormitava um homem com a pele pálida a ruborizar-se debaixo da implacável ofensiva do sol. A mulher disse-lhe algo diretamente ao ouvido que os microfones não conseguiram captar e conduziu-o até ao andar de cima, para um quarto onde não havia câmaras. Keller sorriu, enquanto a porta se fechava. Afinal, talvez houvesse esperança para a Madame Sophie e o Monsieur Antonov.

CÔTE D'AZUR, FRANÇA

Não era verdade que Madame Sophie e Monsieur Antonov tivessem planos para esse fim de semana. Mas, de alguma forma, com o auxílio de uma mão oculta, ou talvez por magia, os planos materializaram-se. Efetivamente, mal o sol se tinha posto, numa tarde perfeita de sexta-feira, uma fileira de faróis de carros qual colar de diamantes estendeu-se ao longo da faixa costeira da Baie de Cavalaire, na direção dos portões da Villa Soleil, que brilhava e cintilava e pulsava ao ritmo de música tão alta que era possível ouvi-la do outro lado da água, que era o que se pretendia. Os convidados vieram de todo o mundo. Havia atores e escritores e aristocratas em declínio e ladrões. Havia o filho de um fabricante de automóveis italiano que chegou entre um cardume de mulheres seminuas e uma estrela *pop* que não tivera um álbum de sucesso desde que a música se tornara digital. Metade do mundo artístico londrino estava lá, juntamente com um contingente de Nova Iorque que, diziam os rumores, tinha atravessado o Atlântico num voo privado pago pelo anfitrião. E havia muitos outros que mais tarde admitiriam não terem recebido qualquer convite. Essas almas menores tinham ouvido falar do assunto através dos canais habituais (a fábrica de boatos da Riviera, as redes sociais) e tinham-se dirigido avidamente para a porta banhada a ouro do Monsieur Antonov.

Se ele esteve realmente presente nessa noite, não se viu rasto dele. De facto, nem um único convidado conseguiria oferecer provas fiáveis, em primeira-mão, de o ter visto. Nem mesmo Julian Isherwood, o seu consultor artístico, foi capaz de explicar o seu paradeiro. Isherwood realizou uma visita privada à impressionante coleção de quadros de Grandes Mestres da *villa* para o punhado de convidados que mostrou algum interesse em vê-la. Depois, tal como toda a gente, ficou podre de bêbado. À meia-noite, o *buffet* tinha sido devorado e havia mulheres a nadar nuas nas piscinas e nas fontes. Houve um combate com socos, a realização muito pública de um ato sexual e a ameaça de um processo judicial. Rivalidades antigas atearam-se, casamentos colapsaram e muitos automóveis de luxo sofreram danos. Toda a gente concordou que a diversão fora de arromba.

Mas a festa não terminou nessa noite, entrou meramente numa

breve remissão. Ao final da manhã, os carros entupiram mais uma vez as estradas, e uma frota de iates brancos a motor ancoraram nas águas junto à doca da Villa Soleil, servidos pela lancha do Monsieur Antonov que levou os convidados até à margem. As festividades da segunda noite foram piores do que as da primeira, pelo facto de a maioria dos convidados ter chegado embriagada ou ainda estar embriagada da noite anterior. A vasta equipa de seguranças do Monsieur Antonov vigiou cuidadosamente os quadros, e diversos convidados mais indisciplinados foram expulsos do local com silenciosa eficiência. Ainda assim, não houve nenhum que, efetivamente, tivesse dado um aperto de mão ao anfitrião ou lhe tivesse sequer posto a vista em cima. Oh, houve a divorciada americana de meia-idade e pele curtida que alegou tê-lo visto a observar a festa, ao estilo de Gatsby, do terraço privado nos aposentos superiores do seu palácio, mas estava bastante inebriada na altura e o seu relato foi completamente ignorado. Humilhada, fez uma tentativa desajeitada de seduzir um jovem e bonito piloto de fórmula um, mas teve de se consolar com a companhia de Oliver Dimpleby. Foram vistos pela última vez a cambalear para o interior da noite, com a mão de Oliver no seu rabo.

Houve um *brunch* com champanhe no domingo, depois do qual os últimos convidados dispersaram. Os feridos que ainda caminhavam dirigiram-se para a porta pelo próprio pé; os comatosos e sem reação partiram por outros meios. Então, um exército de trabalhadores chegou e eliminou todas as provas da destruição do fim de semana. E, na segunda de manhã, o Monsieur Antonov e a Madame Sophie estavam no seu lugar habitual do terraço com vista para a piscina, o Monsieur Antonov perdido no seu *tablet*, a Madame Sophie nos seus pensamentos. Ao meio-dia, ela foi até à vila, acompanhada por Roland Girard, e almoçou com o Monsieur Carnot num restaurante do Porto Velho que era propriedade de Jean-Luc Martel. Olivia Watson almoçou com uma amiga, uma mulher quase tão bela quanto ela, a algumas mesas de distância. Ao sair, passou pela mesa da Madame Sophie sem uma palavra ou um olhar de soslaio, embora o Monsieur Carnot estivesse bastante certo de que ouvira acidentalmente uma obscenidade anatómica que nem ele, um homem de reputação duvidosa, alguma vez se atrevera a proferir.

Houve outra festa no fim de semana seguinte, mais pequena, mas não menos perversa, e uma farra na semana seguinte que bateu o recorde de queixas aos *gendarmes* na Côte d'Azur. Nesse ponto, os Antonovs decretaram um cessar-fogo e a vida na Baie de Cavalaire voltou a algo parecido com o normal. Durante a maior parte do tempo, permaneciam prisioneiros da Villa Soleil, embora, várias vezes por semana, a Madame Sophie, depois da sua corrida matinal na passeadeira, viajasse até Saint-Tropez na sua limusina *Maybach* para

fazer compras ou almoçar. Normalmente, comia com Roland Girard ou com o Monsieur Carnot, embora em duas ocasiões tivesse sido vista com um inglês alto e bronzeado que arranjara uma *villa* para passar o verão perto da povoação de montanha de Ramatuelle. Tinha uma esposa curvilínea e sarcástica que Madame Sophie adorava.

A *villa* não albergava unicamente o casal. Havia uma mulher pequena de cabelo escuro que se deslocava com um ligeiro coxear e exibia o comportamento de uma viuvez recente. E um homem esquivo, no final da sua meia-idade, que parecia nunca vestir a mesma roupa duas vezes. E um sujeito com aspeto severo e rosto bexigoso que aparentava estar sempre a ponderar um ato de violência. E um francês de porte professoral que empestava as divisões da *villa* com o seu omnipresente cachimbo. E um homem com as têmporas grisalhas e olhos verdes que implorava constantemente ao francês que encontrasse outro vício, um que não colocasse em perigo a saúde daqueles que o rodeavam.

Os residentes da *villa* não davam quaisquer mostras de se dedicarem à recreação ou ao lazer; tinham vindo para a Provença tratar de um assunto de extrema seriedade. O francês professoral e o homem de olhos verdes eram, aparentemente, parceiros em pé de igualdade, mas, na prática, o francês aceitava as decisões do colega em quase todas as matérias. Ambos os homens passavam uma quantidade significativa de tempo fora da *villa*. O francês, por exemplo, deslocava-se constantemente entre a Provença e Paris, enquanto o homem de olhos verdes fazia várias viagens clandestinas até Telavive. Também viajou para Londres, onde negociou os termos da nova fase do seu projeto, e para Washington, onde foi repreendido pelo seu ritmo lento. Foi indulgente com a disposição desagradável do seu parceiro americano. Os americanos tinham-se habituado a resolver os problemas com o premir de um botão. Paciência não era uma virtude americana.

Mas o homem de olhos verdes era a encarnação da paciência, principalmente quando estava na *villa* de Ramatuelle. As travessuras do Monsieur Antonov e da Madame Sophie interessavam-lhe pouco. A sua obsessão era a bela inglesa que detinha a galeria de arte na Place de l'Ormeau. Com a assistência dos outros residentes da *villa*, observava-a dia e noite. E, com o auxílio do seu amigo na América, ouvia todas as suas chamadas e lia todas as suas mensagens e *e-mails*.

Ela abominava o novo casal ruidoso que vivia no lado oposto da Baie de Cavalaire (isso era evidente), mas, apesar disso, eles intrigavam-na. Interrogava-se, sobretudo, por que motivo todas as celebridades menores do sul de França tinham sido convidadas para a *villa* dos Antonov, mas ela fora excluída. O seu «não-exatamente» marido tinha pensamentos semelhantes. Afinal de contas, ele próprio era uma celebridade. Uma verdadeira celebridade, não um desses

farsantes pretensiosos que tinham aberto caminho a rastejar até ao interior da duvidosa órbita de Antonov. Pouco tempo depois, estava a fazer as suas próprias investigações sobre o novo vizinho e a fonte do seu considerável rendimento. Quanto mais ouvia, mais se convencia de que Monsieur Dmitri Antonov era uma alma gémea. Instruiu a sua «não-exatamente esposa» a fazer um novo convite. Ela respondeu que mais depressa cortaria os pulsos do que passaria outro minuto na companhia daquela criatura mimada do outro lado da baía, ou algo nesse sentido.

E, portanto, o homem de olhos verdes esperou pelo momento certo. Observou todos os seus movimentos e ouviu todas as suas palavras e leu todas as suas missivas eletrónicas. E interrogou-se se ela seria merecedora da sua obsessão. Será que era a rapariga dos seus sonhos ou partir-lhe-ia o seu coração de espião? Render-se-ia a ele, ou seria necessário o uso da força? Se isso acontecesse, ele tinha força em abundância. Nomeadamente, os quarenta e oito quadros que encontrara no Freeport de Genebra. Esperava não ter de chegar a isso. Pensava nela como um quadro a precisar desesperadamente de um restauro. Ele oferecer-lhe-ia os seus serviços. E, se ela fosse suficientemente insensata para recusar, era possível que as coisas se tornassem desagradáveis.

Na segunda semana de julho, já vira e ouvira o suficiente. Aproximava-se o Dia da Bastilha, após o qual principiaria a reta final da temporada de verão. Mas, como superar a divisória que ele próprio criara? Decidiu que só um convite formal o conseguiria fazer. Ele próprio o escreveu, com uma mão tão precisa que parecia ter sido escrito por uma impressora a laser, e deu-o ao Monsieur Carnot para que o entregasse na galeria da Place de l'Ormeau. Ele assim fez, às onze e um quarto de uma manhã perfeita na Provença, e ao meio-dia da manhã seguinte tinham recebido a resposta que esperavam. Jean-Luc Martel, hoteleiro, empresário da restauração, de roupa, de joalharia e comerciante internacional de estupefacientes ilícitos, iria à Villa Soleil almoçar. E Olivia Watson, a rapariga dos sonhos de Gabriel, iria com ele.

CÔTE D'AZUR, FRANÇA

— O que é que achas, querida? Com arma ou sem arma?

Mikhail estava a admirar-se no espelho de corpo inteiro do quarto de vestir. Envergava um fato escuro de linho (demasiado escuro para a ocasião e para o tempo, que estava quente, até mesmo para os padrões da Côte d'Azur) e uma camisa branca impoluta, desabotoada até ao esterno. Só os sapatos, um par de *mocassins* de mil e quinhentos euros, que usava sem meias, eram inteiramente apropriados. As fivelas de ouro condiziam com o relógio de ouro que repousava no seu pulso como um barómetro fora de lugar. Fora manufaturado para ele pelo seu homem em Genebra, uma pechincha de um milhão e meio.

— Sem arma — disse Natalie. — Pode passar a mensagem errada.

Estava de pé ao seu lado, com a imagem refletida no mesmo espelho. Envergava um vestido branco sem mangas e mais joias do que as necessárias para um almoço vespertino no jardim. A sua pele estava muito escura devido ao tempo excessivo passado ao sol. Pensou que não combinava bem com a cor do seu cabelo, que fora aclarado vários tons antes da sua partida de Telavive.

— Achas que alguma vez se tornaria aborrecido?

— O quê?

— Viver assim.

— Acho que depende da alternativa.

Nesse preciso momento, o telemóvel de Natalie vibrou.

— O que é?

— O Martel e a Olivia acabaram de sair da *villa* deles.

Mikhail franziu o sobrolho para o relógio de pulso.

— Já cá deviam estar há vinte minutos.

— Tempo JLM — disse Natalie.

O telemóvel vibrou uma segunda vez.

— O que foi agora?

— Dizem que fazemos um belo casal.

Natalie beijou a maçã do rosto de Mikhail e saiu. No andar de baixo, no terraço sombreado, um trio de empregados domésticos do Grupo Alpha estava a preparar uma mesa para o almoço com desmedido cuidado. Na extremidade oposta do terraço, Christopher

Keller estava a beber rosé. Natalie puxou um *Marlboro* do maço dele e dirigiu-se a ele em francês.

— Não podes sequer fingir estar um bocadinho nervoso?

— Na verdade, estou ansioso por finalmente conhecê-lo. Aí vem ele.

Natalie olhou na direção do horizonte e viu dois *Range Rover* pretos a contornar a baía, um para Martel e Olivia, o outro para o seu destacamento de segurança.

— Guarda-costas para o almoço — disse ela com o desdém da Madame Sophie. — Que grosseiro. — Depois, acendeu o cigarro e fumou durante algum tempo sem tossir.

— Estás a ficar bastante boa nisso.

— É um hábito nojento.

— É melhor do que alguns. Na verdade, consigo lembrar-me de vários que são muito piores. — Keller observou os *Range Rover* que se aproximavam. — A senhora tem mesmo de descontrair, Madame Sophie. Afinal de contas, é uma festa.

— O Jean Luc-Martel e eu vimos da mesma parte de França. Tenho receio de que ele olhe para mim e veja uma rapariga judia de Marselha.

— Ele vai ver o que tu quiseses que ele veja. Para além disso — disse Keller —, se conseguiste convencer o Saladino de que eras palestiniana, consegues fazer seja o que for.

Natalie conteve a tosse e observou os criados do Grupo Alpha a colocar os retoques finais na mesa.

— Porquê *velas*? — murmurou ela. — Estamos perdidos.

Durante as horas finais de preparação para a reunião há muito aguardada entre Jean-Luc Martel e Monsieur Dmitri Antonov, houvera uma discussão invulgarmente acalorada entre Gabriel e Paul Rousseau sobre o que parecia ser um detalhe trivial. Especificamente, se o imponente portão da Villa Soleil deveria estar aberto para a chegada de Martel ou ser deixado fechado, colocando assim, diante dele, uma última barreira metafórica que superar. Rousseau fez pressão a favor de uma abordagem acolhedora: Martel, argumentou, já sofrera o suficiente. Mas Gabriel estava numa disposição menos indulgente e, após uma disputa de vários minutos, levou a melhor sobre Rousseau quanto a deixar o portão fechado.

— E façam-no tocar à campainha como toda a gente — disse Gabriel. — Para Dmitri Antonov, o Martel não passa de um ajudante de cozinha. É importante que o tratemos assim.

E foi assim que, vinte e nove minutos depois da uma da tarde, o motorista de Martel teve de premir o botão do intercomunicador não uma, mas duas vezes, antes de o portão da Villa Soleil finalmente se

abrir com um inóspito rangido. Roland Girard, de fato e gravata escuros, assava lentamente no pátio abundantemente banhado pelo sol, com um intercomunicador no ouvido. Por conseguinte, foi o rosto de um agente do Grupo Alpha, não do seu anfitrião, que Martel viu quando saiu das traseiras do seu veículo, vestido com um fato de popelina branco como um bolo de casamento e com a juba de cabelo, que era a sua marca registada, a revolver-se nos remoinhos de vento quente que rodopiavam e morriam em redor das águas dançantes da fonte. Seis câmaras gravaram a sua chegada, e o transmissor usado por Roland Girard captou um intercâmbio tenso relativamente ao destino dos seus guarda-costas. Aparentemente, Martel queria que o acompanhassem até ao interior da *villa*, um pedido que Girard, educada, mas firmemente, recusou. Enfurecido, Martel afastou-se e atravessou o pátio com uma celeridade predatória, com um trejeito semelhante ao de um *gangster* empreendedor, um rufia estrela de *rock*. Olivia era, nessa altura, uma consideração secundária. Seguiu-o, alguns passos atrás, como se já estivesse a preparar as desculpas pelo seu comportamento.

Nessa altura, os Antonovs estavam de pé à sombra do pórtico, como se estivessem a posar para uma fotografia, o que efetivamente era o caso. As saudações fizeram-se com base no género. A Madame Sophie deu as boas-vindas a Olivia Watson como se o frígido encontro à porta da galeria nunca tivesse ocorrido, enquanto Martel e Dmitri Antonov apertaram as mãos como adversários que se preparavam para se derrotarem um ao outro no campo de jogo. Com um sorriso contido, Martel disse que ouvira falar muito do Monsieur Antonov e que estava satisfeito por finalmente o conhecer. Fê-lo em inglês, o que sugeria que tinha conhecimento de que o Monsieur Antonov não falava francês.

— A sua *villa* é verdadeiramente magnífica. Mas tenho a certeza de que conhece a história dela.

— Disseram-me que, em tempos, foi propriedade de um membro da família real britânica.

— Estava a referir-me ao Ivan Kharkov.

— Na verdade, esse foi um dos motivos pelos quais concordei em retirá-la das mãos do governo francês.

— Conhecia o Monsieur Kharkov?

— Receio que o Ivan e eu nos movêssemos em círculos bastante diferentes.

— Eu conhecia-o bastante bem — vangloriou-se Martel, enquanto atravessava o *hall* principal da *villa* ao lado do seu anfitrião, seguido pela Madame Sophie e Olivia e observado pelos olhos imperturbáveis das câmaras de vigilância. — Recebi os Kharkovs muitas vezes nos meus restaurantes em Saint-Tropez e Paris. A forma como morreu foi

terrível.

— Os israelitas estiveram por trás disso. Pelo menos, foi esse o rumor.

— Foi mais do que um simples rumor.

— Parece bastante seguro de si.

— Não há muita coisa que aconteça na Côte d'Azur que eu desconheça.

Continuaram para o terraço, onde o último membro do grupo do almoço aguardava entre as colunas.

— Jean-Luc Martel, apresento-lhe Nicolas Carnot. O Nicolas é o meu assistente e consultor mais próximo. É natural da Córsega, mas não lhe leve isso a mal.

Na *villa* nos arredores de Ramatuelle, Gabriel observou atentamente enquanto Jean-Luc Martel aceitava a mão esticada na sua direção. Seguiram-se alguns segundos tensos, enquanto os dois homens se avaliavam mutuamente como só criaturas de nascimento, educação e aspirações de carreira semelhantes conseguem fazer. Claramente, Martel via algo que reconhecia no homem de aspeto duro da ilha da Córsega. Apresentou o Monsieur Carnot a Olivia, que explicou que já se tinham encontrado em duas ocasiões anteriores na galeria. Mas Martel pareceu não a ouvir; estava a admirar a garrafa de *Bandol* rosé que suava no balde de gelo. A sua aprovação do vinho não foi accidental. Este figurava proeminentemente em todos os seus bares e restaurantes. Gabriel encomendara quantidades suficientes do líquido para fazer flutuar um navio de carga repleto de haxixe.

Seguindo a sugestão da Madame Sophie, sentaram-se nos sofás e cadeiras dispostos na extremidade mais afastada do terraço. Ela foi fria e distante, uma observadora, tal como Gabriel, que estava de pé diante dos monitores de vídeo, com a cabeça ligeiramente inclinada para um lado e uma mão pousada no queixo. A outra pressionava o fundo das costas, que estavam a incomodá-lo. Eli Lavon estava de pé ao seu lado e, ao lado de Lavon, encontrava-se Paul Rousseau. Observaram ansiosamente enquanto um agente do Grupo Alpha, vestido com uma imaculada túnica branca, retirava uma garrafa vazia de rosé do balde de gelo e a substituíu com êxito por uma nova. Calmamente, a Madame Sophie instruiu-o para que trouxesse os aperitivos. Também isso o criado conseguiu fazer sem causar vítimas nem danos colaterais. Aliviado, Paul Rousseau carregou o cachimbo e soprou uma nuvem de fumo para os ecrãs de vídeo. A Madame Sophie também pareceu ficar aliviada. Acendeu um *Gitane* e, com o polegar e dedo anelar, removeu discretamente um resto de tabaco da ponta da língua.

A conversa foi educada, mas reservada, que era como Gabriel pretendia que fosse. Realizou-se em inglês, para benefício de Dmitri Antonov, embora, ocasionalmente, fosse deixado à deriva por uma explosão de francês. Não se ofendeu com isso. Na verdade, parecia apreciar o sossego, pois permitia-lhe desfrutar de uma pausa em relação às perguntas persistentes de Martel relativamente ao seu negócio. Explicou que fizera muito dinheiro com o comércio de matérias-primas russas e conseguira trocar as suas fichas por dinheiro antes da Grande Recessão e da queda abrupta dos preços do petróleo. Embarcara recentemente num conjunto de negócios no Ocidente e na Ásia. Vários deles, disse, tinham-se revelado bastante lucrativos.

— Evidentemente — disse Martel, com um olhar de relance em redor.

O Monsieur Antonov limitou-se a sorrir.

— Em que tipo de coisas está a investir?

— Nas coisas habituais — respondeu evasivamente. — Acima de tudo, tenho satisfeito a minha paixão pela arte.

— Eu e a Olivia adoráramos ver a sua coleção.

— Talvez depois do almoço.

— Devia realmente dar uma olhadela no inventário dela. Tem muitas peças extraordinárias.

— Gostaria muito de o fazer.

— Quando? — perguntou Martel.

— Amanhã — disse Gabriel para os ecrãs de vídeo, e alguns segundos depois Dmitri Antonov disse:

— Passo por lá amanhã, se for conveniente.

Com isso, deslocaram-se para a mesa de refeições. Aqui, mais uma vez, Gabriel não se poupou a despesas e não deixara nada ao acaso. De facto, contratara o *chef* executivo de um célebre restaurante parisiense e tinha-o trazido num voo privado para a Provença, exclusivamente para a ocasião. A Madame Sophie escolhera o menu. Batatas em molho quente com caviar, rabanete picante e marinada de gengibre; vieiras apanhadas à mão com couve-flor caramelizada e uma emulsão de alcaparras e passas; robalo com crosta de frutos secos e sementes e molho agri-doce. Impressionado, Martel pediu para conhecer o *chef*. A Madame Sophie, acendendo outro cigarro, opôs-se. O *chef* e a sua equipa, explicou, nunca eram autorizados a deixar a cozinha.

Durante a sobremesa, a conversa virou-se para a política. As eleições na América, a guerra na Síria, os atentados terroristas do ISIS na Europa. Perante a menção do Islão, Martel mostrou-se subitamente animado. A França como em tempos a tinham conhecido desaparecera, rosnou. Em breve, seria apenas outro posto avançado do Magrebe Islâmico. Gabriel achou a atuação bastante convincente,

embora Olivia parecesse pensar de outra forma. Aborrecida, perguntou a Madame Sophie se podia tirar um dos seus *Gitanes*.

— O Jean-Luc tem opiniões muito fortes no que se refere à questão das minorias em França — confidenciou. — Eu gosto de lhe lembrar que, se não fossem os árabes e os africanos, não teria ninguém para lavar os pratos nos restaurantes ou mudar as camas nos seus hotéis.

A Madame Sophie, com a sua expressão, deixou claro que achava o tema de mau gosto. Pediu aos criados do Grupo Alpha que trouxessem o café. Nessa altura, eram quase cinco da tarde. Todos concordaram que uma visita aos quadros teria de esperar por outra ocasião, embora tivessem visto vários enquanto atravessavam lentamente as vastas salas de estar e corredores em tons rosados, observados pelas câmaras de vigilância.

— Está realmente interessado em vir à galeria amanhã? — perguntou Olivia, enquanto fazia uma pausa para admirar as duas cenas de canais venezianos de Guardi.

— Absolutamente — respondeu Dmitri Antonov.

— Estou livre às onze.

— À tarde é melhor — disse Gabriel para os ecrãs de vídeo, e Dmitri Antonov explicou, então, que tinha vários telefonemas importantes para fazer de manhã e preferiria visitar a galeria depois do almoço.

— Se isso for conveniente.

— É.

— O Monsieur Carnot fará os preparativos necessários. Creio que ele tem o seu número.

Os Antonovs despediram-se dos seus convidados no pórtico que, nessa altura, já não se encontrava à sombra, mas incandescente com uma ténue luz alaranjada. Passado um momento, estavam mais uma vez de pé no terraço, observando os *Range Rover* negros a acelerarem na direção da *villa* que ficava do outro lado da Baie de Cavalaire. Imediatamente, o telemóvel da Madame Sophie vibrou.

— O que é que diz? — perguntou o marido.

— Diz que fomos perfeitos.

— Eles divertiram-se?

— O Martel está convencido de que és um traficante de armas a fazer-se passar por um empresário legítimo.

— E a Olivia?

— Está ansiosa por amanhã.

Sorrindo, Dmitri Antonov despiu o fato e desceu até à piscina para nadar um pouco. A Madame Sophie e o Monsieur Carnot observaram-no do terraço enquanto terminavam o que restava do rosé. O telefone da Madame Sophie estremeceu com a chegada de outra mensagem.

— O que foi agora? — perguntou o Monsieur Carnot.

— Aparentemente, o Martel acha que eu pareço judia. — Acendeu

outro *Gitane* e sorriu. — O Saladino disse a mesma coisa.

SAINT-TROPEZ, FRANÇA

Às dez horas da manhã seguinte, a Place de l'Ormeau estava deserta, a não ser pela presença de um homem no final da meia-idade a lavar as mãos num fio de água do fontanário. Olivia pensou que já o vira na vila anteriormente uma ou duas vezes, mas, após uma análise mais atenta, decidiu que estava enganada. As pedras da calçada aqueceram os seus pés por baixo das sandálias enquanto atravessava a praça para a galeria. Retirando as chaves da mala de senhora, destrancou a porta de madeira exterior e entrou para o *hall* abafado. Em seguida, abriu a porta de vidro de alta segurança e, entrando, desativou o alarme. Fechou a porta atrás de si. Esta trancou-se automaticamente.

O interior da galeria estava escuro e fresco, um alívio em relação ao exterior. No seu escritório privado, Olivia premiu um interruptor que abriu os estores e grades de segurança. Depois, como era seu hábito, foi até ao andar de cima, às salas de exposição, para se assegurar de que nada faltava. O Lichtenstein, o Basquiat e o Dubuffet em exibição na sua montra eram apenas a ponta do inventário da galeria. A considerável coleção profissional de Olivia incluía trabalhos de Warhol, Twombly, de Kooning, Gerhard Richter e Pollock, bem como de numerosos artistas contemporâneos franceses e espanhóis. Fizera aquisições com sabedoria e granjeara uma clientela de confiança entre os milionários da Côte d'Azur (homens como Dmitri Antonov, pensou). Era uma proeza extraordinária para uma mulher sem título universitário e sem qualquer formação artística formal. E pensar que, apenas alguns anos antes, geria uma pequena galeria que distribuía os rabiscos de artistas locais a turistas suados que saíam estonteados de navios cruzeiro e autocarros. Por vezes, permitia a si própria pensar que tinha chegado até ali como resultado da sua determinação e argúcia empresarial, mas, na verdade, sabia que não era assim. Era tudo obra de Jean-Luc. Olivia era o rosto público da galeria que ostentava o seu nome, mas fora comprada e paga por Jean-Luc Martel. Aliás, ela também.

Depois de se asseverar de que a sua coleção sobrevivera intacta a essa noite, dirigiu-se ao andar de baixo e encontrou Monique, a sua

rececionista, a preparar um *café crème* na máquina automática. Era uma rapariga de vinte e quatro anos, magra e com seios pequenos, uma encarnação de uma bailarina de Degas. À noite, trabalhava como rececionista num dos restaurantes de Jean-Luc. Aparentava ter-se deitado tarde. No que se referia a Monique, isso acontecia com mais frequência do que o contrário.

— Também quer? — perguntou enquanto a última porção de leite a ferver gorgolejava e cuspia para a sua chávena.

— Por favor.

Monique entregou o café a Olivia e preparou outro para si.

— Há marcações para esta manhã?

— Não era suposto seres tu a dizer-me isso?

Monique fez uma careta.

— Quem foi desta vez?

— Um americano. *Tão* fofo. É de um lugar chamado Virgínia. — Dito por Monique, soava como o lugar mais exótico e sensual do mundo. — É criador de cavalos.

— Pensava que odiavas americanos.

— Claro. Mas este é muito rico.

— Vais voltar a vê-lo alguma vez?

— Talvez esta noite.

Ou talvez não, pensou Olivia. Em tempos, fora uma rapariga como Monique. Talvez ainda fosse.

— Se consultares o calendário — disse ela —, tenho a certeza de que vais descobrir que o Herr Müller vem às onze.

Monique franziu o sobrolho.

— O Herr Müller gosta de olhar para as minhas mamas.

— Para as minhas também.

De facto, o Herr Müller gostava de olhar para Olivia mais do que para os seus quadros. Não era o único. A sua aparência era um trunfo profissional, mas, ocasionalmente, era uma distração e um desperdício de tempo. Homens ricos (e alguns não tão ricos) faziam marcações na galeria simplesmente para passarem alguns minutos na sua presença. Alguns arranjavam coragem para lhe fazerem propostas de cariz sexual. Outros fugiam sem nunca tornarem as suas intenções conhecidas. Ela aprendera há muito tempo como projetar um ar de indisponibilidade. Embora, teoricamente, fosse solteira, era a rapariga de JLM. Toda a gente em França sabia disso. Podia perfeitamente ter essa informação tatuada na testa.

Monique sentou-se na secretária de vidro da receção. Tinha apenas um telefone e o calendário de marcações. Olivia não lhe confiava muito mais do que isso. Encarregava-se ela própria de todos os assuntos comerciais e administrativos da galeria, com a ajuda de Jean-Luc. Monique era apenas mais uma obra de arte que, se incentivada a

isso, era capaz de atender o telefone. Fora Jean-Luc, não Olivia, quem lhe dera trabalho na galeria. Olivia tinha praticamente a certeza de que eram amantes. Não sentia rancor de Monique. Na verdade, sentia um pouco de pena dela. A coisa não acabaria bem. Nunca acabava.

O Herr Müller chegou dez minutos atrasados, o que não era seu hábito. Era gordo e rosado e cheirava ao vinho da noite anterior. Um confronto recente com um cirurgião plástico em Zurique deixara-o com uma expressão de assombro perpétuo. Estava interessado num quadro do artista americano Philip Guston. Um trabalho semelhante atingira um valor de vinte e cinco milhões de dólares na América. O Herr Müller esperava adquirir o de Olivia por quinze. Olivia rejeitou a oferta.

— Mas eu tenho de o ter! — exclamou enquanto fitava descaradamente a parte frontal da blusa de Olivia.

— Então, vai ter de arranjar mais cinco milhões.

— Deixe-me dormir sobre o assunto. Entretanto, não deixe que mais ninguém o veja.

— Na verdade, estou a planear mostrá-lo esta tarde.

— Maldição! A quem?

— Vá lá, Herr Müller, sabe que dizer-lhe seria cometer uma indiscrição.

— Não será o tal Antonov?

Ela ficou em silêncio.

— Fui a uma festa na *villa* dele recentemente. Sobrevivi por pouco. Outros não tiveram tanta sorte. — Mordiscou o interior do lábio. — Dezassei. Mas é a minha oferta final.

— Prefiro arriscar com o Monsieur Antonov.

— Eu sabia!

Ao meio-dia e meia, em plena torreira do sol, Olivia despachou-o. Quando regressou à secretária, viu que recebera uma mensagem de Jean-Luc. Estava a embarcar no seu helicóptero para ir até Nice, onde tinha reuniões durante toda a tarde. Tentou enviar-lhe uma mensagem de volta, mas não recebeu qualquer resposta. Calculou que já estivesse no ar.

Devolveu o telefone à secretária. Alguns segundos mais tarde, este tocou. Olivia não reconheceu o número. Ainda assim, atendeu e aproximou o telefone do ouvido.

— *Bonjour*.

— Madame Watson?

— Sim.

— Daqui fala Nicolas Carnot. Almoçámos ontem na...

— Sim, claro. Como está?

— Estava a perguntar-me se continua a ter tempo para mostrar a sua coleção ao Monsieur Antonov.

— Limpei a minha agenda — mentiu. — A que horas é que ele gostaria de vir?

— Pode ser às duas horas?

— Às duas seria perfeito.

— Preciso de passar por aí primeiro para dar uma vista de olhos.

— Desculpe?

— O Monsieur Antonov é cauteloso em relação à segurança.

— Garanto-lhe, a minha galeria é bastante segura.

Houve um silêncio.

— A que horas gostaria de vir? — perguntou Olivia, exasperada.

— Estou livre agora, se a senhora estiver.

— Pode vir agora, não há problema.

— Perfeito. Oh, e mais uma coisa, Madame Watson.

— Sim?

— A sua rececionista.

— A Monique? O que é que tem?

— Dê-lhe um recado para fazer, algo que a mantenha fora da galeria durante alguns minutos. Pode fazer isso por mim, Madame Watson?

Transcorreram cinco minutos antes de a rececionista finalmente sair da galeria. Deteve-se na fornalha da praça, os seus olhos moveram-se para a esquerda e para a direita. Depois, deambulou vagarosamente, passando pela mesa de Keller no café vizinho com os braços a pender ao lado do corpo como flores de caule longo. Ele escreveu uma mensagem breve no telemóvel e disparou-a para a casa segura de Ramatuelle. A resposta chegou imediatamente. O helicóptero de Martel estava a leste de Cannes. Tudo decorria conforme o planeado.

Como bom agente operacional, Keller pagara a conta antecipadamente. Erguendo-se, dirigiu-se para a galeria e colocou o polegar pesadamente sobre a campainha. Não houve resposta. Amor com amor se paga, pensou. Tocou à campainha uma segunda vez. As fechaduras de segurança abriram-se com um estalido e ele entrou.

Havia algo diferente nele, Olivia tinha a certeza disso. Exteriormente, era a mesma criatura superficial e indiferente com quem almoçara na *villa* de Antonov (o homem de poucas palavras e funções indeterminadas), mas o seu comportamento mudara. Subitamente, parecia muito seguro de si e da virtude da sua causa. Atravessando a galeria, retirou os óculos de sol e colocou-os na cabeça. O seu sorriso era cordial, mas os olhos azuis eram totalmente profissionais. Dirigiu-se a ela sem antes lhe estender a mão para a

cumprimentar.

— Receio que tenha havido uma ligeira mudança de planos. Afinal, o Monsieur Antonov não vai poder vir.

— Porque não?

— Um pequeno problema que exigia a sua atenção imediata. Nada de urgente, ouça. Não há motivo para alarme. — Disse tudo isto no seu francês com sotaque corso, com o mesmo sorriso inofensivo.

— Então porque é que me telefonou? E porque é que — perguntou Olivia — está aqui?

— Porque a sua galeria suscitou o interesse de alguns amigos do Monsieur Antonov que gostariam de falar consigo em privado.

— Que tipo de interesse?

— Diz respeito a várias transações recentes suas. Foram bastante lucrativas, mas pouco ortodoxas.

— As transações desta galeria — disse ela friamente — são privadas.

— Não tão privadas quanto pensa.

Olivia sentiu o rosto a começar a arder. Caminhou lentamente até à secretária de Monique e levantou o auscultador do descanso. A sua mão tremia enquanto marcava o número.

— Não se incomode a telefonar ao seu marido, Olivia. Ele não vai atender.

Ela ergueu o olhar repentinamente. Ele dissera estas palavras não em francês, mas em inglês com sotaque britânico.

— Ele não é meu marido — ouviu-se a si própria dizer.

— Oh, sim, esqueci-me. Ele continua no ar — continuou. — Algures entre Cannes e Nice. Mas tomámos a precaução adicional de bloquear todas as suas chamadas recebidas.

— Tomámos?

— Os serviços secretos britânicos — respondeu calmamente. — Não se preocupe, Olivia, está em muito boas mãos.

Ela pressionou o telefone contra o ouvido e ouviu a gravação de *voice mail* de Jean-Luc.

— Pouse o telefone, Olivia, e respire bem fundo. Não vou magoá-la. Estou aqui para ajudar. Pense em mim como a sua última oportunidade. Se fosse a si, aproveitava-a.

Ela devolveu o telefone ao descanso.

— Linda menina — disse ele.

— Quem é você?

— O meu nome é Nicolas Carnot e trabalho para o Monsieur Antonov, é importante que se lembre disso. Agora, pegue na sua mala, no seu telefone e nas chaves e leve-os para aquele seu belo *Range Rover*. E, por favor, despache-se, Olivia. Não temos muito tempo.

RAMATUELLE, PROVENÇA

O *Range Rover* estava no seu local habitual, estacionado ilegalmente à porta do restaurante de Jean-Luc no Porto Velho. Olivia deslizou para trás do volante e, seguindo as indicações, conduziu para oeste ao longo do golfo de Saint-Tropez. Por duas vezes, pediu-lhe que explicasse porque é que a sua galeria tinha interesse suficiente para justificar um estratagema tão elaborado por parte dos serviços secretos britânicos. Por duas vezes, ele fez comentários sobre o cenário e o tempo, ao estilo de Nicolas Carnot, amigo do Monsieur Dmitri Antonov.

— Como é que aprendeu a falar assim?

— Assim como?

— Como um corso.

— A minha tia Beatrice era da Córsega. Está prestes a passar o sítio onde tem de virar.

— Para que lado?

Ele apontou na direção da saída para Gassin e Ramatuelle. Ela guinou bruscamente o volante para a esquerda e, pouco depois, dirigiram-se para sul, para a zona rural escarpada que separava o golfo e a Baie de Cavalaire.

— Para onde me está a levar?

— Para ver uns amigos do Monsieur Antonov, claro.

Ela rendeu-se e conduziu em silêncio. Nenhum deles falou até depois de terem passado Ramatuelle. Ele deu-lhe indicações para que se dirigisse para uma estrada secundária mais pequena e, eventualmente, até à entrada da *villa*. O portão estava aberto para os receber. Ela estacionou no pátio e desligou o motor.

— Não é tão luxuosa como a Villa Soleil — disse ele —, mas vai achá-la bastante confortável.

Subitamente, havia um homem de pé junto da porta de Olivia. Ela reconheceu-o. Vira-o nessa mesma manhã na Place de l'Ormeau. Ele ajudou-a a sair do *Range Rover* e, com um único movimento da mão, guiou-a na direção da entrada da *villa*. O homem que ela conhecia apenas como Nicolas Carnot (o homem que falava francês como um corso e inglês com um sotaque chique do West End) caminhou ao seu

lado.

— Ele também pertence aos serviços secretos britânicos?

— Quem?

— O que me abriu a porta.

— Não vi ninguém.

Olivia virou-se para trás, mas o homem tinha desaparecido. Talvez tivesse sido uma alucinação. Foi o calor, pensou ela. Sentia-se verdadeiramente fraca devido à temperatura.

Enquanto se aproximava da *villa*, a porta moveu-se para trás e Dmitri Antonov surgiu no meio da brecha.

— Olivia! — exclamou, como se ela fosse a sua amiga mais antiga do mundo. — Peço imensa desculpa por incomodá-la, mas receio que não houvesse alternativa. Entre e esteja à vontade. Está cá toda a gente. Estão bastante desejosos de a conhecerem por fim em carne e osso.

Disse tudo isso no seu inglês com sotaque russo. Olivia não sabia bem se seria verdadeiro ou uma atuação. Na verdade, naquele momento, não sabia nada de nada.

Segui-o através do *hall* de entrada e por baixo de uma arcada que dava para a sala de estar, que estava mobilada de forma confortável e com muitas telas penduradas na parede.

Todas estavam em branco.

As pernas de Olivia pareceram liquidificar-se. O Monsieur Antonov equilibrou-a e empurrou-a suavemente para a frente.

Havia outros três homens presentes. Um era alto, bonito e distinto e indiscutivelmente inglês. Estava, calmamente, a dizer algo em francês a uma figura amarrotada que envergava um casaco de *tweed* e parecia ter sido extraída de um alfarrabista. O silêncio abateu-se sobre a conversa quando Olivia entrou e os seus rostos viraram-se para ela como girassóis para a aurora. Contudo, o terceiro homem parecia totalmente alheio à sua chegada. Fitava uma das telas em branco, com uma mão pressionada contra o queixo, a cabeça ligeiramente inclinada para um lado. A tela era idêntica, em termos de dimensões, a todas as outras, mas estava apoiada sobre um cavalete. O homem parecia confortável diante dela, observou Olivia. Era de altura e constituição medianas. O seu cabelo estava cortado curto e era grisalho nas têmporas. Os seus olhos, que estavam resolutamente fixos na tela, eram de um invulgar tom de verde.

— Acho — disse ele, finalmente — que este é o meu favorito. A técnica do desenho é absolutamente extraordinária e o uso da cor e da luz é inigualável. Invejo a paleta dele.

Despejou tudo isto sem pausas e em francês, com um sotaque que Olivia não conseguiu identificar com precisão. Era uma mistura peculiar, um pouco de alemão, uma pitada de italiano. Continuava a

olhar fixamente para o quadro. A sua postura mantinha-se inalterada.

— A primeira vez que o vi — continuou —, pensei que era realmente único. Mas estava enganado. Quadros como este parecem ser a especialidade da sua galeria. Na verdade, tanto quanto consegui perceber, conseguiu o monopólio do mercado no que se refere a telas em branco. — Os olhos verdes viraram-se finalmente para ela. — Parabéns, Olivia. É uma proeza e tanto.

— Quem é você?

— Sou um amigo do Monsieur Antonov.

— Também pertence aos serviços secretos britânicos?

— Por amor de Deus, não! Mas ele sim — disse, apontando na direção do inglês com aparência distinta. — Na verdade, é o chefe da Divisão dos Serviços Secretos que é por vezes referida como MI6. Antigamente, o nome dele era um segredo de Estado, mas os tempos mudaram. Ocasionalmente, concede uma entrevista e permite que lhe tirem uma fotografia. Em tempos, isso teria sido uma heresia, mas já não.

— E ele? — perguntou ela, apontando com a cabeça na direção da figura amarrotada vestida de *tweed*.

— Francês — explicou o homem de olhos verdes. — É chefe de algo chamado Grupo Alpha. Talvez tenha ouvido o nome. O quartel-general em Paris foi bombardeado há não muito tempo e vários dos seus agentes perderam a vida. Como seria de esperar, está interessado em descobrir o homem que fez isso. E gostava que a Olivia o ajudasse a encontrá-lo.

— Eu? — perguntou, incrédula. — Como?

— Chegaremos a isso daqui a pouco. Quanto à minha origem — disse ele —, sou o homem esquisito que está de fora. Sou do local de que não gostamos de falar.

Foi nesse momento que ela conseguiu finalmente identificar o seu peculiar sotaque.

— É de Israel.

— Receio que sim. Mas, voltando ao assunto em questão — acrescentou rapidamente —, que é a Olivia e a sua galeria. Não é uma verdadeira galeria, pois não, Olivia? Oh, vende aquele quadro ocasional, como o Guston que estava a tentar impingir ao pobre Herr Müller hoje de manhã pelo preço obsceno de vinte milhões de euros. Mas serve, basicamente, como uma máquina de lavagem de dinheiro do verdadeiro negócio do Jean-Luc Martel, que são as drogas.

Um silêncio pesado abateu-se sobre a sala.

— Este é o momento — disse o homem de olhos verdes — em que a Olivia me diz que o seu... — Deteve-se a si próprio. — Desculpe-me, mas sou exigente com os pormenores. Como é que a Olivia *se refere* ao Jean-Luc?

- É meu parceiro.
- Parceiro? Que infelicidade.
- Porquê?
- Porque a palavra *parceiro* implica uma relação de negócios.
- Acho que gostaria de telefonar ao meu advogado.

— Se o fizer, perderá a única e exclusiva oportunidade que tem de se salvar a si própria. — Fez uma pausa para avaliar o impacto das suas palavras. — A sua galeria é pequena, mas é uma parte importante de uma vasta organização criminosa. O negócio dessa organização é a droga. Droga que vem sobretudo do Norte de África. Droga que flui através das mãos do grupo terrorista que se autodenomina Estado Islâmico. O Jean-Luc Martel é o distribuidor dessa droga aqui na Europa Ocidental. Faz negócios com o ISIS. Consciente ou inconscientemente, está a ajudar a financiar as operações do grupo. O que significa que a Olivia também está.

— Desejo-lhe sorte a tentar provar isso num tribunal francês.

Ele sorriu pela primeira vez. Foi frio e rápido.

— Uma demonstração de coragem — disse com admiração trocista —, mas ainda nenhuma negação sobre o negócio do seu marido.

— Ele não é meu marido.

— Oh, sim — disse ele desdenhosamente —, esqueci-me.

Eram as mesmas palavras que o homem chamado Nicolas Carnot proferira na galeria de arte.

— Quanto a telefonar ao seu advogado — continuou o israelita — isso não será necessário. Pelo menos, para já. Sabe, Olivia, não há agentes da polícia nesta sala. Nós somos agentes dos serviços secretos. Atenção, não temos nada contra a polícia. Eles têm o seu trabalho para fazer e nós temos o nosso. Eles resolvem crimes e fazem detenções, mas o nosso ramo é a informação. A Olivia tem-na, nós precisamos dela. Esta é a sua oportunidade, Olivia. É a sua única e exclusiva hipótese. Se eu fosse seu advogado, aconselhá-la-ia a aproveitará-la. É o melhor acordo que algum dia conseguirá.

Houve outro silêncio, mais demorado do que o anterior.

— Desculpem — disse ela, finalmente —, mas não posso ajudá-los.

— Não pode ajudar-nos, Olivia, ou não quer?

— Não sei nada sobre o negócio do Jean-Luc.

— As quarenta e oito telas em branco que encontrei no Freeport de Genebra dizem o contrário. Foram enviadas para lá pela Galerie Olivia Watson. O que significa que será a Olivia a enfrentar acusações, não ele. E o que é que acha que o seu *parceiro* fará nessa altura? Irá a cavalgar para a salvar? Irá colocar-se diante de uma bala por si? — Abanou a cabeça lentamente. — Não, Olivia, não o fará. De tudo o que sei sobre o Jean-Luc Martel, não é esse tipo de homem.

Ela não deu qualquer resposta.

— Então como é que vai ser, Olivia? Vai ajudar-nos?

Ela abanou a cabeça.

— Porque não?

— Porque, se o fizer — disse ela calmamente —, o Jean-Luc mata-me.

Ele sorriu novamente. Desta vez, parecia genuíno.

— Disse alguma coisa engraçada? — perguntou ela.

— Não, Olivia, disse-me a verdade. — Os olhos verdes deixaram o rosto dela e pousaram mais uma vez na tela em branco. — O que é que vê quando olha para aqui?

— Vejo uma coisa que o Jean-Luc me obrigou a fazer para poder manter a minha galeria.

— Interessante interpretação. Sabe o que é que eu vejo?

— O quê?

— Vejo-a a si sem o Jean-Luc.

— E que tal lhe pareço?

— Venha cá, Olivia. — Ele afastou-se da tela. — Veja por si própria.

RAMATUELLE, PROVENÇA

As telas em branco foram retiradas das paredes e do cavalete, e uma mulher de cabelo escuro de cerca de trinta e cinco anos serviu silenciosamente bebidas frias. Olivia foi convidada a sentar-se. Por sua vez, o inglês garboso e o seu parceiro francês amarrotado foram devidamente apresentados. Os seus nomes eram suficientemente familiares. Também o era o rosto anguloso do israelita de olhos verdes. Olivia tinha praticamente a certeza de que o vira nalgum lado anteriormente, mas não conseguia decidir onde fora. Ele apresentou-se apenas como Gideon e caminhou lentamente pelo perímetro da divisão, enquanto todos os outros se sentavam a transpirar no incansável calor. Uma ventoinha giratória batia monotonamente e sem qualquer efeito no canto; moscas enormes moviam-se como abutres para dentro e para fora das portas francesas abertas. Subitamente, o israelita parou de caminhar e, com um movimento rápido da mão, apanhou uma no ar.

— Gostava daquilo? — perguntou ele.

— De quê?

— De ver a sua cara em revistas e *outdoors*.

— Não é tão fácil como parece.

— Não é glamoroso?

— Nem sempre.

— Então e as festas e desfiles?

— Para mim, os desfiles eram trabalho. E as festas — disse — tornaram-se bastante aborrecidas passado algum tempo.

Ele lançou o cadáver da mosca para o jardim inundado de sol e, virando-se, avaliou Olivia exaustivamente.

— Então porque é que escolheu uma vida assim?

— Não escolhi. Foi ela que me escolheu.

— A Olivia foi descoberta?

— Por assim dizer.

— Aconteceu quando tinha dezasseis anos, não foi?

— É evidente que leu os artigos sobre mim.

— Com grande interesse — admitiu. — A Olivia fez uma audição para figurante num filme de época que estava a ser gravado na costa

de Norfolk. Não consegui o papel, mas alguém na equipa de produção lhe sugeriu que devia pensar em ser modelo. E, portanto, a Olivia decidiu abandonar os seus estudos e ir para Nova Iorque para enveredar por uma carreira na moda. Aos dezoito anos, era uma das modelos mais em voga na Europa. — Fez uma pausa, depois acrescentou: — Esqueci-me de alguma coisa?

— De muita coisa, na verdade.

— Tal como?

— Nova Iorque.

— Então porque é que não continua a história a partir daí? — disse ele. — De Nova Iorque.

Foi um inferno, contou-lhe ela. Depois de assinar um contrato com uma agência conhecida, puseram-na num apartamento no West Side de Manhattan com mais oito raparigas que dormiam em beliches, em turnos rotativos. Durante o dia, mandavam-na ir a *castings* com potenciais clientes e jovens fotógrafos que estavam a tentar entrar no ramo. Se tivesse sorte, o fotógrafo aceitava tirar-lhe algumas fotografias que poderia colocar no portfólio. Caso contrário, saía de mãos a abanar e regressava ao exíguo apartamento para combater as baratas e as formigas. À noite, ela e as restantes raparigas alugavam-se a discotecas para ganharem algum dinheiro. Olivia foi agredida sexualmente duas vezes. O segundo ataque deixou-a com um olho negro que a impediu de trabalhar durante quase um mês.

— Mas a Olivia perseverou — disse o israelita.

— Suponho que sim.

— O que é que aconteceu depois de Nova Iorque?

— Aconteceu o Freddie.

Freddie, explicou, era Freddie Mansur, o agente mais em voga no ramo e um dos mais célebres predadores. Freddie trouxe Olivia para Paris e para a sua cama. Também lhe deu drogas: erva, cocaína, barbitúricos para a ajudar a dormir. À medida que o seu consumo calórico se reduzia a níveis próximos da inanição, o seu peso caía a pique. Rapidamente, era apenas pele e osso. Quando tinha fome, fumava um cigarro ou snifava um risco. Coca e tabaco: Freddie chamava-lhe a dieta de modelo.

— E o mais engraçado é que funcionou. Quanto mais magra ficava, melhor aparência tinha. Por dentro, estava a morrer lentamente, mas a máquina fotográfica adorava-me. E os anunciantes também.

— A Olivia era uma supermodelo?

— Nem por sombras, mas safava-me bastante bem. E o Freddie também. Ficava com um terço de tudo o que eu ganhava. E um terço do salário de todas as outras raparigas que representava na altura.

— E com quem dormia?

— Digamos, simplesmente, que a nossa relação não era

monogâmica.

Aos vinte e seis, a aparência cadavérica e toxicodependente com a qual estava associada passou de moda e a sua estrela começou a esmorecer. Muito do seu trabalho tinha lugar na passarela, onde a sua estrutura alta e membros compridos continuavam com grande procura. Mas o trigésimo aniversário foi um ponto de viragem. Houve um antes dos trinta e um depois dos trinta, explicou, e depois dos trinta o trabalho praticamente acabou. Aguentou durante mais três anos, até o próprio Freddie a advertir de que tinha chegado o momento de deixar o ramo. Fê-lo gentilmente, no início, e, quando ela resistiu, cortou os laços profissionais e românticos que tinha com ela e atirou-a para o meio da rua. Tinha trinta e três anos, não tinha estudos, estava desempregada e acabada.

— Mas era rica?

— Dificilmente.

— Então, e todo o dinheiro que ganhou?

— O dinheiro vem e o dinheiro vai.

— Drogas?

— E outras coisas.

— A Olivia gostava das drogas?

— Precisava delas, há uma diferença. Infelizmente, o Freddie deixou-me com uns quantos vícios caros.

— Então, o que é que fez?

— Fiz o que faria qualquer mulher na minha posição. Fiz as malas e fui para Saint-Tropez.

Com o que restava do seu dinheiro, arranjou uma *villa* nas montanhas («Era um barracão, na verdade, não muito longe daqui») e comprou uma *scooter* em segunda mão. Passava os dias na praia em Pampelonne e as noites em bares e discotecas da povoação. Naturalmente, encontrou aí muitos homens: árabes, russos, lixo europeu de cabelo prateado. Permitiu que alguns a levassem para a cama em troca de presentes e dinheiro, o que a fez sentir-se praticamente como uma prostituta. Acima de tudo, procurou um companheiro adequado, alguém que pudesse sustentar o estilo de vida ao qual se habituara. Alguém que não lhe causasse demasiada repulsa. Rapidamente, concluiu que viera para o local errado e, com o dinheiro a começar a escassear, aceitou um emprego numa pequena galeria de arte que era propriedade de um britânico expatriado. Então, bastante casualmente, conheceu o homem que mudaria a sua vida.

— O Jean-Luc Martel?

Ela não conseguiu evitar sorrir.

— Onde é que o conheceu?

— Numa festa, onde mais poderia ser? O Jean-Luc estava sempre numa festa. O Jean-Luc *era* a festa.

Na realidade, explicou, não foi a primeira vez que se conheceram. A primeira vez fora na *Fashion Week* em Milão, mas, nessa altura Jean-Luc estava com a esposa e mal olhara Olivia nos olhos ao apertar-lhe a mão. Mas, aquando do seu segundo encontro, era um viúvo em recuperação e desejoso de atividade. E Olivia apaixonou-se perdida e instantaneamente por ele.

— Eu era a Rosemary e ele era o Dick. Fiquei absolutamente impotente de amor.

— A Rosemary e o Dick?

— Rosemary Hoyt e Dick Diver. São personagens do...

— Eu sei quem são, Olivia. E está a lisonjear-se com a comparação.

As palavras foram como um estalo na sua face. As maçãs do seu rosto incendiaram-se de cor.

— Ele deu-lhe presentes e dinheiro como os outros?

— O Jean-Luc não tinha de pagar pelas suas miúdas. Era incrivelmente bonito e fabulosamente bem-sucedido. Era... o Jean-Luc.

— E o que é que acha que ele viu em si?

— Costumava perguntar-lhe a mesma coisa.

— Qual era a resposta dele?

— Achava que fazíamos uma boa equipa.

— Então foi uma parceria desde o início?

— Mais ou menos.

— Alguma vez falaram de casamento?

— Eu falei, mas o Jean-Luc não estava interessado. Costumávamos ter discussões terríveis sobre isso. Disse-lhe que não ia desperdiçar os melhores anos da minha vida a ser a concubina dele, que queria casar com ele e ter filhos. No final, chegámos a um acordo.

— Que tipo de acordo?

— Ele deu-me outra coisa em vez do casamento e dos filhos.

— E que coisa foi essa?

— A Galerie Olivia Watson.

RAMATUELLE, PROVENÇA

Olivia estava habituada a ter homens a fitarem-na. Homens ofegantes. Homens arquejantes. Homens de olhos húmidos, desejosos. Homens que fariam qualquer coisa, pagariam quase qualquer preço, para a ter nas suas camas. Os três homens agora alinhados diante dela (o mestre de espionagem britânico, o polícia secreto francês e o israelita sem origem declarada, mas de rosto vagamente familiar) também a estavam a fitar, mas definitivamente por um motivo diferente. Pareciam impenetráveis ao feitiço da sua aparência. Para eles, ela não era um objeto digno de ser admirado; era um meio para atingir um fim. Um fim que ainda não tinham considerado adequado revelar. Não estava, de todo, convencida de que gostassem dela. Ainda assim, sentiu-se aliviada por saber que ainda existiam homens assim. Uma carreira na indústria da moda e dez anos no mundo do faz-de-conta de Saint-Tropez tinham-na deixado com uma opinião bastante baixa sobre a espécie.

Galerie Olivia Watson...

Disse-lhes que o nome fora ideia de Jean-Luc, não sua. Ela quisera pendurar o nome consolidado da JLM sobre a porta da galeria, mas Jean-Luc insistira que a galeria ostentasse o nome dela em vez do seu. Deu-lhe o dinheiro para comprar o edifício antigo e elegante na Place de l'Ormeau e, depois, financiou a aquisição de uma coleção de nível mundial de arte contemporânea. Olivia quisera adquirir o acervo lenta e modestamente, com especial ênfase em artistas mediterrânicos. Mas Jean-Luc não quisera sequer ouvir falar nessa hipótese. Ele não fazia as coisas de forma lenta e modesta, explicou. Unicamente grande e vistosa. A galeria abriu com um nível de ostentação e *glamour* que só JLM poderia proporcionar. Depois disso, ele afastou-se e cedeu a Olivia um absoluto controlo artístico e financeiro.

— Mas apenas até certo ponto — disse ela.

— O que é que isso quer dizer? — perguntou o israelita. — Ou se detém controlo absoluto ou não se detém. Não existe um meio-termo.

— Existe, quando o Jean-Luc está envolvido.

Ele convidou-a a desenvolver o assunto.

— O Jean-Luc encarregava-se da contabilidade da galeria.

— Não achou isso estranho?

— Na verdade, fiquei aliviada. Eu era uma antiga modelo e ele era um empresário extremamente bem-sucedido.

— Quanto tempo demorou a descobrir que alguma coisa não estava bem?

— Dois anos. Talvez um pouco mais.

— O que é que aconteceu?

— Comecei a ver os registos da galeria sem ter o Jean-Luc a espreitar por cima do meu ombro.

— E o que é que descobriu?

— Que estava a adquirir e a vender mais trabalhos do que alguma vez imaginei ser possível.

— O negócio da galeria ia de vento em popa?

— Isso é pouco. Na verdade, logo no segundo ano de atividade, a Galerie Olivia Watson fez mais de trezentos milhões de euros de lucro. A maioria das vendas era totalmente privada e envolviam quadros que eu nunca tinha visto.

— O que é que fez?

— Confrontei-o.

— E como é que ele reagiu?

— Disse-me para me meter nos meus negócios. — Fez uma pausa, depois acrescentou: — O jogo de palavras não foi intencional.

— Foi o que fez?

Ela hesitou antes de assentir lentamente com a cabeça.

— Porquê?

Quando ela não deu qualquer explicação, ele sugeriu-lhe uma.

— Porque a sua vida era perfeita e não queria fazer nada que a perturbasse.

— Todos fazemos concessões nas nossas vidas.

— Mas nem todos encontramos refúgio nos braços de um traficante de droga. — Fez uma pequena pausa para permitir que as palavras a fervessem o suficiente. — Sabia que o verdadeiro negócio do Jean-Luc eram os estupefacientes, não sabia?

— Continuo a não saber.

O israelita recebeu a resposta com um desdém justificado.

— Não temos muito tempo, Olivia. Era melhor que não o desperdiçasse com negações inúteis.

Houve um silêncio, para dentro do qual o inglês que se autodenominava Nicolas Carnot rastejou. Foi até à estante e, esticando o pescoço para o lado, retirou um volume com uma capa gasta. Era *O Céu Que Nos Protege*, do romancista americano Paul Bowles. Enfiou o livro debaixo do braço e, com um olhar de soslaio para Olivia, saiu sorrateiramente da divisão de novo. Ela olhou para o israelita, que lhe devolveu um olhar destituído de julgamento.

— Estava prestes a contar-me — disse ele finalmente — quando é que se apercebeu de que o seu parceiro doméstico e empresarial era um traficante de droga.

— Ouvi rumores, tal como toda a gente.

— Mas, ao contrário de toda a gente, a Olivia encontrava-se numa posição única para saber se eram ou não verdade. Afinal de contas, a Olivia era a proprietária formal de uma galeria de arte que servia como uma das suas mais eficazes fachadas para lavar dinheiro.

Ela sorriu.

— Que ingénuo da sua parte.

— Porquê?

— Porque o Jean-Luc é muito bom a manter segredos. — Depois acrescentou: — Quase tão bom como o senhor e os seus amigos.

— Nós somos profissionais.

— O Jean-Luc também — disse ela sombriamente.

— Alguma vez lho perguntou?

— Se ele é traficante de droga?

— Sim.

— Só uma vez. Ele riu-se. E depois disse-me que nunca mais lhe fizesse perguntas sobre o negócio dele.

— E fez?

— Nunca.

— Porque não?

— Porque tinha ouvido outros rumores — disse ela. — Rumores sobre o que acontecia às pessoas que se lhe atravessavam no caminho.

— E, ainda assim, ficou — referiu ele.

— *Fiquei* — retorquiu ela — porque tive medo de partir.

— Medo de partir ou medo de perder a galeria?

— Ambos — admitiu.

Um lampejo de um sorriso surgiu nos lábios dele e depois desapareceu.

— Admiro a sua honestidade, Olivia.

— Pelo menos isso...

— Tal como o Nicolas Carnot, tenho tendência para me abster de qualquer julgamento. Principalmente, quando há informação valiosa em jogo.

— Que tipo de informação?

— A organização do negócio do Jean-Luc, por exemplo. A Olivia deve ter conseguido reunir uma quantidade de informação considerável sobre a forma como a empresa está estruturada. É bastante opaca, no mínimo. Olhando para ela do exterior, conseguimos identificar alguns dos atores. Há um chefe para cada divisão (para os restaurantes, para os hotéis, para a parte do retalho), mas, por mais que tentemos, não somos capazes de identificar o chefe

da unidade de estupefacientes ilícitos da JLM.

— Está a brincar.

— Só um bocadinho. É um homem ou são dois? É o próprio Jean-Luc?

Ela não disse nada.

— Tempo, Olivia. Não temos muito tempo. Precisamos de saber como é que o Jean-Luc gere o seu negócio de droga. Como é que dá as ordens. Como é que se isola para que a polícia não lhe consiga tocar. Não acontece por osmose ou telecinesia. Existe, algures, uma figura de confiança que trata dos interesses dele. Alguém que consegue entrar e sair da sua órbita sem levantar suspeitas. Alguém com quem ele comunica apenas pessoalmente, em voz baixa, num quarto onde não existem telefones presentes. Certamente, sabe quem é esse homem, Olivia. Talvez se conheçam. Talvez a Olivia seja amiga dele.

— Amiga, não — disse ela, passado um momento. — Mas realmente sei quem ele é. E sei o que me aconteceria se lhe dissesse o nome dele. Ele matava-me. E nem sequer o Jean-Luc conseguiria impedi-lo.

— Ninguém lhe vai fazer mal, Olivia.

Ela olhou-o com ceticismo. Ele fingiu ficar moderadamente ofendido.

— Pense nos esforços extraordinários que fizemos para trazê-la aqui hoje. Não demonstrámos o nosso profissionalismo? Não provámos que merecemos a sua confiança?

— E quando desaparecerem? Quem é que me vai proteger nessa altura?

— A Olivia não vai precisar de proteção — replicou ele — porque também terá desaparecido.

— Onde é que eu estarei?

— Isso cabe-lhe a si e ao seu compatriota decidir — disse ele, com uma inclinação da cabeça na direção do chefe dos serviços secretos britânicos. — Bem, calculo que possa oferecer-lhe um apartamento agradável com vista para o mar em Telavive, mas suspeito que se sinta mais confortável em Inglaterra.

— O que é que vou fazer para ganhar dinheiro?

— Gerir uma galeria de arte, evidentemente.

— Qual?

— A Galerie Olivia Watson. — Ele sorriu. — Apesar de o seu inventário profissional ter sido adquirido com dinheiro proveniente da droga, estamos preparados para a deixar mantê-lo. Com duas exceções — acrescentou.

— Quais?

— O Guston e o Basquiat. O Monsieur Antonov gostaria de lhe passar um cheque de cinquenta milhões por ambos, o que deverá dissipar quaisquer preocupações que o Jean-Luc possa ter sobre a

forma como passou esta tarde. E não se preocupe — acrescentou. — Ao contrário do Monsieur Antonov, o dinheiro é absolutamente real.

— Que generoso da vossa parte — disse ela. — Mas ainda não me disseram o motivo de tudo isto.

— O motivo é Paris — respondeu ele. — E Londres. E Antuérpia. E Amsterdão. E Estugarda. E Washington. E uma centena de outros atentados de que a Olivia nunca ouviu falar.

— O Jean-Luc não é nenhum anjo, mas também não é nenhum terrorista.

— É verdade. Mas acreditamos que faz negócios com um, o que significa que está a ajudar a financiar os atentados. Mas receio que isto seja o máximo que lhe vou dizer em relação a este assunto. Quanto menos souber, melhor, É assim que funciona no nosso ramo. E a única coisa que precisa de saber é que lhe está a ser concedida uma oportunidade única. É uma possibilidade de começar do zero. Pense nela como uma tela em branco na qual pode pintar a imagem que quiser. E só lhe custará o nome dele. — Ele sorriu e perguntou: — Temos acordo, senhora Wilson?

— Watson. O meu nome é Olivia Watson. E, sim — disse, passado um momento. — Creio que temos acordo.

Falaram durante toda a tarde, enquanto o calor abrandava e as sombras se tornavam mais finas e longas no jardim e no olival prateado que trepava pela encosta ao lado. As circunstâncias do seu repatriamento para o Reino Unido. A forma como deveria comportar-se na presença de Jean-Luc ao longo dos dias seguintes. Os procedimentos que deveria seguir caso ocorresse alguma urgência imprevista. O israelita de olhos verdes referiu-se a isso como o plano «quebrar-em-caso-de-emergência» e advertiu Olivia de que deveria ser ativado apenas em caso de extremo perigo, pois implicaria, necessariamente, um enorme gasto de tempo e esforço e o desperdício de incontáveis milhões em despesas operacionais.

Só depois disso Gabriel pediu o nome a Olivia. O nome do homem em quem Jean-Luc confiava para gerir o seu império de muitos milhares de milhões de euros em estupefacientes. O lado sujo da JLM Enterprises, como o israelita lhe chamou. O lado que tornava tudo o resto (os restaurantes, os hotéis, as boutiques e as lojas, a galeria de arte na Place de l'Ormeau) possível. A primeira vez que Olivia o proferiu, fê-lo suavemente, como se tivesse uma mão a apertar-lhe a garganta. O israelita pediu-lhe que repetisse o nome e, ouvindo-o claramente, trocou um olhar longo, especulativo com Paul Rousseau. Passado algum tempo, Rousseau assentiu lentamente com a cabeça e, depois, voltou a contemplar o seu cachimbo dormente enquanto, no

outro lado da sala, Nicolas Carnot devolvia o volume de Bowles ao seu lugar original na prateleira.

Depois disso, não houve mais discussão sobre droga ou terrorismo ou sobre o verdadeiro motivo pelo qual Olivia fora trazida à modesta *villa* nos arredores de Ramatuelle. O Monsieur Antonov materializou-se, todo sorrisos e bonomia com sotaque russo, e, juntos, prepararam a transferência de cinquenta milhões de euros das suas contas para as da galeria. Foi aberta uma garrafa de champanhe para comemorar a venda. Olivia não bebeu do copo que lhe colocaram na mão. O israelita também não tocou no seu copo. Era, pensou Olivia, um homem de uma disciplina admirável.

Pouco depois das seis da tarde, Nicolas Carnot devolveu o telemóvel a Olivia. Ela não sabia em que momento lho tirara. Calculou que o tivesse retirado da sua mala durante a viagem de carro de Saint-Tropez. Olhando de relance para o ecrã, viu várias mensagens de texto que tinham chegado durante o interrogatório. A última era de Jean-Luc. Chegara apenas um instante antes. Dizia que estava prestes a embarcar no seu helicóptero e chegaria a casa dentro de uma hora.

Olivia ergueu o olhar, alarmada.

— O que é que eu devo dizer-lhe?

— O que é que lhe diria normalmente? — perguntou o israelita.

— Dir-lhe-ia que fizesse boa viagem.

— Então, por favor, diga isso. E talvez queira mencionar que tem uma surpresa de cinquenta milhões de euros para ele. Isso deve alegrar-lhe a disposição. Mas não revele demasiado. Não queremos estragar a surpresa.

Olivia digitou a resposta na caixa de texto com o polegar e levantou o ecrã para que ele visse.

— Muito bem feito.

Com um toque suave, enviou a mensagem.

— Está na hora de se ir embora — disse o israelita. — Não queremos que a sua carruagem se transforme numa abóbora, pois não?

No exterior, algumas nuvens sopradas pelo vento moviam-se velozmente pelo céu noturno. Nicolas Carnot falou apenas em francês durante a viagem para sul em direção à Baie de Cavalaire, e apenas sobre o Monsieur Antonov e os quadros. Deveriam ser entregues na Villa Soleil imediatamente após a receção do dinheiro. A Madame Sophie, disse ele, já escolhera o local onde seriam pendurados.

— Ela odeia-me — disse Olivia.

— Não é assim tão má, depois de a conhecermos.

— É francesa?

— O que mais é que poderia ser?

Os Antonovs viviam no lado ocidental da baía, Jean-Luc e Olivia no

oriental. Enquanto se aproximavam do minimercado *Spar* na esquina do Boulevard Saint-Michel, o Monsieur Carnot indicou-lhe que parasse. Apertou a mão dela firmemente e, em inglês, assegurou-lhe que não tinha nada a temer, que estava a fazer a coisa certa. Depois, desejou-lhe uma noite agradável e, sorrindo como se nada de invulgar tivesse acontecido nessa tarde, saiu do carro. Quando o viu pela última vez, foi no espelho retrovisor, a acelerar na direção oposta em cima de uma pequena mota. A fugir do local do crime, pensou ela.

Olivia continuou para leste ao longo da baía e, alguns minutos mais tarde, entrou na luxuosa *villa* que partilhava com o homem que acabara de trair. Na cozinha, serviu um grande copo de rosé para si e levou-o para o terraço no exterior. Através do brilho intenso do sol poente, conseguiu distinguir os contornos vagos da *villa* monstruosa do Monsieur Antonov. Nesse preciso momento, o seu telemóvel vibrou. Fitou o ecrã. EM CASA DAQUI A CINCO MINUTOS... QUAL É A SURPRESA?

— A surpresa — disse ela em voz alta — é que o teu amigo russo e a cabra da mulher dele acabaram de me passar um cheque de cinquenta milhões de euros. — Repetiu-o vezes sem conta, até acreditar que era verdade.

MARSELHA, FRANÇA

Às onze e quarenta e cinco da manhã seguinte, a quantia de cinquenta milhões de euros apareceu na conta da Galerie Olivia Watson, 9 Place de l'Ormeau, Saint-Tropez, França. O dinheiro não teve de viajar até muito longe, visto que tanto emissor como destinatário tinham as suas contas no HSBC do Boulevard Haussmann, em Paris. A meio da tarde, repousava confortavelmente num conceituado banco suíço em Genebra, numa conta controlada pela JLM Enterprises. E, às cinco horas, dois quadros (um de Guston, outro de Basquiat) foram entregues na Villa Soleil, numa carrinha sem identificação exterior. Olivia Watson ia atrás, no seu *Range Rover* preto. No *hall* de entrada, passou por Christopher Keller, que estava a sair. Ele beijou-a prodigamente em ambas as maçãs do rosto, fez um comentário sobre a sua aparência, que era deslumbrante, e depois subiu para a sua mota *Peugeot Satelis*. Pouco depois, estava a acelerar para oeste ao longo da costa do Mediterrâneo.

Era quase crepúsculo quando chegou aos subúrbios de Marselha. Os violentos gangues de droga prosperavam nos *banlieues* a norte da cidade, principalmente nos bairros sociais de Bassens e Paternelle, mas Keller aproximou-se através dos subúrbios mais tranquilos a leste. O túnel Prado-Carénage levou-o até ao Porto Velho e, daí, encaminhou-se para a Rue Grignan. Esguia e direita como uma régua, estava ladeada de lojas Boss, Vuitton, Armani e semelhantes. Havia até uma boutique-joalheria JLM. Keller jurou ter conseguido detetar o cheiro azedo a haxixe enquanto passava.

Enquanto continuava através do centro da cidade para o interior do *quartier* de Marselha conhecido como Le Camas, as ruas tornaram-se sujas e pobres e as lojas e cafés passaram a ter, claramente, uma clientela imigrante e de classe trabalhadora. Um desses negócios, situado no rés-do-chão de um edifício salpicado de *graffitis* com vista para a Place Jean Jaurès, vendia artigos eletrónicos e telemóveis com desconto a uma carteira de clientes essencialmente marroquina e argelina. Contudo, o seu proprietário era um francês chamado René Devereaux. Devereaux era proprietário de vários pequenos negócios em Marselha (todos eles orientados para fazer dinheiro, alguns numa

categoria definida, de forma vaga, como entretenimento para adultos), mas a loja de produtos eletrônicos servia como uma espécie de sede operacional. O seu escritório ficava no segundo andar do edifício. A divisão não continha nenhum telefone nem dispositivos eletrônicos de qualquer tipo, um conjunto de circunstâncias curiosas para um homem que, alegadamente, tinha como profissão a venda das referidas engenhocas de conveniência modernas. René Devereaux não gostava muito de telefones e dizia-se que nunca tinha enviado, pessoalmente, um *e-mail* ou uma mensagem de texto. Só comunicava com os seus parceiros de negócio e subordinados ao vivo, muitas vezes na sombria praça ou numa mesa na esplanada do Au Petit Nice, um café razoavelmente agradável localizado a alguns passos da sua loja.

Keller sabia de tudo isto porque René Devereaux era uma figura proeminente no mundo onde ele, em tempos, habitara. Toda a gente no submundo criminoso francês sabia que o verdadeiro negócio de Devereaux era o tráfico de droga. Não apenas o tráfico de rua, mas o tráfico numa escala continental mais alargada. Provavelmente, a polícia francesa também estava a par disso, mas Devereaux, ao contrário de muitos dos seus concorrentes, nunca passara um único dia atrás das grades. Era um verdadeiro mafioso, um intocável. Até esta noite, pensou Keller. Pois fora o nome de René Devereaux que Olivia Watson proferira na casa segura nos arredores de Ramatuelle. Devereaux era a pessoa que fazia tudo correr sobre rodas, a pessoa que movia o haxixe das docas do sul da Europa para as ruas de Paris, Amsterdão e Bruxelas. A pessoa, pensou Keller, que conhecia todos os segredos de Jean-Luc Martel. Teriam apenas uma hipótese de o apanhar discreta e eficazmente. Felizmente, tinham à sua disposição alguns dos melhores agentes de campo do ramo.

Keller deixou a mota na extremidade da Place Jean Jaurès e caminhou até à loja de Devereaux. Espreitando para a mercadoria em exibição na montra atulhada, viu dois homens, ambos de aparência francesa, a observá-lo a partir do posto avançado atrás do balcão. No segundo andar, havia luz a cintilar atrás da porta francesa fechada que dava para a varanda degradada.

Keller afastou-se e continuou a caminhar ao longo da rua cerca de cinquenta metros, antes de parar junto de uma carrinha estacionada. Giancomo, moço de recados de Don Orsati, estava sentado ao volante. Dois outros agentes de Orsati estavam agachados no compartimento de carga traseiro, a fumar nervosamente. Giancomo, no entanto, parecia estar calmo. Keller suspeitava que era para o convencer das suas capacidades.

- Quando é que o viste pela última vez?
- Há uns vinte minutos. Veio à varanda fumar um cigarro.
- Tens a certeza de que ainda está lá dentro?

— Temos um homem a vigiar as traseiras do edifício.

— Onde é que estão os outros?

O jovem corso apontou com a cabeça na direção da Place Jean Jaurès. A praça estava apinhada de residentes do *quartier*, muitos deles vestidos com indumentária tradicional africana ou do mundo árabe. Nem mesmo Keller conseguia identificar os homens do *don*.

Olhou para Giancomo.

— Sem erros, estás a ouvir-me? Caso contrário, estás sujeito a ser responsabilizado por dar início a uma guerra. E sabes qual é a opinião do *don* sobre guerras.

— As guerras são boas para o negócio do *don*.

— Não são, quando ele é um dos combatentes.

— Não se preocupe. Já não sou um miudinho. Para além disso, tenho isto. — Giancomo puxou o talismã em redor do pescoço. Era idêntico ao de Keller. — Já agora, ela manda cumprimentos.

— Disse mais alguma coisa?

— Qualquer coisa sobre uma mulher.

— O que é que tem a mulher?

Giancomo encolheu os ombros.

— Sabe como é a *signadora*. Fala por meio de adivinhas.

Keller fumou um cigarro enquanto caminhava para o Au Petit Nice. O interior estava numa grande agitação (o Marselha estava a jogar contra o Lyon), mas havia algumas mesas livres na rua. Numa delas, estava sentado um homem de constituição mediana, com cabelo espesso prateado e óculos pretos grossos. Numa mesa adjacente, dois homens de olhos escuros com cerca de vinte anos observavam os transeuntes que se movimentavam pelos passeios com invulgar intensidade. Keller aproximou-se do homem de cabelo de prata e, sem esperar por um convite, sentou-se. Havia uma garrafa de *pastis* e um único copo. Keller fez sinal ao empregado e pediu um segundo.

— Sabes — disse ele em francês —, devias mesmo beber um bocadinho.

— Parece gasolina com sabor a alcaçuz — respondeu Gabriel. Observou dois homens de túnica a caminhar de braço dado na rua. — Não consigo acreditar que estamos aqui outra vez.

— No Au Petit Nice?

— Em Marselha — disse Gabriel.

— Era inevitável. Quando uma pessoa está a tentar infiltrar-se numa rede europeia de droga, todos os caminhos vão dar a Marselha. — Keller também observou os transeuntes. — Achas que o Rousseau foi fiel à palavra?

— Porque é que não haveria de ser?

— Porque é um espião. O que significa que, inevitavelmente, mente.

— Tu também és um espião.

— Mas, até há pouco tempo atrás, trabalhava para o Don Anton Orsati. O mesmo Anton Orsati — acrescentou Keller — que está prestes a ajudar-nos com um trabalhinho sujo esta noite. E, se o Rousseau e os amigos dele do Grupo Alpha por acaso estiverem a observar, isso irá colocar o *don*, louvado seja, numa posição bastante delicada.

— O Rousseau não quer ter nada a ver com o que está prestes a acontecer aqui. Quanto ao *don* — continuou Gabriel —, ajudar-nos com este trabalhinho sujo, como tu tão duramente lhe chamas, foi a melhor decisão que tomou desde que te contratou.

— Então porquê?

— Porque, depois desta noite, ninguém poderá tocar-lhe sequer com um dedo. Ficará imune.

— Pensas como um criminoso.

— É o que se tem de fazer, no nosso ramo.

O empregado de mesa entregou o segundo copo. Keller encheu-o com *pastis* enquanto Gabriel consultava o telemóvel.

— Algum problema?

— A Madame Sophie e o Monsieur Antonov estão a discutir por causa do sítio onde pendurar os novos quadros.

— E andavam tão bem.

— Sim — disse Gabriel distraidamente, enquanto devolvia o telefone ao bolso do casaco.

— Achas que vão conseguir manter-se juntos?

— Tenho cá as minhas dúvidas.

Keller bebeu um pouco do *pastis*.

— Então, o que é que pretendes fazer com todos esses quadros quando a operação acabar?

— Tenho um pressentimento de que o Monsieur Antonov irá descobrir as suas raízes judias e fazer uma doação de grande notoriedade ao Museu de Israel.

— E os cinquenta milhões que deste à Olivia?

— Não lhe *dei* nada. Comprei dois quadros da galeria dela.

— Isso — disse Keller — é uma forma diferente de dizer a mesma coisa.

— É um preço bastante baixo a pagar se isso nos levar até ao Saladino.

— Se... — disse Keller.

— É imaginação minha — disse Gabriel —, ou passa-se alguma coisa entre ti e a...

— É imaginação tua.

— É uma rapariga muito bonita. E, quando tudo isto terminar, vai ficar bastante bem na vida.

— Tento manter-me afastado de raparigas que se agarram a

traficantes de droga franceses abastados.

— Estás a esquecer-te de qual era a tua profissão?

Franzindo o sobrolho, Keller bebeu mais *pastis*.

— Então, o Monsieur Antonov é judeu?

— Aparentemente, sim.

— Nunca teria adivinhado.

Gabriel encolheu os ombros com indiferença.

— Eu sou um bocadinho judeu. Alguma vez te disse isso?

— Talvez tenhas dito.

Um silêncio abateu-se entre eles. Gabriel fitou taciturnamente a rua.

— Não consigo acreditar que estamos aqui outra vez.

— Não vai demorar muito mais.

Keller observou dois homens a saírem da parte de trás da carrinha e a entrarem na loja de eletrónica que pertencia a René Devereaux. Depois, olhou de soslaio para o relógio.

— Uns cinco minutos. Talvez menos.

Da mesa na esplanada do Au Petit Nice, Keller e Gabriel só conseguiram ver parcialmente o que aconteceu a seguir. Alguns segundos depois de os dois homens terem entrado na loja, vários clarões de luz transbordaram da montra para a rua. Foram ténues (na verdade, poderiam ter sido confundidos com o cintilar de uma televisão) e não houve absolutamente nenhum som. Pelo menos, nenhum que chegasse ao ruidoso café. Depois disso, a loja ficou completamente às escuras, à exceção de um pequeno sinal de néon na porta onde podia ler-se: FERMÉ. Os transeuntes fluíam ao longo do passeio como se nada de invulgar estivesse a acontecer.

Os olhos de Keller regressaram à carrinha, onde Giancomo estava a retirar uma grande caixa retangular de papelão do compartimento de trás. Era uma caixa com um formato estranho, manufaturada por uma fábrica de produtos de papel da Córsega, exatamente segundo as instruções fornecidas por Don Orsati. Era bastante evidente que estava vazia, pois Giancomo não teve qualquer problema em transportá-la para o outro lado da rua e atravessar a porta da frente da loja com ela nas mãos. Mas, alguns minutos mais tarde, quando a caixa reapareceu, veio carregada pelos dois homens que tinham entrado na loja primeiro, com Giancomo a segurar um dos lados como um cangalheiro. Os dois homens introduziram a caixa nas traseiras da carrinha e rastejaram para o interior atrás dela, enquanto Giancomo recuperava o seu lugar ao volante. Depois, a carrinha deslizou para longe do passeio, dobrou a esquina e desapareceu. Do interior do Au Petit Nice, ouviram-se festejos ruidosos. O Marselha marcara um gol contra o Lyon.

— Nada mau — disse Gabriel.

Keller olhou para as horas.

— Quatro minutos e doze segundos.

— Inaceitável segundo os padrões do Departamento, mas mais do que apropriado para esta noite.

— De certeza que não queres juntar-te à festa?

— Já tive o suficiente disso para a vida toda. Mas manda cumprimentos meus ao *don* — disse Gabriel. — E diz-lhe que o cheque está no correio.

Com isso, Keller partiu. Passado um momento, montado na *Peugeot Satelis*, passou a alta velocidade pelo Au Petit Nice, onde um homem de cabelo espesso prateado e óculos pretos grossos estava sentado sozinho, interrogando-se quanto tempo passaria antes de Jean-Luc Martel descobrir que o chefe da sua divisão de estupefacientes ilícitos estava desaparecido.

MAR MEDITERRÂNEO

Celine era um *Baia Atlantica 78* com três camarotes, um motor a gasóleo MTV capaz de atingir velocidades de cinquenta e quatro nós e uma proa longa e esguia que poderia receber um pequeno helicóptero. Todavia, Keller chegou à embarcação por meios menos vistosos, nomeadamente através de um barco insuflável *Zodiac* que fora deixado para ele numa marina isolada do estuário do Rhône, perto da cidade de Saintes-Maries-de-la-Mer. Atou a lancha à plataforma para entrar na água que havia na popa e subiu até ao salão principal, onde encontrou Don Orsati a ver o jogo Marselha-Lyon na televisão por satélite. Vestido como estava agora, com a sua roupa corsa simples e sandálias empoeiradas, parecia nitidamente deslocado entre a decoração sumptuosa de couro e madeira. Giancomo estava na ponte com o timoneiro.

— O Marselha voltou a marcar — disse o *don*, desconsolado. Apontou o comando para o ecrã e desligou-o.

Keller passou os olhos pelo interior do salão.

— Esperava algo um pouco mais modesto.

— Estou demasiado velho para andar a deslocar-me pelo Mediterrâneo num barco de pesca. Para além disso, vais ficar contente por teres vinte e quatro metros de barco debaixo de ti hoje à noite. Parece que o vento vai soprar com força.

— A quem é que pertence?

— A um amigo de um amigo.

— E o timoneiro?

— É meu.

Keller baixou o olhar e, pela primeira vez, reparou em várias gotas de sangue que secavam no chão.

— Tinha uma arma na secretária quando eles entraram — explicou o *don*. — Levou um tiro no ombro.

— Vai sobreviver?

— Receio bem que sim.

— Ele viu a sua cara?

— Ainda não.

— Trouxe um martelo?

— Um bom — disse o *don*.
— Onde é que está o Devereaux?
— No quarto individual. Não quis que sujasse um dos quartos de casal.

Keller olhou novamente para o chão.

— Alguém devia mesmo limpar isto.

— Eu não — disse o *don*. — Não suporto ver sangue.

Um dos homens do *don* estava de guarda à porta do quarto individual. Do interior, não vinha qualquer som.

— Está consciente? — perguntou Keller.

— Vê por ti próprio.

Keller entrou e fechou a porta atrás de si. O quarto estava às escuras; cheirava a suor e a medo e vagamente a sangue. Acendeu a lâmpada de leitura embutida e apontou o cone de luz na direção da figura imóvel, esticada sobre a cama de solteiro. Fita adesiva prateada obscurecia-lhe os olhos e a boca. As mãos estavam atadas e presas ao tronco, as pernas e os tornozelos amarrados. Keller examinou o ferimento no ombro direito. Tinha havido uma perda significativa de sangue, mas, por agora, o fluxo parara. Ainda assim, a roupa de cama estava encharcada. O amigo de um amigo, pensou Keller, iria precisar de um novo colchão quando isto acabasse.

Arrancou-lhe a fita adesiva dos olhos. René Devereaux pestanejou rapidamente várias vezes. Então, quando Keller se inclinou para a luz, mostrando o seu rosto a Devereaux, o traficante de droga encolheu-se de medo. Aparentemente, conheciam-se mutuamente.

— *Bonsoir*, René. Obrigado por apareceres por cá. Como é que está o ombro?

Os seus olhos semicerraram-se, o medo evaporou-se. Devereaux estava a tentar enviar uma mensagem ao inglês da Córsega: não era homem para ser baleado, raptado e atado como uma ave de caça. Keller retirou a fita adesiva da boca de Devereaux, permitindo-lhe, assim, expressar os seus sentimentos,

— És um homem morto. Tu e esse corso gordo para quem trabalhas.

— Estás a referir-te ao Don Orsati?

— Que se foda o Don Orsati.

— Essas são palavras muito insensatas. Pergunto-me se te atreverias a proferi-las na cara do *don*.

— Cagava em cima do *don*. E do resto da família dele.

— Cagavas, a sério?

Keller saiu. Ao corso que se encontrava à saída da porta, disse:

— Pede a sua santidade que desça por um minuto.

— Está a ver o jogo.

— Tenho a certeza de que vai conseguir afastar-se da televisão — disse Keller. — E traz-me o martelo.

O curso subiu as escadas do barco e, passado um momento, com alguma dificuldade, Don Orsati desceu. Keller conduziu-o ao interior do camarote e exibiu-o para que René Devereaux o visse. O *don* sorriu perante o evidente desconforto de Devereaux.

— O Monsieur Devereaux tem uma coisa que gostaria de dizer-lhe — disse Keller. — Vá lá, René. Por favor diz ao Don Orsati o que me disseste há pouco.

Tendo sido recebido por silêncio, Keller acompanhou o *don* até à saída. Depois, pôs-se ameaçadoramente de pé por cima do traficante de droga cativo.

— É escusado dizer-te que não tens muitas opções. Podes contar-me o que eu quero saber, ou posso explicar ao *don* todas as coisas atrevidas que disseste sobre ele e a sua adorada família. E então... — Keller levantou as mãos para indicar a incerteza do destino de Devereaux perante um cenário tão carregado de emoções.

— Desde quando é que estás no ramo da informação? — perguntou Devereaux.

— Desde que mudei de carreira. Agora, estou a trabalhar para os serviços secretos britânicos. Não ouviste dizer, René?

— Tu? Um espião inglês? Não acredito.

— Às vezes, eu próprio não acredito. Mas acontece que é verdade. E tu vais ajudar-me. Vais ser uma fonte confidencial e eu vou ser o teu agente superior.

— Não podes estar a falar a sério.

— Pensa nas tuas atuais circunstâncias. Não poderiam ser mais sérias. Tal como a nossa missão. Vais ajudar-me a encontrar o homem que tem andado a orquestrar todos os atentados terroristas aqui na Europa e na América.

— Como é que eu vou fazer isso? Sou um traficante de droga, pelo amor de Deus.

— Ainda bem que esclarecemos essa parte. Mas não és um traficante de droga qualquer, pois não? *Traficante* é uma palavra demasiado branda para o que tu fazes. Geres uma rede global inteira a partir daquela espelunca na Place Jean Jaurès. E fazes isso — disse Keller — para o Jean-Luc Martel.

— Quem? — perguntou Devereaux.

— O Jean-Luc Martel. O que é dono daqueles restaurantes todos e dos hotéis e que tem aquele cabelo.

— E a namorada inglesa bonita — disse Devereaux.

— Então conhece-lo *mesmo*.

— Claro. Costumava ir ao primeiro restaurante dele em Marselha. Ele era um zé-ninguém, na altura. Agora, é uma grande estrela.

— Graças à droga — disse Keller. — Haxixe, para ser mais específico. Haxixe que vem de Marrocos. Haxixe que tu distribuis por toda a Europa. O império do Martel colapsaria se não fosse pelo haxixe. Mas nunca te passaria pela cabeça excluí-lo do negócio, pois isso significaria que terias de encontrar um novo método para lavar cinco ou dez mil milhões por ano em lucros de droga. Os teus chamados «negócios legítimos» poderiam ser suficientes para te fazer parecer razoavelmente respeitável perante as autoridades fiscais francesas, mas nunca conseguirias lidar com todos os lucros de uma rede global de estupefacentes. Para isso, precisas de um verdadeiro conglomerado empresarial. Um conglomerado onde entram centenas de milhões de dólares por ano em receitas de caixa. Um conglomerado que adquire e constrói vastas quantidades de património imobiliário.

— E compra e vende quadros. — Após um silêncio, Devereaux acrescentou: — Soube que ela ia dar problemas assim que a conheci.

— Quem?

— Aquela cabra inglesa.

Keller fechou a mão direita num punho e dirigiu-o com toda a força para o ombro encharcado de sangue de Devereaux.

— Mas, voltando ao assunto que temos em mãos — disse, enquanto o francês se contorcia na cama em agonia. — Vais dizer-me tudo o que sabes sobre o Jean-Luc Martel. Os nomes dos vossos fornecedores em Marrocos. As rotas que utilizam para trazerem a droga para a Europa. Os métodos que usam para inserirem dinheiro na circulação financeira da JLM Enterprises. Tudo, René.

— E se eu concordar?

— Vamos gravar um vídeo — disse Keller.

— E se não concordar?

— Vais receber o tratamento JLM. E não estou a falar de um belo jantar nem de uma noite numa suíte de hotel luxuosa.

Devereaux conseguiu sorrir. Depois, bem do fundo da garganta, produziu uma bola abundante e gelatinosa de muco e cuspiu-a para o rosto de Keller. Com um canto da roupa de cama, Keller limpou calmamente a sujidade antes de sair para recuperar o martelo do curso. Golpeou Devereaux com ele várias vezes, concentrando os esforços no ombro direito e evitando totalmente a cabeça e o rosto. Depois, subiu as escadas até ao salão principal, onde encontrou Don Orsati a ver o jogo de futebol.

— Foi alguma coisa que ele disse ou que não disse?

— Foi alguma coisa que ele fez — respondeu Keller.

— Houve sangue?

— Um bocadinho.

— Ainda bem que esperaste até eu sair. Não suporto ver sangue.

Um festejo ribombante surgiu na televisão.

— Perdemos — disse o *don* melancolicamente.

— Sim — respondeu Keller. — Mas não percamos a esperança.

MAR MEDITERRÂNEO

Christopher Keller fez mais três visitas ao camarote mais pequeno do *Celine*: uma às onze, a segunda pouco depois da meia-noite e uma visita demorada com início à uma e meia da manhã que deixou René Devereaux, um calejado criminoso marselhês, com muito sangue nas mãos, a chorar descontroladamente e a implorar misericórdia. Keller fez-lhe a vontade, mas só com uma condição. Devereaux iria dizer-lhe tudo, para a câmara. Caso contrário, Keller partir-lhe-ia todos os ossos do corpo, lentamente, com cuidado e premeditação e pausas para renovação de energias e reflexão.

Já fizera enormes progressos nesse sentido. O ombro direito de Devereaux, no qual estava alojada uma bala, sofrera inúmeras fraturas. Adicionalmente, o cotovelo direito estava fraturado, tal como o esquerdo. Ambas as mãos estavam numa condição deplorável, e o ferimento no joelho direito, caso lhe fosse permitido sarar devidamente, provavelmente deixaria Devereaux com um coxear permanente a condizer com o de Saladino.

Deslocá-lo para o salão, onde fora montada uma câmara sobre um tripé, revelou-se um desafio. Giancomo puxou-o pelas escadas acima, enquanto Keller empurrava por baixo, oferecendo o apoio muitíssimo necessário para a perna arruinada. Foi providenciado conhaque, juntamente com um poderoso analgésico francês de venda livre que poderia fazer uma pessoa esquecer-se da falta de um membro. Keller ajudou Devereaux a vestir um casaco de marinheiro amarelo e, com um pente, arranjou-lhe o escasso cabelo fino. Então, ligou a câmara de vídeo e, depois de examinar cuidadosamente o plano, colocou a primeira questão:

- Como é que te chamas?
- René Devereaux.
- Qual é a tua profissão?
- Sou dono da loja de produtos eletrónicos da Place Jean Jaurès.
- Qual é a verdadeira natureza do teu trabalho?
- Droga.
- Onde é que conhecestes o Jean-Luc Martel?
- Num restaurante em Marselha.

- Quem era o proprietário do restaurante?
- Philippe Renard.
- Qual era o verdadeiro negócio do Renard?
- Droga.
- Onde é que está o Philippe Renard agora?
- Morto.
- Quem é que o matou?
- O Jean-Luc Martel.
- Como é que o matou?
- Com um martelo.
- O que é que o Jean-Luc Martel faz agora?
- É proprietário de vários restaurantes, hotéis e estabelecimentos de venda a retalho.
- Qual é o verdadeiro negócio dele?
- Droga — disse René Devereaux.

Atracaram em Ajaccio às nove e meia. Daí, bastou uma agradável caminhada em redor da linha costeira curvilínea do golfo para chegar ao aeroporto. O voo seguinte para Marselha partia ao meio-dia. Keller chegou às onze e um quarto, depois de parar para um pequeno-almoço tardio e para comprar uma muda de roupa. Vestiu-a numa casa de banho do aeroporto e, depois, passou facilmente pela segurança sem nada na sua posse exceto a carteira, um passaporte britânico e o seu telemóvel do MI6, no qual havia um vídeo comprimido e fortemente encriptado do interrogatório de René Devereaux. Naquele momento, era provavelmente a informação mais importante de toda a guerra global contra o terrorismo.

Keller desligou o telefone antes da descolagem e não o voltou a ligar até estar a atravessar o terminal de Marselha. Mikhail estava à espera no exterior, na parte de trás da *Maybach* de Dmitri Antonov. Yaakov Rossman estava ao volante. Ouviram o interrogatório através do magnífico sistema sonoro do automóvel, enquanto se dirigiam para leste pela Autoroute.

— Deixaste escapar a tua verdadeira vocação — disse Mikhail. — Devias ter sido entrevistador de televisão. Ou inquisidor-geral.

- Arrependimento, meu filho.
- Achas que ele se vai arrepender?
- O Martel? Não sem dar luta.
- Não tem qualquer hipótese de se esconder deste vídeo. Agora, é nosso.

— Vamos ver — disse Keller.

Eram quase quatro da tarde quando a *Maybach* atravessou o portão da casa segura de Ramatuelle. Já no interior, Keller transferiu o

ficheiro de vídeo para a rede informática operacional central. Passado um momento, o rosto de René Devereaux surgiu nos monitores.

— *Onde é que está o Philippe Renard agora?*

— *Morto.*

— *Quem é que o matou?*

— *O Jean-Luc Martel.*

— *Como é que o matou?*

— *Com um martelo.*

E assim continuou durante a maior parte de duas horas. Nomes, datas, locais, rotas, métodos, *dinheiro*... Tudo se resumia a dinheiro. Sujeito ao implacável interrogatório de Keller (e à ameaça, invisível no vídeo, do martelo), René Devereaux entregou os segredos mais preciosos da rede. Como o dinheiro era recolhido dos traficantes de rua. Como era carregado para a lavandaria que era a JLM Enterprises. E como, depois de limpo e passado, se dispersava. Tudo com um detalhe minucioso, de alta resolução. Não havia como esconder-se dele. Jean-Luc Martel estava na mira deles. Mas quem é que lhe ofereceria uma tábua de salvação? Paul Rousseau declarou que seria ele. Martel, disse, era um problema francês. Só uma solução francesa serviria.

E, portanto, com a ajuda de Gabriel, Rousseau preparou um clipe editado do interrogatório, com trinta e três segundos de duração. Era um *teaser*, um aperitivo. «Uma palmadinha de amor», como lhe chamou Gabriel. Martel estava rodeado da sua corte, no bar do seu restaurante do Porto Velho, quando o vídeo apareceu no seu telefone através de uma mensagem de texto anónima. O próprio telefone estava sob vigilância exaustiva, permitindo a Gabriel e Rousseau e ao resto da equipa observar as diversas tonalidades do alarme crescente de Martel enquanto o visualizava. Alguns segundos mais tarde, surgiu um segundo vídeo, apenas por segurança. Mostrava um breve encontro sexual entre Martel e Monique, a rececionista de Olivia na galeria. Fora gravado com o mesmo telefone que Martel tinha agora na mão e que, da perspetiva singular da equipa, parecia estar a tremer incontrolavelmente.

Foi neste ponto que Rousseau telefonou a Martel diretamente. Sem surpresa, este não atendeu, não deixando a Rousseau outra opção senão oferecer as suas condições numa mensagem de voz. Eram o equivalente a uma rendição incondicional. Jean-Luc Martel deveria apresentar-se imediatamente na Villa Soleil, sozinho, sem guardacostas. Qualquer tentativa de fuga, advertiu Rousseau, seria intercetada. Os seus aviões e helicópteros seriam obrigados a aterrar, o seu iate a motor de quarenta e cinco metros seria bloqueado no porto.

— Obviamente — disse Rousseau — os seus movimentos e comunicações estão a ser monitorizados. Tem uma oportunidade de

evitar a prisão e a ruína. Aconselho-o a aproveitá-la.

Com isso, Rousseau terminou a chamada. Transcorreram cinco minutos até que Martel ouviu a mensagem. Nesse momento, a espera começou. Gabriel colocou-se de pé diante dos monitores, com uma mão no queixo, a cabeça ligeiramente inclinada para um lado, enquanto, no jardim, Christopher Keller esmagava o seu telefone do MI6 aos pedaços com um martelo. Rousseau observou a partir das portas francesas. Daria a Martel uma oportunidade para se salvar. Esperava que fosse suficientemente sensato para a aproveitar.

CÔTE D'AZUR, FRANÇA

Dessa vez, deixaram-lhe o portão aberto, embora, seguindo a sugestão de Gabriel, tivessem bloqueado a estrada para lá da Villa Soleil, para o caso de ele mudar de ideias e tentar fugir para oeste ao longo da Côte d'Azur. Chegou, sozinho, às nove e um quarto dessa mesma noite, após uma série de telefonemas tensos com Paul Rousseau. A sua comparência na *villa*, alegou, não era, de forma alguma, uma admissão de nada. Não conhecia o homem do vídeo, as suas alegações eram absurdas. O seu negócio era o setor hoteleiro e o comércio de luxo, não a droga, e qualquer pessoa que alegasse o contrário enfrentaria graves consequências legais. Em resposta, Rousseau deixou claro que aquela não era uma questão legal, mas um assunto que envolvia a segurança nacional francesa. Durante um intercâmbio final tenso, Martel, na verdade, soou intrigado. Exigiu levar um advogado.

— Sem advogados — disse Rousseau. — Só atrapalham.

Mais uma vez, foi Roland Girard, do Grupo Alpha, quem o aguardou no pátio. Decididamente, a sua saudação foi menos cordial.

— Tem alguma arma consigo?

— Não seja ridículo.

— Levante os braços.

Relutantemente, Martel aceitou. Girard revistou-o minuciosamente, começando na parte de trás do pescoço e terminando nos tornozelos. Ao erguer-se, o agente do Grupo Alpha deu por si a fitar dois olhos escuros furiosos.

— Há alguma coisa que queira dizer-me, Jean-Luc?

Martel permaneceu em silêncio, algo inédito.

— Por aqui — disse Girard.

Levou Martel pelo cotovelo e conduziu-o até ao interior da *villa*. Christopher Keller aguardava no *hall* de entrada.

— Jean-Luc! Lamento imenso pelas circunstâncias do convite, mas precisávamos de atrair a sua atenção. — Foram as últimas palavras em francês que Keller proferiu. As restantes fluíram num inglês com sotaque britânico. — Há vidas em jogo, sabe, e não temos muito tempo. Por aqui, por favor.

Martel manteve-se imóvel.

— Passa-se alguma coisa, Jean-Luc?

— O senhor é...

— Não sou francês — interrompeu Keller. — E também não sou da ilha da Córsega. Foi tudo uma montagem feita especialmente para si. Receio bem que tenha sido alvo de um embuste bastante elaborado.

Atordado, Martel seguiu Keller até à maior das salas de estar da *villa*, onde longas cortinas brancas ondulavam quais velas de navio empurradas pelo vento noturno. Natalie estava sentada na extremidade de um sofá, vestida com um fato de treino e os seus ténis verde-néon. Mikhail estava sentado à frente, com umas calças de ganga e um pulôver de algodão com decote em bico. Paul Rousseau estava a contemplar um dos quadros. E, no canto mais afastado da divisão, a sós na sua própria ilha privada, Gabriel examinava Jean-Luc Martel.

Foi Rousseau que, virando-se para trás, falou a seguir:

— Gostaria que pudéssemos dizer que é um prazer conhecê-lo, mas não é. Quando olhamos para si, indagamo-nos sobre o motivo pelo qual fazemos o que fazemos. Sendo bastante honesto, a sua vida não é digna de proteção. Mas isso agora não é relevante. Precisamos da sua ajuda e, portanto, não temos outra opção senão acolhê-lo no nosso seio, por mais relutantemente que o façamos.

Os olhos de Martel saltitaram de rosto em rosto (o homem que conhecia como Monsieur Carnot, os Antonovs, a figura silenciosa que o observava do posto avançado solitário no canto da sala) até pousarem novamente em Rousseau.

— Quem é o senhor?

— O meu nome — respondeu Rousseau — não é importante. Na verdade, no nosso ramo de atividade, os nomes, realmente, não significam grande coisa, como tenho a certeza de que, neste momento, já se apercebeu.

— Para quem é que trabalha?

— Para um departamento do Ministério do Interior.

— A DGS?

— Isso não é relevante. Efetivamente — acrescentou Rousseau —, o único aspeto a destacar quanto ao meu emprego é que não sou da polícia.

— E os outros? — perguntou Martel, olhando de relance para a divisão.

— São meus parceiros.

Martel olhou para Gabriel.

— Então, e ele?

— Pense nele como um observador.

Martel franziu o sobrolho.

— Porque é que eu estou aqui? Isto é sobre o quê?

— Droga — respondeu Rousseau.

— Já lhe disse, não estou envolvido com droga.

Rousseau expirou lentamente.

— Vamos saltar esta parte, sim? O Jean-Luc sabe como ganha a vida e nós também. Num mundo perfeito, estaria algemado neste preciso momento. Mas, escusado será dizer, este nosso mundo está longe de ser perfeito. É uma balbúrdia caótica e perigosa. Mas, o seu *trabalho* — disse Rousseau desdenhosamente — deixou-o numa posição singular para fazer alguma coisa a esse respeito. Estamos preparados para ser generosos se nos ajudar. E igualmente inclementes se não o fizer.

Martel endireitou os ombros e esticou-se para ficar um pouco mais alto.

— Esse vídeo — disse ele — não prova nada.

— Ouviu apenas uma pequena parte dele. O vídeo completo tem quase duas horas e é bastante extraordinário em termos de detalhe. Resumidamente, deixa a nu todos os seus segredos sujos. Se tal documento caísse nas mãos da polícia, certamente passaria os anos que lhe restam atrás das grades. Que é — acrescentou Rousseau enfaticamente — onde pertence. E se a gravação fosse dada a um jornalista zeloso que nunca acreditou no conto de fadas JLM, o impacto no seu império empresarial seria catastrófico. Todos os seus amigos poderosos, aqueles que suborna com comida e bebida e hospedagens de luxo, abandoná-lo-iam como ratos que fogem de um navio a afundar-se. Ninguém o protegeria.

Martel abriu a boca para responder, mas Rousseau prosseguiu.

— E depois há a questão da Galerie Olivia Watson. Tivemos oportunidade de analisar diversas transações da empresa. São, no mínimo, questionáveis. Principalmente aquelas quarenta e oito telas em branco que foram enviadas para o Freeport de Genebra. Colocou a Madame Watson numa posição insustentável. A galeria de arte dela, como o resto do seu império, é uma organização criminosa. Oh, suponho que seja possível para si evitar a força, mas a sua esposa...

— Não é minha esposa.

— Oh, sim, desculpe — disse Rousseau. — Como é que devo referir-me a ela?

Martel ignorou a pergunta.

— Envolveram-na nisto?

— A Madame Watson não sabe de nada, e preferiríamos que assim continuasse. Não há necessidade de a arrastar para isto. Pelo menos, por agora. — Rousseau fez uma pausa, depois perguntou: — Como é que explicou a sua vinda aqui esta noite?

— Disse-lhe que tinha uma reunião de negócios.

— E ela acreditou?

— Porque é que não haveria de acreditar?

— Porque o Jean-Luc tem alguns antecedentes. — Rousseau fez um sorriso cúmplice. — O que faz no seu tempo livre não é da minha conta. Eu e o senhor somos franceses. Homens do mundo. Onde quero chegar é que não seria de todo problemático para nós se a Madame Watson ficasse com a impressão de que esteve com outra mulher esta noite.

— Não seria problemático para vocês — disse Martel —, mas para mim...

— Tenho a certeza de que vai pensar nalguma coisa para lhe dizer. Pensa sempre. Mas, voltando ao tema em questão — disse Rousseau. — Deveria ser evidente, neste momento, que o Jean-Luc foi alvo de uma operação cuidadosamente planeada. Agora, chegou o momento de passar para a próxima fase.

— A próxima fase?

— O prémio — disse Rousseau. — Vai ajudar-nos a encontrá-lo. E, se não o fizer, o objetivo da minha vida, de agora em diante, vai ser destruir o Jean-Luc Martel. E a Madame Watson. — Após um silêncio, Rousseau acrescentou: — Ou talvez a ideia de a Madame Watson sofrer pelos seus crimes não o incomode. Talvez ache esses sentimentos antiquados. Talvez não seja esse tipo de homem.

Martel retribuiu calmamente o olhar de Rousseau. Mas, quando os seus olhos pousaram novamente em Gabriel, a sua confiança pareceu vacilar.

— De qualquer forma — estava Rousseau a dizer —, agora pode ser um bom momento para ouvir o resto do interrogatório do René Devereaux. Não tudo, isso demoraria demasiado tempo. Apenas a parte relevante.

Olhou de soslaio para Mikhail, que premiu uma tecla de um computador portátil. Instantaneamente, o quarto expandiu-se com o som de dois homens a falarem em francês, um com um marcado sotaque corso, o outro como se estivesse em sofrimento físico.

— *De onde é que vem a droga?*

— *De todo o lado. Turquia, Líbano, Afeganistão, de todo o lado.*

— *E o haxixe?*

— *O haxixe vem de Marrocos.*

— *Quem é o vosso fornecedor?*

— *Costumávamos ter vários. Agora trabalhamos com um homem. É o maior produtor do país.*

— *O nome dele?*

— *Mohammad.*

— *Mohammad quê?*

— *Bakkar.*

Mikhail colocou a gravação em pausa. Rousseau olhou para Jean-Luc Martel e sorriu.

— Porque é que não começamos por aí? — disse. — Pelo Mohammad Bakkar.

CÔTE D'AZUR, FRANÇA

Há muitos motivos pelos quais um indivíduo pode aceitar trabalhar para um serviço secreto, poucos deles admiráveis. Alguns fazem-no por avareza, alguns por amor ou convicção política. E alguns fazem-no porque se sentem aborrecidos ou insatisfeitos ou têm sede de vingança por terem sido preteridos numa promoção, enquanto colegas que consideram invariavelmente inferiores são empurrados pela escada do sucesso. Com um pouco de adulação e um pote de dinheiro, essas almas desprezíveis podem ser convencidas a revelar os segredos que passam pelas pontas dos seus dedos ou através das redes informáticas que são contratados para manter. Agentes secretos profissionais não têm qualquer problema em aproveitar-se desses homens, mas, secretamente, desprezam-nos. Quase tanto quanto o homem que trai o seu país por motivos de consciência. Esses são os idiotas úteis do ofício. Para os profissionais, não existe forma de vida mais baixa.

O profissional nem sequer confia naqueles que oferecem voluntariamente os seus serviços, pois, frequentemente, é difícil avaliar os seus verdadeiros motivos. Em vez disso, prefere identificar um potencial recruta e, depois, dar o primeiro passo. Normalmente, aproxima-se com presentes, mas, por vezes, tem necessidade de utilizar métodos menos agradáveis. Consequentemente, o profissional está sempre à espreita de falhas e fraquezas: um caso extraconjugal, uma predileção por pornografia, uma indiscrição financeira. Essas são as chaves mestras do ofício. Destrancam qualquer porta. Para além disso, a coerção é um excelente clarificador de intenções. Ilumina os recantos obscuros do coração humano. O homem que espia porque não tem outra hipótese é um mistério menor do que um que entra numa embaixada com uma pasta repleta de documentos roubados. Ainda assim, nunca se pode confiar plenamente no confidente coagido. Inevitavelmente, tentará encontrar alguma forma de retribuir a injustiça que recaiu sobre ele, e só pode ser controlado durante o tempo em que o seu pecado original continuar a ser uma ameaça para ele. Por conseguinte, o colaborador e agente responsável por o controlar dão por si, invariavelmente, enredados num caso amoroso destinado ao fracasso.

Era nessa categoria de colaborador que Jean-Luc Martel, hoteleiro, empresário da restauração, de roupa, de joalheria e comerciante internacional de estupefacientes ilícitos, se enquadrava. Não oferecera voluntariamente os seus serviços. Nem fora atraído para o festim através do poder da persuasão. Fora identificado, avaliado e selecionado como alvo através de uma operação elaborada e dispendiosa. A sua relação com Olivia Watson fora dilacerada, o seu parceiro de negócios fora espancado impiedosamente com um martelo, ele fora ameaçado com prisão e ruína. Apesar disso, continuava a ser necessário fazer um recrutamento. A coerção poderia abrir uma porta, mas fechar um acordo exigia habilidade e sedução. Um compromisso teria de ser alcançado. Precisavam de Jean-Luc Martel muito mais do que ele precisava deles. Traficantes de droga existiam com fartura. Mas Saladino era único.

Jean-Luc não se entregou facilmente ao seu destino, mas isso era de esperar; um homem que mata tanto o pai como o seu mentor não é um homem que se assuste facilmente. Esquivou-se, contra-atacou, fez as suas próprias ameaças. Contudo, Rousseau, não mordeu o isco. Foi o contraste perfeito: inofensivo na aparência, controlado no temperamento, tolerante perante as falhas. Martel testou a paciência de Rousseau muitas vezes, tal como quando exigiu garantias escritas, em papel timbrado oficial do Ministério do Interior, da concessão de imunidade para uma possível acusação, agora e para sempre, ámen. Não competia a Rousseau conceder tal clemência, pois estava a operar sem mandado do ministro, nem sequer conhecimento dos seus chefes da DGSI. E, portanto, sorriu perante a intransigência de Martel e, com um aceno de cabeça na direção de Mikhail, passou um momento ou dois do interrogatório marítimo de René Devereaux.

— Está a mentir — explodiu Martel quando o som se silenciou. — É uma fantasia completa.

Foi nesse ponto, recordaria mais tarde Gabriel (e as câmaras ocultas confirmaram que assim foi) que Martel começou a ceder. Instalou-se ao lado de Mikhail, uma escolha curiosa, e fitou o rosto de Natalie, que por sua vez pespegou os olhos no chão. Seguiu-se um longo silêncio, suficientemente longo para que Rousseau considerasse apropriado voltar a passar o fragmento relevante da gravação, o fragmento relativo a um tal de Mohammad Bakkar, um dos maiores produtores de haxixe de Marrocos (segundo alguns relatos, o maior), um homem que gostava de se autodenominar o rei das Montanhas do Rife, a região do país onde o haxixe é cultivado e processado para exportar para a Europa e para lá dela. O homem que, de acordo com René Devereaux, era o único e exclusivo fornecedor de Martel.

— Presumo — disse Rousseau tranquilamente — que já ouviu o nome.

E Martel, com um movimento mínimo da cabeça, confirmou que sim. Então, os olhos moveram-se de Natalie para Keller, que estava de pé atrás dela de forma protetora. Keller enganara-o, Keller traíra-o. E, contudo, parecia que Jean-Luc Martel via Keller como o seu único amigo na divisão.

— Porque é que não nos dá um pouco de contexto? — sugeriu Rousseau. — Afinal de contas, somos amadores. Pelo menos no que se refere ao negócio de estupefacientes. Ajude-nos a entender como tudo funciona. Ilumine-nos quanto às maldades do seu mundo.

O pedido de Rousseau não era tão inocente como parecia. René Devereaux já fornecera a Keller informações detalhadas sobre as ligações de Mohammad Bakkar à rede. Mas Rousseau queria pôr Martel a falar, o que lhes permitiria testar a veracidade das suas palavras. Era de esperar uma certa quantidade de engano. Rousseau exigiria verdade absoluta apenas quando isso fosse importante.

— Fale-nos um pouco sobre esse tal Mohammad Bakkar — estava a dizer. — É baixo ou alto? É magro ou é gordo como eu? Tem algum cabelo ou é careca? Tem uma mulher ou duas? Fuma? Bebe? É religioso?

— É baixo — respondeu Martel passado um momento. — E, não, não bebe. O Mohammad é religioso. Muito religioso, na verdade.

— Acha isso surpreendente? — perguntou Rousseau rapidamente, aproveitando-se do facto de Martel ter, finalmente, respondido a uma questão. — Que um produtor de haxixe seja um homem religioso?

— Eu não disse que o Mohammad Bakkar era produtor de haxixe. O negócio dele são as laranjas.

— Laranjas?

— Sim, laranjas. Portanto, não, não acho surpreendente que seja um homem religioso. As laranjas são um modo de vida no Rife. O rei tem tentado encorajar os produtores a cultivar outros produtos, mas as laranjas são mais lucrativas do que a soja e os rabanetes. Muito mais — acrescentou Martel com um sorriso.

— Talvez o rei se devesse esforçar mais.

— Na minha opinião, o rei prefere que as coisas fiquem como estão.

— Então porquê?

— Porque as laranjas levam vários milhares de milhões de dólares por ano para o país. Ajudam a manter a paz. — Baixando a voz, Martel acrescentou: — O Mohammad Bakkar não é o único homem religioso de Marrocos.

— Há muitos extremistas em Marrocos?

— Vocês devem saber isso melhor do que eu — disse Martel.

— O ISIS tem muitas células em Marrocos?

— Dizem que sim. Mas o rei não gosta de falar disso — acrescentou.

— O ISIS é mau para o turismo.

— O Jean-Luc tem um negócio em Marrocos, não tem? Um hotel em Marraquexe, se não estou em erro.

— Dois — vangloriou-se Martel.

— Como é que vai o negócio?

— Fraco.

— Lamento ouvir isso.

— Vamos dar a volta à situação.

— Tenho a certeza que sim. E a que é que atribui esta queda no negócio? — perguntou Rousseau. — É o ISIS?

— Os atentados nos hotéis da Tunísia tiveram um grande impacto nas nossas reservas. As pessoas temem que Marrocos venha a seguir.

— É seguro para os turistas irem até lá?

— É seguro — disse Martel — até deixar de ser.

Rousseau permitiu a si próprio um sorriso perante a perspicácia da observação. Depois, assinalou que os interesses empresariais de Martel lhe permitiam entrar e sair de Marrocos, um famigerado país produtor de droga, sem levantar suspeitas. Martel, encolhendo os ombros, não contestou a conclusão de Rousseau.

— Recebe o Mohammad Bakkar no seu hotel em Marraquexe?

— Nunca.

— Porque não?

— Ele não gosta de Marraquexe. Ou daquilo em que Marraquexe se tornou, diria eu.

— Demasiados estrangeiros?

— E homossexuais — disse Martel.

— E ele não gosta de homossexuais devido às suas crenças religiosas?

— Suponho que sim.

— Habitualmente, onde é que se encontra com ele?

— Em Casa — disse Martel, utilizando a abreviatura local para Casablanca — ou em Fez. Tem um *riad* no coração da medina. Também é proprietário de várias *villas* no Rife e no Médio Atlas.

— Desloca-se muito de um lado para o outro?

— As laranjas são um negócio perigoso.

Rousseau sorriu novamente. Nem mesmo ele era imune ao imenso charme de Martel.

— E, quando se encontra com o Monsieur Bakkar, de que é que falam?

— Do Brexit. Do novo presidente americano. Das perspetivas para a paz no Médio Oriente. O costume.

— Obviamente — disse Rousseau —, está a brincar.

— Não, de todo. O Mohammad é bastante inteligente e interessa-se pelo mundo para lá do Rife.

— Como é que descreveria a ideologia política dele?

— Não é um admirador do Ocidente. Cultiva um particular ressentimento em relação à França e à América. Por norma, tento não proferir a palavra *Israel* na presença dele.

— Enraivece-o?

— Pode-se dizer que sim.

— E, no entanto, faz negócios com um homem assim.

— As laranjas dele — disse Martel — são de muito boa qualidade.

— E, quando acabam de falar do estado do mundo, de que é que falam?

— De preços, horário de produção, datas de entrega, esse tipo de coisas.

— Os preços flutuam?

— Oferta e procura — explicou Martel.

— Há alguns anos — continuou Rousseau — reparámos numa mudança evidente na forma como as laranjas estavam a sair do Norte de África. Em vez de virem através do Mediterrâneo, uma ou duas de cada vez, a bordo de pequenas embarcações, começaram a chegar toneladas de laranjas em grandes navios de carga, todos provenientes de portos da Líbia. Houve um súbito excedente no mercado? Ou há alguma outra razão para explicar a mudança na estratégia?

— A segunda opção — disse Martel.

— E qual foi essa razão?

— O Mohammad decidiu unir-se a um parceiro.

— Uma pessoa física?

— Sim.

— Suponho que teria de ser um homem, porque alguém como o Mohammad Bakkar nunca lidaria com uma mulher.

Martel fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Esse parceiro queria assumir uma postura mais agressiva no mercado?

— Muito mais agressiva.

— Porquê?

— Porque queria maximizar os lucros rapidamente.

— Encontrou-se com ele?

— Duas vezes.

— O nome dele?

— Khalil.

— Khalil quê?

— Só isso, simplesmente Khalil.

— Era marroquino?

— Não, definitivamente *não era* marroquino,

— De onde era?

— Nunca disse.

— E se tivesse de arriscar um palpite?

Jean-Luc Martel encolheu os ombros.
— Diria que era iraquiano.

CÔTE D'AZUR, FRANÇA

Foi evidente para toda a gente na sala (e, uma vez mais, as câmaras ocultas assim o confirmaram) que Jean-Luc Martel não percebeu o significado das palavras que acabara de proferir. *Diria que era iraquiano...* Um iraquiano que se autodenominava Khalil. Sem apelido, sem patronímico nem um gentílico ancestral, apenas Khalil. O mesmo Khalil que encontrara um parceiro em Mohammad Bakkar, um produtor de haxixe de profunda fé islâmica que odiava a América e o Ocidente e se enfurecia perante a simples menção de Israel. O Khalil que queria maximizar lucros forçando a entrada de mais produto no mercado europeu. Gabriel, o observador silencioso do drama que concebera e produzira, advertiu a si próprio para não se precipitar para uma conclusão prematura. Era possível que o homem que se autodenominava Khalil não fosse o homem de que andavam à procura, que fosse um mero criminoso banal sem outros interesses a não ser fazer dinheiro; que fosse um gambozino que lhes faria desperdiçar tempo e recursos preciosos. Ainda assim, até mesmo Gabriel teve dificuldade em controlar o bater desenfreado do seu coração. Ele puxara a ponta solta, unira os pontos e o rasto tinha-o conduzido até ali, à antiga casa de um inimigo derrotado. Contudo, os outros membros da sua equipa pareciam totalmente indiferentes à revelação de Martel. Natalie, Mikhail e Christopher Keller estavam, cada um deles, absortos nos seus pensamentos e Paul Rousseau aproveitara aquele momento para carregar o seu primeiro cachimbo. Passado um momento, o seu isqueiro acendeu-se e uma nuvem de fumo rolou sobre as duas cenas venezianas de Guardi. Gabriel, o restaurador, estremeceu involuntariamente.

Se Rousseau ficou minimamente intrigado pelo iraquiano que se autodenominava Khalil, não revelou qualquer sinal exterior disso. Khalil era um pensamento secundário. Khalil não tinha qualquer importância. Rousseau estava mais interessado, ou assim parecia, nos aspetos práticos da relação de Martel com Mohammad Bakkar. Quem dirigia as operações? Era isso que ele queria saber. Quem ocupava a posição superior? Era Martel, o distribuidor, ou Bakkar, o produtor marroquino?

- Não percebe muito de negócios, pois não?
- Sou um académico — desculpou-se Rousseau.
- É uma negociação — explicou Martel. — Mas, em última análise, o produtor ocupa a posição superior.
- Porque pode excluir o distribuidor a qualquer momento?
- Correto.
- O Jean-Luc não conseguiria encontrar outra fonte de droga?
- Laranjas — disse Martel.
- Ah, sim, laranjas — concordou Rousseau.
- Não é assim tão fácil.
- Pela qualidade das laranjas do Mohammad Bakkar?
- Pelo facto de o Mohammad Bakkar ser um homem com poder e influência consideráveis.
- Desencorajaria outros produtores a venderem-lhe o seu produto?
- Intensamente.
- E quando o Mohammad Bakkar lhe disse que queria aumentar drasticamente a quantidade de laranjas que estava a enviar para a Europa?
- Aconselhei-o a não o fazer.
- Porquê?
- Por inúmeras razões.
- Tais como?
- Grandes carregamentos são perigosos por natureza.
- Porque é mais fácil para as autoridades encontrarem-nos?
- Obviamente.
- Que mais?
- Estava preocupado com a possibilidade de saturarmos o mercado.
- E, por conseguinte, fazer cair o preço das laranjas na Europa Ocidental.
- Oferta e procura — disse Martel novamente, com um encolher de ombros.
- E quando mencionou essas preocupações?
- Deu-me uma escolha muito simples.
- Pegar ou largar?
- Com todas as letras.
- E o Jean-Luc pegou — disse Rousseau.
- Martel ficou em silêncio. Rousseau mudou de ângulo abruptamente.
- O envio — disse ele. — Quem é o responsável pelo envio?
- O Mohammad. Ele põe a embalagem no correio e nós vamos buscá-la do outro lado.
- Presumo que ele lhe diz quando esperar a encomenda.
- Claro.
- Quais são os métodos preferidos dele?
- Antigamente, usava barcos pequenos para trazer a mercadoria

diretamente através do Mediterrâneo, de Marrocos para Espanha. Depois, os espanhóis apertaram o controlo na costa, portanto ele começou a movê-la através do Norte de África para os Balcãs. Era uma viagem longa e onerosa. Muitas laranjas desapareciam pelo caminho. Principalmente quando chegavam ao Líbano e aos Balcãs.

— Eram roubadas por gangues criminosos locais?

— As máfias sérvia e búlgara gostam bastante de citrinos — disse Martel. — O Mohammad passou anos a tentar arranjar uma forma de fazer as laranjas chegarem à Europa sem terem de atravessar esse território. E, depois, caiu-lhe uma solução no colo.

— A solução — disse Rousseau — foi a Líbia.

Martel assentiu lentamente com a cabeça.

— Foi um sonho tornado realidade, possibilitado pelo presidente francês e pelos amigos de Washington e Londres que declararam que o Kadhafi tinha de cair. Assim que o regime se desmoronou, a Líbia abriu as portas da loja. Era o Oeste Selvagem. Sem governo central, sem polícia, sem qualquer tipo de autoridade exceto as milícias e os psicopatas islâmicos. Mas havia um problema.

— Qual era?

— As milícias e os psicopatas islâmicos — disse Martel.

— Não aprovavam as laranjas?

— Não era isso. Queriam uma parte. Caso contrário, não deixariam as laranjas chegarem aos portos líbios. O Mohammad precisava de um parceiro local, alguém que pudesse manter as milícias e guerreiros sagrados na linha. Alguém que conseguisse garantir que as laranjas encontravam o caminho até ao interior dos navios de carga.

— Alguém como o Khalil? — perguntou Rousseau.

Martel não deu qualquer resposta.

— Lembra-se de um navio chamado *Apollo*? — perguntou Rousseau.

— Os italianos apreenderam-no ao largo da Sicília com dezassete toneladas de laranjas nos porões.

— O nome — disse Martel dissimuladamente — é-me familiar.

— Suponho que a carga era sua.

Martel, com o seu olhar inexpressivo, confirmou que era.

— Houve outros navios antes do *Apollo* que não tenham sido intercetados?

— Vários.

— E, recorde-me — disse Rousseau, fingindo confusão —, quem é que suporta o custo de uma apreensão? O produtor ou o distribuidor?

— Não posso vender laranjas se não as receber.

— Então, o que me está a dizer, e por favor desculpe-me, Monsieur Martel, não pretendo insistir excessivamente na questão, é que o Mohammad Bakkar perdeu, pessoalmente, milhões de euros quando o *Apollo* foi apreendido?

— Correto.
— Deve ter ficado furioso.
— Bem mais do que isso — disse Martel. — Convocou-me para ir a Marrocos e acusou-me de filtrar a informação aos italianos.
— Porque é que faria uma coisa dessas?
— Porque estava contra os grandes carregamentos desde o início. E a melhor forma de os fazer parar seria perder um ou dois navios.
— Foi o Jean-Luc o responsável pela fuga de informação que conduziu os italianos até ao *Apollo*?
— Claro que não. Disse ao Mohammad de forma absolutamente categórica que o problema estava do lado dele.
— Com isso — disse Rousseau — referia-se ao Norte de África.
— À Líbia — disse Martel.
— E quando as apreensões continuaram?
— O Khalil conteve as fugas. E as laranjas começaram a chegar novamente em segurança.

Ei-lo novamente. O nome do novo parceiro agressivo de Mohammad Bakkar. O homem que Paul Rousseau andara a evitar. Depois de uma pausa prolongada para carregar e acender outro cachimbo, indagou quando é que Jean-Luc se encontrara pela primeira vez com esse iraquiano que se autodenominava Khalil. Sem apelido. Sem patronímico nem gentílico ancestral. Só Khalil. Martel disse que fora em 2012. Na primavera, pensava. No final de março, talvez, mas não sabia precisar com certeza. Contudo, Rousseau, não acreditou. Martel era dono e senhor de uma vasta organização criminoso, cujo funcionamento conhecia de cor e salteado. Certamente, insistiu Rousseau, conseguia recordar-se da data de tão memorável encontro.

— Foi no dia vinte e nove de março.
— E as circunstâncias? O Jean-Luc foi convocado ou era um encontro agendado previamente?

Martel indicou que a sua presença fora solicitada.

— E, geralmente, como é que isso se faz? É uma questão menor, sabe, mas estou curioso.

— Deixam-me uma mensagem no meu hotel em Marraquexe.
— Uma mensagem de voz?
— Sim.
— E a primeira reunião em que o Khalil esteve presente?
— Foi em Casa. Voei para lá no meu avião e instalei-me no hotel. Algumas horas depois, disseram-me onde ir.
— O Mohammad telefonou-lhe pessoalmente?
— Um dos homens dele. O Mohammad não gosta de usar o telefone para tratar de negócios.

- E o hotel? Qual foi, por favor?
- O Sofitel.
- E foi sozinho?
- A Olivia foi comigo.
- Rousseau franziu o sobrolho pensativamente.
- Leva-a sempre consigo?
- Sempre que possível.
- Porquê?
- As aparências são importantes.
- Ela foi à reunião?
- Não. Ficou no hotel enquanto eu fui a Anfa.
- Anfa?

Era um enclave abastado numa colina a oeste do centro, explicou Martel, uma zona de avenidas ladeadas de palmeiras e *villas* amuralhadas onde o preço por metro quadrado rivalizava com Londres e Paris. Mohammad Bakkar era dono de uma propriedade aí. Como de costume, Martel teve de se submeter a uma revista antes de ser autorizado a entrar. Foi, recordava agora, mais invasiva do que o normal. No interior, esperava encontrar Bakkar sozinho, como era habitual nas reuniões. Em vez disso, havia outro homem presente.

- Descreva-o, por favor.
- Alto, ombros largos, rosto e mãos grandes.
- A pele?
- Escura, mas não muito.
- Como é que estava vestido?
- À ocidental. Fato escuro, camisa branca, sem gravata.
- Cicatrizes ou características distintivas?
- Não.
- Tatuagens?
- Só consegui ver-lhe as mãos.
- E?

Martel abanou a cabeça.

- Foram apresentados?
- Sucintamente.
- Ele falou?
- Comigo não. Só com o Mohammad.
- Em árabe, presumo.
- Sim.
- O Mohammad Bakkar fala árabe magrebino.
- *Darija* — disse Martel.
- E o outro homem? Também falava *darija*?

Martel abanou a cabeça.

- Consegue perceber a diferença?
- Aprendi a falar um pouco de árabe quando era criança. Com a

minha mãe — acrescentou. — Portanto, sim, consigo perceber a diferença. Falava como alguém do Iraque.

— E não se interrogou sobre a origem desse homem, dado que o ISIS tinha conquistado grande parte do Iraque e da Síria e estabelecido uma base de operações na Líbia? Ou talvez não quisesse saber — acrescentou Rousseau desdenhosamente. — Talvez seja melhor não fazer demasiadas perguntas numa situação dessas.

— Regra geral — disse Martel —, podem ser más para o negócio.

— Principalmente quando o ISIS e semelhantes estão envolvidos. — Rousseau controlou a raiva. — E a segunda reunião? Quando foi?

— Em dezembro passado.

— *Depois* dos atentados de Washington?

— Sem dúvida.

— A data exata, por favor.

— Creio que foi no dia dezanove.

— E as circunstâncias?

— Foi na nossa reunião anual de inverno.

— Onde é que teve lugar?

— O Mohammad estava sempre a mudar a localização. Acabámos por nos encontrar numa pequena povoação no topo do Rife.

— Qual era a ordem de trabalhos?

— Previsões de preços e datas de entrega para o novo ano. O Mohammad e o iraquiano queriam introduzir ainda mais produto no mercado. Muito produto. E rapidamente.

— Como é que ele estava vestido dessa vez?

— Como um marroquino.

— O que é que isso significa?

— Tinha uma jilaba.

— Uma túnica tradicional muçulmana com capuz.

Martel fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— E o rosto dele estava mais magro e anguloso.

— Tinha perdido peso?

— Cirurgia plástica.

— Havia mais alguma coisa diferente nele?

— Sim — disse Martel. — Ao caminhar, coxeava.

CÔTE D'AZUR, FRANÇA

Havia uma parte de Paul Rousseau que não tinha estômago para o acordo que tinha de ser feito. Jean-Luc Martel, diria ele mais tarde, era a prova cabal de que a França errara ao acabar com a guilhotina. Mas Khalil, o iraquiano (Khalil cujo rosto fora alterado, Khalil que ao caminhar coxeava) valia bem o preço. A coerção, só por si, não seria suficiente para arrastar Martel até à linha de meta. Teria de ser transformado num colaborador pleno do Grupo Alpha («um agente dos serviços secretos franceses, deus me livre», lamentou-se Rousseau) e apenas uma promessa de imunidade total para uma possível acusação seria suficiente para assegurar a sua cooperação inabalável. Rousseau não tinha poder para fazer tal promessa; só um ministro a poderia fazer. O que colocava Rousseau perante um dilema adicional, pois o seu ministro continuava a não saber nada da operação. Era sobejamente sabido que o ministro era um homem que não gostava de surpresas. Talvez nesse caso conseguisse abrir uma exceção.

De momento, Rousseau fez das tripas coração e testou as capacidades de Martel. Falaram novamente sobre tudo, lenta e meticulosamente, para a frente, para trás, de lado, e de todas as outras formas que Rousseau, que andava à procura de alguma incongruência, de algum motivo para questionar a autenticidade da sua fonte, conseguiu imaginar. Foi dada particular atenção à ordem de trabalhos da reunião de inverno em que Khalil, o iraquiano, estivera presente, principalmente à calendarização das entregas seguintes. Estavam previstos três grandes carregamentos nos dez dias seguintes. Todos estariam escondidos no interior de navios de carga que partiriam da Líbia. Dois chegariam a portos franceses (a Marselha e à vizinha Toulon), mas o terceiro atracaria no porto italiano de Génova.

— Se essa droga desaparecer — disse Martel —, vai ser o bom e o bonito.

— Laranjas — disse Rousseau. — Laranjas.

Foi nesse momento que Gabriel se intrometeu nos procedimentos pela primeira vez. Fê-lo apenas com uma apresentação mínima e trazendo consigo várias folhas de papel em branco, um lápis e um afia. Durante a maior parte da hora seguinte, sentou-se ao lado do

homem cuja vida virara do avesso e, com a sua ajuda, produziu retratos-robô das duas versões de Khalil, o iraquiano: a versão de 2012 que envergava roupas ocidentais e a versão que aparecera em Marrocos depois dos atentados de Washington envergando uma jilaba tradicional e coxeando notoriamente. Martel tinha um célebre olho para o detalhe (ele próprio o dissera muitas vezes em entrevistas à imprensa) e alegava nunca esquecer um rosto. Era também exigente, um traço que revelou plenamente quando Gabriel não conseguiu conceber um queixo adequado para a versão cirurgicamente retocada de Khalil. Passaram por três esboços antes de Martel, com inesperado entusiasmo, dar a sua aprovação.

— É ele. É o homem que vi em dezembro passado.

— Tem a certeza? — pressionou Gabriel. — Não tenha pressa. Podemos fazer outro esboço, se quiser.

— Não é necessário. Era exatamente assim.

— E o coxear? — perguntou Gabriel — Não referiu qual era a perna que estava lesionada.

— Era a direita.

— Tem a certeza disso?

— Sem qualquer dúvida.

— Ele deu alguma explicação?

— Disse que tinha sido num acidente de carro. Não disse onde.

Gabriel estudou os desenhos finais durante um longo momento antes de os levantar para que Natalie os visse. Os olhos dela arregalaram-se involuntariamente. Depois, retomando a compostura, desviou o olhar e assentiu lentamente com a cabeça. Gabriel colocou o primeiro esboço de lado e contemplou o segundo demoradamente. Era o novo rosto do terrorismo. Era o rosto de Saladino.

Arrastaram-no para o andar de cima, para o quarto da Madame Sophie, esfregaram-lhe o flanco do pescoço com batom vermelho-sangue e regaram-no com uma quantidade suficiente de perfume da Madame Sophie para que deixasse um rasto de vapor enquanto conduzia através da luz da aurora, derrotado e exausto, em direção à sua *villa* do outro lado da Baie de Cavalaire. Não foi sozinho. Nicolas Carnot, também conhecido como Christopher Keller, estava sentado no lugar do passageiro, com o telemóvel de Martel numa mão, uma arma na outra. Atrás deles, num segundo veículo, havia quatro agentes do Grupo Alpha. Previamente, tinham sido empregados de Dmitri Antonov na Villa Soleil. Agora, tal como Nicolas Carnot, estavam a trabalhar para Martel. As circunstâncias exatas que rodeavam a decisão de abandonar um chefe por outro eram nebulosas, mas coisas assim podiam acontecer em Saint-Tropez durante o verão.

Passavam exatamente doze minutos das cinco da manhã quando os dois veículos viraram para o caminho de acesso à *villa*. Olivia Watson sabia-o porque passara toda a noite deitada na cama acordada e corraera para a janela do quarto ao ouvir o som das portas do carro a abrirem e fecharem no pátio. Agora, fingia dormir enquanto a cama ondulava sob o peso do seu amante errante. Ela rebolou para o outro lado e os seus olhos encontraram-se com os dele na penumbra.

— Onde é que estiveste, Jean-Luc?

— Negócios — murmurou ele. — Dorme.

— Há algum problema?

— Agora já não.

— Tentei telefonar-te, mas o meu telefone não está a funcionar. Também não há Internet e a nossa linha fixa está inativa.

— Deve ter havido alguma falha. — Os seus olhos fecharam-se.

— Porque é que o Nicolas está lá em baixo? E quem são aqueles outros homens?

— Eu explico tudo de manhã.

— Já é de manhã, Jean-Luc.

Ele ficou em silêncio. Olivia aproximou-se.

— Cheiras a outra mulher.

— Olivia, por favor.

— Quem é ela, Jean-Luc? Onde é que estiveste?

PARIS

O ajuste de contas que Paul Rousseau tinha estado a temer ocorreu no início dessa tarde no Ministério do Interior em Paris. Tal como Jean-Luc Martel, não enfrentou o seu destino sozinho; Gabriel foi com ele. Atravessaram o pátio lado a lado e marcharam pela grandiosa escadaria acima até ao imponente escritório do ministro, onde Rousseau, que nunca tivera tendência para conversa delicada de circunstância, confessou imediatamente os seus pecados operacionais. Os serviços secretos britânicos, disse, tinham identificado a origem das espingardas de assalto utilizadas no atentado de Londres como sendo de um franco-marroquino chamado Nouredine Zakaria, um criminoso profissional com ligações a uma das maiores redes francesas de tráfico de droga. Sem a autorização do seu chefe nem do Ministério do Interior, Rousseau e o Grupo Alpha tinham trabalhado com dois serviços aliados (os britânicos e, de forma bastante evidente, os israelitas) para se infiltrarem na supracitada rede e transformarem o seu líder num confidente. A operação, continuou ele, fora um êxito. Com base na informação fornecida pela fonte, o Grupo Alpha e os seus parceiros poderiam dizer com moderada confiança que o ISIS assumira o controlo de uma porção significativa do comércio ilícito de haxixe no Norte de África e que Saladino, o misterioso cérebro operacional iraquiano da divisão de operações externas no grupo, estava, provavelmente, escondido em Marrocos, um antigo protetorado francês.

O ministro reagiu basicamente tão bem quanto seria de esperar, que não foi nada bem. Seguiu-se um sermão, em grande medida profano. Rousseau ofereceu a sua demissão (redigira uma carta manuscrita durante a viagem da Provença para norte) e, durante um longo momento, o ministro pareceu preparado para aceitá-la. Passado muito tempo, deixou cair a carta no seu triturador de papel. A derradeira responsabilidade de proteger o solo francês de atentados terroristas, islâmicos ou outros, repousava nos ombros estreitos do ministro. Não estava disposto a perder um homem como Paul Rousseau.

— Onde é que está o Nouredine Zakaria agora?

— Desaparecido — disse Rousseau.

— Foi para o califado?

Rousseau hesitou antes de responder. Estava preparado para ofuscar os factos, mas, de forma alguma, diria uma mentira completa. Nouredine Zakaria, disse calmamente, estava morto.

— Morto como? — perguntou o ministro.

— Creio que ocorreu durante uma transação de negócios.

O ministro olhou para Gabriel.

— Suponho que o senhor teve alguma coisa a ver com isso.

— O falecimento do Zakaria precedeu o nosso envolvimento neste caso — respondeu Gabriel com uma precisão de advogado.

O ministro não se tranquilizou.

— E o líder da rede? O vosso novo confidente?

— O nome dele — disse Rousseau — é Jean-Luc Martel.

O ministro baixou o olhar e reorganizou os papéis sobre a sua secretária.

— Isso explicaria o vosso interesse no processo do Martel no dia em que o vosso quartel-general explodiu.

— Explicaria — disse Rousseau, mantendo-se firme.

— O Jean-Luc foi alvo de numerosas investigações. Todas chegaram à mesma conclusão: que não está envolvido no mundo da droga.

— Essa conclusão — disse Rousseau cuidadosamente — está errada.

— Tem a certeza disso?

— Obtive a confirmação por parte da mais alta autoridade no assunto.

— Quem?

— O próprio Jean-Luc Martel.

O ministro troçou:

— Porque é que ele lhe diria tal coisa?

— Não teve grandes hipóteses.

— Porquê?

— René Devereaux.

— O nome é-me familiar.

— Deveria ser — disse Rousseau.

— Onde é que está o Devereaux agora?

— No mesmo lugar que o Nouredine Zakaria.

— *Merde* — disse o ministro suavemente.

Houve um silêncio. Os fragmentos de pó flutuavam nos raios de sol que atravessavam a janela como peixes num aquário. Rousseau pigarreou delicadamente, um sinal de que estava prestes a aventurar-se a entrar em terreno traiçoeiro.

— Sei que o senhor ministro e o Martel são amigos — disse ele finalmente.

— Somos conhecidos — contestou rapidamente o ministro —, mas não somos amigos.

— O Martel ficaria surpreso por ouvir isso. Na verdade, invocou o seu nome várias vezes, antes de finalmente aceitar cooperar.

O ministro não conseguiu ocultar a raiva contra Rousseau por lavar roupa suja francesa diante de um estrangeiro, e, para além do mais, um israelita.

— O que é que pretende dizer com isso? — perguntou.

— Pretendo dizer — disse Rousseau — que vou precisar da cooperação permanente do Martel, o que exigirá que lhe seja concedida imunidade. Fazê-lo poderá ser um assunto sensível, dada a vossa relação, mas é necessário para que a operação possa avançar.

— Qual é o vosso objetivo?

— Eliminar o Saladino, claro.

— E pretendem utilizar o Martel nalgum tipo de função operacional?

— É a nossa única opção.

O ministro mostrou-se pensativo.

— Tem razão, conceder-lhe imunidade seria difícil. Mas se fosse o Rousseau a solicitá-la...

— Terá a documentação ao final do dia — interrompeu Rousseau.

— Com franqueza, provavelmente é melhor assim. O senhor ministro não é a única pessoa do atual governo que é *conhecido* do Martel.

O ministro estava novamente a remexer nos papéis.

— Demos-lhe uma vasta margem de manobra quando criámos o Grupo Alpha, mas escusado será dizer que o Rousseau ultrapassou os limites da sua autoridade.

Rousseau aceitou a reprimenda com um silêncio compungido.

— Não me irão manter novamente na ignorância. Estamos entendidos?

— Sim, senhor ministro.

— Como pretende prosseguir?

— Nos próximos dez dias, o fornecedor marroquino do Martel, um homem chamado Mohammad Bakkar, vai enviar vários grandes carregamentos de haxixe a partir de portos da Líbia. É vital que os intercetemos.

— Sabe o nome das embarcações?

Rousseau assentiu com a cabeça.

— O Bakkar e o Saladino vão suspeitar de que há um informador.

— Correto.

— Vão ficar zangados.

Rousseau sorriu.

— Essa é a nossa esperança, senhor ministro.

O primeiro navio, um contentor flutuante com registo maltês chamado *Mediterranean Dream*, só deveria deixar a Líbia quatro dias depois. O seu ponto de partida era Khoms, um pequeno porto marítimo comercial a leste de Trípoli; após uma breve paragem na Tunísia, onde estava planeado que receberia uma carga de produto, dirigir-se-ia diretamente para Génova. Estava previsto que as outras duas embarcações, uma hasteando uma bandeira baamiana, a outra panamenha, partiriam de Sirte dali a uma semana, colocando, por conseguinte, Gabriel e Rousseau perante um pequeno dilema. Concordaram que apreender o *Mediterranean Dream* enquanto as outras duas embarcações ainda estavam no porto da Líbia seria um erro de cálculo, pois concederia a Mohammad Bakkar e a Saladino uma oportunidade para alterarem a rota da mercadoria. Em vez disso, aguardariam que os três navios estivessem em águas internacionais antes de dar o primeiro passo.

A demora pesou a ambos intensamente, principalmente a Gabriel, que observara o rosto retocado de Saladino emergir dos esforços da sua própria mão. Transportava sempre consigo o esboço, mesmo quando ia para a cama em Jerusalém, onde passou quatro noites agitadas ao lado da esposa. Na Avenida Rei Saul, sentou-se a ouvir relatórios intermináveis sobre assuntos que deixara nas mãos capazes de Uzi Navot, mas toda a gente conseguiu perceber que a sua cabeça não estava ali. Durante uma reunião de Conselho, a sua mente divagou enquanto os ministros discutiam incessantemente. No seu caderno desenhou um rosto. Um rosto parcialmente oculto pelo capuz de uma jilaba.

Rousseau acordou Gabriel cedo, na manhã seguinte, com notícias de que o *Mediterranean Dream* deixara a Tunísia durante a noite e estava agora em águas internacionais. Mas conteria efetivamente um carregamento escondido de haxixe de Marrocos? Apenas uma fonte dizia que sim, o homem que vivia à frente de Dmitri e Sophie Antonov, do outro lado da Baie de Cavalaire. O homem cujos inúmeros pecados tinham sido oficialmente perdoados e que estava agora sob controlo total e absoluto de um consórcio de três serviços secretos.

Contudo, aos olhos de um leigo, parecia não ter havido qualquer mudança exterior no seu comportamento, salvo a constante presença de Christopher Keller ao seu lado. De facto, para onde quer que Martel fosse, era certo que Keller o seguiria. Ao Mónaco e a Madrid, para duas reuniões de negócios previamente agendadas. A Genebra para uma sessão de esclarecimento com um banqueiro suíço de ética questionável. E, finalmente, a Marselha, de onde o chefe da divisão de estupefacientes ilícitos de Martel desaparecera sem deixar rasto, deixando para trás dois guarda-costas mortos na sua loja de produtos

eletrônicos com vista para a Place Jean Jaurès. A polícia de Marselha acreditava que René Devereaux fora assassinado por um rival do submundo. Os parceiros de Devereaux, incluindo um tal Henri Villard, eram da mesma opinião. Durante uma reunião com Martel e Keller, num apartamento seguro próximo da Gare Saint-Charles, Villard mostrou-se nervoso quanto aos próximos carregamentos. Temia, com razão, que tivesse havido uma fuga de informação. Martel acalmou os seus medos e deu-lhe instruções para que recolhesse a carga da forma habitual. Um escrutínio minucioso da gravação captada pelo telefone do bolso de Keller (e dos movimentos e comunicações de Villard depois da reunião) sugeriu que Martel não tentara enviar um aviso clandestino à sua antiga rede. O haxixe estava a caminho, o pagamento estava programado para sair. Tanto para os traficantes como para os mestres de espionagem, tudo parecia correr sobre rodas.

A mensagem que motivaria a ação seguinte foi entregue através do canal habitual, de ministro do Interior para ministro do Interior, sem qualquer sensação indevida de urgência. Um informador que pertencia a um dos mais proeminentes gangues de droga franceses alegava que um grande carregamento de haxixe do Norte de África chegaria a Génova no dia seguinte, a bordo do *Mediterranean Dream*, registado como maltês. Talvez os italianos, se não tivessem nada melhor para fazer, quisessem examiná-lo. E fizeram-no, efetivamente. Na verdade, unidades da Guardia di Finanza, a agência policial italiana responsável pelo combate ao tráfico de droga, embarcaram no navio minutos após a sua chegada e começaram a forçar a abertura dos contentores. A sua busca renderia, eventualmente, quatro toneladas de haxixe marroquino, de forma nenhuma um recorde, mas uma apreensão respeitável. Depois disso, o ministro italiano telefonou ao homólogo francês e agradeceu-lhe pela informação. O ministro francês disse que ficava satisfeito por ter podido ajudar.

Embora tivesse sido uma grande notícia em Itália, a apreensão atraiu pouca atenção em França, menos ainda na antiga povoação de pescadores de Saint-Tropez. Mas, quando a polícia alfandegária francesa fez uma rusga a dois navios no dia seguinte (o *Africa Star*, com destino a Toulon, e o *Caribbean Endeavor*, com destino a Marselha), até mesmo a sonolenta Saint-Tropez ficou impressionada. O *Africa Star* renderia três toneladas de haxixe, o *Caribbean Endeavor* apenas duas. Mas também continha algo que apanhou Gabriel e Paul Rousseau de surpresa: um cilindro de chumbo, de quarenta centímetros de altura e vinte de diâmetro, escondido dentro de um rolo de cabo elétrico produzido por uma fábrica de um bairro industrial de Trípoli.

O cilindro não exibia marcas de qualquer tipo. Ainda assim, a polícia alfandegária francesa, que estava treinada para lidar com

material potencialmente perigoso, sabia perfeitamente que não devia abri-lo. Efetuaram-se telefonemas, soaram alarmes e, ao início da noite, o contentor fora transportado de forma segura para um laboratório governamental francês nos arredores de Paris, onde os técnicos analisaram o pó semelhante a pó de talco que encontraram no interior. Em pouco tempo, determinaram que se tratava da substância altamente radioativa cézio-137 ou cloreto de cézio. Paul Rousseau e o ministro do Interior foram informados da descoberta às oito horas dessa noite e, vinte minutos depois, com Gabriel a segui-los um passo atrás, estavam a atravessar apressadamente as portas do Palácio do Eliseu para transmitir as notícias ao Presidente da República. Saladino estava a planear atacá-los novamente, desta vez com uma bomba suja.

TERCEIRA PARTE

O CANTO MAIS ESCURO

SURREY, INGLATERRA

Nunca se determinaria exatamente, de uma forma que satisfizesse plenamente ninguém, muito menos os franceses, como é que os americanos tinham sabido do carregamento escondido de cézio. Era um daqueles mistérios que perduraria até muito depois de a poeira operacional assentar. No entanto, *ouviram* efetivamente falar disso (nessa mesma noite, na verdade) e, antes de o sol se erguer, exigiram que todas as partes relevantes se dirigissem para Washington para uma reunião de emergência. Graham Seymour e Amanda Wallace, os irmãos de sangue, declinaram educadamente. Perante a perspectiva de um dispositivo de dispersão radiológica nas mãos da rede de Saladino, não podiam dar-se ao luxo de serem vistos a correr até às antigas colônias para pedir ajuda. Eram totalmente a favor da cooperação transatlântica (na verdade, estavam perigosamente dependentes dela), mas, para eles, era uma simples questão de orgulho nacional. E, quando Gabriel e Paul Rousseau acrescentaram as suas objeções, os americanos rapidamente capitularam. Gabriel estava confiante nesse desfecho; tinha uma ideia bastante acertada do que os americanos queriam, em última instância. Queriam a cabeça de Saladino espetada num pau, e a única forma de a conseguirem era assumindo o controlo da operação de Gabriel. Seria melhor negar-lhes a vantagem de jogar em casa. As cinco horas de diferença horária, só por si, seriam suficientes para os manter em desequilíbrio.

Esperar uma delegação pequena seria esperar demasiado. Chegaram num avião *Boeing* estampado com o selo oficial dos Estados Unidos e viajaram para o local da conferência (um centro de treinos desativado do MI6, localizado numa casa senhorial vitoriana em Surrey) numa caravana comprida e ruidosa que cortou caminho através da paisagem rural como se estivesse a desviar-se de artefactos explosivos improvisados no Triângulo Sunita do Iraque ocupado. De um dos veículos saiu Morris Payne, o novo diretor da Agência. Payne era da Academia Militar dos Estados Unidos, estudara Direito numa das universidades mais conceituadas do país, trabalhara no setor privado e era um antigo membro profundamente conservador do Congresso, oriundo de uma das Dakotas. Era grande e abrupto, com um rosto que

se assemelhava a uma estátua da Ilha da Páscoa e uma voz de barítono que fez estremecer as vigas do *hall* de entrada abobadado da casa antiga. Começou por cumprimentar Graham Seymour e Amanda Wallace (eram eles os anfitriões, afinal de contas, para não dizer família distante) antes de virar a potência máxima da sua personalidade de canhão de água para Gabriel.

— Gabriel Allon! Que bom conhecer-te finalmente. Um dos grandes. Uma lenda, verdadeiramente. Devíamos ter feito isto há muito tempo. O Adrian disse-me que estiveste na cidade e não vieste ver-me. Não vou levar a mal. Sei que tu e o Adrian têm uma longa história de colaboração. Fizeram um bom trabalho juntos. Espero que continuemos essa tradição.

Gabriel recuperou a sua mão e olhou para os homens que rodeavam o novo diretor dos serviços secretos mais importantes do mundo. Eram jovens, enxutos e duros, ex-militares como o seu patrão, todos bem treinados nos rudes golpes do combate burocrático de Washington. A mudança em relação à administração anterior era impactante. Se havia um lado positivo era que todos eles gostavam razoavelmente de Israel. Talvez gostassem demasiado, pensou Gabriel. Eram a prova viva de que era necessário ter cuidado com o que se desejava.

O facto de Adrian Carter não se encontrar entre os que estavam na órbita próxima do diretor era revelador. Estava, naquele momento, a sair de um jipe, juntamente com os restantes operacionais seniores. A maioria era desconhecida para Gabriel. Contudo, ele reconheceu um. Era Kyle Taylor, o chefe do Centro de Antiterrorismo da Agência. A presença de Taylor era um indicador perturbador das intenções de Langley; dizia-se que Taylor aniquilaria a própria mãe com um drone, se achasse que isso o faria conquistar o cargo de Carter e o seu escritório no sétimo andar. Envergava a sua ambição implacável como uma gravata cuidadosamente apertada. Contudo, Carter parecia ter acabado de ser acordado de uma sesta. Passou por Gabriel fazendo unicamente um aceno mínimo com a cabeça.

— Não te aproximes muito — sussurrou. — Posso contagiar-te.

— O que é que tens?

— Lepra.

Morris Payne estava agora a puxar repetidamente a mão de Paul Rousseau como se estivesse a tentar ganhar o seu voto. Seguindo a indicação de Graham Seymour, entrou para a sala de jantar formal do solar, que fora convertido há muito numa instalação insonorizada. Havia um cesto à entrada para telemóveis e, sobre o aparador vitoriano, uma variedade de aperitivos nos quais ninguém tocou. Morris Payne sentou-se na longa mesa retangular, flanqueado, de um lado, pelos seus assistentes jovens e duros e, do outro, por Kyle Taylor, o mestre dos drones. Adrian Carter foi relegado para a extremidade

mais afastada: o local, pensou Gabriel, onde poderia fazer rabiscos a seu bel-prazer e sonhar com um emprego no setor privado.

Gabriel sentou-se no lugar que lhe fora atribuído e, imediatamente, virou ao contrário a pequena placa com o nome que algum funcionário zeloso do MI6 aí colocara. À sua esquerda, e exatamente à frente de Morris Payne, estava Graham Seymour. E à esquerda de Seymour estava Amanda Wallace, que parecia estar com medo de ser salpicada de sangue. A reputação de Morris Payne precedia-o. Durante o seu curto mandato, completara em grande medida a tarefa de transformar a CIA de serviço secreto em organização paramilitar. A linguagem de espionagem aborrecia-o. Era um homem de ação.

— Sabem que estamos todos em modo crise — começou Payne —, portanto não vou desperdiçar o tempo de ninguém. Todos vocês devem ser louvados. Preveniram uma calamidade. Ou, pelo menos, adiaram-na — acrescentou. — Mas a Casa Branca está a insistir, e, francamente, nós estamos de acordo, que Langley assuma a liderança disto e leve a operação para casa. Com todo o respeito, faz mais sentido. Temos o alcance e a capacidade, e temos a tecnologia.

— Mas nós temos a fonte — replicou Gabriel. — E nem todo o alcance e tecnologia do mundo a poderão substituir. Encontrámo-lo, queimámo-lo e recrutámo-lo. É nosso.

— E agora — disse Payne — vão entregar-no-lo.

— Desculpa, Morris, mas receio que isso não vá acontecer.

Gabriel olhou de soslaio para a ponta da mesa e viu Adrian Carter a tentar conter um sorriso. Dificilmente poderia ser considerado um começo auspicioso. Infelizmente, tudo declinou rapidamente a partir daí.

Ergueram-se vozes, esmurrou-se a mesa, proferiram-se ameaças. Ameaças de retaliação. Ameaças de suspensão de cooperação e retenção de ajudas fundamentais. Há não muito tempo, Gabriel poderia ter-se dado ao luxo de expor o *bluff* do diretor. Agora, tinha de proceder com cautela. Os britânicos não eram os únicos que estavam dependentes do poderio tecnológico de Langley. Israel precisava dos americanos ainda mais, e, sob nenhuma circunstância, Gabriel poderia dar-se ao luxo de alienar o seu mais valioso parceiro estratégico e operacional. Para além disso, apesar de toda a sua arrogância e fanfarronice, Morris Payne era um amigo que, globalmente, via o mundo da mesma forma que Gabriel. O seu predecessor, um falante fluente de árabe, fizera questão de se referir a Jerusalém como Al-Quds. Definitivamente, as coisas poderiam ser piores.

Perante a sugestão de Graham Seymour, fizeram uma interrupção

para comer e beber. Depois disso, o ambiente tornou-se consideravelmente mais leve. Morris Payne admitiu que, durante o voo que atravessara o Atlântico, tivera tempo de examinar o processo da CIA sobre Gabriel.

— Tenho de o dizer, foi uma leitura impressionante.

— Surpreende-me que tenham conseguido fazer o processo caber dentro do vosso avião.

O sorriso de Payne foi genuíno.

— Ambos crescemos em quintas — disse ele. — A nossa ficava num recanto remoto da Dakota do Sul e a vossa no Vale de Jezreel.

— Junto de uma povoação árabe.

— Nós não tínhamos árabes. Só ursos e lobos.

Desta vez, foi Gabriel que sorriu. Payne mordiscou a ponta de uma sandes em miniatura ressequida.

— Já operaste no Norte de África anteriormente. Pessoalmente, quero dizer. Estiveste envolvido na operação Abu Jihad, na Tunísia, em 88. Tu e a tua equipa aterraram na praia e rebentaram caminho até ao interior da *villa* dele. Mataste-o no escritório, à frente dos filhos. Estava a ver vídeos da Intifada nesse preciso momento.

— Isso não é verdade — disse Gabriel passado um momento.

— Que parte?

— Não matei o Abu Jihad à frente da família. A filha dele entrou no escritório depois de ele já estar morto.

— O que é que fizeste?

— Disse-lhe para ir tomar conta da mãe. E, depois, fui-me embora.

Um silêncio abateu-se sobre a divisão. Foi Morris Payne quem o quebrou.

— Achas que consegues fazer isso outra vez? Em Marrocos?

— Estás a perguntar-me se temos essa capacidade?

— Faz-me a vontade — disse Payne.

Marrocos, respondeu Gabriel, estava perfeitamente dentro do alcance operacional do Departamento.

— Vocês têm relações razoáveis com o rei — assinalou Payne. — Relações que poderiam ser ameaçadas se algo corresse mal.

— Vocês também — respondeu Gabriel.

— Têm intenção de trabalhar com os serviços marroquinos?

— Vocês trabalharam com os paquistaneses quando foram atrás do Bin Laden?

— Vou considerar isso um «não».

— Muito provavelmente — disse Gabriel —, o Saladino está escondido em circunstâncias semelhantes àquelas em que o Bin Laden vivia em Abbottabad. Mais ainda, goza da proteção de um senhor da droga, um homem que, indubitavelmente, tem amigos em posições importantes. Contar aos marroquinos sobre a operação seria como

contar ao próprio Saladino.

— Tens mesmo a certeza de que ele está realmente lá?

Gabriel colocou os dois retratos-robô sobre a mesa. Bateu suavemente sobre o primeiro, Saladino como aparecera na primavera de 2012, pouco depois de o ISIS se ter instalado na Líbia.

— Parece-se muitíssimo com o homem que eu vi no átrio do Four Seasons, em Georgetown, antes do atentado. Vê as gravações de videovigilância do hotel. Tenho a certeza de que vais chegar à mesma conclusão. — Gabriel bateu suavemente no segundo retrato. — E esta é a aparência dele agora.

— Segundo um traficante de droga chamado Jean-Luc Martel.

— Nem sempre conseguimos escolher os nossos colaboradores, Morris. Às vezes são eles que nos escolhem a nós.

— Confias nele?

— Nada.

— Estás preparado para ir para a guerra com ele?

— Tens uma ideia melhor?

Era óbvio que não tinha.

— E se o Saladino não morder o isco?

— Acabou de perder cem milhões de euros em haxixe. E o cézio.

O americano olhou para Paul Rousseau.

— O vosso pessoal conseguiu identificar a origem?

— A explicação mais provável — disse Rousseau — é que tenha vindo da Rússia ou de uma das antigas repúblicas soviéticas ou satélites. Os soviéticos usaram o cézio de forma bastante indiscriminada e deixaram recipientes da substância espalhados um pouco por todo o lado, nas regiões rurais. Também é possível que tenha vindo da Líbia. Os rebeldes e as milícias invadiram as instalações nucleares líbias quando o regime colapsou. A AIEA estava particularmente preocupada com as instalações de pesquisa de Tajura. Talvez tenhas ouvido falar delas.

Payne indicou que sim.

— Quando é que o vosso governo está a planear fazer o anúncio?

— Sobre o quê?

— O cézio! — explodiu Payne.

— Não estamos.

Payne pareceu incrédulo. Foi Gabriel que explicou.

— Um anúncio alarmaria desnecessariamente o público. E, mais importante do que isso, alertaria o Saladino e a sua rede para o facto de o material radiológico ter sido descoberto.

— Então, e se houve outro carregamento de cézio que conseguiu passar? O que é que vai acontecer se uma bomba suja explodir no meio de Paris? Ou de Londres? Ou de Manhattan, já agora?

— Tornar a questão pública não fará com que isso seja nem mais

nem menos provável. Contudo, manter o silêncio tem as suas vantagens. — Gabriel colocou uma mão no ombro de Graham Seymour. — Tiveste a oportunidade de ler o processo *dele*, diretor Payne? O pai do Graham trabalhou para os serviços secretos britânicos durante a Segunda Guerra Mundial. Para o Comité da Dupla Cruz. Não disseram aos alemães quando detiveram os espões deles na Grã-Bretanha. Mantiveram os espões capturados vivos nas mentes dos seus superiores alemães e usaram-nos para fornecer informação enganosa ao Hitler e aos seus generais. E os alemães nunca tentaram substituir esses espões capturados porque acreditavam que eles continuavam em funções.

— Portanto, se o Saladino pensar que o material conseguiu passar, não vai tentar enviar mais, é isso que estás a dizer?

Gabriel ficou em silêncio.

— Nada mau — disse o americano, sorrindo.

— Este não é o nosso primeiro *rodeo*.

— Tinham *rodeos* no Vale de Jezreel?

— Não — disse Gabriel. — Não tínhamos.

Depois disso, havia apenas um assunto final para tratar. Não era algo que pudesse ser abordado diante de uma sala cheia de espões. Era uma questão bilateral, que precisava de ser gerida ao mais alto nível, chefe com chefe. Uma sala lateral sossegada não seria suficiente. Apenas o jardim amuralhado, com as suas fontes em ruínas e caminhos cobertos de erva, proporcionava o nível necessário de privacidade.

Apesar de ser pleno verão, o tempo estava fresco e cinzento e as sebes excessivamente grandes pingavam devido a um aguaceiro recente. Gabriel e Morris Payne caminharam lado a lado, lenta e pensativamente, separados no máximo por três centímetros. Vistos das janelas com estrutura de chumbo da antiga casa senhorial, faziam um par improvável: o americano grande, corpulento, das Dakotas; o diminuto israelita do antigo Vale de Jezreel. Morris Payne, sem casaco, gesticulava amplamente enquanto explicava os seus argumentos. Gabriel, a ouvir, esfregava o fundo das costas e, quando apropriado, assentia em concordância.

Cinco minutos depois de terem começado a conversa, pararam e viraram-se de frente um para outro, como se estivessem a confrontar-se. Morris Payne espetou um dedo indicador grosso no peito de Gabriel, dificilmente um sinal encorajador, mas Gabriel limitou-se a sorrir e a retribuir o favor. Depois, ergueu a mão esquerda sobre a cabeça e moveu-a de forma circular enquanto a direita pairava com a palma para baixo à altura da sua anca. Desta vez, foi Morris Payne

que assentiu com a cabeça em aprovação. Aqueles que observavam a partir do interior perceberam o significado do momento. Fora alcançado um acordo operacional. Os americanos lidariam com os céus e a parte cibernética, os israelitas comandariam as operações no terreno e, caso surgisse a oportunidade, limpariam discretamente o sebo a Saladino.

Com isso, viraram-se para trás e começaram a dirigir-se novamente para a casa. Foi evidente para os que observavam do interior que Gabriel estava a dizer algo que desagradou intensamente a Morris Payne. Houve outra pausa e mais dedos apontados na direção dos peitos. Então, Payne virou o seu grande rosto de Ilha da Páscoa na direção do céu cinzento e exalou um suspiro de capitulação. Ao passar pela sala de reuniões, agarrou no casaco que repousava nas costas da cadeira e dirigiu-se para o exterior, seguido pela sua equipa executiva carrancuda e, alguns passos atrás, por Adrian Carter e Kyle Taylor. Gabriel e Graham Seymour acenaram-lhes a partir do pátio como se estivessem a despedir-se de companhia indesejada.

— Conseguiu tudo o que querias? — perguntou Seymour através de um sorriso gelado.

— É o que vamos ver daqui a um minuto.

A formação de americanos estava agora a começar a dividir-se em células menores, com cada célula a dirigir-se para o jipe que a aguardava. Morris Payne deteve-se subitamente e chamou Carter para que se juntasse a ele. Carter separou-se dos restantes operacionais e, observado invejosamente por Kyle Taylor, entrou no jipe do diretor.

— Como é que conseguiu isso? — perguntou Seymour enquanto a caravana ribombante voltava à vida.

— Pedi com jeitinho.

— Quanto tempo é que achas que ele vai sobreviver?

— Isso — disse Gabriel — depende inteiramente do Saladino.

AVENIDA REI SAUL, TELAVIVE

Na manhã seguinte, toda a Avenida Rei Saul se preparou para a batalha. Até mesmo Uzi Navot, que se ocupara de outras operações durante as ausências prolongadas de Gabriel, se viu arrastado pelos intensos preparativos. Tiveram de dar o corpo ao manifesto, como se costuma dizer. O Departamento tinha lutado para assumir o controlo da operação e tinha saído airoso dessa luta. Porém, o triunfo implicava a enorme responsabilidade de fazer as coisas bem-feitas. Não havia notícia de uma operação de assassinato seletivo de semelhante calibre desde o ataque americano ao complexo de Osama Bin Laden em Abbottabad. Saladino controlava os meandros de uma rede terrorista internacional que provara ser capaz de atacar praticamente onde quisesse, uma rede que se apropriara de material radioativo para fabricar uma bomba suja mesmo às portas da Europa Ocidental. A aposta não podia ser mais alta, tinham-no bem presente a cada passo. A segurança do mundo civilizado estava literalmente em jogo. Tal como a carreira de Gabriel. O sucesso pouco acresceria à sua reputação. Já o fracasso, pelo contrário, invalidaria toda a trajetória anterior e incluiria o seu nome na lista de diretores caídos em desgraça, que ambicionaram muito e por isso mesmo pereceram.

Se estava preocupado com os possíveis danos infligidos ao seu legado pessoal como consequência de um fracasso, não o demonstrava, nem sequer na presença de Uzi Navot, que tinha aberto um sulco na alcatifa que ligava a sua porta e o gabinete que pouco antes fora seu, à custa de um ir e vir constante. Corria o boato de que Navot tinha tentado dissuadir Gabriel, que tinha aconselhado o antigo rival a deixar Jean-Luc Martel e Saladino nas mãos dos americanos e a centrar-se em assuntos mais próximos das suas fronteiras, como os iranianos. Para Navot, os riscos da operação eram demasiado altos e a recompensa demasiado baixa. Pelo menos era essa a versão que circulava pelos corredores e salas de acesso restrito da Avenida Rei Saul. Contudo, segundo reza a história, Gabriel recusara-se a ceder o controlo da operação. «E porque é que haveria de o fazer?», perguntou sagazmente um membro da divisão de Viagens. Saladino tinha levado a melhor a Gabriel naquela noite horrível, em Washington. E ainda

havia Hannah Weinberg, claro está, a amiga e antiga cúmplice de Gabriel assassinada por Saladino em Paris. Não, concluiu o sagaz comentador, Gabriel não ia deixar Saladino nas mãos dos seus amigos de Washington. Ia enterrá-lo a sete palmos abaixo da terra. De facto, se tivesse oportunidade, possivelmente matá-lo-ia com as próprias mãos. Para ele já não se tratava de um assunto profissional, mas estritamente pessoal.

Mas um envolvimento pessoal numa operação era muitas vezes perigoso. Ninguém o sabia melhor do que o próprio Gabriel; a sua carreira falava por si. Assim, deixou Uzi Navot e os outros membros da sua equipa pessoal ultimarem todos os detalhes. Organizativamente, foi Yaakov Rossman, o chefe das Operações Especiais quem se ocupou de planificar e levar a cabo a missão. Supervisionado por Gabriel, colocou rapidamente cada peça no devido lugar. Marrocos não era o Líbano nem a Síria, mas nem por isso deixava de ser um território hostil. Vinte vezes maior do que Israel, era um país vasto e de geografia variada, com planícies agrícolas, montanhas abruptas, desertos de areia do Saara e grandes cidades como Casablanca, Rabat, Tânger, Fez e Marraquexe. Encontrar Saladino, mesmo contando com a ajuda de Jean-Luc Martel, seria uma missão árdua. Matá-lo sem causar baixas colaterais e sair do país com certas garantias de segurança seria uma das provas mais difíceis que o Departamento tinha enfrentado ao longo da sua história.

A faixa costeira favorecia-os, tal como na Tunísia em abril de 1988. Naquela noite, Gabriel e uma equipa de vinte e seis membros da unidade de elite Sayeret Matkal tinham desembarcado de lanchas pneumáticas a curta distância da casa de Abu Jihad e, cumprida a missão, tinham partido da mesma maneira. Durante as semanas anteriores à intervenção, ensaiaram incalculáveis vezes o desembarque numa praia de Israel. Até construíram em pleno Negev um cenário semelhante à casa de Abu Jihad para que Gabriel ensaiasse a forma de chegar da porta de entrada até ao escritório do primeiro andar onde o número dois da OLP costumava passar as tardes. Porém, tais preparativos eram impossíveis no caso de Saladino já que ignoravam em que lugar de Marrocos se escondia. A bem da verdade, nem sequer tinham a certeza de que se encontrasse no país. A única coisa que sabiam era que um homem cuja descrição correspondia à sua tinha sido visto em Marrocos uns meses antes, depois dos atentados de Washington. Dispunham, pois, de muito menos informação do que os americanos antes da intervenção em Abbottabad. E tinham bem mais que perder.

Daí que tivessem de estar preparados para qualquer eventualidade ou, pelo menos, para tantas como pudessem razoavelmente prever. Faria falta uma equipa muito numerosa, maior do que em operações

passadas, e todos os seus membros precisariam de um passaporte. A divisão de Identidade, a secção do Departamento que se encarregava de fornecer documentação aos agentes, esgotou rapidamente os seus recursos e Gabriel teve de pedir aos seus parceiros (franceses, britânicos e norte-americanos) que suprissem essa carência. Inicialmente, o pedido foi acolhido com reticências, mas graças à insistência de Gabriel todos acabaram por ceder. Os americanos até acabaram por concordar em reativar um velho passaporte em nome de Jonathan Albright com uma fotografia que recordava vagamente Gabriel.

— Diz-me que não estás a pensar em ir — disse Adrian Carter durante uma videoconferência segura.

— No verão? Ah, não — respondeu Gabriel. — Nem pensar. Nessa época do ano está demasiado calor em Marrocos.

Tinham de alugar carros e motas, reservar bilhetes de avião sem data de regresso e procurar alojamento. A maioria da equipa ficaria em hotéis nos quais estaria exposta à vigilância do serviço de segurança interna de Marrocos, a Direction de la Surveillance du Territoire ou DST. Mas, para instalar o posto de comando, Gabriel precisava de uma casa segura em condições. Foi Ari Shamron, da sua casa-fortaleza em Tiberíades, que deu com a solução. Tinha um amigo (um abastado empresário judeu marroquino que tinha fugido do país em 1967 depois do cataclismo da Guerra dos Seis Dias) que ainda possuía uma moradia no antigo bairro colonial de Casablanca. A casa estava vazia nesse momento, à exceção dos caseiros, um casal que vivia numa casa de hóspedes no seio da propriedade. Shamron recomendou que comprassem o imóvel em vez de o alugarem por um período breve e Gabriel concordou. Por sorte, o dinheiro não era um impedimento: Dmitri Antonov, apesar dos seus dispêndios mais recentes, continuava a nadar nele. Passou um cheque pelo valor total da compra e enviou um advogado francês (que na realidade era um agente do Grupo Alfa) a Casablanca para levantar a escritura. Ao acabar o dia, o Departamento estava na posse de uma base operativa bem no centro da cidade. Já só faltava Saladino.

A sua rede não deu mostras de atividade durante aqueles longos dias de planificação. Não houve atentados, nem dirigidos a alvos específicos, nem de lobos solitários, mas os diversos canais do ISIS nas redes sociais fervilhavam de rumores. Estava a tramar-se algo muito grande, diziam, algo que eclipsaria os atentados de Washington e Londres, o que contribuiu para aumentar a tensão dentro de Avenida Rei Saul, em Langley e em Vauxhall Cross. Tinham de retirar Saladino da circulação o mais depressa possível.

Mas será que a sua morte poria fim ao massacre? A sua rede morreria com ele?

— É improvável — assegurava Dina Sarid.

De facto, o seu maior temor era que Saladino tivesse criado dentro da rede terrorista uma espécie de interruptor de emergência: um mecanismo que desencadearia automaticamente uma série de ataques homicidas caso ele morresse. Por outro lado, o ISIS já tinha demonstrado uma notável capacidade de adaptação. Se o califado no Iraque e na Síria se perdesse fisicamente, afirmava Dina, erguer-se-ia em seu lugar um califado virtual. Um «cibercalifado», como ela o chamava, no qual as velhas normas não teriam aplicação. Os futuros mártires radicalizar-se-iam em meandros recônditos da *dark net* e seriam conduzidos para os seus alvos por cérebros criminosos que não conheciam pessoalmente. Assim era o admirável mundo novo gerado pela Internet, pelas redes sociais e pelas mensagens encriptadas.

Não obstante, tinha uma preocupação mais imediata: os trezentos gramas de cloreto de cézio depositados num laboratório estatal, nos arredores de Paris. O cloreto de cézio que, no entender de Saladino, permanecia a bordo de um cargueiro apreendido no porto de Toulon. Mas teria enviado o arsenal completo num só barco ou parte dele encontrar-se-ia já em poder de uma célula terrorista disposta a atentar? A próxima bomba que rebentasse numa cidade europeia conteria um núcleo radioativo? À medida que passavam os dias sem terem notícias do fornecedor marroquino de Jean-Luc Martel, Paul Rousseau e o ministro francês começaram a perguntar-se se não estaria na hora de advertir os seus homólogos europeus da grave ameaça. Mas Gabriel, com a ajuda de Graham Seymour e dos americanos, convenceu-os a permanecerem em silêncio. Uma advertência, mesmo que formulada em linguagem rotineira, implicava o risco de pôr a descoberto a operação. Haveria fugas de informação; era inevitável. E se a notícia se espalhasse, Saladino chegaria à conclusão de que existia um vínculo entre a apreensão dos seus carregamentos de haxixe e a apreensão do pó radioativo oculto dentro de uma bobina de cabo elétrico.

— Se calhar ele já chegou a essa conclusão — comentou Rousseau, pesaroso. — Talvez nos tenha voltado a bater aos pontos.

Intimamente, Gabriel também o temia. E o mesmo podia dizer dos americanos, que, durante uma acalorada videoconferência celebrada na segunda sexta-feira de agosto, lhe exigiram de novo que deixasse Jean-Luc Martel nas suas mãos e cedesse o controlo da operação a Langley. Gabriel opôs-se e, quando os americanos insistiram, fez a única coisa que podia fazer: desejou-lhes um bom fim de semana e a seguir ligou a Chiara para a informar de que nesse *Shabbath* iriam jantar a Tiberíades.

TIBERÍADES, ISRAEL

Tiberíades, uma das quatro cidades santas do judaísmo, está situada na margem ocidental dessa massa de água à qual os israelitas chamam lago Kinneret e o resto do mundo conhece como Mar da Galileia. Para lá dos seus arrabaldes encontra-se a pequena *moshav* de Kfar Hittim, que se erige no lugar em que, numa abrasadora tarde de verão de 1187, o verdadeiro Saladino derrotou os exércitos cruzados enlouquecidos pela sede numa batalha decisiva que devolveu o controlo de Jerusalém aos muçulmanos. Saladino não mostrou piedade alguma pelos seus inimigos apesar de os ter derrotado. Deceitou pessoalmente o braço a Renaud de Châtillon na sua tenda quando o francês se recusou a converter-se ao islamismo. Condenou o resto dos cruzados sobreviventes à morte por decapitação, o castigo habitual no caso dos infiéis.

Mais ou menos a um quilómetro a norte de Kfar Hittim havia um promontório rochoso do qual se avistava o lago e a abrasadora planície onde se travara a antiga batalha. Fora precisamente esse o sítio escolhido por Ari Shamron para instalar o seu lar. Afirmava que, quando o vento soprava na direção adequada, podia ouvir o chocar das espadas e os lamentos dos moribundos. Dizia que lhe recordavam a transitoriedade do poder político e militar naquele turbulento recanto do Mediterrâneo oriental. Cananeus, hititas, amalequitas, moabitas, gregos, romanos, persas, árabes, turcos, britânicos... Todos eles tinham chegado àquelas terras e tinham partido. Os judeus, apesar de todas as hipóteses desfavoráveis, tinham conseguido representar o que sem dúvida era o segundo ato mais impressionante da História: dois milénios após a queda do Segundo Templo, tinham regressado à cena. Mas, dando ouvidos à própria História, os seus dias naquela região estavam contados.

Há poucas pessoas que possam afirmar que ajudaram a erguer um país. E menos ainda um serviço secreto. Ari Shamron, no entanto, tinha conseguido fazer ambas as coisas. Nascido no Leste da Polónia, emigrou para o protetorado britânico da Palestina em 1937, quando a calamidade se abatia sobre os judeus de toda a Europa, e combateu na guerra que se desencadeou depois da fundação do Estado de Israel em

1948. No rescaldo do conflito, enquanto o mundo árabe maquinava para estrangular o novo Estado judeu ainda no berço, Shamron integrou-se num pequeno organismo ao qual os seus membros simplesmente chamavam «o Departamento». Entre as suas primeiras missões constou a identificação e assassinato de vários cientistas nazis que estavam a ajudar o mandatário egípcio Gamal Abdel Nasser a construir uma bomba atômica. Mas a façanha que coroou a sua carreira como agente no ativo não teve como cenário o Médio Oriente, mas sim uma esquina de uma rua do bairro industrial de San Fernando, em Buenos Aires. Ali, numa noite chuvosa de maio de 1960, Shamron introduziu Adolf Eichmann, o artífice da Solução Final, à força na parte de trás de um carro, naquela que foi a primeira escala de uma viagem que, para Eichmann, concluiria numa força israelita.

Já para Shamron, aquilo foi só o princípio. Poucos anos depois, atribuíram-lhe a direção dos serviços secretos a cuja criação tinha assistido, logo, a defesa da nação. Da sua guarida na Avenida Rei Saul, com os seus arquivos de metal cinzento e um permanente fedor a tabaco turco, Shamron infiltrou os seus agentes nas cortes de monarcas, roubou segredos a tiranos e eliminou incontáveis inimigos. Manteve-se no cargo bem mais tempo do que os seus predecessores e, no final dos anos noventa, depois de uma série de falhanços operacionais, abandonou felizmente a sua reforma para endireitar o rumo da nave e devolver o antigo esplendor ao Departamento. Encontrou um cúmplice num agente de campo que se tinha encerrado para chorar as suas mágoas numa casinha de campo nas margens de Helford Passage, na Cornualha. Agora, por fim, o destino do Departamento estava entregue a esse agente. E o fardo de preservar as duas criações de Shamron (o seu país e os serviços secretos nacionais) recaía sobre os seus ombros.

Shamron fora escolhido para capturar Eichmann devido às suas mãos, anormalmente grandes e fortes para um homem de tão baixa estatura. Quando Gabriel entrou na casa carregando um filho em cada braço, essas mãos estavam pousadas sobre o cabo de uma bengala de oliveira. Gabriel deixou as crianças ao cuidado de Shamron e regressou ao seu jipe blindado para ir buscar as três travessas de comida que Chiara tinha preparado nessa mesma tarde. Gilah, a sofrida esposa de Shamron, acendeu as velas do *Shabbath* ao pôr-do-sol enquanto o marido recitava as bênçãos do pão e do vinho com o sotaque *yiddish* da sua infância passada na Polónia. Por um instante, Gabriel teve a impressão de que não existiam nem a operação nem Saladino, mas só a sua família e a sua fé.

Mas foi uma sensação efémera. Efetivamente, durante o jantar, enquanto os restantes conversavam sobre política e lamentavam o *matsav*, a situação, Gabriel distraía-se e de vez em quando olhava para

o telemóvel. Shamron, que o vigiava da cabeceira da mesa, sorriu. Não lhe ofereceu palavras tranquilizadoras para aliviar o seu evidente mal-estar. Para Shamron, as operações de espionagem eram como o oxigénio: até uma má operação era melhor do que nenhuma.

Quando acabaram de jantar, Gabriel seguiu-o até à divisão do rés-do-chão que lhe servia de escritório e oficina. As peças de um rádio antigo estavam espalhadas pela bancada de trabalho como os escombros de um bombardeio. Shamron sentou-se e, com um estalo do seu velho isqueiro Zippo, acendeu um dos seus famigerados cigarros turcos. Gabriel desviou o fumo e contemplou as lembranças pulcramente dispostas nas estantes. Reparou logo numa fotografia emoldurada de Shamron e Golda Meir tirada no dia em que ela lhe ordenou «mandar os rapazes» vingar a morte dos onze treinadores e atletas israelitas assassinados nos Jogos Olímpicos de Munique. Perto da fotografia havia um estojo de vidro do tamanho aproximado de uma caixa de charutos. Lá dentro, dispostos sobre um pano escuro, descansavam onze cartuchos de calibre 22.

— Estão aqui guardados para ti — comentou Shamron.

— Não os quero.

— E porquê?

— São macabros.

— Foste tu que descobriste como enfiar onze balas num carregador de dez, não fui eu.

— Talvez me dê medo que um dia alguém tenha uma caixa como essa numa estante, com o meu nome escrito.

— Podes contar com isso, meu filho. — Shamron acendeu a luz de trabalho apetrechada com uma lupa.

— Vejo-te muito comedido.

— O que é que isso quer dizer?

— Não me perguntaste nem uma só vez pela operação.

— Porque é que haveria de o fazer?

— Porque és patologicamente incapaz de não te meter nos assuntos alheios.

— Razão pela qual sou espião. — Shamron ajustou a lupa para examinar um troço de circuito muito desgastado.

— Que tipo de rádio é que é?

— Um RCA Catalin, um modelo *art déco* com carcaça de polímero marmoreado. Onda curta e normal. Foi fabricado em 1946. Imagina — acrescentou Shamron assinalando o autocolante de papel original colado na base do rádio — que algures na América, em 1946, alguém estava a montar este rádio enquanto pessoas como os teus pais tentavam recompor as suas vidas.

— É um rádio, Ari. Não tem nada que ver com a Shoah.

— Era só um comentário. — Shamron sorriu. — Pareces tenso. Tens

alguma preocupação?

— Não, nenhuma.

Permaneceram em silêncio enquanto Shamron continuava a manusear as suas ferramentas. Reparar rádios antigos era o seu único passatempo, para além de se intrometer na vida de Gabriel.

— O Uzi disse-me que estás a pensar em ir a Marrocos — disse por fim.

— Porque é que te disse isso?

— Porque não consegui dissuadir-te e pensou que eu talvez fosse capaz.

— Ainda não tomei uma decisão.

— Mas pediste aos americanos para te renovarem o passaporte.

— Para o reativarem — esclareceu Gabriel.

— Renovar, reativar... o que é que interessa? Para começar, nunca o devias ter aceitado. Estava melhor num pequeno caixão de vidro, tal como aqueles cartuchos.

— Foi uma ajuda preciosa em inúmeras ocasiões.

— Azul e branco — afirmou Shamron. — Fazemos as nossas coisas e não ajudamos os outros a resolver problemas que eles próprios criaram.

— Talvez antes fosse assim — respondeu Gabriel —, mas já não, não podemos continuar a operar desse modo. Precisamos de aliados.

— Os aliados arranjam sempre maneira de te dececionar. E esse passaporte não te vai servir de nada se alguma coisa correr mal em Marrocos.

Gabriel apanhou o estojo com os vinte e dois cartuchos de bala usados.

— Se não me falha a memória, e de certeza que não, tu estavas no banco de trás de um carro estacionado na Piazza Annibaliano enquanto eu me ocupava do Zwaiter naquele bloco de apartamentos.

— Naquele tempo era o chefe das Operações Especiais. Tinha de estar em campo, era a minha obrigação. Um exemplo mais adequado — continuou Shamron — seria o de Abu Jihad. Então já era diretor e fiquei a bordo do barco enquanto tu e o resto da equipa iam para terra.

— Com o ministro da Defesa, se não me falha a memória.

— Foi uma operação importante; quase tão importante — disse Shamron baixinho — como a que estás prestes a levar a cabo. Está na hora de o Saladino sair de cena, sem cumprimentar o público nem fazer *encores*. Mas tenta garantir que não consegue aquilo de que anda desesperadamente à procura.

— O quê?

— Tu.

Gabriel devolveu o estojo à estante.

— Permites-me que te faça uma ou duas perguntas? — disse Shamron.

— Se isso te faz feliz...

— Vias de escape?

Gabriel explicou-lhe que teria duas: uma corveta israelita e um cargueiro de bandeira liberiana, o *Neptune*, que era na realidade uma estação de radar e escuta operada pelo AMAM, o serviço de espionagem do exército israelita. O *Neptune* estaria ancorado em frente a Agadir, na costa atlântica de Marrocos.

— E a corveta? — perguntou Shamron.

— Num pequeno porto do Mediterrâneo chamado El Jebha.

— Imagino que é aí que desembarcará a equipa da Sayeret.

— Só se o considerar necessário. Afinal de contas — explicou Gabriel —, disponho de um ex-agente da Sayeret e de um veterano do Serviço Aéreo Especial britânico.

— Para quem será uma missão mais do que suficiente manter sob controlo esse tal Jean-Luc Martel. — Shamron abanou a cabeça lentamente. — Às vezes, o pior ao recrutar um colaborador é que depois não te podes livrar dele. Faças o que fizeres, não te fies dele.

— Nem me passa pela cabeça.

O cigarro de Shamron tinha-se apagado. Acendeu outro e continuou a trabalhar no rádio enquanto Gabriel contemplava a fotografia da estante tentando associar a imagem a preto e branco de um espião na flor da idade com o idoso que tinha à frente dos olhos. Tinha sucedido tão depressa... Em breve, pensou, acontecer-lhe-ia o mesmo a ele. Nem sequer Raphael e Irene podiam impedir o inevitável.

— Não vais atender? — perguntou Shamron de repente.

— Atender o quê?

— O telefone. Está a distrair-me.

Gabriel olhou para baixo. Estava tão ensimesmado que não tinha ouvido a mensagem enviada do andar seguro de Ramatuelle.

— E então? — perguntou Shamron.

— Parece que o Mohammad Bakkar quer falar com o Jean-Luc Martel sobre essa droga que se extraviou. Pergunta se pode ir a Marrocos no princípio da semana que vem.

— Estará disponível?

— O Martel? Acho que podemos encontrar um buraco na sua agenda.

Sorridente, Shamron ligou o rádio à tomada da bancada e acendeu-o. Pouco depois, após uma tentativa de sintonização, ouviu-se uma melodia.

— Não a reconheço — disse Gabriel.

— Claro, és demasiado jovem. É Artie Shaw. A primeira vez que ouvi esta música... — Shamron deixou a frase em suspenso.

— Como é que se chama? — perguntou Gabriel.

— *You're a lucky guy*: és um tipo sortudo. — Nesse momento apagou-se o rádio e a música parou. Shamron franziu a testa. — Ou talvez não.

CASABLANCA, MARROCOS

A estrada que ligava o Aeroporto Internacional Mohammed V de Casablanca ao centro da maior cidade e principal centro financeiro de Marrocos era formada por quatro faixas de rijo alcatrão negro como o breu pelo qual Dina, uma condutora temerária por natureza e nacionalidade, conduzia com extraordinário cuidado.

— O que é que te preocupa tanto? — perguntou Gabriel.

— Tu — respondeu Dina.

— O que é que eu fiz desta vez?

— Nada. Mas é a primeira vez que faço de motorista do chefe.

— Bom — afirmou ele a olhar pela janela —, há uma primeira vez para tudo.

O saco de viagem de Gabriel descansava sobre o banco de trás. Já a pasta ia apoiada sobre os joelhos. Lá dentro estava o passaporte americano que lhe tinha permitido passar sem contratempos pelo controlo fronteiriço e pela alfândega marroquina. As coisas em Washington podiam ter mudado, mas ser americano continuava a ser uma vantagem em grande parte do mundo.

O trânsito estancou de repente.

— Uma operação *stop* — explicou Dina. — Estão por todo o lado.

— Achas que andam à procura de quê?

— Se calhar do chefe dos serviços secretos israelitas.

Uma fileira de cones cor de laranja desviava o trânsito para a berma, onde dois gendarmes inspecionavam os veículos e respetivos ocupantes, vigiados por um agente da DST vestido à paisana e com óculos de sol. Enquanto abria a janela, Dina dirigiu umas palavras a Gabriel em alemão, a língua correspondente à sua identidade fictícia e ao seu passaporte falso. Os aborrecidos gendarmes fizeram-lhe sinais para avançar como se espantassem moscas. O homem da DST parecia distraído.

Dina voltou a fechar rapidamente a janela para impedir que o denso e implacável calor exterior entrasse e pôs o ar condicionado no máximo. Passaram por umas grandes dependências militares. Depois apareceram de novo as terras agrícolas, pequenas parcelas de terra fértil e escura, cultivadas principalmente pelos habitantes das

povoações próximas. A Gabriel, a mata de eucalipto lembrou-lhe de casa.

Por fim chegaram à periferia desigual de Casablanca, a segunda cidade mais populosa do Norte de África, só ultrapassada pela megalópole do Cairo. Os terrenos cultivados não desapareceram por completo: ainda se viam alguns entre os elegantes blocos de apartamentos recém-construídos e os bairros de lata que albergavam centenas de milhares das pessoas mais miseráveis em barracas feitas de chapas metálicas e blocos de cimento.

— Chamam-nos *bidonvilles* — comentou Dina apontando para um dos bairros de lata. — Calculo que soe melhor do que «subúrbios». Quem lá vive não tem nada. Nem água corrente, nem praticamente nada que levar à boca. De vez em quando, as autoridades tentam demoli-las, mas as pessoas voltam a construir as suas barracas. Que remédio é que têm? Não têm outro lugar para onde ir.

Passaram por um terreno de erva acastanhada e rala onde dois meninos descalços vigiavam um rebanho de cabras esqueléticas.

— Uma coisa que abunda nos *bidonvilles* é o Islão — prosseguiu Dina. — Cada vez mais radical, graças aos pregadores wahhabi e salafistas. Lembras-te dos atentados de 2003? Todos os rapazes que se imolaram provinham dos *bidonvilles* de Sidi Moumen.

Naturalmente que Gabriel se lembrava dos atentados, embora em grande parte do Ocidente tivessem caído no esquecimento: catorze bombas contra objetivos ocidentais e judeus, quarenta e cinco mortos, mais de uma centena de feridos. Foram obra de uma filial da Al-Qaeda conhecida como Salafia Jihadia que por sua vez estava vinculada ao Grupo Islâmico Combatente Marroquino. Apesar de toda a beleza natural e do turismo ocidental que visitava o país, Marrocos ainda era um viveiro de islamitas radicais no qual o ISIS estava profundamente enraizado, facto atestado pelas suas inúmeras células. Mais de mil e trezentos marroquinos tinham ido para o califado a fim de lutarem nas fileiras do ISIS (juntamente com várias centenas de cidadãos franceses, belgas e holandeses de origem marroquina), e os marroquinos tinham desempenhado um papel crucial na recente campanha terrorista do ISIS na Europa ocidental. E depois havia Mohammed Bouyeri, o marroquino holandês que tinha atingido a tiro e apunhalado o cineasta e escritor Theo van Gogh numa rua de Amesterdão. O crime não foi produto do ato espontâneo de um perturbado: Bouyeri fazia parte de uma célula de muçulmanos radicais oriundos do Norte de África e radicados em Haia conhecida como «Rede Hofstad». Os serviços de segurança marroquinos tinham conseguido desarticular as atividades dos seus extremistas no estrangeiro, mas dentro de portas continuavam a abundar as conspirações terroristas. O ministro do Interior tinha-se gabado há pouco tempo de que tinham desarticulado

mais de trezentas, entre elas uma que incluía o uso de gás-mostarda. Na opinião de Gabriel, mais valia manter o silêncio sobre certas coisas.

Subiram uma lomba e o Atlântico azul pálido espalhou-se perante eles. O Morocco Mall, com os seus cinemas futuristas e lojas ocidentais, ocupava uma faixa de terra recém-urbanizada ao longo da costa. Dina seguiu a Corniche rumo ao centro urbano passando em frente de cafés, restaurantes e mansões de uma brancura resplandecente. Uma delas tinha o tamanho de um bloco de escritórios.

— Pertence a um príncipe saudita. E ali — disse Dina — fica o Four Seasons.

Abandonou para Gabriel poder dar uma espreitadela. No gradeamento que dava acesso aos jardins do hotel, dois guardas vestidos de escuro inspecionavam a parte de baixo de um carro que acabava de chegar, à procura de explosivos. Só quem passava a inspeção tinha autorização para aceder à avenida que conduzia ao estacionamento coberto do hotel.

— Há um magnetómetro do outro lado da porta — informou Dina. — Inspecciona a bagagem de todos os hóspedes sem exceção. Vamos ter de trazer as armas pela praia. Não constitui um problema.

— Achas que os rapazes da Salafia Jihadia também sabem disso?

— Espero que não — respondeu Dina com um dos seus raros sorrisos.

Continuaram a avançar pela Corniche deixando a imponente mesquita Hassan II, as muralhas exteriores da antiga medina e o imenso porto para trás. Entraram finalmente no antigo bairro colonial francês, com as suas largas e sinuosas alamedas e uma mistura única de arquitetura mourisca, *art nouveau* e *art déco*. Outrora, os vizinhos mais cosmopolitas de Casablanca passeavam-se por entre as elegantes colunas engalanados à última moda parisiense e jantavam nalguns dos melhores restaurantes do mundo. Agora, o bairro era um monumento à decadência e à insegurança cidadã. As flores de estuque das fachadas estavam cobertas de fuligem e o óxido apodrecia as balaustradas de ferro forjado. A classe abastada tentava não se aventurar para além dos modernos *quartiers* de Gauthier e Maarif, e o centro histórico tinha-se convertido no domínio daqueles que usavam véu ou jilaba e de vendedores de rua que apregoavam fruta estragada e cassetes económicas com sermões e versículos do Corão.

O único sinal de progresso era o flamejante elétrico que serpenteava pelo Boulevard Mohammed V, em frente de lojas encerradas e arcadas nas quais dormitavam indigentes sobre leitos de papelão. Dina seguiu um elétrico ao longo de vários quarteirões, depois virou para uma estreita rua secundária e encostou. De um lado havia um prédio de

habitação de oito andares que parecia prestes ruir sob o peso das antenas parabólicas que brotavam como cogumelos das suas varandas. Do outro, erguia-se uma parede desconchavada e coberta de plantas trepadeiras, com uma porta de cedro que outrora teria estado ornamentada. Um cão ofegante e de aspeto feroz montava guarda diante dela.

— Porque é que parámos? — perguntou Gabriel.

— Porque já chegámos.

— Onde?

— Ao posto de comando.

— Deves estar a brincar.

— Não.

Gabriel olhou para o cão com desconfiança.

— E ele?

— É inofensivo. O preocupante são as ratazanas.

Nesse momento, uma ratazana escapuliu-se pelo passeio. Tinha o tamanho de um guaxinim. O cão encolheu-se, assustado. E o mesmo fez Gabriel.

— Se calhar devíamos voltar para o Four Seasons.

— Não é seguro.

— Este lugar também não é.

— Não é tão mau quando te acostumas.

— Como é por dentro?

Dina desligou o motor.

— Há fantasmas. Mas de resto é bastante agradável.

Passaram junto ao cão ofegante e, ao atravessar a porta de cedro, penetraram num paraíso escondido. Havia uma piscina de um azul-escuro, uma pista de ténis de terra batida e um jardim aparentemente infinito pejado de buganvílias, hibiscos, palmeiras e bananeiras. A casa, imensa, era de estilo tradicional marroquino, com pátios interiores de azulejos nos quais o murmúrio incessante de Casablanca se dissolvia no silêncio. As divisões labirínticas pareciam congeladas no tempo. Poderia ser 1967, o ano em que o proprietário enfiou alguns bens pessoais numa mala de viagem e fugiu para Israel. Ou quiçá, pensou Gabriel, uma época mais simpática. Um período em que naquele bairro todos falavam francês e se perguntavam quanto tempo é que os alemães demorariam a desfilar pelos Campos Elísios.

Os caseiros chamavam-se Tarek e Hamid. Tinham comprado o cargo aos seus predecessores, demasiado idosos para continuarem a tratar da propriedade. Evitavam o interior da casa e limitavam as suas atividades ao jardim e à casinha de hóspedes. Os respetivos filhos, netos e esposas viviam num *bidonville* próximo.

— Somos os novos donos — disse Gabriel. — Porque é que não podemos simplesmente despedi-los?

— Não é boa ideia — respondeu Yaakov Rossman.

Antes de ser transferido para o Departamento, Rossman tinha trabalhado para o Shabak, o serviço de segurança interior de Israel, a dirigir agentes que operavam na Faixa de Gaza e na Cisjordânia. Falava árabe com fluência e era um perito em cultura árabe e islâmica.

— Se tentarmos livrarmo-nos deles, vai haver confusão. E isso podia afetar o nosso disfarce.

— Então damos-lhes uma indemnização generosa.

— Ainda era pior, porque viriam parentes de todos os cantos do país bater-nos à porta a pedir dinheiro. — Yaakov abanou a cabeça com um ar de reprovação. — Não sabes muito sobre esta gente, pois não?

— Então, ficamos com os caseiros — disse Gabriel. — Mas que parvoíce é essa de haver fantasmas na casa?

Estavam rodeados pelo fresco silêncio do pátio principal da casa. Yaakov olhou para Dina com nervosismo, ela por sua vez olhou para Eli Lavon. Foi Lavon, o amigo mais antigo de Gabriel, que por fim respondeu:

— Chama-se Aisha.

— A mulher de Maomé?

— Não, essa não. Outra Aisha.

— Outra como?

— É um *jinn*.

— Um quê?

— Uma espécie de demónio.

Gabriel olhou para Yaakov à procura de uma explicação.

— Os muçulmanos acham que Alá fez o homem a partir do barro. Pelo contrário, acham que os *jinn*s são feitos de fogo.

— E isso é mau?

— Muito. De dia, os *jinn*s vivem entre nós dentro de objetos inanimados e têm uma vida muito parecida à nossa. Mas à noite adotam a forma que lhes apetece.

— Então são mutantes — disse Gabriel, cético.

— E malvados — acrescentou Yaakov com um assentimento grave.

— O que mais gostam é de fazer mal aos humanos. A crença nos *jinn*s está especialmente enraizada aqui, em Marrocos. Certamente é um vestígio das crenças berberes anteriores à chegada do Islão.

— Mas o facto de os marroquinos acreditarem neles não significa que sejam reais.

— Está no Corão — afirmou Yaakov na defensiva.

— Isso também não os torna reais.

Houve outra troca de olhares nervosos entre os três agentes

veteranos do Departamento. Gabriel franziu o sobrolho.

— Mas vocês não acreditam nessas baboseiras, pois não?

— Ontem à noite ouvimos imensos barulhos esquisitos dentro da casa — disse Dina.

— De certeza que está infestada de ratazanas.

— Ou de *jinn*s — disse Yaakov. — Às vezes aparecem em forma de ratazanas.

— Achava que só havia um.

— A Aisha é a líder. Pelos vistos, há muitos mais.

— Quem é que o diz?

— O Hamid. É um especialista.

— Não me digas. E o que é que o Hamid sugere que façamos a esse respeito?

— Um exorcismo. A cerimónia dura dois dias e inclui o sacrifício de uma cabra.

— Podia obstaculizar a operação — concluiu Gabriel depois de ponderar devidamente a ideia.

— Sim, pois podia — concordou Yaakov.

— Não há outras medidas que possamos adotar, para além de um exorcismo em grande escala?

— A única coisa que podemos fazer é tentar que não se zangue.

— Quem? A Aisha?

— Quem é que havia de ser?

— E que coisas é que a irritam?

— Não podemos abrir as janelas, nem cantar, nem rir. E também não é permitido levantar a voz.

— Só isso?

— O Hamid aspergiu com sal, sangue e leite todos os cantos dos quartos.

— Que alívio.

— Também nos disse para não tomarmos duche à noite, nem usarmos a sanita.

— Porque não?

— Porque os *jinn*s vivem debaixo de água. Se os incomodarmos...

— Sim?

— O Hamid diz que uma grande tragédia se abaterá sobre nós.

— Isso parece terrível. — Gabriel percorreu o belo pátio com o olhar. — Este lugar tem nome?

— Não, e se tem ninguém se lembra dele — respondeu Dina.

— Então, que nome é que vamos usar?

— Dar al-Jinns — propôs Lavon com um ar sombrio.

— Talvez a Aisha se zangue — disse Gabriel. — Proponham outro.

— Que tal Dar al-Jawasis? — perguntou Yaakov.

Sim, era melhor, pensou Gabriel. Dar al-Jawasis. A Casa dos

Combinaram que as esposas e as filhas mais velhas de Tarek e Hamid lhes fariam uma refeição tradicional marroquina. Chegaram pouco depois: duas mulheres rechonchudas, tapadas pelo véu, e quatro raparigas bonitas, carregadas com cestos de verga que transbordavam de carne e verduras compradas nos bazares da medina velha. Passaram toda a tarde a cozinhar na enorme cozinha enquanto conversavam baixinho em *darija*, para não incomodarem os *jinnns*. Pouco depois, a casa inteira cheirava a cominhos, gengibre, coentros e malagueta.

Gabriel espreitou para a cozinha por volta das sete da tarde e viu inúmeras travessas de saladas e aperitivos e enormes caçarolas de barro cheias de cuscuz e *tagine*. Havia comida suficiente para alimentar uma aldeia e, incentivadas por Gabriel, as mulheres convidaram o resto dos seus familiares do bairro onde viviam para partilharem do banquete. Comeram todos juntos no pátio grande (os marroquinos pobres e os quatro forasteiros que, segundo pensavam eles, eram europeus), sob um dossel de estrelas brancas como diamantes. Para ocultar que dominavam o árabe, Gabriel e os outros falaram unicamente em francês. Conversaram sobre os *jinnns*, sobre as promessas frustradas da Primavera Árabe e sobre essa banda de assassinos que se fazia chamar Estado Islâmico. Tarek afirmou que vários jovens do seu *bidonville*, entre eles o filho de um primo afastado, tinham estado no califado. De vez em quando, a DST fazia uma rusga no bairro e levava os salafistas para a prisão de Temara para os interrogar através da tortura.

— Têm impedido muitos atentados — disse —, mas não tarda muito vai haver outro dos grandes, como o de 2003. É só uma questão de tempo.

O jantar terminou com esse mau augúrio. As mulheres e respetivos familiares regressaram ao bairro de barracas, levando os restos de comida, e Tarek e Hamid foram para o jardim vigiar os *jinnns*. Gabriel, Yaakov, Dina e Eli Lavon desejaram boa noite e retiraram-se para os quartos. O de Gabriel tinha vista para o mar. Um dos caseiros tinha traçado um círculo a carvão à volta da cama para o proteger dos demónios, e nos quatro cantos havia gotas de sangue misturado com leite e sal. Exausto, Gabriel caiu de imediato num sono profundo, do qual acordou pouco antes do amanhecer com a necessidade imperiosa de aliviar a bexiga. Passou um bom bocado deitado na cama a pensar no que devia fazer, até que por fim viu as horas no telemóvel. Passavam poucos minutos das cinco da madrugada. Amanhecia às 6h49. Fechou os olhos. Não convinha tentar a sorte, pensou. Era

melhor não incomodar a Aisha nem os seus amigos.

CASABLANCA, MARROCOS

Naquela manhã, Jean-Luc Martel, hoteleiro, restaurador, fabricante de roupa, joalheiro, narcotraficante internacional e colaborador da espionagem francesa e israelita, subiu a bordo do seu avião privado *Gulfstream*, o JLM Deux, no Aeroporto Côte d'Azur de Nice com destino a Casablanca, acompanhado pela namorada e pelos supostos amigos, os que viviam na colossal *villa* no lado oposto da baía, bem como por um espião britânico que até há pouco tempo ganhava a vida como assassino profissional. Nos anais da guerra global contra o terrorismo, nenhuma operação tinha tido tal começo. Era, todos concordavam, a primeira vez. E contra toda a lógica e sem qualquer justificação, confiavam que fosse também a última.

Martel enviara duas limusinas *Mercedes* para levar a comitiva do aeroporto para o Four Seasons. Passaram a rugir à frente dos brilhantes blocos de apartamentos e dos sujos *bidonvilles* e seguiram pela Corniche, à velocidade de comitiva oficial até à entrada fortificada do hotel. A sua chegada tinha sido previamente anunciada, de maneira que, depois de uma inspeção superficial aos veículos, puderam aceder ao parque de estacionamento, onde um pequeno batalhão de empregados aguardava para os receber. Abriram-se as portas e os empregados carregaram uma montanha de malas nos seus carrinhos. De seguida, a bagagem e os seus proprietários atravessaram o arco do magnetómetro. Foram todos admitidos de imediato, exceto Christopher Keller, que fez soar o alarme duas vezes. O chefe de segurança do hotel, ao não encontrar qualquer objeto suspeito na posse de Keller, comentou em jeito de brincadeira que devia ser feito de metal. O sorriso tenso e hostil do britânico não contribuiu para dissipar as suas suspeitas.

Um silêncio monástico pendia sobre o ar fresco do *hall* climatizado. Era pleno verão em Marrocos, logo, temporada baixa para os hotéis da praia. Seguidos pela caravana de malas, JLM e os seus acompanhantes encaminharam-se para a receção: Martel e Olivia Watson vestidos de branco brilhante; Mikhail e Natalie fingindo-se aborrecidos; e Keller incomodado ainda pelo tratamento que lhe tinham dado à porta. O diretor do hotel entregou-lhes as chaves dos seus quartos (Monsieur

Martel gozava, como de costume, da mordomia de fazer o *check-in* antecipadamente) e dedicou-lhes umas sumptuosas palavras de boas-vindas.

— Jantam esta noite no hotel? — perguntou.

— Sim — respondeu Keller de imediato. — Mesa para cinco, por favor.

Era um hotel disposto ao contrário: o *hall* ocupava o último andar, por cima dos pisos onde os hóspedes estavam alojados. Os quartos de JLM e da sua comitiva ficavam no quarto piso. Martel e Olivia ocupavam uma só suíte, ladeada pela de Mikhail e de Natalie, de um lado, e a de Keller de outro. Quando lhes levaram a bagagem e despacharam os empregados com uma gorjeta, Mikhail e Keller abriram as portas que davam para os três quartos tornando-os num só.

— Muito melhor assim — disse Keller. — Quem é que quer comer?

A mensagem chegou à Casa dos Espiões pouco depois do meio-dia, quando Hamid e Tarek estavam empoleirados na sanita da casa de banho de Gabriel a recitar versos do Corão para afugentar os *jinn*s. Informava de que JLM e os seus acompanhantes tinham chegado sem novidades ao Four Seasons, que não tinham recebido comunicação alguma de Mohammad Bakkar ou dos seus seguidores e que naquele momento estavam a almoçar no terraço do restaurante do hotel. Gabriel enviou a mensagem por via segura para o Centro de Operações da Avenida Rei Saul, que por sua vez a remeteu para Langley, Vauxhall Cross e para a sede da DSGI em Levallois-Perret, onde foi recebida com uma expectativa que superava muito a sua importância operativa.

As preces da sanita terminaram poucos minutos depois da uma e a comida foi servida à uma e meia. Dina e Yaakov Rossman saíram da Casa dos Espiões minutos mais tarde, num dos carros alugados. Dina vestia umas calças de algodão largas e uma blusa branca e levava pendurado ao ombro um saco com o nome de um exclusivo estilista francês. Yaakov, por sua vez, estava vestido como se fosse fazer uma incursão noturna em Gaza. Às duas da tarde, encontravam-se reclinados numa espreguiçadeira com dossel do Tahiti Beach Club da Corniche. Gabriel mandou-os ficar ali até novo aviso. Depois, subiu o volume dos microfones instalados nos três quartos contíguos do Four Seasons.

— Alguém tem de levar o saco ao hotel — comentou Eli Lavon.

— Obrigado, Eli — afirmou Gabriel. — Nunca me teria lembrado disso.

— Só estava a tentar ajudar.

— Desculpa, são os *jinn*s, que falam por mim.

Lavon sorriu.

— Em quem é que tinhas pensado?

— O Mikhail é o candidato mais óbvio.

— Até eu suspeitaria dele.

— Então talvez convenha que seja uma mulher a tratar disso.

— Ou duas — sugeriu Lavon. — Para além disso, já está na hora de fazerem as pazes, não achas?

— Começaram mal, mais nada.

Lavon encolheu os ombros.

— Podia acontecer a qualquer um.

Estava um segurança na porta que comunicava a parte de trás do recinto murado do hotel com a *plage* Lalla Meriem, a principal praia pública de Casablanca. Vestido com um fato escuro apesar do calor do meio da tarde, observou como as mulheres (a inglesa alta que tinha visto várias vezes anteriormente e uma francesa de semblante antipático) atravessavam a areia escura e lisa até à beira-mar. A inglesa vestia um vaporoso páreo de flores preso à cintura estreita e uma *t-shirt* translúcida. A francesa, pelo contrário, usava um vestido de algodão ligeiramente mais recatado. Os rapazes da praia aproximaram-se delas de imediato. Colocaram duas espreguiçadeiras na linha do mar e abriram dois guarda-sóis para protegê-las do sol que era forte. A inglesa pediu alguma coisa para beber e, quando lhes levaram os copos, deu uma gorjeta excessiva aos empregados. Apesar das suas visitas frequentes a Marrocos, ignorava o valor do dinheiro marroquino. Por esse motivo, e por outros, os rapazes rivalizavam pela mordomia de a servir.

O segurança retomou o jogo que estava a jogar no seu telemóvel; os rapazes da praia regressaram à sombra da sua barraca. Natalie tirou o vestido e colocou-o sobre o seu saco de praia Vuitton. Olivia despiu o páreo e tirou a *t-shirt*. Depois estendeu o seu longo corpo na espreguiçadeira e virou a sua cara perfeita para o sol.

— Não gostas muito de mim, pois não?

— Estava só a representar um papel.

— Pois fizeste-o muito bem.

Natalie adotou a mesma postura que Olivia e fechou os olhos ao sol.

— A verdade é — disse passado um momento — que não mereces que te trate assim. Eras simplesmente um meio para atingir um fim.

— E o Jean-Luc?

— Ele também é um meio para atingir um fim. E, para o caso de queres saber, não vou com a cara dele.

— Então, *gostas* de mim? — perguntou Olivia num tom divertido.

— Um bocadinho — reconheceu Natalie.

Dois marroquinos musculados de vinte e poucos anos passaram à frente delas, com a água pelos tornozelos, a conversar em *darija*. Ao ouvi-los, Natalie sorriu.

— Estão a falar de ti — disse.

— Como é que sabes?

Natalie abriu os olhos e olhou-a inexpressivamente.

— Falas marroquino?

— O marroquino não é um idioma, Olivia. De facto, aqui falam três línguas diferentes. Francês, berbere e...

— Talvez isto tenha sido um erro — atalhou Olivia.

Natalie sorriu.

— Porque é que falas árabe?

— Os meus pais são argelinos.

— Então, és árabe?

— Não — respondeu Natalie. — Não sou.

— Afinal, o Jean-Luc tinha razão. Quando saímos da vossa *villa* naquela tarde disse que...

— Que parecia uma judia de Marselha.

— Como é que sabes?

— O que é que achas?

— Estavam a ouvir?

— Estamos sempre a ouvir.

Olivia besuntou óleo nos ombros.

— O que é que aqueles marroquinos estavam a dizer sobre mim?

— É difícil de traduzir.

— Imagino.

— Calculo que estejas acostumada.

— Tal como tu. És muito bonita.

— Para uma judia de Marselha.

— És?

— Era há muito tempo — afirmou Natalie. — Já não.

— Era assim tão mau?

— Ser judeu em França? Sim, era muito mau.

— Foi por isso que te tornaste espia?

— Eu não sou espia. Sou a Sophie Antonov, a tua amiga do outro lado da baía. O meu marido tem negócios com o teu namorado. Têm entre mãos algum assunto aqui, em Casablanca, do qual preferem não falar.

— O meu *namorado* — disse Olivia. — O Jean-Luc não gosta que digam que é o meu namorado.

— Porquê? Há algum problema?

— Entre mim e o Jean-Luc?

Natalie fez um gesto afirmativo.

— Achava que estavam sempre a ouvir.

— E assim é. Mas tu conhece-lo melhor do que ninguém.
— Não estou muito certa disso. Mas não — respondeu Olivia —, não parece suspeitar que fui eu quem o traiu.

— Não o *traíste*...

— Como é que o descreverias então?

— Fizeste o correto.

— Para variar — concluiu Olivia.

Os dois marroquinos musculados estavam de volta. Um deles olhou para Olivia com descaramento.

— Pensas dizer-me o que é que estamos aqui a fazer? — perguntou ela.

— Quanto menos souberes — respondeu Natalie —, melhor.

— É assim que funcionam as coisas no teu ofício?

— Sim.

— Estou em perigo?

— Isso depende de tirares mais roupa ou não.

— Tenho o direito de saber.

Natalie não respondeu.

— Imagino que tem alguma coisa a ver com aqueles carregamentos de haxixe que a polícia confiscou.

— Que haxixe?

— Não importa.

— Exato — afirmou Natalie. — Qualquer coisa que te diga, fará com que seja mais difícil cumprires o teu papel.

— E qual é o meu papel?

— O de par amoroso do Jean-Luc Martel que ignora de onde procede o seu dinheiro.

— Procede dos seus hotéis e restaurantes.

— E da sua galeria de arte — assinalou Natalie.

— A galeria é minha. Aí vem um dos teus amigos — disse Olivia num tom sonolento.

Natalie levantou o olhar e viu que Dina caminhava parcimoniosamente para elas pela beira-mar.

— Parece triste — comentou Olivia.

— Tem motivos para isso.

— O que é que lhe aconteceu à perna?

— Isso não importa.

— Queres dizer que não é nada comigo?

— Tentava ser simpática.

— Que novidade. — Olivia levou uma mão à testa para se proteger do sol. — Tem graça: parece que traz um saco igual ao teu.

— A sério? — Natalie sorriu. — Que coincidência, não achas?

O segurança encarregava-se de vigiar qualquer transeunte que passasse pela praia, não se fosse repetir o trágico incidente que aconteceu na Tunísia em 2015, quando um terrorista salafista tirou um fuzil de assalto do seu guarda-sol e matou trinta e oito hóspedes de um hotel de cinco estrelas, na sua maioria súbditos britânicos. Não obstante, pouco podia fazer o guarda no caso de se repetirem as mesmas circunstâncias. Não estava armado; tinha apenas um rádio. Em caso de atentado, devia fazer soar o alarme e fazer «tudo o que estivesse ao seu alcance» para neutralizar o atacante ou os atacantes. Ou seja, com toda a probabilidade perderia a vida a tentar proteger um grupo de ocidentais ricos seminus. Não era bem assim que queria morrer. Mas em Casablanca não havia muito trabalho, sobretudo para os filhos dos *bidonvilles*. E era preferível montar guarda na praia do que vender fruta com um carrinho na medina. Sabia-o por experiência própria.

A tarde tinha sido pacata, inclusivamente para agosto, e o guarda concentrou toda a sua atenção na mulher que se aproximava a oeste, onde ficavam o Tahiti e os outros clubes da praia. Era baixinha e de cabelo escuro e, ao contrário da maioria das ocidentais que visitava a praia, ia discretamente vestida. Tinha um verdadeiro ar de melancolia, como tivesse enviuvado há pouco. Trazia um saco de praia pendurado no ombro direito. Louis Vuitton, um modelo muito na moda naquele verão. O guarda perguntou-se se tinha consciência de que aquele saco custava mais dinheiro do que muitos marroquinos veriam em toda a sua vida.

Precisamente nesse momento, uma das mulheres deitadas perto da margem, a francesa antipática, cumprimentou-a levantando o braço. A mulher de aspeto melancólico aproximou-se e sentou-se na beira da sua espreguiçadeira. Os rapazes da praia ofereceram-se para lhe levar outra espreguiçadeira, mas ela disse que não. Evidentemente, não pensava ficar muito tempo. A inglesa alta e bonita parecia incomodada com a interrupção. Aborrecida, olhava desastrosamente para o mar enquanto a francesa e a recém-chegada falavam com ar de confiança e fumavam uns cigarros que a francesa tinha tirado do seu saco, também um Louis Vuitton; o mesmo modelo, de facto.

Passado um momento, a mulher de aspeto triste levantou-se para se ir embora. A francesa, que tinha voltado a pôr o vestido, acompanhou-a uns cem metros pela beira-mar. Depois abraçaram-se e cada uma seguiu o seu caminho: a mulher melancólica regressou para os clubes da praia e a francesa regressou para a sua espreguiçadeira. Trocou umas palavras com a inglesa alta e bela. Depois, a inglesa levantou-se e prendeu o páreo à cintura. Para deleite do guarda, não se incomodou a vestir a *t-shirt* translúcida. A visão do seu corpo perfeito distraiu-o a tal ponto que só deu uma olhadela aos sacos de praia

quando, um momento depois, passaram pela porta e regressaram ao recinto do hotel.

Juntas entraram no elevador e subiram para o quarto piso, onde lhes franquearam a entrada para os três quartos convertidos num só. A alta e bela inglesa entrou na suíte que partilhava com Monsieur Martel. De imediato, ele atraiu-a para si e sussurrou-lhe algo ao ouvido que a francesa não conseguiu ouvir. Mas pouco importava: na Casa dos Espiões estariam a ouvir. Estavam sempre a ouvir.

CASABLANCA, MARROCOS

Naquela noite, não recebeu qualquer mensagem de Mohammad Bakkar ou dos seus subordinados, e na manhã seguinte também não. Na Avenida Rei Saul e em Langley, e em todos os pontos intermédios, os ânimos exaltaram-se. Até Paul Rousseau, no seu refúgio na parte mais profunda da sede da DGSI em Levallois-Perret, começou a ter as suas dúvidas. Temia que tivesse havido alguma fuga de informação e que a operação estivesse a meter água. O culpado era, sem dúvida, o seu estranho colaborador: o agente que tinha chantageado e recrutado sem permissão do seu chefe, nem do ministro. O agente a quem tinha dado total imunidade. Os jovens e hostis colaboradores de Morris Payne, o diretor da CIA, partilhavam o pessimismo de Rousseau. Mas, ao contrário do francês, não estavam dispostos a esperar indefinidamente que o telefone tocasse. Eram militares de carreira, mais do que espões, e preferiam abrir fogo diretamente contra o inimigo. Payne, ao que parece, era da mesma opinião. Convocou Adrian Carter para uma reunião no seu escritório e expôs-lhe claramente o seu ponto de vista. Carter encarregou-se de transmitir a mensagem a Gabriel através de uma videoconferência segura do Centro Nacional de Antiterrorismo da CIA. Gabriel, por sua vez, estava no centro de operações montado na Casa dos Espões.

— Nada de alaridos — disse.

— O que é que queres dizer?

— O Mohammad Bakkar é a estrela da companhia. E a estrela da companhia é quem marca a hora e o lugar do encontro.

— Até uma estrela precisa de um bom conselho, de vez em quando.

— Isso não corresponde à forma como a relação tem funcionado até agora. Se mandar o Martel tomar a iniciativa, o Bakkar vai perceber que se passa algo de estranho.

— Pode ser que já saiba.

— Ligar-lhe não vai mudar isso.

— Os chefes acham que poderia resolver a situação num sentido ou noutro.

— Ah, sim?

— E a Casa Branca...

— Desde quando é que a Casa Branca está metida nisto?
— Desde o princípio. Segundo parece, o presidente está muito atento ao assunto.

— Que reconfortante. E exatamente quantas pessoas é que sabem disto em Washington, Adrian?

— É difícil saber. — Carter franziu a testa. — O que é este barulho?

— Não é nada.

— Parece alguém a rezar.

— E é, efetivamente.

— Quem?

— O Tarek e o Hamid. Tentam afugentar os *jinns*.

— O quê?

— Os *jinns* — repetiu Gabriel.

— Eu prefiro o gim com lima e um pouco de tônica.

Gabriel perguntou-lhe pelos dois drones que Morris Payne tinha atribuído à operação. Um era um drone de vigilância Sentinel. O outro, um Predator. Carter explicou-lhe que o Sentinel já estava na zona e podia sobrevoar Marrocos assim que Gabriel tivesse um alvo claro. O Predator, armado com dois mortíferos mísseis Hellfire, estava numa base próxima, pronto para entrar em ação. A CIA não tinha autoridade para lançar um ataque em Marrocos. Só o presidente podia dar essa ordem, e até nesse caso — afirmou Carter — seria o último recurso.

— Os marroquinos vão ficar furiosos — disse.

— Quanto tempo demorará o Predator a estar em situação de disparar?

— Depende da localização do alvo. Duas horas, no mínimo.

— Duas horas é muito.

— Não são os felinos mais velozes da selva. Mas nada disto faz sentido — disse Carter — enquanto o Mohammad Bakkar não convocar o teu rapaz para uma reunião.

— Vai ligar — afirmou Gabriel, e cortou a ligação.

No entanto, no fundo não tinha tanta certeza. E quando passou o meio-dia sem que tivesse notícias, sucumbiu momentaneamente ao pessimismo que se tinha apoderado dos seus colegas de Paris e de Washington. Distraiu-se a conduzir as suas personagens: os Antonov e os seus amigos, o Jean-Luc Martel e a Olivia Watson. Mandou Martel e Mikhail às redondezas de Casablanca à procura de possíveis localizações para um novo hotel que a JLM Enterprises não tinha intenção de construir e despachou Natalie e Olivia para o gigantesco Morocco Mall, onde, munidas dos cartões de crédito de Martel, invadiram várias lojas exclusivas. Almoçaram depois com Christopher Keller no *quartier* Gauthier. O britânico não viu indícios de vigilância, nem da DST marroquina, nem de qualquer outro tipo. Eli Lavon, que

seguiu Martel e Mikhail durante a sua saída à procura de supostos terrenos para construir, informou que também não tinha detetado qualquer sinal de que os estivessem a vigiar.

A meio da tarde, enquanto o pessimismo de Gabriel se agudizava, houve outra crise relativa aos *jinn*s. Hamid tinha encontrado aberta a janela de um quarto (o de Dina, mais especificamente) e temia que vários demónios novos se tivessem esgueirado para o interior da casa. Apoiado por Yaakov, propôs de novo a possibilidade de um exorcismo. Conhecia um homem do seu *bidonville* que trataria disso por um preço módico, com o sacrifício de cabra incluído. Gabriel negou-se: continuaram a encomendar sal, sangue e leite com a esperança de que tudo se resolvesse. Hamid, evidentemente, duvidava disso.

— Como queira — disse, muito sério. — Mas temo que isto vá acabar mal. Para todos.

Às cinco da tarde, até Gabriel estava convencido de que a Casa dos Espiões estava assombrada e de que Aisha e os seus ferozes amigos conspiravam contra ele. Mandou Natalie e Olivia à praia para apanharem sol e saiu para dar um passeio sozinho (sem escoltas, nem armas) pelas arcadas sujas da cidade velha. Vagueou sem rumo, atravessando praças cheias de gente e avenidas congestionadas pelo tráfego vespertino, até que encontrou um café cujos clientes vestiam na sua maioria roupa ocidental. Sentados a uma mesa no recanto mais escuro do local havia três americanos: dois rapazes e uma rapariga.

Pediu em francês um *café noir*. Então percebeu que não tinha dinheiro marroquino. Mas não importava: o empregado aceitou, encantado, os seus euros. Lá fora, o estrépito da rua era opressivo. Abafava o som da televisão que havia por cima do balcão e a tranquila conversa dos três americanos. Então, às seis horas e doze minutos, sufocou a vibração do telemóvel de Gabriel. Leu a mensagem, um momento depois, e sorriu. Ao que parece, Mohammad Bakkar queria falar com Jean-Luc Martel em Fez na tarde do dia seguinte.

Antes de voltar a guardar o telemóvel no bolso, enviou uma breve mensagem a Adrian Carter para Langley. Pediu depois outro café e bebeu-o como se dispusesse de todo o tempo do mundo.

FEZ, MARROCOS

No dia seguinte, minutos antes do meio-dia, Christopher Keller estava à entrada do hotel, a ver como os porteiros carregavam a bagagem para os carros. Martel saiu pouco tempo depois, seguido por Mikhail, Natalie e Olivia. Tinha na mão a fatura do hotel, que entregou a Keller.

— Dê-a aos seus chefes. E diga-lhes que espero que me reembolsem até ao último cêntimo.

— Vou já tratar disso.

Keller atirou a fatura para o lixo e entrou para a parte de trás do primeiro *Mercedes*. Martel juntou-se a ele, enquanto os outros entravam para o outro carro. Seguiram pela costa e, ao chegarem a Rabat, viraram para o interior atravessando plantações de sobreiros até chegarem aos sopés do Médio Atlas. Na primavera, os montes estariam abençoados pelas chuvas e pelo gelo derretido, mas em pleno verão eram castanhos e secos. As ladeiras estavam cheias de oliveiras, e pelas planícies estendiam-se campos de regadio. Martel olhava distraidamente pela janela, enquanto Keller controlava o fluxo de *e-mails*, mensagens de texto e telefonemas do telemóvel do francês. Com a ajuda de Martel, despachou os assuntos que requeriam atenção urgente. Ignorou os outros. Até Jean-Luc Martel, disse a si próprio, precisava de um dia livre de vez em quando.

Seguindo as instruções de Gabriel, pararam para comer em Mequinez, a mais pequena das quatro antigas cidades imperiais de Marrocos. Aí, Eli Lavon chegou à conclusão de que um indivíduo de trinta e poucos anos, com ar de marroquino, com óculos de sol e boné americano os estava a vigiar. Depois de almoçarem, o mesmo indivíduo seguiu-os até às ruínas romanas de Volubilis, que percorreram debaixo do sol abrasador da tarde. Lavon tirou uma fotografia ao homem, enquanto fingia admirar o arco triunfal e enviou-a para o esconderijo de Gabriel, em Casablanca. Gabriel, por sua vez, reenviou-a para Christopher Keller, que a mostrou a Martel quando voltaram para o carro.

— Reconhece-o?

— Talvez.

— O que é que quer dizer com isso?
— Quero dizer que talvez o tenha visto antes.
— Onde?
— No encontro de Rife, em dezembro do ano passado. Após os atentados de Washington.

— Com quem é que estava? Com o Bakkar?
— Não. Estava com o Khalil.

Perto das seis chegaram à Ville Nouvelle de Fez, a parte moderna da cidade, onde a maioria dos seus habitantes preferia viver. O hotel deles, o Palais Faraj, ficava perto da antiga medina. Era um labirinto de azulejos coloridos e frescos e passagens sombrias. O proprietário cedeu automaticamente a suíte real a Martel e Olivia. Keller ficaria num quarto contíguo de dimensões mais modestas, e Mikhail e Natalie um pouco mais à frente, no mesmo corredor. Levaram Olivia a dar um passeio pelos *souks* da medina, enquanto Martel e Keller esperavam que o telefone tocasse sentados no terraço privado da suíte real. O ar estava quente e parado. Dos curtumes próximos chegava-lhes um leve cheiro de ferrugem e fumo de lenha.

— Quanto tempo é que nos vai fazer esperar? — perguntou Keller.

— Depende.

— De quê?

— Do seu humor, imagino. Às vezes, liga logo. E às vezes...

— O quê?

— Muda de ideias.

— Sabe que estamos aqui?

— O Mohammad Bakkar — afirmou Martel — sabe tudo.

Passados vinte minutos sem que recebessem um telefonema ou uma mensagem, o francês levantou-se bruscamente.

— Preciso de um copo.

— Peça algo ao serviço de quartos.

— Há um bar lá em cima — disse Martel e, antes que Keller se opusesse, dirigiu-se à porta.

Lá fora, no *hall*, carregou no botão do elevador e, como não apareceu de imediato, subiu pelas escadas. O bar, pequeno e escuro, ficava no último piso e de lá dominavam-se as cúpulas da medina. Martel pediu a garrafa de Chablis mais cara da carta de vinhos. Keller, só um café.

— De certeza que não quer um pouco? — perguntou Martel, enquanto admirava um copo de vinho à luz do sol.

Keller respondeu que preferia um café.

— Não bebe quando está de serviço?

— Algo do género.

— Não sei como é que consegue. Está há dias sem dormir. Imagino que uma pessoa acaba por se acostumar quando se dedica ao seu

ofício — acrescentou o francês pensativamente. — À espionagem, quero dizer.

Keller lançou uma olhadela ao *barman*. Não havia mais ninguém no local.

— Foi sempre um espião? — insistiu Martel.

— E você? Foi sempre um narcotraficante?

— Eu *nunca* fui narcotraficante.

— Ah, sim — disse Keller. — Laranjas.

Martel observou-o atentamente por cima da borda do copo de vinho.

— Tenho a impressão de que passou uma boa temporada no exército.

— Não tenho jeito para militar. Nunca gostei de ordens. E não gosto de trabalhar em equipa.

— Então pode ser que seja um militar especial. Do SAS, por exemplo. Ou deveria dizer do Regimento? Não é assim que os seus camaradas lhe chamam?

— Ignoro.

— Que estupidez — replicou Martel bruscamente.

A sorrir para o *barman* marroquino, Keller olhou pela janela. A escuridão começava a acomodar-se sobre a medina, mas nos cumes mais altos das montanhas ainda restava um laivo de luz rosada.

— Deveria ter mais cuidado, Jean-Luc. O rapaz do balcão poderia ofender-se.

— Conheço os marroquinos melhor do que você. E reconheço um ex-membro do SAS quando o vejo. Todas as noites, algum inglês rico chega a um dos meus hotéis ou restaurantes, acompanhado pela sua escolta privada. E são sempre veteranos do SAS. Suponho que é melhor dedicar-se à espionagem do que ser lacaios de algum executivo britânico com vontade de ser arrogante.

Naquele momento, Yossi Gavish e Rimona Stern entraram no bar e sentaram-se a uma mesa, do outro lado do local.

— Os seus amigos de Saint-Tropez — comentou Martel. — Convidamo-los a juntarem-se a nós?

— Voltemos para baixo com a garrafa.

— Ainda não — respondeu Martel. — Sempre gostei desta vista ao entardecer. Este lugar é Património da Humanidade, sabia? E, no entanto, grande parte das pessoas que vivem aqui em baixo venderia de boa vontade o seu ruinoso *riad* ou a sua *dar* a algum ocidental para comprar um bonito e limpo apartamentozinho na Ville Nouvelle. É uma pena, na verdade. Não sabem o que têm. Às vezes, o velho é muito melhor do que o novo.

— Poupe-se a filosofia barata — afirmou Keller com um ar aborrecido.

Rimona estava a rir-se de algo que Yossi tinha dito. Keller deu uma vista de olhos às últimas mensagens e aos *e-mails* que Martel tinha recebido, enquanto este continuava a contemplar o pôr-do-sol na medina.

— Fala muito bem francês — comentou Martel, ao fim de um momento.

— Não sabe quanto isso significa para mim, Jean-Luc.

— Onde é que aprendeu?

— A minha mãe era francesa. Passei muito tempo em França em criança.

— Onde?

— Na Normandia, sobretudo, mas também em Paris e no sul.

— Em todo o lado, menos na Córsega.

Houve um silêncio. Foi Martel quem o quebrou.

— Há muitos anos, quando ainda vivia em Marselha, corria o rumor de que havia um inglês que trabalhava como assassino para o clã dos Orsati. Tinha pertencido ao SAS, ou era o que se dizia. Pelos vistos, era um desertor. — Martel fez uma pausa e depois acrescentou: — Um cobarde.

— Parece o argumento de uma história de espões.

— Às vezes, a realidade supera a ficção. — Martel olhou-o fixamente. — Como sabiam sobre o René Devereaux?

— O Devereaux conhece toda a gente.

— A voz dessa gravação era a sua.

— Ah, sim?

— Não consigo sequer imaginar as coisas que teve de lhe fazer para conseguir que falasse. Mas devem ter também outra fonte — acrescentou o francês. — Alguém que conhecia a minha ligação ao René. Alguém muito próximo de mim.

— Não precisávamos de uma fonte. Ouvíamos os seus telefonemas e líamos os seus *e-mails*.

— Não houve qualquer telefonema ou *e-mail*. — Martel sorriu com frieza. — Imagino que só precisaram de um pouco de dinheiro. Também foi assim que eu a consegui. A Olivia adora dinheiro.

— A Olivia não tem nada a ver com isto.

O ceticismo de Martel era evidente.

— Pode ficar com eles?

— A que é que se refere?

— Aos cinquenta milhões que lhe deram por aqueles quadros. Aos cinquenta milhões que lhe pagaram para que me traísse.

— Beba o seu vinho, Jean-Luc. Desfrute da paisagem.

— Cinquenta milhões é muito dinheiro — prosseguiu Martel. — O tal iraquiano chamado Khalil deve ser muito importante.

— É.

- E se mostrar a cara? O que acontecerá então?
- O mesmo que acontecerá consigo se tocar num cabelo da Olivia
- replicou Keller com a voz calma.
A ameaça não pareceu afetar o francês.
- Talvez alguém deva atender — disse.
- Keller olhou para o telefone, que vibrava sobre a mesa baixa, entre eles os dois. Deitou uma vista de olhos ao número e passou o telemóvel a Martel. A conversa muito breve decorreu numa mistura de francês e árabe marroquino. Depois, Martel desligou a chamada e entregou o telemóvel.
- E então? — perguntou Keller.
- O Mohammad mudou de planos.
- Quando é que se vão ver?
- Amanhã à noite. E não me quer ver só a mim — disse Martel. — Estamos todos convidados.

CASABLANCA, MARROCOS

Christopher Keller não era o único que vigiava o telefone de Jean-Luc Martel. No esconderijo em Casablanca, Gabriel também não o perdia de vista. Ouviu o fluxo constante de chamadas a chegar ao longo dessa tarde e leu as numerosas mensagens e *e-mails* que o francês recebeu. E às sete e um quarto ouviu as poucas palavras da conversa entre Martel e um homem que não se incomodou a apresentar-se. Ouviu a gravação mais três vezes de princípio ao fim e, de seguida, procurou o minuto 19:16:13 e carregou no ícone de *play*.

— *O Mohammad e o seu sócio gostariam de conhecer os seus amigos. Mais especificamente um deles.*

— *Qual?*

— *O alto. O que é casado com aquela francesa tão bonita e que tem dinheiro aos pontapés. É russo, não é? Traficante de armas?*

— *De onde é que tirou essa informação?*

— *Isso não importa.*

— *Porque é que querem conhecê-lo?*

— *Para lhe propor um negócio. Acha que o seu amigo pode estar interessado? Diga-lhe que vale a pena.*

Gabriel carregou na pausa e olhou para Yaakov Rossman.

— Como é que achas que o Mohammad Bakkar e o sócio dele souberam o que faz na realidade o Dmitri Antonov?

— Pode ser que tenham ouvido os mesmos rumores que o Jean-Luc Martel ouviu. Os que espalhámos como migalhas de pão entre Londres e Nova Iorque, passando pelo sul de França.

— E esse negócio que lhe querem propor?

— Duvido que esteja relacionado com o haxixe.

— Ou com as laranjas — acrescentou Gabriel. Depois disse: — Tenho a sensação de que quem quer mesmo conhecer o Dmitri Antonov é o sócio do Mohammad. Mas para quê?

— Podemos assumir que o hipotético sócio de Mohammad é o Saladino?

— De acordo.

— Pode ser que queira comprar armas. Ou se calhar quer material radiológico de origem russa para substituir o *stock* que perdeu quando

capturaram o barco.

— Ou pode ser que queira matá-lo. — Gabriel fez uma pausa e acrescentou: — A ele e à sua esposa, aquela francesa tão bonita.

Carregou no *play*.

— *Onde?*

— *Vão de carro para o sul, até Erfoud e...*

— *Erfoud? Isso fica...*

— *A sete horas nesta época do ano, talvez menos. O Mohammad preparou-vos dois jipes. Aqueles Mercedes deles não vos servirão de nada para onde vão.*

— *E onde é que isso fica?*

— *É um acampamento no Saara. Bastante luxuoso. Chegarão ao pôr-do-sol. O pessoal irá preparar-vos o jantar. É um lugar muito marroquino, muito tradicional. Muito agradável. O Mohammad chegará quando tiver anoitecido.*

Gabriel parou a gravação.

— Um acampamento à beira do Saara. Muito tradicional, muito agradável.

— E muito isolado — comentou Yaakov.

— Pode ser que isso seja o que o Saladino quer.

— Achas que nos traíram?

— A mim pagam-me para me preocupar, Yaakov.

— Algum suspeito?

— Só um.

Gabriel abriu outro arquivo de áudio no seu computador e depois de ajustar o tempo carregou no *play*.

— *Fala muito bem francês.*

— *Não sabe quanto isso significa para mim, Jean-Luc.*

— *Onde é que aprendeu?*

— *A minha mãe era francesa. Passei muito tempo em França em criança.*

— *Onde?*

— *Na Normandia, sobretudo, mas também em Paris e no sul.*

— *Em todo o lado, menos na Córsega.*

Gabriel carregou na pausa.

— Em algum momento, tinha de perceber — disse Yaakov. — Procedem do mesmo modo. São duas caras da mesma moeda.

— O Keller nunca esteve metido no narcotráfico.

— Não — anuiu Yaakov com sarcasmo. — Só ganhava a vida a matar pessoas.

— Eu acredito na redenção.

— Não me surpreende.

Gabriel franziu a testa e carregou de novo no *play*.

— *Mas devem ter também outra fonte. Alguém que conhecia a minha*

ligação ao René. Alguém muito próximo de mim.

— *Não precisávamos de uma fonte. Ouvíamos os seus telefonemas e líamos os seus e-mails.*

— *Não houve qualquer telefonema ou e-mail. — Martel sorriu com frieza. — Imagino que só precisaram de um pouco de dinheiro. Também foi assim que eu a consegui. A Olivia adora dinheiro.*

Gabriel parou a gravação.

— Também era lógico que se apercebesse disto em algum momento — comentou Yaakov.

Na Casa dos Espiões fez-se silêncio. Os ocupantes da suíte real do Palais Faraj, pelo contrário, discutiam sobre se deviam jantar no hotel ou num restaurante da medina. Falavam disso ao estilo dos milionários aborrecidos. A atuação deles era tão convincente, que até Gabriel, que tinha criado as personagens, não soube se se tratava de uma discussão autêntica ou a fingir para despistar a DST marroquina, que, sem dúvida, também os estava a ouvir.

— Pode ser que tenhamos perdido o Martel — disse Gabriel, por fim. — Quem sabe? É possível que nunca o tenhamos tido em nosso poder.

— São outra vez os *jinn*s que falam pela tua boca?

Gabriel não disse nada.

— Tem estado debaixo do nosso controlo desde que lhe estendemos a armadilha. Vigilância absoluta. Física, eletrónica e virtual. O Keller praticamente dormiu no seu quarto. É nosso de corpo e alma.

— Pode ser que nos tenha escapado alguma coisa.

— Como por exemplo?

— Uma sequência concreta de zumbidos do telefone ou algum código impessoal ao qual não demos importância.

— Com jornal ou sem ele? Com guarda-chuva ou sem?

— Exato.

— Já ninguém lê jornais, e em Marrocos não chove nesta época do ano. Para além disso — acrescentou Yaakov —, se o Mohammad Bakkar achasse que o Martel passou para o outro lado, não teria pedido para vê-lo.

Em Fez, a discussão a respeito do jantar tinha adquirido contornos verdadeiramente azedos. Exasperado, Gabriel arrumou a questão enviando uma mensagem de texto a Mikhail. JLM e os seus acompanhantes jantaram no hotel nessa noite.

— Boa ideia — comentou Yaakov. — Convém que esta noite vão cedo para a cama. Amanhã será um dia muito longo.

Gabriel ficou calado.

— Não estarás a pensar em abortar a operação, pois não?

— Claro que sim.

— Chegámos muito longe — reclamou Yaakov. — Manda-os ao

acampamento, que se reúnam com eles. Identifica o Saladino, dá o aviso. E, quando se for embora, deixa que os americanos lancem um míssil e os convertam numa nuvenzinha de fumo.

— Dito assim parece muito simples.

— É. Os americanos fazem-no diariamente.

Gabriel ficou em silêncio, de novo.

— O que é que vais fazer? — perguntou Yaakov.

Gabriel carregou no *play*.

Chegarão ao pôr-do-sol. O pessoal irá preparar-vos o jantar. É um lugar muito marroquino, muito tradicional. Muito agradável. O Mohammad chegará quando tiver anoitecido...

FEZ, MARROCOS

Natalie acordou com as almofadas empapadas em suor, cega pelo sol. A pestanejar, contemplou o pedaço de céu que se via da sua janela e, por um instante, não soube onde estava. Encontrava-se em Fez, em Casablanca ou em Saint-Tropez? Ou estava de novo naquele casarão repleto de pátios e quartos, perto de Mossul? *Tu és o meu Maimónides...* Virou-se e esticou a mão para a fita da persiana, mas não a alcançou. A metade da cama que Mikhail ocupava ainda estava na penumbra. Ele dormia tranquilamente, com o tronco descoberto.

Natalie fechou os olhos com força para fugir à luz do sol e tentou reunir os fragmentos do seu último sonho daquela manhã. Ia a caminhar por um jardim povoado de ruínas: ruínas romanas, tinha a certeza disso. Não eram as ruínas de Volubilis que tinham visitado na véspera, mas as de Palmira, na Síria. Também tinha a certeza disso. Era uma das poucas ocidentais que tinham visitado Palmira após a sua captura por parte do Estado Islâmico, e tinha visto com os seus próprios olhos os destroços que os combatentes sagrados do ISIS tinham causado nas ruínas. Tinha-as percorrido ao luar, acompanhada por um jihadista egípcio chamado Ismail que estava a receber treino no mesmo campo do que ela. Mas, no sonho, era outro homem que ia a seu lado. Um homem alto e corpulento que coxeava levemente. Um objeto indefinido, grotesco e grande, ia pendurado na sua mão direita. Só agora, no meio da neblina quente da manhã, Natalie compreendeu que aquela coisa era a sua cabeça.

Sentou-se devagar na cama para não acordar Mikhail e apoiou os pés no chão despido. O piso parecia que tinha saído do forno. Por um instante, sentiu náuseas. Deduziu que o sonho a tinha posto doente. Ou talvez fosse alguma coisa que tivesse comido, alguma iguaria marroquina que não lhe tinha caído bem.

Fosse como fosse, correu para a casa de banho para vomitar. Depois, começou a sentir os primeiros assaltos de uma forte enxaqueca. Logo hoje, disse a si própria. Tomou dois analgésicos com um gole de água da torneira e passou uns minutos debaixo da água fresca do duche. Depois, embrulhada num roupão fino, entrou na salinha de estar e preparou uma chávena de café bem forte na máquina Nespresso. O

tabaco da Madame Sophie parecia chamá-la da mesa. Fumou um cigarro só para manter a fachada, ou pelo menos foi o que disse a si própria. Não conseguiu aliviar a dor de cabeça.

És muito corajosa, Maimónides. Demasiado corajosa do que te convém...

Oxalá fosse verdade, pensou. Quantas pessoas estariam vivas se tivesse tido a coragem de deixá-lo morrer? Washington, Londres, Paris, Amesterdão, Antuérpia, e todas as outras cidades. Sim, os americanos queriam apanhá-lo. Mas ela também.

Entrou no quarto de vestir. A roupa que ia usar naquele dia estava dobrada num armário. Para além disso, as suas malas estavam feitas. Tal como as de Mikhail. As etiquetas revelavam um fabrico luxuoso, mas as malas, tal como o próprio Dmitri Antonov, eram falsas. A mala mais pequena tinha um fundo falso. Dentro do compartimento escondido havia uma *Beretta 92FS*, dois carregadores cheios de projéteis de nove milímetros e um silenciador.

Depois de aceitar trabalhar para a Departamento, Mikhail mostrara-lhe como carregar e descarregar uma arma. Agora, agachada no chão do quarto de vestir, colocou rapidamente o silenciador no extremo do canhão, introduziu um dos carregadores na coronha e carregou a primeira bala. Levantou depois a arma segurando-a com as duas mãos como Mikhail lhe ensinara e apontou para o homem que segurava a sua cabeça na mão.

Vá lá, Maimónides, faz de mim um mentiroso...

— O que é que estás a fazer? — perguntou uma voz atrás dela.

Natalie virou-se sobressaltada e apontou para o peito de Mikhail. Tinha a respiração agitada e a coronha da *Beretta* húmida entre as mãos trémulas. Mikhail aproximou-se lenta e suavemente, baixou o canhão da pistola para o chão. Natalie largou as mãos e observou como devolvia a pistola ao seu estado original e a depositava no compartimento secreto da mala.

Levantando-se, Mikhail pôs-lhe um dedo sobre os lábios e apontou para o teto para lhe indicar que podia haver microfones da DST. Depois conduziu-a para fora, para o terraço, e abraçou-a.

— Quem és? — sussurrou-lhe ao ouvido em inglês com uma pronúncia russa.

— Sou a Sophie Antonov — respondeu ela mansamente.

— O que é que estás a fazer em Marrocos?

— O meu marido está a tratar de negócios com o Jean-Luc Martel.

— O que é que o teu marido faz?

— Antes, os minerais. Agora, os investimentos.

— E o Jean-Luc Martel?

Natalie não respondeu. De repente, tinha frio.

— Queres explicar-me o que se passou?

— Pesadelos.

— Que tipo de pesadelos?

Natalie contou-lhe.

— Era só um sonho.

— Esteve prestes a acontecer, uma vez.

— Não voltará a acontecer.

— Não sabes isso — disse ela. — Não sabes como ele é inteligente.

— Nós somos mais.

— A sério?

Fez-se um silêncio.

— Manda uma mensagem ao posto de comando — sussurrou-lhe Natalie, por fim. — Diz-lhes que não posso ir. Que não me posso aproximar dele. Tenho medo de deitar toda a operação por terra.

— Não — respondeu Mikhail. — Não vou mandar nenhuma mensagem.

— Porquê?

— Porque tu és a única que o consegue identificar.

— Tu também o viste. No restaurante de Georgetown.

— A verdade — afirmou Mikhail — é que tentei não olhar para ele. Mal me lembro da cara dele.

— E a gravação das câmaras de segurança do Four Seasons?

— Não é muito boa.

— Não consigo estar na presença dele — disse Natalie passado um bocado. — Vai-me reconhecer. Porque é que não me havia de reconhecer? Fui eu quem salvou a vida daquele miserável.

— Sim — disse Mikhail. — E agora vais ajudar-nos a matá-lo.

Voltou a levá-la para a cama e fez os possíveis para ajudá-la a esquecer o pesadelo. Depois, tomaram um duche juntos e vestiram-se. Natalie passou um longo momento a pentear-se ao espelho.

— O que é que pareço? — perguntou.

— Uma judia de Marselha — respondeu Mikhail com um sorriso.

Lá em cima, o pessoal do hotel estava a levantar o *buffet* do pequeno-almoço. Enquanto tomavam café e pão, Mikhail leu os jornais da manhã no seu *tablet*, enquanto Natalie, fingindo um aborrecimento que não sentia, contemplava o decrepito caos da medina. Por fim, pouco antes das onze, desceram para o *hall*, onde Martel e Christopher Keller estavam a pagar a conta. Olivia estava lá fora, vendo como os porteiros metiam a bagagem nos carros.

— Dormiste bem? — perguntou.

— Melhor do que nunca — respondeu Natalie.

Entrou na parte de trás do segundo carro e ocupou o seu lugar junto da janela. Uma cara que não reconhecia devolvia-lhe o olhar através

do vidro.

Maimónides... É tão bom voltar a ver-te...

LANGLEY, VIRGÍNIA

O Centro Nacional de Antiterrorismo da CIA (NCTC) tinha estado em tempos localizado numa só sala do corredor F do quinto piso do quartel-general da Agência. Com os seus ecrãs de televisão, os seus telefones barulhentos e os seus dossiês amontoados, assemelhava-se à redação de um jornal de segunda linha. Os seus membros trabalhavam em pequenos grupos dedicados a objetivos específicos: a Fação do Exército Vermelho, o Exército Republicano Irlandês, a Organização para a Libertação da Palestina, Abu Nidal, Hezbollah... Tinha, para além disso, uma unidade, formada em 1996, que centrava os seus esforços num extremista saudita pouco conhecido, chamado Osama Bin Laden, e a sua pujante rede de terrorismo islamista.

Como era de esperar, o NCTC tinha aumentado consideravelmente de tamanho desde os atentados do 11 de Setembro e agora ocupava uns dois mil metros quadrados do andar térreo da nova sede da CIA, com o seu próprio átrio e torniquetes de acesso. Por motivos de segurança, o verdadeiro nome do chefe do NCTC tinha deixado de ser de domínio público. Para o mundo exterior (e para o resto de Langley) era simplesmente «Roger». Kyle Taylor gostava daquela alcunha. Um tipo chamado Kyle não metia medo a ninguém. Roger, pelo contrário, era um nome que impunha respeito, sobretudo se comandava uma frota de drones armados e tinha o poder de pulverizar um indivíduo pelo simples facto de estar num lugar concreto no momento errado.

Uzi Navot tinha esbarrado com ele pela primeira vez há já uma década, quando Taylor trabalhava na delegação da CIA em Londres. Tinham sentido então uma antipatia instantânea um pelo outro. Navot via Taylor (que não falava mais nenhuma língua do que o inglês e era, portanto, inútil para o trabalho de campo) como pouco mais do que um espião de bancada ou um soldado de sala de reuniões. E Taylor, que acalentava o conhecido ressentimento da CIA contra o Departamento e Israel (agudizado, possivelmente, no seu caso particular) considerava Navot um tipo calculista e traiçoeiro. De resto, davam-se às mil maravilhas.

— É a primeira vez que visitas o Centro? — perguntou Taylor depois de poupar a Navot a incómoda passagem pelo controlo de

segurança.

— Não, mas há muito tempo que não vinha aqui.

— Decididamente crescemos desde a última vez que vieste. Não tivemos outro remédio. Todos os dias levamos a cabo operações no Afeganistão, Paquistão, Iémen, Síria, Somália e Líbia.

Parecia um agente de vendas a vangloriar-se da expansão sem precedentes da sua empresa.

— E agora também em Marrocos — acrescentou Navot baixinho, convidando-o a continuar a falar.

— A verdade é que, tendo em conta quão delicado é o assunto do ponto de vista político, muito poucas pessoas estão a par dele, até aqui, no Centro — acrescentou Taylor. — O acesso é muito restrito. Estamos a usar uma das nossas salas de operações mais pequenas. Completamente opaca.

Conduziu Navot por um corredor ladeado de portas numeradas atrás das quais analistas e operadores sem rosto nem nome rastreavam terroristas e conspiradores por todo o globo terrestre. Ao fundo do corredor havia um curto lanço de escadas metálicas e outro posto de controlo pelo qual Taylor e Navot passaram sem parar. Acima havia um *hall* mal iluminado e uma porta que só se abria através de um código de segurança. Taylor marcou rapidamente o código no painel e fixou o olhar na lente do leitor biométrico. Segundos depois, a porta abriu-se com um estalido.

— Bem-vindo ao Buraco Negro — comentou ao fazer Navot entrar. — Os outros já cá estão.

Taylor apresentou-lhe Graham Seymour, esquecendo quiçá (ou quiçá não) que se conheciam há muito tempo e, de seguida, Paul Rousseau.

— Sei que já conheces o Adrian.

— E muito bem, aliás — afiançou Navot, aceitando a mão que Carter lhe estendia. — Eu e o Adrian superámos, juntos, várias guerras, e temos cicatrizes que o atestam.

Os seus olhos demoraram uns instantes a acostumar-se por completo à penumbra. No exterior despontava o que prometia vir a ser um opressivo dia de verão, mas ali, naquela sala de operações de acesso restrito, no mais profundo de Langley, reinava uma noite eterna. Sentados diante de várias mesas, em redor da sala, havia alguns técnicos cujos rostos juvenis eram iluminados pelo resplendor dos ecrãs de computador. Dois deles vestiam um macacão de aviador: eram os responsáveis por pilotar os dois drones que, naquele momento, sobrevoavam a parte oriental de Marrocos sem conhecimento do governo marroquino. As imagens enviadas pelas câmaras de alta resolução dos dois aparelhos tremeluziam nos ecrãs, na parte da frente da sala. O Predador, com os seus dois mísseis

Hellfire, estava já sobre Erfoud. Pelo contrário, o Sentinel permanecia a sudeste de Fez, de onde a sua câmara focava claramente o Hotel Palais Faraj. Navot viu Christopher Keller e Jean-Luc Martel surgirem no pátio da frente do hotel. Uns segundos depois, dois *Mercedes* passaram debaixo de uma arcada e rumaram para sul, para as montanhas.

Navot sentou-se junto de Graham Seymour. Kyle Taylor levava Adrian Carter para um recanto da sala para o consultar sobre algum assunto privado. A tensão que havia entre eles saltava à vista.

— Alguma ideia sobre quem comanda as tropas? — perguntou Navot.

— Por enquanto — respondeu Graham Seymour —, eu diria que é o Gabriel que tem a faca e o queijo na mão.

— Até quando?

— Até o Saladino aparecer. Se isso acontecer — acrescentou Seymour —, vale tudo.

O trânsito na Ville Nouvelle era um pesadelo. Nem sequer na parte velha de Fez parecia haver forma de evitá-lo. Passado um tempo, os edifícios comerciais foram ficando para trás e começaram a aparecer pequenos terrenos cultivados e prédios de habitação de construção recente. Eram blocos de três andares, envelhecidos antes de tempo, com garagens no piso térreo. A maioria das garagens tinha sido convertida em minúsculas lojas ou restaurantes, ou serviam como chiqueiros para guardar animais. As ovelhas e as cabras pastavam entre as oliveiras acabadas de plantar, e as famílias faziam refeições campestres debaixo de qualquer sombra que encontrassem.

Pouco a pouco, o terreno foi-se inclinando para os longínquos cumes do Médio Atlas e os olivais deram lugar aos densos arvoredos de alfarrobeiras, argânicas e pinheiros de Alepo. As águias voavam em círculos, à procura de chacais. E, por cima das águias, pensou Christopher Keller, os drones procuravam Saladino.

A primeira vila de alguma importância era Imouzzzer. Construída pelos franceses, estava povoada por uns treze mil membros da tribo berbere de Aït Seghrouchen, que falavam um dialeto da antiga língua berbere. Ali, a temperatura descia vários graus (estavam já a uns mil e duzentos metros de altitude) e os *souks* e cafés exclusivos para homens da rua principal estavam a abarrotar de gente. Keller estudou as caras de jovens e velhos por igual. Eram muito diferentes das caras que vira em Casablanca e em Fez. Traços europeus, cabelo e olhos mais claros. Era como se tivessem atravessado uma fronteira invisível.

Precisamente nesse momento o seu telemóvel vibrou: acabava de receber uma mensagem. Leu-a e olhou para Martel.

— Os nossos amigos têm a impressão de que nos estão outra vez a seguir. Aham que podia ser o mesmo homem que nos seguiu ontem em Mequinez e Volubilis. Gostavam de ter um retrato mais claro dele.

— O que é que pretendem?

Keller mandou o condutor parar num quiosque, nos arredores da povoação. O carro em que iam Mikhail, Natalie e Olivia parou atrás e, a seguir, parou um *Renault* empoeirado. Keller conseguiu ver o passageiro pelo retrovisor lateral: cabelo escuro e muito curto, bochechas largas, óculos de sol, boné de basebol americano. O condutor, pelo contrário, não se conseguia avistar.

— Traga-nos duas garrafas de água — ordenou a Martel.

— Esta terra não é muito hospitaleira por assim dizer.

— Aposto que saberá defender-se.

Martel saiu e aproximou-se do quiosque. Keller voltou a olhar pelo retrovisor e viu que o passageiro saía do *Renault*. Quando passou junto do *Mercedes*, tirou-lhe uma fotografia através da janela fumada da parte de trás. Saiu tão desfocada que era inútil. Mas, pouco depois, quando o homem regressou ao *Renault*, Keller conseguiu fotografar claramente a sua cara. Mostrou a fotografia a Martel quando o francês regressou ao lugar de trás do carro com duas pegajosas garrafas de água mineral Sidi Ali.

— É ele, não há dúvida — disse Martel. — É o que vi no Rife no inverno passado, com o Khalil.

Enquanto o carro se afastava da berma, Keller mandou a fotografia para o posto de comando de Casablanca. Depois voltou a olhar pelo retrovisor lateral. O outro *Mercedes* estava mesmo atrás deles. E atrás do *Mercedes* circulava um *Renault* coberto de pó com dois homens lá dentro.

Os muitos anos de cooperação, com frequência polémica, entre a CIA e a DST marroquina tinham granjeado a Langley o acesso à longa lista de jihadistas marroquinos e seus acólitos. Como resultado, os analistas do Centro Nacional de Antiterrorismo demoraram só uns minutos a identificar o sujeito da fotografia. Era Nazir Bensaïd, um ex-integrante da Salafia Jihadia marroquina preso depois dos atentados suicidas de 2003 em Casablanca. Posto em liberdade em 2012, Bensaïd fora para a Turquia e finalmente tinha acabado no califado do ISIS. O governo marroquino achava que continuava lá. Mas, evidentemente, estava enganado.

Uma fotografia de Bensaïd tirada na época em que foi preso apareceu naquele instante nos ecrãs do Buraco Negro do NCTC, juntamente com outra fotografia tirada em 2012, à sua chegada ao

Aeroporto Ataturk de Istambul. Ambas as fotografias foram remetidas para Gabriel, que por sua vez as enviou para Keller, que confirmou que Nazir Bensaïd era o indivíduo que acabava de ver.

Mas o que é que Nazir Bensaïd estava a fazer numa vila habitada por treze mil berberes, nas montanhas do Médio Atlas? E porque é que os estava a seguir até Erfoud? Havia a possibilidade de que tivesse regressado a Marrocos clandestinamente e tivesse integrado o cartel de Mohammad Bakkar. Mas a explicação mais provável era que estivesse a velar pelos interesses do sócio de Bakkar, aquele iraquiano alto que se fazia chamar Khalil e coxeava ao andar.

Dentro do Buraco Negro, os técnicos marcaram digitalmente o *Renault sedan* e os seus dois ocupantes, enquanto em Fort Meade, Maryland, a NSA captava o sinal emitido pelos seus telemóveis. Adrian Carter ligou para o sexto andar para dar a notícia ao diretor da CIA, Morris Payne, que rapidamente a transmitiu à Casa Branca. Às sete e meia, hora de Washington, o presidente reuniu-se com o seu conselho de segurança na Sala de Crise, a cujos ecrãs chegavam as imagens emitidas pelos dois drones.

Na Casa dos Espiões de Casablanca, Gabriel e Yaakov Rossman também observavam os ecrãs, enquanto do outro lado do corredor os dois guardas da propriedade rezavam para afugentar os demónios surgidos do fogo. Através dos altifalantes do seu computador portátil, Gabriel ouvia a conversa excitada que reinava no NCTC de Langley. Desejava poder partilhar o seu otimismo, mas era-lhe impossível. A operação na sua totalidade estava agora nas mãos de um homem que tinha enganado e chantageado para que obedecesse às suas ordens. *Nem sempre conseguimos escolher os nossos colaboradores, lembrou. Às vezes, são eles que nos escolhem a nós.*

ERFOUD, MARROCOS

Os jipes esperavam numa praça soalheira e poeirenta, em frente do Café Dakkar de Erfoud. Eram *Toyotas Land Cruiser* de um branco impoluto, acabados de lavar. Os condutores vestiam calças de algodão e coletes caqui, e exibiam a eficácia sorridente dos guias turísticos profissionais. Mas não o eram. Eram homens de Mohammad Bakkar.

A sul de Erfoud estendia-se o grande oásis de Tafilalet, com os seus palmeirais infinitos: oitocentas mil palmeiras ao todo, segundo o guia em francês que Natalie segurava com força entre as mãos. Enquanto olhava pela janela, pensou de novo naquela noite em Palmira e no seu sonho dessa manhã. Saladino a andar ao seu lado sob um luar violento, com a sua cabeça na mão... Desviou o olhar e viu que Olivia a observava com curiosidade do outro lado no banco de trás do *Toyota*.

— Estás bem? — perguntou-lhe.

Em silêncio, Natalie olhou fixamente em frente. Mikhail ia no lugar do copiloto, junto ao condutor. O segundo *Toyota*, que levava Keller e Jean-Luc Martel, circulava uns cem metros à frente. Atrás, a estrada estava deserta. Nem sequer se via o *Renault* que os tinha seguido desde Fez.

As palmeiras diminuíram e a paisagem tornou-se íngreme e rochosa. A estrada de asfalto terminava em Rissani, e pouco depois apareceu o grande mar de areia de Erg Chebbi. A aldeia de Khamlia, um conjunto de casas baixas, da cor do barro, estendia-se ao sul das dunas. Ali, abandonaram a estrada principal e seguiram por um caminho cheio de buracos. Natalie vigiava o avanço através do telemóvel: eram um ponto azul que atravessava as terras despovoadas, a caminho da fronteira argelina. Depois, de repente, o ponto azul parou: tinham abandonado a zona com rede. Mikhail tinha levado um telemóvel por satélite para o caso de isso acontecer. Estava atrás de Natalie, na mesma mala do que a *Beretta*.

Continuaram a avançar durante meia hora, enquanto à sua volta o sol poente tingia de vermelho tijolo as grandes dunas esculpidas pelo vento. Passaram junto a um pequeno acampamento de nómadas berberes que estavam a ferver água para o chá à entrada de uma tenda

de pelo de camelo preto. Para além disso, não se via vivalma, só as dunas altas como montanhas e o vasto céu protetor. Aquele vazio era insuportável. Natalie, apesar de estar junto de Olivia e de Mikhail, sentia-se dolorosamente só. Pôs-se a olhar para as fotografias do seu telemóvel, mas eram lembranças da Madame Sophie, não suas. Mal se conseguia lembrar da quinta de Nahalal. O Centro Médico Hadassah, o seu antigo trabalho, tinha-se esbatido quase por completo na sua memória.

Por fim, surgiu o acampamento, um conjunto de tendas coloridas dispostas ao abrigo de uma duna. Outro *Land Cruiser* branco tinha chegado antes deles. Natalie calculou que fosse a equipa. Deixou que um dos empregados vestidos com um turbante tratasse das suas malas. Mikhail, pelo contrário, adotando o ar arrogante de Dmitri Antonov, levou ele próprio a sua bagagem. Havia três tendas montadas à volta de um pátio central e uma quarta, com casa de banho e chuveiro, erguia-se um pouco mais longe. O pátio estava coberto por tapetes e enfeitado com grandes almofadas, e dois sofás rodeavam uma mesa baixa e comprida. As tendas também estavam atapetadas e mobiladas com autênticas camas e secretárias. Não havia qualquer indício de eletricidade, só velas e uma grande fogueira no pátio que projetava sombras sobre o sopé da duna. Natalie contou seis homens ao todo. Dois carregavam à vista as respetivas armas automáticas. Deduziu que os restantes também estivessem armados.

Com o pôr-do-sol, o ar começou a arrefecer. Na sua tenda, Natalie vestiu uma camisola polar e depois foi tomar banho para o jantar. Olivia juntou-se a ela um instante depois.

— O que é que estamos aqui a fazer? — perguntou baixinho.

— Convidaram-nos para um encantador jantar no deserto — respondeu Natalie.

Os seus olhos encontraram-se com os de Olivia no espelho.

— Por favor, diz-me que nos estão a vigiar.

— Claro que sim. E também nos estão a ouvir.

Saiu sem dizer mais nada e encontrou a mesa posta para um banquete marroquino. Os empregados mantiveram-se afastados, embora aparecessem de vez em quando para lhes encherem os copos com um chá adocicado de hortelã-pimenta. Apesar de tudo, Natalie, Mikhail e Christopher Keller cingiram-se aos seus papéis. Eram Sophie e Dmitri Antonov e o seu amigo e sócio, Nicolas Carnot. Tinham-se instalado em Saint-Tropez naquele verão e, depois de diversas vicissitudes, tinham conhecido Jean-Luc Martel e a sua glamorosa esposa, Olivia Watson. E agora, pensou Natalie, estavam os cinco nos confins da Terra, à espera de que um monstro surgisse da noite.

Maimónides... É tão bom voltar a ver-te...

Pouco depois das nove, os empregados recolheram as travessas de

comida. Natalie mal tinha comido. Sozinha, aproximou-se do acampamento para fumar um dos *Gitanes* da Madame Sophie. Parou no lugar em que acabava a luz do fogo e começava a escuridão. Estava, pensou, na ponta do mundo. A uns quarenta ou cinquenta metros dali, um dos homens armados montava guarda no deserto. Vestia a túnica branca e o turbante de um berbere do sul. Fingindo que não o via, Natalie atirou a beata para o chão e começou a andar pela areia. O guarda, sobressaltado, atravessou-se à sua frente e indicou-lhe que regressasse ao acampamento.

— Mas quero ver as dunas — disse ela em francês.

— Não é permitido. Pode vê-las de manhã.

— Prefiro vê-las agora — respondeu. — De noite.

— É perigoso.

— Pois acompanhe-me. Assim não será perigoso.

Sem mais, começou a andar de novo pelo deserto, seguida pelo guarda berbere. As suas vestimentas resplandeciam e a sua pele, negra como o breu, não se distinguia da escuridão da noite. Natalie perguntou-lhe o nome. Disse-lhe que se chama Azûlay. Significava «o homem dos olhos bonitos».

— É verdade — comentou ela.

Ele desviou o olhar, envergonhado.

— Desculpe — disse Natalie.

Continuaram a andar. Lá em cima, a Via Láctea cintilava qual pó de fósforo e a lua crescente brilhava com um resplendor incandescente. Em frente deles erguiam-se três dunas, ascendendo em escala de norte para sul. Natalie tirou os sapatos e, seguida por Azûlay, o *Berber*, trepou à mais alta. Demorou vários minutos a chegar ao cume. Exausta, deixou-se cair de joelhos sobre a areia morna e fofa para recuperar o fôlego.

Perscrutou a paisagem com o olhar. Para poente, uma fina fileira de luzes estendia-se intermitentemente desde Erfoud, atravessando os palmeirais do oásis de Tafilalet até Rissani e Khamlia. A leste e a sul só havia deserto, mas a norte, Natalie viu uns faróis que oscilavam ao avançar para ela entre as dunas. Passado um momento, as luzes deixaram de se ver. Talvez, disse a si própria, tenha sido uma miragem, outro sonho. Depois, as luzes voltaram a aparecer.

Natalie deu meia-volta e escorregou pela ladeira da duna, até ao lugar onde tinha deixado os sapatos. *Tu és a única que o consegue identificar...* Mas Saladino também se lembraria dela. Porque é que não se haveria de lembrar? Afinal de contas, pensou, tinha salvado a vida daquele miserável.

LANGLEY, VIRGÍNIA

Os drones avistaram o veículo muito antes de Natalie, às nove e cinco, hora de Marrocos, quando virou na curva sudeste do mar de areia de Erg Chebbi. Um *Toyota Land Cruiser* branco com sete ocupantes. Parou no limite do acampamento e dele se apearam seis indivíduos entre os quais não se encontrava o condutor. Visto de cima através das câmaras termográficas, dava a impressão de que nenhum daqueles sujeitos coxeava. Cinco deles, visivelmente armados, permaneceram no perímetro do acampamento, enquanto o sexto entrava no pátio central, entre as tendas. Aí cumprimentou Jean-Luc Martel e, uns segundos depois, Mikhail. Como era de esperar, não havia forma de ouvir o que diziam: a falta de cobertura tinha emudecido os telemóveis. Do fundo da sala, Kyle Taylor improvisou uma possível banda sonora para o encontro.

— Mohammad Bakkar, quero apresentar-te um amigo meu, Dmitri Antonov. Dmitri, este é o Mohammad Bakkar.

— Talvez — disse Adrian Carter. — Ou talvez o Saladino tenha ajeitado um pouco a perna, tal como fez com a cara.

— Em Washington não conseguiu esconder que coxeava — assinalou Uzi Navot. — E também não o conseguiu no princípio do ano, quando o Jean-Luc Martel o viu. Para além disso, achas o Mikhail com cara de quem está a falar com o pior terrorista do mundo desde Bin Laden?

— O Mikhail sempre me pareceu um tipo bastante frio — comentou Carter.

— Não é assim tão frio.

Contemplavam a cena através da câmara do Sentinela. Mikhail, esverdeado e envolvido numa refulgente auréola de calor corporal, estava de pé a uns passos da fogueira. Com os braços cruzados, falava com uma calma visível com o recém-chegado. Keller e Olivia já tinham saído do pátio central e tinham entrado numa das tendas. Natalie, depois de regressar do seu passeio pelas dunas, tinha-se juntado a eles. Entretanto, o Predador examinava o deserto que os rodeava. Não havia sinal de outras fontes de calor.

Navot virou-se para Kyle Taylor.

- A NSA identificou outro telemóvel dentro do acampamento?
- Estão a tratar disso.
- É estranho, não achas?
- O quê?
- Não são assim tão difíceis de localizar. Para nós é fácil, mas para vocês é ainda mais fácil.
- A não ser que o telemóvel esteja desligado e lhe tenham extraído o cartão SIM.
- E os telemóveis via satélite?
- Esses são fáceis de localizar.
- E porque é que o Mohammad Bakkar não tem sempre um? É bastante perigoso andar pelo deserto sem telemóvel, não achas?
- O Saladino sabe que um telemóvel equivale a uma sentença de morte.
- É verdade — concordou Navot. — Mas como é que o Bakkar pensa avisá-lo de que pode ir para o acampamento? Através de um pombo-correio? Ou de sinais de fumo?
- Onde é que queres chegar, Uzi?
- O que quero dizer é que o Mohammad Bakkar não anda com um telemóvel via satélite porque não precisa dele para avisar o Saladino.
- Porquê?
- Porque já lá está. — Navot apontou para o ecrã. — Está sentado ao volante do *Toyota*.

SAARA, MARROCOS

A descrição física que Jean-Luc Martel fizera de Mohammad Bakkar demonstrou estar certa, pelo menos num sentido: o marroquino das montanhas do Rife era baixo (media à volta de um metro e sessenta) e de constituição forte. O seu fanatismo religioso não era evidente à primeira vista. Não usava *kufi*, nem barba desgrenhada, e fumava um cigarro, transgredindo as leis do Estado Islâmico, que tinha proibido o tabaco. Vestia roupa europeia e cara: um casaco de caxemira com o fecho subido, umas calças de sarja engomadas com esmero e uns *mocassins* de camurça completamente inadequados para o deserto. O seu relógio de pulso, cuja esfera cintilava ao refletir a luz do fogo, era grande, suíço e de ouro. O seu francês era excelente, tal como o seu inglês, idioma do qual se servia para se dirigir a Mikhail.

— Monsieur Antonov, quanto me apraz que, por fim, nos tenhamos conhecido. Tenho ouvido falar muito de si.

— O Jean-Luc?

— O Jean-Luc não é o meu único amigo em França — respondeu o marroquino com um ar cúmplice. — Causou sensação na Provença este verão.

— Não era essa a minha intenção.

— Não? — Bakkar sorriu afavelmente. — As suas festas causavam furor. Os episódios que se contavam chegaram até Marraquexe. Que escândalo!

— Há que viver a vida.

— Claro que sim. Mas tem de haver certos limites, não lhe parece?

— Nunca tinha pensado nisso.

Mohammad Bakkar sorriu.

— Espero que tenham gostado do jantar.

— Foi magnífico.

— Gosta da cozinha marroquina?

— Muito.

— Já tinha visitado Marrocos anteriormente?

— Não, nunca.

— Como é possível? O meu país é muito querido entre os europeus cosmopolitas.

— Entre os russos, não.
— Tem razão. Os russos preferem a Turquia, não sei porquê. Mas, na realidade, o senhor não é russo, pois não, Monsieur Antonov? Já não.

Mikhail sentiu que o seu coração batia com violência nas costelas.

— Continuo a ter passaporte russo — respondeu.

— Mas a sua casa é em França.

— Por agora.

Mohammad Bakkar pareceu considerar a sua resposta mais tempo do que requeria.

— E o acampamento? — perguntou a olhar à sua volta. — É do seu agrado?

— Muito, sim.

— Tentei que fosse o mais tradicional possível. Espero que não o incomode que não tenha eletricidade. Os turistas vêm ao Saara à espera de encontrar todas as comodidades da vida ocidental. Luz elétrica, telemóveis, Internet...

— Aqui não há Internet. — Mikhail levantou o telemóvel. — E isto não serve para nada.

— Sim, eu sei disso. Por isso, escolhi este lugar.

Mikhail levantou-se e fez um movimento para sair.

— Onde é que vai? — perguntou Bakkar.

— O senhor e o Jean-Luc têm de falar de negócios.

— Mas esses negócios dizem-lhe respeito a si. Pelo menos, em parte.

— Indicou-lhe os sofás. — Sente-se, por favor, Monsieur Antonov. — Sorriu de novo. — Insisto.

Do posto de comando em Casablanca, Gabriel viu Mikhail sentar-se num dos sofás. Apareceu então um membro do serviço e serviu o chá. No lado direito da imagem, dentro de uma das tendas, apreciavam-se as silhuetas termográficas de três pessoas. Duas delas correspondiam, visivelmente, a mulheres. A outra era a de Christopher Keller. Um momento antes, Gabriel tinha enviado uma mensagem criptográfica para o telemóvel via satélite de Keller, fazendo referência à possível identidade do homem sentado ao volante do *Toyota Land Cruiser* que acabava de chegar. Keller mexia agora as mãos, manipulando algo que Gabriel não conseguia ver: o frio metal não era visível através das câmaras de infravermelhos.

Keller guardou o objeto nas costas, à altura dos rins, e aproximou-se com prontidão da entrada da tenda, onde permaneceu uns segundos, provavelmente a observar o panorama operacional. Depois pegou no telemóvel via satélite e tocou no ecrã. Segundos depois, chegou uma mensagem ao computador de Gabriel.

QUANDO VOCÊS ESTIVEREM PRONTOS, TAMBÉM ESTOU.

Com a ajuda dos drones, Gabriel estudou por sua vez o local. Quatro homens montavam guarda no deserto, à volta do acampamento: norte, sul, este e oeste, como pontos de uma bússola. Estavam todos armados. Os homens que tinham chegado com Mohammad Bakkar também traziam armas. Havia a possibilidade de o próprio Bakkar estar armado. Mikhail, temendo que as escoltas do marroquino o revistassem, não tinha nenhuma arma. Ou seja, eram dez contra um, no mínimo. Era muito provável que Keller e o resto da equipa não sobrevivessem a um tiroteio a tão curta distância, nem sequer estando presente o agente que tinha conseguido a nota mais alta na história da célebre *Killing House* do SAS. Para além disso, era possível que Uzi Navot e Langley estivessem enganados em relação à identidade do ocupante do *Toyota*. Convinha deixar que as coisas seguissem o seu curso. Que Saladino se deixasse ver e que fosse abatido em algum lugar onde não houvesse risco de danos colaterais. Por enquanto, aquele lugar remoto do canto mais escuro do sudeste de Marrocos jogava contra ele. Mas não por muito tempo. Em breve, disse Gabriel a si próprio, o deserto passaria a ser seu aliado.

Mandou Keller continuar à espera e pediu a Langley que focasse as câmaras do drone no *Land Cruiser* estacionado no limite do acampamento. A imagem apareceu no seu monitor um momento depois, por cortesia do Predator. O homem vestia uma jilaba com capuz e tinha ambas as mãos apoiadas no volante. Não estava a fumar. Gabriel calculou que, em algum momento, se iria reunir com os outros. Para fazê-lo, teria de sair do veículo e percorrer a pé uma curta distância. E então ele, Gabriel, saberia se era mesmo Saladino. Havia muitas formas de alterar a aparência física de um homem, disse a si próprio. O cabelo podia ser cortado ou pintado, e as feições podiam ser transformadas através de uma cirurgia plástica. Mas uma perna manca a coxear como a de Saladino era para sempre.

SAARA, MARROCOS

Ao princípio, Mohammad Bakkar falou unicamente em *darija*, e só com Jean-Luc Martel. Era evidente pela sua atitude e pelo seu tom que estava zangado. Enquanto trabalhava na Sayeret Matkal, Mikhail tinha aprendido um pouco de árabe palestiano, o suficiente para se safar durante os ataques noturnos a Gaza, à Cisjordânia e ao sul do Líbano. Não falava árabe com fluência, longe disso; nem sequer dava para conversar minimamente. Ainda assim, conseguiu entender em linhas gerais o que dizia o marroquino das montanhas do Rife. Ao que parece, vários carregamentos importantes de um produto misterioso tinham desaparecido recentemente em circunstâncias inexplicáveis. As perdas, que a organização de Bakkar sofrera, eram substanciais: ascendiam, de facto, a centenas de milhões. Em algum lugar, afirmou, houvera uma fuga. E não fora no seu território. Evidentemente, dominava a sua organização com mão de ferro. Portanto, o erro tinha de ser de Martel. Bakkar deu a entender que tinha sido intencional. Afinal de contas, o francês nunca vira com bons olhos a rápida expansão do negócio que partilhavam. Teria de o compensar de alguma forma. Caso contrário, Bakkar procuraria outro distribuidor para a sua mercadoria e deixaria Martel de fora.

Seguiu-se uma violenta discussão. Martel, a falar velozmente em árabe marroquino, insinuou que o culpado das apreensões era o próprio Mohammad Bakkar. Recordou-lhe que, por aquele mesmo motivo, se tinha oposto a que se aumentasse drasticamente a quantidade de mercadoria que entrava na Europa. Segundo os seus cálculos, tinham perdido mais de um quarto da produção devido às apreensões, em vez dos habituais dez por cento, uma taxa sustentável a longo prazo. A única solução era aplicar a prudência. Enviar carregamentos com quantidades inferiores e prescindir de navios mercantes. Foi, pensou Mikhail, uma atuação impressionante por parte de Martel. Um espião veterano não o teria feito melhor. Quando a intervenção do francês findou, Mohammad Bakkar parecia convencido de que tanto ele como a sua organização eram os responsáveis, até certo ponto, pelas fugas. Resolveu ir ao fundo da questão. Entretanto, tinha vinte toneladas de género acumuladas nas

fábricas clandestinas do Rife, a aguardarem remessa. Estava ansioso por expedi-las. Evidentemente, precisava de novos fundos.

— Não quero assumir sozinho todo o custo da última catástrofe. Não é justo.

— Estou de acordo — conveio Martel. — O que é que tinhas pensado?

— Um aumento de preço de cinquenta por cento. Só desta vez.

— Cinquenta por cento! — Martel fez um gesto desdenhoso com a mão. — Que loucura.

— É a minha última oferta. Se queres continuar a ser meu distribuidor, aconselho-te a aceitares.

Não era a última oferta de Mohammad Bakkar, longe disso. Martel sabia-o, tal como o sabia o próprio Bakkar. Afinal de contas, estavam em Marrocos. Havia que regatear até para que te passassem o pão ao jantar.

Continuaram a discutir durante uns minutos, durante os quais os cinquenta por cento passaram a ser quarenta e cinco, depois quarenta e, por último e depois de um olhar de exasperação lançado para o céu, trinta. Enquanto isso, Mikhail não parou de vigiar o homem que, por sua vez, o vigiava a ele. O homem sentado ao volante do *Toyota*, de onde via sem obstáculos o pátio central do acampamento. Vestia uma jilaba com um capuz pontiagudo e a sua cara estava envolvida em sombras profundas. Ainda assim, Mikhail sentia o peso como chumbo do seu olhar. E sentia também a ausência de uma arma à altura dos seus rins.

— *Khalas* — disse Bakkar, por fim, esfregando as mãos. — Que seja vinte e cinco, a pagar no momento de entrega da mercadoria. É pouquíssimo, mas que remédio tenho eu? Queres que também te dê a minha camisa, Jean-Luc? Posso sempre arranjar outra.

Martel sorria. Mohammad Bakkar selou o acordo com um aperto de mãos e, de seguida, virou-se para Mikhail.

— Desculpe, mas eu e o Jean-Luc tínhamos de debater um assunto muito sério.

— Era o que parecia.

— Não fala árabe, Monsieur Antonov?

— Não.

— Nem um pouco?

— Até pedir um café me custa.

Mohammad Bakkar assentiu, compreensivo.

— Cada país tem a sua forma de pronunciar. Um egípcio vê o mundo de maneira diferente de um marroquino, um jordano ou, por exemplo, um palestino.

— Ou um russo — riu Mikhail.

— Que vive em França.

— O meu francês é quase tão mau como o meu árabe.

— Então, falemos inglês.

Fez-se um silêncio.

— O que é que o Jean-Luc lhe contou sobre os nossos negócios? — perguntou Bakkar, por fim.

— Muito pouco.

— Mas deve ter alguma ideia, sem dúvida.

— Laranjas — respondeu Mikhail. — O senhor é o fornecedor das laranjas que abastecem os restaurantes e os hotéis do Jean-Luc.

— Laranjas e romãs — disse Bakkar num tom cordial. — Em Marrocos existem umas romãs ótimas. As melhores do mundo, na minha opinião. Mas as autoridades europeias não querem as nossas laranjas nem as nossas romãs. Ultimamente, temos perdido vários carregamentos. Eu e o Jean-Luc estávamos a discutir o que aconteceu e as medidas a tomar a esse respeito.

Mikhail ouvia-o com um semblante inexpressivo.

— Infelizmente, não perdemos só fruta nessas apreensões. Também perdemos algo insubstituível. — Bakkar olhou-o com um ar calculista.

— Ou talvez não.

Pediu mais chá. Mikhail dirigiu um olhar ao ocupante do *Toyota*, enquanto enchiam os copos.

— A que tipo de negócios é que se dedica exatamente, Monsieur Antonov?

— Perdão?

— Os seus negócios — repetiu Bakkar. — A que é que se dedica exatamente?

— Às laranjas — respondeu Mikhail. — E às romãs.

Bakkar sorriu.

— Eu tinha entendido — disse — que traficava armas.

Mikhail não disse nada.

— É um homem prevenido, Monsieur Antonov. É um traço admirável.

— Para além de ser bom para o negócio. Assim perdem-se menos carregamentos.

— Portanto, é verdade!

— Dedico-me aos investimentos, Monsieur Bakkar. E, às vezes, faço negócios que implicam a transferência de bens da Europa de Leste e das repúblicas da antiga União Soviética para lugares problemáticos em diversas partes do mundo.

— Que tipo de bens?

— Use a sua imaginação.

— Armas?

— Armamento — respondeu Mikhail. — As armas representam uma parte mínima do negócio.

— De que tipo de mercadoria estamos a falar?
— De tudo, desde *Kalashnikovs* a helicópteros ou a aviões de combate.

— Aviões? — perguntou Bakkar, incrédulo.

— Gostava de ter um? Ou talvez prefira um tanque ou um *Scud*. Este mês temos uma oferta especial. Eu, se fosse a si, faria o pedido hoje mesmo. Não vão durar muito.

— Não seriam para mim — afirmou Bakkar levantando as mãos. — Mas um dos meus sócios poderia estar interessado.

— Nos *Scuds*?

— As necessidades dele são muito específicas. Mas prefiro que ele próprio lhe explique isso.

— Para já não — disse Mikhail. — Primeiro, conte-me um pouco mais sobre esse seu sócio. Depois decidirei se me quero reunir com ele.

— É um revolucionário — afirmou Bakkar. — Com uma causa justa, garanto-lhe.

— Como de costume — replicou Mikhail com ceticismo. — De onde é que é?

— Não tem país, no sentido ocidental da palavra. As fronteiras não significam nada para ele.

— Que interessante. Mas onde é que teria de lhe levar as armas?

Bakkar ficou sério, de repente.

— Sem dúvida que tem consciência de que o caos político que aflige há um tempo a nossa região tem apagado muitas das antigas fronteiras traçadas pelos diplomatas em Paris e Londres. O meu sócio procede de um desses lugares. Um lugar muito conflituoso.

— Os conflitos são o que me mantém à tona.

— Era o que me parecia — afirmou Bakkar.

— Como é que se chama o seu sócio?

— Pode chamar-lhe Khalil.

— E antes do caos? — perguntou Mikhail de imediato, como se esse nome não lhe dissesse nada. — De onde era?

— Em criança vivia à beira de um dos rios que emanavam do Jardim do Éden.

— Eram quatro — afirmou Mikhail.

— Efetivamente. O Pison, o Ghion, o Eufrates e o Tigre. O meu sócio vivia à beira do Tigre.

— De maneira que é iraquiano.

— Foi-o em tempos. Já não. Agora é súbdito do califado islâmico.

— Imagino que não se encontra no califado neste momento.

— Não. Está ali. — Bakkar inclinou a cabeça para o *Toyota*. Depois olhou para Mikhail e perguntou: — Está armado, Monsieur Antonov?

— Claro que não.

— Importa-se que um dos meus homens o reviste? — Bakkar sorriu cordialmente. — Afinal de contas, é um traficante de armas.

Reuniram-se junto à porta do condutor do *Toyota*: cinco homens ao todo — contou Gabriel —, todos eles armados. Por fim, a porta abriu-se e o ocupante do carro saiu com uma certa dificuldade. Permaneceu mais um pouco perto do veículo, rodeado de guardas, enquanto Mikhail era revistado minuciosamente. Só quando o acabaram de revistar, avançou para o centro do acampamento. Os guardas armados formavam um círculo apertado à sua volta. Ainda assim, Gabriel conseguiu ver que carregava o peso do corpo na perna direita. O primeiro passo do processo de identificação tinha-se verificado com sucesso. O segundo, pelo contrário, não se podia fazer tão de cima, servindo-se do drone americano. Só serviria um encontro cara a cara.

Gabriel enviou uma mensagem a Christopher Keller informando-o de que o sujeito acabava de entrar no acampamento e coxeava visivelmente ao caminhar. Viu então que estendia a mão ao agente dos serviços secretos israelitas.

— Dmitri Antonov — disse Gabriel baixinho —, permita-me apresentar-lhe o meu amigo Saladino. Saladino, este é o Dmitri Antonov.

Havia, naquele remoto acampamento do deserto, dois agentes israelitas que podiam efetuar a verificação necessária para lançar uma operação de assassinato seletivo em território de um aliado intermitente na guerra contra o terror. O primeiro estava sentado à frente do sujeito em questão, desarmado e sem dispositivo algum de comunicação. O segundo estava a escassos metros dali, numa tenda confortavelmente mobilada. O agente do exterior, sozinho, só vira o alvo pessoalmente de forma fugaz num afamado restaurante de Georgetown. A agente refugiada na tenda tinha passado, pelo contrário, vários dias com o sujeito numa casa com muitos quartos e pátios perto de Mossul, e tinha falado com ele durante muito tempo. E numa cabana no sopé das montanhas Shenandoah, na Virgínia, tinha-o ouvido pronunciar a sua sentença de morte. Nunca esqueceria aquele som. Nem sequer precisou de lhe ver a cara para saber que era ele: disse-lho a sua voz.

Havia um terceiro agente que também tinha visto o sujeito pessoalmente: era aquele que esperava ansiosamente numa casa assombrada num antigo bairro colonial em Casablanca. Quando a confirmação de que, efetivamente, era ele chegou ao seu computador, Gabriel remeteu-a de imediato para o Buraco Negro de Langley.

— Apanhámo-lo! — gritou Kyle Taylor.

— Ainda não — advertiu-o Uzi Navot com o olhar fixo no ecrã. — Nada disso. Nem pouco mais ou menos.

SAARA, MARROCOS

Era mais alto do que Mikhail se lembrava e mais largo de peito e de costas, talvez por ter tido tempo de sobra para se recuperar das suas feridas. Ou talvez por causa da sua roupa, pensou Mikhail. Naquela noite já longínqua, vestia um fato ocidental escuro e estava sentado em frente de uma bela jovem com o cabelo escuro pintado de louro. De vez em quando, olhava de soslaio para a televisão que estava por cima do balcão para ver o resultado dos seus esforços. Tinham explodido várias bombas no Centro Nacional de Antiterrorismo de Virgínia e no Memorial de Lincoln. E não era só isso: havia mais, bem mais.

Ao ver pela primeira vez a nova cara de Saladino, Mikhail pensou de imediato que não casava com ele. Tinha as maçãs do rosto e o nariz demasiado angulosos, e aquele queixo de estrela de cinema era mais próprio de um homem vaidoso que o tinha escolhido ao folhear uma revista no consultório do cirurgião plástico. Para além disso, tinha os olhos muito retocados, mas a íris continuava a ser tal e qual Mikhail se lembrava: larga, escura e insondável, os olhos brilhavam com uma profunda inteligência. Não eram os olhos de um louco, mas os de um profissional. Não convinha tentar a sorte contra aquele olhar, nem estar sentado em frente daqueles olhos numa sala de interrogatório. Ou num acampamento nas margens do Saara, pensou Mikhail, rodeado por jihadistas bronzeados munidos de armas automáticas. Resolveu despachar rapidamente a reunião e deixar que Saladino seguisse o seu caminho. Mas sem se precipitar. Saladino estava a prestes a facultar-lhe a listagem de armas que desejava: uma informação de valor incalculável. Uma oportunidade sem precedentes. Não podia deitar tudo a perder.

As apresentações tinham sido rápidas e enérgicas. Mikhail tinha aceitado a mão que o iraquiano lhe estendia sem vacilar. A mão que tinha condenado à morte tanta gente. A mão do assassino. Era uma mão grossa e forte, muito quente ao tato. Para além de seca, observou Mikhail. Não transmitia qualquer sinal de nervosismo. Não estava ansioso, nem incómodo: estava no seu elemento. Tal como o seu homónimo, era um homem do deserto. Não obstante, era notório que

o chá de hortelã-pimenta marroquino não era do seu agrado.

— Demasiado doce — disse fazendo uma careta. — Estou surpreso por os marroquinos terem dentes.

— Não temos — afirmou Mohammad Bakkar.

Ouviram-se risos sufocados. Saladino levantou a cabeça para o céu e olhou para as estrelas.

— Ouvem isso? — perguntou passado um momento.

— O quê? — perguntou Mikhail.

— Abelhas — respondeu Saladino. — Parecem abelhas.

— Aqui não há abelhas. Moscas talvez, mas abelhas não.

— Certamente que tem razão. — Falava um inglês firme, mas com uma forte pronúncia estrangeira. Baixou o olhar e fixou-o em Mikhail. — Assumo que desfizemos qualquer dúvida com respeito à sua profissão.

— Efetivamente.

— E o senhor é mesmo russo?

— Receio bem que sim.

— Não terei isso em conta — afirmou Saladino. — O seu governo tem cometido atrocidades horríveis na Síria a tentar salvar o regime.

— No diz respeito à Síria — respondeu Mikhail —, a Rússia não tem o monopólio da atrocidade. O Estado Islâmico também tem muito sangue nas mãos.

— Para fazer uma omeleta — afirmou Saladino — é necessário partir alguns ovos.

— Ou massacrar civis inocentes?

— Nesta guerra não há ninguém inocente. Enquanto os infiéis continuarem a matar as nossas mulheres e crianças, nós continuaremos a matar as deles. — Encolheu os ombros grossos. — É simples. Para além disso, um homem que se dedica ao que o senhor se dedica não está em posição de dar sermões a ninguém a respeito de danos colaterais.

— Há uma certa diferença entre os danos colaterais e a matança deliberada de civis.

— Não há assim tanta. — Saladino bebeu um pouco de chá. — Diga-me, Monsieur Antonov, é um espião?

— Vivo no sul de França, numa mansão cheia de obras de arte. Não sou um espião.

— Na Rússia — prosseguiu Saladino sagazmente —, há espiões de todo o tipo.

— Não sou, nem nunca fui um agente da espionagem russa.

— Mas é próximo do Kremlin.

— Na realidade, faça os possíveis para não me atravessar no seu caminho.

— Ora, ora, Monsieur Antonov. Toda a gente sabe que na Rússia é o

Kremlin que escolhe os vencedores e os perdedores. Ninguém se torna rico sem a permissão do Czar.

— Conhece muito bem o meu país.

— Fiz muitos acordos com a Rússia na minha vida anterior. Sei como funciona o sistema. E sei que um homem que se dedica ao que o senhor se dedica, não sobrevive sem a proteção dos seus amigos do SVR e do Kremlin.

— É verdade — afirmou Mikhail. — E é muito provável que perca esses amigos se souberem que estou a pensar em fazer negócios com alguém como o senhor.

— Isso não é lá muito lisonjeador.

— Não pretendia ser um elogio.

— Admiro a sua franqueza.

— E eu a sua — respondeu Mikhail.

— Opõe-se por princípio a fazer negócios connosco?

— Tenho poucos... princípios.

— Tenho muita pena.

— Não tenha.

Saladino sorriu.

— Desejo adquirir uma certa mercadoria para futuras operações.

— Armas?

— Não, armas, não — respondeu Saladino. — Material.

— De que tipo?

— Do tipo — prosseguiu o iraquiano — que o governo da antiga União Soviética produzia em grandes quantidades durante a Guerra Fria.

Mikhail deixou passar uns instantes antes de responder.

— Esse é um negócio muito sujo — comentou baixinho.

— Muito, sim — conveio Saladino. — E muito lucrativo.

— O que é que procura exatamente?

— Cloreto de cézio.

— Suponho que pensa usá-lo para fins médicos.

— Agrícolas, na verdade.

— Tinha a impressão de que a sua organização já se tinha apoderado de material desse tipo na Síria e na Líbia.

— De onde é que tirou essa ideia?

— Do mesmo lugar de onde soube que eu era traficante de armas.

— É verdade, mas uma parte da nossa provisão desapareceu há pouco. — Saladino olhou fixamente para Jean-Luc Martel.

— E o resto? — perguntou Mikhail.

— Isso não é da sua incumbência.

— Desculpe, não pretendia...

Saladino levantou uma mão para indicar que não se sentia ofendido.

— Conseguiria o dito material? — perguntou.

— É possível — respondeu Mikhail com cautela —, embora seja extremamente arriscado.

— Nada que valha a pena está isento de risco.

— Lamento — disse Mikhail passado um momento —, mas não posso fazer parte disto.

— De quê?

Mikhail não respondeu.

— E não quer pelo menos ouvir a minha proposta?

— Não é uma questão de dinheiro.

— É sempre uma questão de dinheiro — replicou Saladino. — Diga um preço e pagar-lho-ei.

Mikhail fingiu refletir.

— Posso fazer averiguações — disse, por fim.

— Quanto tempo demorará?

— O que for necessário. Não é algo que possa fazer à pressa.

— Entendo.

— Precisa de apoio técnico?

Saladino negou com a cabeça.

— Só o material propriamente dito.

— E se o conseguir? Como é que entro em contacto consigo?

— Não será necessário — afirmou o iraquiano. — Entre em contacto com o seu amigo Monsieur Martel. Ele avisará o Mohammad. — Levantou-se bruscamente e estendeu-lhe a mão. — Espero ter notícias suas em breve.

— Tê-las-á. — Mikhail aceitou de novo a mão e apertou-a com força.

Saladino afrouxou o aperto e virou a cara para o céu mais uma vez.

— Está a ouvir isso?

— As abelhas outra vez?

Saladino não respondeu.

— O senhor deve ter um ouvido excelente — comentou Mikhail —, porque eu não ouço absolutamente nada.

O iraquiano continuava a apreciar as estrelas. Por fim, olhou para Mikhail e os seus olhos escuros semicerraram-se pensativamente.

— A sua cara é-me familiar, Monsieur Antonov. É possível que nos tenhamos visto antes?

— Não — respondeu Mikhail —, não é possível.

— Em Moscovo, talvez? Noutra vida?

Os seus olhos passaram lentamente de Mikhail para Jean-Luc Martel e deste para Mohammad Bakkar. Por fim, fixou de novo o olhar em Mikhail.

— A sua esposa não é russa — disse.

— Não, é francesa.

— Mas é muito morena de pele. Quase como uma árabe. —

Saladino sorriu e depois explicou como o sabia. — Dois dos meus homens viram-na ao sol na praia, em Casablanca. E ontem também, na medina de Fez. Tinha o cabelo coberto. Os meus homens estavam muito impressionados.

— Respeita muito a cultura islâmica.

— Mas não é muçulmana.

— Não.

— É judia?

— A minha esposa — afirmou Mikhail com frieza — não é da sua incumbência.

— Talvez devesse sê-lo. Seria possível eu conhecê-la, por favor?

— Nunca misturo negócios e família.

— Sábia decisão — comentou Saladino. — Mas ainda assim gostaria de vê-la.

— Não usa um véu para cobrir a cara.

— Marrocos não é o califado, Monsieur Antonov. *Inshallah* o seja em breve, mas por enquanto vejo caras descobertas para onde quer que olhe.

— Como reagiria se eu fizesse questão de ver a sua esposa sem véu?

— Com toda a probabilidade, matá-lo-ia.

Roçou Mikhail ao passar ao seu lado e, sem proferir nem mais uma palavra, dirigiu-se à tenda.

SAARA, MARROCOS

Afastou a cortina e entrou. Havia velas acesas sobre a mesa na qual Keller lia um romance de bolso e junto à cama, onde Natalie e Olivia jogavam ao *backgammon*, inclinadas uma de cada lado. Conversavam calmamente, como se tivessem o tempo todo do mundo à disposição.

Por fim, Keller levantou o olhar.

— Chega mesmo a tempo — disse jovialmente em francês. — Importa-se de nos trazer um pouco de chá? E uns doces. Esses empapados em mel. Faça-me esse favor.

Keller virou a página do livro. As velas tremeram quando Saladino atravessou a tenda em três rápidas passadas e parou aos pés da cama. Natalie atirou o dado no tabuleiro e, contente com o resultado, meditou sobre o seu próximo movimento. Olivia olhou para Saladino com exasperação.

— O que é que está aqui a fazer?

Ele, silencioso, estudou cuidadosamente Natalie, que tinha o olhar fixo no tabuleiro. A sua cara estava de perfil, escondida em parte por uma madeixa de cabelo louro. Quando Saladino afastou a madeixa, ela recuou bruscamente.

— Como é que se atreve a tocar-me?! — disse-lhe em francês. — Saia daqui ou chamo o meu marido!

Saladino não vacilou. Natalie olhou para ele com firmeza, sem pestanejar.

Maimónides... É tão bom voltar a ver-te...

— Deseja perguntar-me alguma coisa? — inquiriu ela com serenidade.

Saladino lançou uma olhadela a Keller antes de voltar a depositar o olhar nela.

— Desculpe — disse passado um instante. — Estava enganado.

Deu meia-volta e saiu para a noite.

Natalie olhou para Keller.

— Deverias tê-lo matado quando tiveste oportunidade.

No Buraco Negro de Langley, ouviu-se um gemido coletivo de alívio

quando Saladino saiu, por fim, da tenda. Os drones viram-no a dizer umas palavras ao ouvido de Mohammad Bakkar. Depois, os dois homens regressaram ao limite do acampamento rodeados de guarda-costas e passaram um longo momento a conferenciar. Saladino assinalou várias vezes o céu. Num dado momento, pareceu olhar diretamente para a lente da câmara do Predator.

— Acabou-se o jogo — disse Kyle Taylor. — Obrigado por participar.

— Se continua vivo depois de tantos anos não é por acaso — afirmou Uzi Navot. — É um jogador excelente.

Navot viu que Mikhail entrava na tenda e aceitava de Christopher Keller um objeto invisível para as câmaras de infravermelhos. Ainda assim, Navot assumiu que os dois homens, ambos veteranos das forças especiais, estavam agora armados. E em esmagadora inferioridade numérica.

— Qual é a distância entre o Saladino e essa tenda?

— Doze metros — respondeu Taylor. — Talvez menos.

— Qual é a onda de choque de um Hellfire?

— Nem penses nisso sequer.

Mohammad Bakkar tinha voltado ao pátio central do acampamento e estava a falar com Martel. Até a uma distância de seis mil metros de altitude era evidente que estavam a discutir. À sua volta, o acampamento inteiro parecia ter-se posto em movimento. Os guardas subiam aos *Land Cruisers*, ligavam-se os motores, brilhavam os faróis.

— Que caralho se está a passar? — perguntou Taylor.

— Parece-me — disse Navot — que está a baralhar as cartas.

— Quem, o Bakkar?

— Não — respondeu o israelita. — O Saladino.

O iraquiano olhava de novo para o céu, a olhar fixamente para o olho sem pálpebra do drone. E, para além disso, sorria, observou Navot. Sim, não tinha qualquer dúvida: estava a sorrir. De repente, levantou um braço e quatro jipes idênticos moveram-se à sua volta no sentido das agulhas do relógio, levantando uma nuvem de areia e pó.

— Quatro veículos, dois mísseis — disse Navot. — Que probabilidades há de escolher o correto?

— Estatisticamente — afirmou Taylor —, cinquenta por cento.

— Então talvez devam disparar agora.

— A tua equipa não sobreviverá.

— Tens a certeza?

— Fiz isto duas vezes, Uzi.

— Sim — disse Navot sem deixar de olhar para o ecrã. — Mas o Saladino também.

Gabriel e Yaakov Rossman viam a mesma imagem no posto de comando de Casablanca: quatro jipes a girar em círculo à volta de um homem cuja silhueta termográfica se ia desvanecendo debaixo de um véu de areia e pó. Finalmente, os jipes diminuíram a velocidade e pararam mesmo a tempo de o homem entrar num deles: qual, era impossível saber. Depois, partiram os quatro atravessando o deserto, com uma distância suficiente uns dos outros para que um míssil de vinte e dois quilos não pudesse destruir dois com um só impacto.

O Predator seguiu-os para norte, através do deserto, enquanto o Sentinel ficava para trás a vigiar o acampamento. Os quatro guardas que guardavam o perímetro recuaram para o pátio central, onde Mohammad Bakkar estava de novo embrenhado numa animada conversação com Jean-Luc Martel. Um objeto passou da mão de Bakkar para a do estranho colaborador de Gabriel. Um objeto invisível para os sensores termográficos do drone e que Jean-Luc guardou no bolso direito do casaco.

— Merda — disse Yaakov.

— Não poderia estar mais de acordo.

— Achas que se passou para o outro bando?

— Sabê-lo-emos dentro de um minuto.

— Queres esperar? Porquê?

— Tens uma ideia melhor?

— Manda uma mensagem ao Mikhail e ao Keller. Diz-lhes para saírem daquela tenda a disparar.

— E quando os homens do Bakkar abrirem fogo com as suas *Kalashnikovs*?

— Nem vão ter tempo de as tirarem do ombro.

— E o Martel? — perguntou Gabriel. — E se ficar preso no meio do fogo cruzado?

— É um narcotraficante.

— Não estaríamos aqui se não fosse ele, Yaakov.

— E achas que não nos trairia para salvar a pele? O que é que achas que está a fazer neste momento? Envia essa mensagem — disse Yaakov. — Manda matá-los a todos e tira de lá a nossa gente antes que os americanos incendeiem o deserto com os seus mísseis Hellfire.

Gabriel enviou rapidamente não uma, mas duas mensagens: uma a Dina Sarid e a outra para o telemóvel via satélite de Keller. Dina respondeu de imediato. Keller não se incomodou a fazê-lo.

— Com todo o respeito, não estou de acordo — disse Yaakov.

— Tomo devida nota disso.

Gabriel olhou para a imagem que o Predator emitia. Quatro *Toyotas* idênticos atravessavam velozmente o deserto rumo a norte.

— Em qual é que achas que está?

— No segundo — respondeu Yaakov. — Indubitavelmente, no

segundo.

— Com todo o meu respeito, não estou de acordo.

— Em qual é que está, então?

Gabriel continuou a olhar fixamente para o ecrã.

— Não faço ideia.

O Hotel Kasbah erguia-se no limite oeste do grande mar de areia de Erg Chebbi. Dina e Eli Lavon estavam a tomar chá no terraço do bar quando chegou a mensagem de Gabriel. Yossi e Rimona estavam junto à piscina. Cinco minutos depois, após deixarem os seus quartos limpos, estavam os quatro no átrio abarrotado do hotel a perguntar ao responsável pelo turno da noite o nome de alguma discoteca próxima onde pudessem ouvir música e dançar um pouco. Deu-lhes o nome de um local em Erfoud, a norte. Puseram-se, no entanto, rumo ao sul, Yossi e Rimona num *Jeep Cherokee* alugado e Dina e Eli Lavon num *Nissan Pathfinder*. Perto de Khamlia, abandonaram a estrada principal e, a caminho do deserto, esperaram que o céu se incendiasse.

LANGLEY, VIRGÍNIA

Mas em qual dos quatro *Toyotas* viajava o seu alvo? Depois de meses de planificação, recrutamento e negociações, tudo se resumia àquilo. Quatro veículos, dois mísseis. As probabilidades de sucesso eram de cinquenta por cento. O preço do falhanço seria a rutura com um aliado árabe importante, ou porventura algo muito pior. O cadáver de Saladino compensaria qualquer erro cometido em segredo. O facto de ficar livre depois de um ataque frustrado com mísseis em Marrocos causaria, pelo contrário, uma catástrofe diplomática e de segurança internacional. Muitas carreiras penderiam por um fio. E muitas vidas também.

Opiniões não faltavam. Graham Seymour afirmava que era o terceiro *Toyota*; Paul Rousseau, que era o quarto. Adrian Carter inclinava-se para o primeiro veículo, mas também estava disposto a contemplar a possibilidade de que fosse o segundo. Dentro da Sala de Crise da Casa Branca, o presidente e os seus colaboradores mais próximos estavam igualmente divididos. O diretor da CIA, Morris Payne, tinha a certeza de ter visto Saladino entrar no terceiro veículo. Pelo contrário, o presidente, tal como Paul Rousseau, assegurava que tinha entrado no quarto. No Buraco Negro de Langley, isso bastou para que o quarto veículo ficasse descartado.

Os especialistas também não estavam de acordo. As equipas que controlavam os drones analisavam as gravações da fuga de Saladino, bem como as imagens que recebiam em tempo real e os dados dos sensores. Estes apontavam decididamente para o terceiro *Toyota*, embora um jovem analista estivesse convencido de que, longe de estar num daqueles jipes, Saladino tinha fugido a pé do acampamento e, naquele momento, estava a atravessar o deserto sozinho.

— Coxeia — comentou Uzi Navot mordazmente. — Demoraria mais do que Moisés e os judeus do Egipto.

Finalmente, foi Kyle Taylor (o veterano chefe de operações que tinha supervisionado mais de duzentos ataques com drones no Paquistão, Afeganistão, Iraque, Síria, Líbia, Iémen e Somália) que tomou a decisão rápida e expeditamente, sem se incomodar a consultar Adrian Carter. Às 17h47, hora de Washington (eram 22h47

em Marrocos), as equipas de controlo dos drones receberam ordem para se preparem para disparar. Setenta e quatro segundos mais tarde, dois dos *Toyotas Land Cruiser*, o primeiro e o terceiro, explodiram com um clarão de luz branca que encandeava. Uzi Navot foi a única pessoa no Buraco Negro ou na Sala de Crise da Casa Branca que não estava a olhar.

O estrondo das explosões atingiu o acampamento um segundo ou dois depois de se ver um súbito clarão no horizonte. Keller e Mikhail já tinham empunhado as *Berettas* quando Jean-Luc Martel entrou na tenda.

— O que é que vão fazer? Disparar contra mim?

— Talvez — respondeu Keller.

— Seria um erro de cálculo... — Martel olhou para o norte e perguntou: — O que é que foi isto?

— A mim pareceu-me um trovão.

— Acho que o Mohammad não vai acreditar nisso. Sobretudo, depois do que o seu amigo iraquiano lhe disse antes de se ir embora.

— E o que é que lhe disse?

— Que o Dmitri e a Sophie Antonov eram agentes israelitas enviados para o matar.

— Confio que tenha tirado essa ideia da cabeça do Mohammad.

— Tentei — afirmou Martel.

— Foi por isso lhe deu uma pistola?

— Que pistola?

— A que traz no bolso direito do casaco. — Keller conseguiu esboçar um sorriso. — Os drones nunca pestanejam.

Martel tirou a arma lentamente.

— Uma *FN Five-seven* — disse Keller.

— A arma regulamentar do SAS.

— Na realidade, chamamos-lhe «o Regimento». — Keller segurava a *Beretta* com as duas mãos. Afastou a esquerda da pistola e estendeu-a a Martel. — Eu fico com ela.

O francês limitou-se a sorrir.

— Não estará a pensar em fazer alguma tolice, pois não, Jean-Luc?

— Já fiz uma tolice. Agora, vou velar pelos meus interesses. — Olhou para Olivia, que estava sentada na beira da cama, junto de Natalie. — E pelos dela, naturalmente.

Keller baixou a arma.

— Diga ao Mohammad que quero falar com ele.

— Porque é que havia de fazer isso?

— Para que possa ouvir a minha proposta.

— A *sua* proposta? Que proposta?

— Que possamos sair calmamente daqui em troca das vidas do Mohammad e dos seus homens.

Martel deixou escapar um riso rouco e amargo.

— Acho que não entende bem a situação. É para si que estão a apontar com várias *Kalashnikovs*, não para mim.

— Mas eu tenho um drone — disse Keller. — E, se algo nos acontecer, o drone converterá o Mohammad num monte de cinzas. E a si também.

— Os drones Predator têm dois mísseis Hellfire. E não tenho qualquer dúvida de que acabo de ouvir duas explosões.

— Há outro drone em cima de nós.

— Não me diga.

— Como sabia, então, que tinha uma pistola no bolso?

— Adivinhou por pura sorte.

— Se prefere pensar assim...

Martel aproximou-se dele sem se apressar e olhou-o fixamente nos olhos.

— Deixe-me explicar-lhe o que é que está prestes a acontecer — disse baixinho. — Vou-me embora daqui com a Olivia. E depois os homens do Mohammad vão fazê-lo em picadinho, a si e aos seus amigos, com as suas *AK 47*.

Keller não disse nada.

— Não é assim tão duro sem a proteção do *don*, eh?

— É um homem morto.

— Como quiser.

Martel afastou-se de Keller e estendeu a mão a Olivia. Ela ficou imóvel junto de Natalie. Martel semicerrou os olhos, enfurecido.

— Quanto é que te pagaram para me traíres, meu amor? Sei que não o fizeste por pura bondade. Tu não tens coração.

Agarrou-a pelo braço, mas ela debateu-se com um puxão.

— Quanta nobreza da tua parte — comentou Martel sarcasticamente. Depois aproximou-lhe o canhão da *FN* da cabeça. — Põe-te de pé.

Keller levantou a sua arma e apontou-lha ao peito.

— O que é que vai fazer? Disparar? — perguntou o francês. — Se o fizer, morreremos todos.

Keller ficou em silêncio.

— Não acredita em mim? Aperte o gatilho — disse Martel. — Para ver o que acontece.

No Buraco Negro de Langley, só Uzi Navot observava a cena que decorria no acampamento através das imagens que o Sentinela enviava. Os outros olhavam absortos para o ecrã contíguo, onde os dois *Land*

Cruisers sinistrados ardiam como achas sobre as areias do Saara. Não eram, no entanto, os únicos veículos que tinham ficado danificados no ataque. O condutor do segundo jipe tinha perdido o controlo depois das explosões e tinha batido de frente e a grande velocidade contra um maciço de rochas. Muito danificado, o veículo estava caído sobre o lado do passageiro, com os faróis ainda ligados. Parecia que estavam dois homens lá dentro. Decorridos noventa segundos desde o impacto, nenhum dos dois se tinha mexido.

— Três pelo preço de dois — comentou Kyle Taylor, mas ninguém respondeu.

Tinham todos o olhar fixo no único jipe que tinha ficado intacto e que, depois de dar meia-volta, se estava a aproximar do veículo tombado. Um momento depois, dois homens tiraram freneticamente um terceiro dos destroços de ferro.

— Que probabilidades há de que seja o Saladino? — perguntou Kyle Taylor.

Adrian Carter viu como os dois homens colocavam, rapidamente, o ferido na parte de atrás do jipe intacto.

— Eu diria que cem por cento. A questão é se ainda está vivo ou não.

O jipe rumou a norte a toda a velocidade com os faróis desligados, seguido pelo Predator, já desprovido da sua carga mortífera. Segundo os sensores do drone, circulava a cento e quarenta e oito quilómetros por hora.

— Em pleno deserto e sem luzes — comentou Carter.

— Pelos vistos, falhámos o alvo — disse Taylor.

— Sim — conveio Carter. — E continua vivo.

Em Casablanca, Gabriel só tinha olhos para as imagens enviadas pelo Sentinel. As silhuetas esverdeadas e fantasmagóricas de Keller e Mikhail apontavam com as suas armas a Jean-Luc Martel, que segurava uma pistola junto à cabeça de uma das mulheres. Gabriel ignorava se era Olivia ou Natalie. Mohammad Bakkar e quatro dos seus homens esperavam fora da tenda, com as armas apontadas para a entrada. Devido às reduzidas dimensões do pátio central, estavam muito juntos. Gabriel calculou as probabilidades. Eram preferíveis a não fazer nada, disse a si próprio. Começou a enviar uma mensagem, mas parou e marcou um número. Segundos depois, viu que a silhueta esverdeada e espectral de Christopher Keller levava a mão ao bolso do casaco.

— Atende — disse Gabriel entredentes. — Ande o telemóvel.

Keller segurava a *Beretta* com a direita, enquanto o telemóvel via satélite vibrava na sua mão esquerda. O seu polegar permanecia suspenso sobre o ecrã.

— Não — sussurrou Martel roucamente.

— O que é que vai fazer, Jean-Luc?

Martel agarrou Olivia pelo cabelo e espetou-lhe o canhão da *FN* na têmpora. Keller tocou no ecrã tátil e aproximou rapidamente o telemóvel da orelha.

Gabriel falou com calma.

— Estão mesmo à entrada da tenda, o Bakkar e mais quatro. Muito juntos e com as armas montadas e carregadas.

— Alguma boa notícia?

— O Saladino continua vivo.

Keller baixou o telemóvel sem desligar e olhou para Mikhail.

— Estão na parte de fora da tenda à espera para nos matarem. Cinco homens, todos armados. Mesmo à entrada — acrescentou com ênfase.

— Todos? — perguntou Mikhail.

Keller fez um gesto afirmativo e olhou para Martel.

— Khalil, o iraquiano, é agora um pedaço de carne esturricado. Ou melhor, vários pedaços. Diga ao Mohammad que nos deixe sair ou ele será o próximo.

Martel arrastou Olivia para a entrada da tenda sem deixar de lhe apontar à cabeça. Keller largou o telemóvel que segurava na mão esquerda e levantou velozmente a direita. Efetuou dois disparos com o ruído seco e surdo de um profissional bem treinado. Os dois foram ter à cara de Martel. Em seguida, virou para a direita e junto com Mikhail abriu fogo contra os cinco homens parados do lado de fora.

Quando o fogo inimigo rasgou o tecido da tenda, Natalie puxou Olivia, obrigando-a a deitar-se no chão. Martel jazia junto delas com a *FN* ainda na mão sem vida. Natalie arrancou-lhe a pistola, apontou para a entrada e apertou o gatilho. Entretanto, na Casa dos Espiões em Casablanca, Gabriel observava e escutava. Via os membros da sua equipa a lutar para sobreviverem. Ouvia o estrépito dos disparos e os gritos de Olivia Watson.

SAARA, MARROCOS

Da perspectiva de Gabriel, a cena pareceu durar uma eternidade. Da de Keller, um segundo ou dois. Quando o fogo inimigo cessou fora da tenda, tirou o carregador gasto da sua *Beretta* e colocou outro, enquanto Mikhail fazia o mesmo ao seu lado. Depois olhou para Natalie e ficou surpreso ao ver que tinha a arma de Martel nas mãos estendidas. Olivia gritava histérica.

— Está ferida?

Olivia tinha um lado da cara coberto de sangue e com massa encefálica. Natalie examinou-a rapidamente à procura de feridas de bala, mas não encontrou nenhuma. O sangue e os miolos eram de Martel.

— Não, está bem.

Quicá algum dia estivesse, disse a si próprio Keller, mas esse dia demoraria a chegar. Baixou o braço e pegou no telemóvel.

— O que é que se passa aí fora?

— Pouca coisa — respondeu Gabriel.

— Algum sinal de movimento?

— O do meio. Daqui de cima, os outros parecem mortos.

— Que pena — disse Keller. — E agora?

Dezasseis quilómetros a norte dali, o último *Toyota Land Cruiser* atravessava velozmente uma faixa desabitada do deserto, perseguido pelo Predador.

— Que autonomia tem esse drone? — perguntou Navot.

— Oito horas e pico — respondeu Adrian Carter. — A não ser que os marroquinos descubram que levamos a cabo um ataque com drones no seu território sem a sua permissão. Então, muito menos.

— E esse? — Navot indicou a imagem do acampamento que o Sentinel enviava.

— Catorze horas.

— Até que ponto é indetetável?

— Até ao ponto de os marroquinos não o conseguirem encontrar.

Um dos telemóveis que Carter tinha à frente iluminou-se ao receber

uma chamada. Carter aproximou-o da orelha, ouviu e depois murmurou uma imprecação.

— O que é que se passa?

— A NSA está a detetar muita atividade em Marrocos.

— Atividade de que tipo?

— Pelos vistos, a coisa deu para o torto.

Outro telefone iluminou-se. Desta vez, era Morris Payne a ligar da Sala de Crise.

— Entendido — disse Carter, ao fim de um momento, e desligou. Depois olhou para Navot. — O embaixador de Marrocos acaba de ligar para a Casa Branca para perguntar se os Estados Unidos atacaram o seu país.

— O que é que vão fazer?

— A autonomia desses drones acaba de reduzir-se drasticamente.

— A do Sentinel também?

— Que Sentinel?

Carter deu ordem às equipas de controlo dos drones. Um instante depois, o Predator virou bruscamente para leste, a caminho da fronteira argelina. A sua câmara termográfica continuou a focar o jipe durante dois minutos, até que finalmente as imagens de infravermelhos desapareceram dos ecrãs do Buraco Negro. De seguida, desligaram-se as do Sentinel. A última imagem que Navot viu mostrava dois homens a sair com cautela de uma tenda no deserto, com as mãos estendidas a carregarem várias armas.

Os cinco homens do pátio tinham sido abatidos, efetivamente, mas dois deles ainda estavam com vida. Um era Mohammad Bakkar. O outro, um guarda. Mikhail matou-o com um só disparo na cabeça, enquanto Keller examinava Bakkar à luz das estrelas. O produtor de haxixe marroquino fora atingido com dois disparos no peito. Tinha a camisola empapada de sangue, e tinha sangue na boca. Era evidente que não lhe restava muito tempo.

Keller agachou-se ao seu lado.

— Onde é que vai, Mohammad?

— Quem? — perguntou Bakkar, engasgando-se com o sangue.

— O Saladino.

— Não conheço ninguém com esse nome.

— Pode ser que isto te refresque a memória.

Keller apoiou o canhão da *Beretta* no seu tornozelo e disparou. Os gritos do marroquino ressoaram na escuridão.

— Onde é que está?

— Não sei!

— Claro que sabes, Mohammad. Acolheste-o aqui, em Marrocos,

após os atentados de Washington. Deste-lhe o dinheiro de que precisava para atacar o meu país.

— Que país é esse? És francês? Ou és um maldito judeu, como ele?

Bakkar olhava para Mikhail, que se aproximava por cima do ombro de Keller. O britânico apoiou o canhão da *Beretta* na barriga da perna de Bakkar e apertou o gatilho.

— Sou britânico, na realidade.

— Nesse caso — respondeu o marroquino gemendo de dor —, que se foda o teu país.

Keller disparou sobre o joelho dele.

— *Allahu Akbar!*

— Assim seja — disse Keller com calma. — Onde é que estás?

— Já disse...

Outro disparo no que lhe restava do joelho. Bakkar começava a perder os sentidos. Keller esbofeteou-o.

— Mandou-te matar-nos?

Bakkar assentiu.

— E então o que é que tinhas de fazer depois?

O marroquino fechou os olhos. Keller estava a perdê-lo.

— Onde, Mohammad? Para onde é que vais?

— Para uma das minhas... casas.

— Onde? No Rife? No Atlas?

Bakkar afogava-se no próprio sangue.

— Onde, Mohammad? — Keller abanou-o violentamente. — Diz-me para onde vais para que te possa ajudar.

— Fez — ofegou Bakkar. — Vais para Fez.

A luz ia-se apagando dos seus olhos. Apesar do sangue e da dor, parecia profundamente satisfeito.

— Estás a mentir-me, não estás, Mohammad?

— Sim.

— Para onde é que vais?

— Quem?

— O Saladino.

— Para o paraíso — disse Bakkar. — Vou para o paraíso.

— Na verdade, duvido disso — respondeu Keller.

Apoiou a pistola na testa do marroquino e apertou o gatilho pela última vez.

Dos cinco homens que jaziam mortos no pátio central do acampamento, só Mohammad Bakkar tinha um telemóvel com ele: um *Samsung Galaxy* guardado no bolso da frente das calças, ao qual tinha extraído o cartão SIM e a bateria. Keller voltou a colocá-los e ligou-o, enquanto Mikhail e Natalie cuidavam de Olivia. Não havia um veículo

no acampamento (Saladino levará os quatro na sua desesperada tentativa de escapar), pelo que não lhes restou outro remédio senão partir a pé pelo deserto. Levaram só aquilo que podiam carregar facilmente: roupa de abrigo, telemóveis, passaportes, carteiras e duas *Kalashnikovs* com os carregadores cheios. Não se incomodaram a procurar uma lanterna entre os objetos do acampamento. Havia luar suficiente para alumiar o caminho.

Puseram-se em marcha às onze e cinco, hora local, e foram rumo a poente, adentrando-se no mar de areia. Keller ia à frente, seguido pelas duas mulheres e Mikhail, na retaguarda. Levava na mão direita o telemóvel de Mohammad Bakkar. Verificou o estado da bateria. Doze por cento.

— Merda — disse. — Alguém tem um carregador?

Até Olivia se conseguiu rir.

Em Casablanca, Gabriel e Yaakov Rossman avaliaram com calma o que restava da operação, cujos restos jaziam dispersos pelo deserto do sul de Marrocos desde a fronteira argelina às dunas de Erg Chebbi. Dois *Toyotas Land Cruiser* tinham ficado calcinados; o terceiro tinha capotado depois de se despenhar, e o quarto (onde provavelmente viajava Saladino gravemente ferido e a precisar de ajuda médica urgente) tinha sido visto, pela última vez, a circular a grande velocidade em direção a norte, para as montanhas do Médio Atlas. Jean-Luc Martel, o conhecido e corrupto empresário francês, jazia morto num acampamento remoto, junto a Mohammad Bakkar, o maior produtor de haxixe de Marrocos, e quatro dos seus homens. O telemóvel de Bakkar estava agora nas mãos de um agente da espionagem britânica. O indicador da bateria marcava menos de dez por cento, e continuava a baixar.

— Fora isso — comentou Gabriel —, saiu tudo conforme planeado.

— O Saladino estaria morto se os americanos tivessem escolhido o carro correto.

Gabriel não disse nada.

— Não estarás a pensar em...?

— Claro que sim.

Olhou para o ecrã do computador. Nele aparecia um mapa do sul de Marrocos. Duas luzes azuis avançavam para oeste desde Khamlia a atravessar o deserto. Uma luz vermelha sozinha mexia-se parcimoniosamente para oeste. Separavam-nas uns três quilómetros de distância.

— Dentro de uns minutos — disse Yaakov—, o canto sudeste de Marrocos encher-se-á de soldados e de polícias. Não demorarão muito tempo a encontrar dois *Toyotas* queimados e um acampamento cheio

de cadáveres. E então armar-se-á uma confusão das grandes.

— Já se armou.

— Mais uma razão para que mandes a equipa deitar fora as armas e dirigir-se ao ponto de evacuação em Agadir. Com um pouco de sorte, chegarão antes de ser dia e conseguiremos tirá-los de lá em seguida. Se não, terão de alojar-se discretamente num hotel da praia e ir-se embora amanhã à noite.

— É o mais prudente.

— A verdade é que não há nada de prudente neste assunto.

— E nós? — perguntou Gabriel.

— Daqui a pouco haverá controlos nas estradas por todo o país. Mais vale ficarmos aqui esta noite e irmos embora de manhã de avião. Vamos para Paris ou para Londres e lá apanhamos um avião para o Ben Gurion.

— E o Saladino?

— O Saladino consegue desenrascar-se sozinho para voltar para casa.

— É isso que me assusta.

No ecrã do computador, as luzes azuis tinham atingido a luz vermelha e, passado um momento, as três avançaram rumo a poente atravessando o deserto, para a localidade de Khamlia.

— O que é que lhes vais dizer? — perguntou Yaakov.

Gabriel digitou rapidamente a mensagem e carregou em enviar. Só continha três palavras.

LIGA O TELEMÓVEL...

SAARA, MARROCOS

Não tinham maneira de fazer um *download* de forma segura naquela zona sem cobertura do deserto meridional, de maneira que tiveram de analisar o *Samsung* à moda antiga: viram as mensagens uma por uma, os telefonemas e o historial da Internet. Natalie, que era a melhor da equipa que falava e lia árabe, encarregou-se de tratar do telemóvel, enquanto Keller remetia a informação para o posto de comando de Casablanca através do telemóvel via satélite. Iam na parte de trás do *Nissan Pathfinder*, com Dina sentada ao volante e Eli Lavon a fazer de copiloto e vigia. Mikhail viajava no *Jeep Cherokee* com Olivia.

— Como é que está? — perguntou Gabriel.

— Tão bem quanto se esperaria. Mas temos de tirá-la daqui. Esta noite, se possível.

— Estou a tratar disso. Agora, dá-me o próximo número.

Ao que parece, Mohammad Bakkar não tinha o *Samsung* há muito tempo. O primeiro telefonema recebido que aparecia na lista era do dia anterior às 19h19. A hora correspondia ao telefonema que recebeu de Jean-Luc Martel, enquanto estava com Keller no bar do Palais Faraj, em Fez. O número também era o mesmo. Pelos vistos, a pessoa que ligou para Martel para lembrar o seu encontro no acampamento do deserto, ligou de seguida a Bakkar para o informar de que estava tudo em ordem. Posteriormente, às 19h21, Bakkar tinha feito um telefonema.

— Dá-me esse número — disse Gabriel.

Keller ditou-lho.

— Repete.

Keller obedeceu.

— É o do Nazir Bensaïd.

Bensaïd era o jihadista marroquino e integrante do ISIS que tinha seguido Martel e a equipa de Casablanca até Fez, e de Fez até às montanhas do Médio Atlas.

— O Bakkar ligou a outra pessoa uns minutos depois — disse Keller.

— Para que número?

Keller deu-lho.

— Esse número aparece novamente?

Keller transpôs a pergunta para Natalie, que rapidamente se pôs à procura no historial do telemóvel. Bakkar tinha feito outro telefonema para aquele número às 17h17 dessa mesma tarde. Tinha recebido outra chamada às 17h23.

Keller informou Gabriel.

— De quem achas que é este número?

— Do convidado de honra?

Gabriel cortou a comunicação e ligou a Adrian Carter para Langley pela linha segura.

— Onde é que está o Nazir Bensaïd? — perguntou.

— O seu telemóvel está em Fez. Que ele o tenha com ele é outra questão.

Gabriel deu-lhe o número para o qual Mohammad Bakkar tinha ligado três vezes: uma na véspera, às 19h21, e duas vezes nessa mesma tarde, antes do encontro no deserto.

— Alguma ideia de a quem pertence? — perguntou Carter.

— Deduzo — disse Gabriel — que seja do Saladino.

— Onde é que o encontraste?

— Nas informações.

— Porque é que não nos lembrámos disso? Vou já passá-lo à NSA. Entretanto — acrescentou Carter —, diz à tua equipa que não perca esse telefone.

Vinte minutos depois de deixarem para trás o acampamento de nómadas berberes, o telemóvel de Mohammad Bakkar voltou a ligar-se à rede marroquina. Não recebeu mensagens de voz, nem de texto atrasadas, nem qualquer tipo de comunicação. Keller informou Gabriel e pediu instruções. Gabriel mandou-os seguir para a N13 para norte, até à povoação de Rissani, nos arredores do oásis de Tafilalet. Uma vez lá, seguiriam pela N12 e dirigir-se-iam para oeste, para Agadir.

— Achas que o Saladino estará à nossa espera quando chegarmos?

— Duvido — respondeu Gabriel.

— Então, porque é que vamos lá?

— Porque Agadir é bem mais agradável do que a prisão de Temara.

— E as armas?

— Atirem-nas para o deserto. É muito provável que encontrem operações *stop*.

— E se assim for?

— Improvisem.

Cortou-se a comunicação.

— O que é que ele disse? — perguntou Eli Lavon.

— Para improvisarmos.

— E as armas?

— Diz para ficarmos com elas — disse Keller. — Por via das dúvidas.

Passava da meia-noite quando chegaram à aldeia de Khamlia. Enquanto Dina apanhava o desvio da N13 para norte passaram dois helicópteros rumo a leste.

— Pode ser uma patrulha de rotina — disse Keller.

— Pode — afirmou Eli Lavon num tom cético.

A *Kalashnikov* que Keller trouxera do acampamento estava escondida num saco de desporto, na mala do carro. Trazia a *Beretta* à cintura das calças, à altura dos rins. Olhou para trás e viu os faróis do *Jeep Cherokee*, que os seguia a uns cem metros de distância. Perguntava-se como é que Olivia reagiria se os polícias marroquinos a interrogassem. Mal, certamente.

Ao virar-se para a frente, viu umas luzes de emergência que se aproximavam depressa. Vários veículos passaram ao seu lado, esbatidos pela velocidade.

— Isto não me está a cheirar bem — comentou Lavon. — De certeza que o Gabriel não quer que nos desfaçamos das armas?

Keller não respondeu. Olhava fixamente para o telemóvel de Mohammad Bakkar, que vibrava na sua mão. Era uma mensagem de texto recebida escrita em árabe e enviada do mesmo número para o qual Bakkar tinha ligado nessa tarde. Keller levantou o telemóvel para que Natalie o visse. Os olhos dela dilataram-se ao ler a mensagem.

— O que é que diz? — perguntou Keller.

— Quer saber se estamos mortos.

— A sério? Pergunto-me de quem será a mensagem.

Keller pegou no telemóvel via satélite e começou a marcar, mas parou ao ver um polícia no meio da estrada com uma lanterna de sinalização na mão.

— O que é que faço? — perguntou Dina.

— Paras, claro — respondeu Keller.

Dina encostou à berma e parou o carro. Atrás deles, Yossi Gavish fez o mesmo com o *Jeep Cherokee*.

— O que é que lhes digo? — perguntou Dina.

— Improvisa — sugeriu Keller.

— E se não acreditarem em mim?

Keller olhou para a mensagem do telemóvel de Mohammad Bakkar.

— Se não acreditarem — disse —, morrem.

RISSANI, MARROCOS

Dina falou com o polícia em alemão, muito depressa e num tom assustado. Disse que ela e os seus amigos estavam a acampar no deserto e que tinham visto umas explosões e ouvido disparos. Temendo pelas suas vidas, tinham fugido do acampamento com a roupa do corpo.

— Em francês, *madame*. Em francês, por favor.

— Não falo francês — respondeu Dina em alemão.

— Inglês?

— Sim, inglês sim.

Mas a sua pronúncia era tão forte que parecia estar a falar alemão. Exasperado, o polícia viu o seu passaporte, enquanto o seu colega dava a volta, lentamente, ao veículo. O feixe de luz da lanterna parou uns segundos na cara de Keller, o suficiente para que o britânico pensasse fugazmente em deitar a mão à *Beretta*. Por fim, o polícia passou para a parte de trás do jipe e tocou com os nós dos dedos na janela.

— Abra — ordenou em árabe, mas o seu colega adiantou-se. Devolveu o passaporte a Dina e perguntou para onde iam. E quando ela respondeu em alemão, fez-lhe sinal para que continuasse a circular. E o *Jeep Cherokee* também.

Keller passou o telemóvel de Bakkar a Natalie.

— Responde-lhe.

— O que é que lhe digo?

— Que estamos mortos, naturalmente.

— Mas...

— Despacha-te — interrompeu-a Keller. — Já o fizemos esperar bastante.

Natalie mandou uma só palavra: *aiwa*. «Sim» em árabe. A pessoa que estava do outro lado da linha começou a responder de imediato. A sua mensagem apareceu uns segundos depois. Uma só palavra, também em árabe.

— O que é que diz? — perguntou Keller.

— *Alhamdulillah*. Quer dizer...

— Graças a Deus.

- Mais ou menos.
- Ou seja — acrescentou Keller —, já cá canta.
- Ele ou alguém muito próximo.
- Isso basta.

Keller ligou a Gabriel pelo telemóvel via satélite para informar do que acabara de acontecer.

- Deverias ter-me consultado antes de enviar essa mensagem.
- Não tive tempo.
- Tentem que continue a falar.
- Como?
- Perguntem-lhe se está ferido.

Keller disse a Natalie que mandasse a mensagem. Decorreu um minuto antes que o *Samsung* anunciasse com um barulhinho a chegada de uma resposta.

- Está ferido — disse Natalie.

— Pergunta-lhe se os outros morreram no ataque — mandou Gabriel.

- Estás a brincar com a sorte — comentou Keller.
- Mandem a mensagem, caramba.

Natalie obedeceu. A resposta foi imediata.

- «Quase todos os irmãos morreram» — leu.
- Pergunta-lhe quantos irmãos estão com ele.

Natalie escreveu a mensagem e enviou-a.

- Dois — disse pouco depois.
- Estão feridos?

Outra troca de mensagens.

- Não.
- Precisa de um médico?
- Cuidado — advertiu-o Keller.
- Manda — mandou Gabriel com aspereza.

A resposta demorou quase dois minutos a chegar.

- Sim — disse Natalie. — Precisa de um médico.

Fez-se outro silêncio na linha.

- Precisamos de saber para onde é que vai — disse Gabriel por fim.
- Rastreiem o telemóvel — respondeu Keller.
- Se o desligar, perdê-lo-emos. Há que lhe perguntar.

Natalie escreveu a mensagem e mandou-a. A resposta foi ambígua.

PARA O RIAD. Para casa.

- Isso não chega — disse Gabriel.

- Não podemos perguntar para que casa.

— Diz-lhe que vais mandar o Nazir para cuidar dele até que chegue o médico.

- Espero que saibas o que estás a fazer — disse Keller.
- Mandem.

Natalie assim o fez. Depois redigiu uma segunda mensagem e enviou-a para o número de Nazir Bensaïd. Tiveram de esperar cinco longos minutos até que chegou a resposta.

— Já está! — anunciou Natalie. — Vai para lá.

Keller aproximou o telemóvel via satélite do ouvido.

— Continuas a querer que vamos para Agadir?

— Nem todos — respondeu Gabriel.

— Foi uma pena o que aconteceu às armas.

— Alguma possibilidade de as conseguirem encontrar?

— Sim — disse Keller. — Acho que sei onde as procurar.

O telefonema seguinte, que receberam no posto de comando de Casablanca, era de Adrian Carter.

— Localizámos o seu telemóvel três ou quatro minutos, mas voltou a esfumar-se.

— Sim, eu sei.

— Como?

— Estava a falar connosco.

— O quê?

Gabriel explicou-lhe.

— Alguma ideia de onde é essa casa?

— Não me pareceu uma boa ideia perguntar. Para além disso, temos o Nazir Bensaïd para que nos mostre o caminho.

— Já está a caminho — disse Carter.

— Onde é que está?

— A sair de Fez, de volta ao Médio Atlas.

— Onde vai tratar do Saladino até o médico chegar — disse Gabriel.

— Estás a pensar em fazer-lhe uma visita?

— Ao estilo do Departamento.

— Pois temo que tenhas de tratar disso sozinho.

— Há alguma possibilidade de nos emprestarem uns desses drones de vigilância?

— Não, nenhuma.

— A que horas passa o vosso próximo satélite?

Carter perguntou aos gritos aos agentes reunidos no Buraco Negro. A resposta chegou logo depois.

— Haverá um pássaro a sobrevoar o leste de Marrocos às quatro da madrugada.

— Gozem o espetáculo — disse Gabriel.

— Não estás a pensar em ir lá pessoalmente, pois não?

— Não me vou embora daqui sem ele, Adrian.

— É a primeira parte dessa frase que me preocupa.

Gabriel desligou sem acrescentar mais nada e olhou para Yaakov.

- Há que limpar este lugar e sair daqui.
- Yaakov não se mexeu.
- Não estás de acordo com a minha decisão?
- Não. É que...
- Não estás preocupado com esses malditos *jinn*s, pois não?
- É suposto não fazermos barulho à noite.
- Gabriel fechou o seu portátil.
- Pois não faremos barulho. Melhor assim.

Cinco minutos depois, as forças armadas e os serviços de segurança marroquinos estavam em estado de alerta máximo. Ainda assim, no meio da confusão, ignoraram dois movimentos de material e de pessoas de pouca magnitude e de vital importância: o primeiro teve lugar nos arredores da localidade de Rissani, onde um *Jeep Cherokee* e um *Nissan Pathfinder* pararam uns minutos no cruzamento de duas estradas que atravessavam o deserto, em plena noite. Aí, dois indivíduos (um baixo e com aspeto de erudito e o outro alto e desajeitado) trocaram de lugares nos respetivos veículos. De seguida, os carros retomaram a marcha, cada um para o seu lado. O *Jeep Cherokee* dirigiu-se para oeste, para o mar; o *Nissan*, para norte, para as colinas do Atlas. Os ocupantes do *Cherokee* sabiam o que os aguardava; os do *Nissan*, pelo contrário, iam ao encontro de um destino incerto. Dispunham de duas pistolas *Beretta*, duas *Kalashnikov*, passaportes, cartões de crédito, dinheiro em numerário, telemóveis e um telemóvel via satélite. E o que era mais importante: tinham em seu poder um telemóvel que tinha pertencido brevemente ao principal produtor de haxixe de Marrocos. Um telemóvel que, com sorte, os conduziria até Saladino.

A segunda deslocação teve lugar a uns seiscentos e quarenta quilómetros a noroeste de Casablanca, onde dois homens saíram com todo o sigilo de uma casa antiga e descolorida para não acordarem os demónios que nela moravam e enfiaram a sua bagagem num *Peugeot* alugado. Seguiram pelas avenidas desertas do bairro colonial e foram deixando para trás os decrépitos edifícios *art nouveau*, os modernos blocos habitacionais dos novos-ricos e os míseros *bidonvilles* até, por fim, chegarem à autoestrada. Coube ao mais novo dos dois conduzir. O mais velho passou o tempo a carregar e a descarregar a sua *Beretta*. Não tinha por que estar ali, essa era a verdade. Agora era o chefe, e um chefe tinha de saber qual era o seu lugar. Mas para tudo tinha de haver uma primeira vez.

Guardou a pistola carregada na cintura das calças, nas costas, e deu uma vista de olhos ao telemóvel. Depois contemplou as luzes infinitas de Casablanca pela janela.

- Em que é que estás a pensar? — perguntou o mais novo dos dois.
 - Penso que tens de conduzir mais depressa.
 - É a primeira vez que faço de motorista do chefe.
- O mais velho dos dois sorriu.
- Pensavas nisso?
 - Porque é que perguntas?
 - Porque parecia que estavas a apertar um gatilho.
 - Com que mão?
 - Com a esquerda — respondeu o mais novo. — Não há dúvida, com a esquerda.
- O mais velho olhou pela janela.
- Quantas vezes?

MONTANHAS DO MÉDIO ATLAS, MARROCOS

O telemóvel mexia-se para sul a um ritmo constante, atravessando as planícies que rodeavam Fez, para os sopés do Médio Atlas. Ignoravam se o seu portador era Nazir Bensaïd. Sem os drones, era-lhes impossível visualizar o alvo e nem a NSA, nem a Unidade 8200 tinham conseguido ativar o microfone ou a câmara do telemóvel. Até onde eles sabiam, o dispositivo ia na parte de trás de uma carrinha e Nazir Bensaïd encontrava-se em algum ponto da labiríntica medina de Fez.

Era uma e meia da manhã quando o telemóvel chegou à vila berbere de Imouzzer. O seu avanço foi mais lento ao atravessar a rua principal da aldeia. Gabriel, que recebia atualizações frequentes de Adrian Carter, perguntava-se se já estariam perto da meta. Um lugar como Imouzzer proporcionava muitas vantagens a um fugitivo, pensou. Era suficientemente pequeno para que os ocidentais chamassem a atenção e tinha, ao mesmo tempo, atividade suficiente para que um homem vestido com um turbante passasse despercebido. Os cumes desabitados do Médio Atlas não eram assim tão longe caso o fugitivo precisasse de fugir, e os deleites de Fez ficavam a uma hora de viagem de carro. Uma imagem formou-se na mente de Gabriel: a de um homem alto e corpulento, vestido com um turbante, a coxear pelos becos estreitos da medina.

Mas à uma e trinta e cinco da madrugada, o telemóvel saiu de Imouzzer e, aumentando de velocidade, dirigiu-se para Ifrane, uma estância turística que parecia ter sido arrancada dos Alpes e depositada artificialmente no Magrebe. Gabriel perguntou-se de novo se estariam perto. Dessa feita, vestiu o seu alvo com outras roupas (calças e casaco de lã, em vez do turbante) e imaginou-o a passar o inverno a seguir aos atentados de Washington num confortável hotelzinho de estilo suíço. Mas, quando o telemóvel abandonou Ifrane, Gabriel apagou aquela imagem cobrindo-a com uma camada de tinta e esperou que Adrian Carter voltasse a informá-lo da situação a partir do Buraco Negro.

— Mais depressa — disse. — Tens de conduzir mais depressa.

— Vou o mais depressa que consigo — respondeu Yaakov.

— Tu não — disse Gabriel. — *Ele*.

A próxima cidade pela qual o telemóvel passou foi Azrou. De lá apanhou a N13, a estrada que unia as montanhas do Médio Atlas com o Saara e pela qual, naquele momento, circulavam para o norte Keller, Mikhail, Natalie e Dina. Atravessou uma série de aldeias berberes (Timahdite, Aït Oufella, Boulaajoul) até que, finalmente, parou a uns duzentos metros da localidade de Zaida, em circunstâncias sobre as quais só podiam especular. Uma casa, uma fortaleza, uma tenda de pelo de camelo montada num descampado salpicado de penhascos. Passaram dez minutos intermináveis até que, por fim, chegou uma mensagem ao telemóvel de Mohammad Bakkar. Keller leu-a em voz alta a Gabriel.

— O Nazir diz que o irmão está muito ferido.

— Que pena.

— Diz que precisa de um médico urgentemente. Se não, pode não sobreviver.

— Tanto melhor.

— Estás a pensar em deixar a natureza seguir o seu curso?

— Não, nada disso — afirmou Gabriel. — Diz-lhe que o médico vai para lá. E que vem de Fez.

Houve um momento de silêncio, enquanto Natalie redigia a mensagem em árabe e a enviava. Segundos depois, Gabriel ouviu o barulhinho que anunciava a resposta.

— *Alhamdulillah* — disse Keller.

— Não poderia estar mais de acordo.

Gabriel ouviu outro barulhinho.

— O que é que diz?

— Quer saber onde estou.

— Não sabia que eram amigos.

— Acha que sou...

— Sim, eu sei — respondeu Gabriel. — Diz-lhe que demoraste mais do que esperavas a resolver o assunto do transporte. E que estarás lá daqui a duas horas, talvez menos.

Fez-se de novo silêncio, enquanto Natalie enviava a mensagem.

— Alguma resposta?

— Não.

— Está a escrever?

— Não parece.

— Diz-lhe que te preocupa a segurança do irmão.

Passaram uns segundos. Depois Keller disse:

— Enviado.

— Agora pergunta-lhe quantos irmãos há no *riad*.

Depois de outra troca de mensagens, Keller disse:

— Quatro.

— Perguntem-lhe se têm armas para se defenderem dos infieis.

Um momento depois tinham a resposta.

— Parece que estão bem armados — disse Keller. — Queres perguntar mais alguma coisa?

— Não, já chega de perguntas. O pássaro dir-nos-á qualquer outra coisa que precisemos de saber.

— Onde é que estão?

Gabriel olhou para a paisagem na penumbra através da janela.

— Em Marte — disse sombriamente. — E vocês?

— Numa terra chamada Kerrandou. A uns noventa e cinco ou cem quilómetros de Zaida. Se não houver mais operações *stop*, dentro de hora e meia estaremos lá.

— Nós chegamos mesmo atrás.

Gabriel cortou a comunicação e ligou para o Buraco Negro de Langley.

— Já cá canta — disse a Adrian Carter.

— O pássaro sobrevoará a zona às quatro da madrugada hora local.

— Tens a certeza?

— Não te preocupes. É um satélite espião — afirmou Carter. — E lá por cima não há muito trânsito inesperado.

ZAIDA, MARROCOS

Era uma localidade parda e poeirenta, constituída por edifícios baixos de cor castanha. As lojas e os cafés ao longo da rua principal estavam encerrados e, àquela hora, não havia qualquer sinal de vida exceto os três homens que esperavam por um autocarro, abrigados sob uma paragem decadente. Um *Jeep Cherokee* repleto de rostos ocidentais mereceu a sua total atenção. As expressões austeras deixaram claro que forasteiros não eram bem-vindos, principalmente às três e meia da manhã.

— Parece um lugar ao estilo do Saladino — disse Keller.

— Achas que eles sabem da existência do iraquiano alto que vive na parte oriental da cidade? — perguntou Mikhail.

— Duvido.

— Não me importava de dar uma olhadela à propriedade, já que estamos de passagem.

— É demasiado arriscado. É melhor esperar pelo pássaro.

Ao volante, Dina atravessou o resto da povoação sem abrandar e conduziu até à desoladora zona rural, deserta de árvores. A norte, a cerca de dois quilómetros e meio, havia uma estrada de terra batida que desembocava num pequeno lago, o tipo de lugar onde uma família marroquina poderia estender um cobertor num dia fresco de outono e esquecer-se dos seus problemas durante algumas horas. Dina desligou o motor, enquanto Keller telefonava a Gabriel e lhe dizia onde os poderiam encontrar. Alguns minutos depois, tiveram notícias de Nazir Bensaid através de uma mensagem de texto. Aparentemente, o estado de saúde do irmão estava a piorar. Quando é que chegaria o médico? Em breve, assegurou-lhe Natalie. *Inshallah*.

— Aí vêm eles — disse Dina.

Fez-lhes sinal de luzes e o carro que se aproximava virou para sair da estrada e parou. Keller e Natalie caminharam até ao carro e deslizaram para o banco de trás. Keller viu as horas no telefone de Mohammad Bakkar. Eram 3h45 madrugada.

— Que surpresa encontrar-vos por aqui. Que tal a viagem?

Nem Gabriel nem Yaakov responderam.

Keller fitou o exterior pela janela.

— Pergunto-me porque é que o Mohammad e o médico estarão a demorar tanto.

— Se calhar teve problemas com o carro — sugeriu Gabriel.

— Ou problemas com a perna esquerda — gracejou Keller. — Ou talvez esteja com dificuldades para pensar com clareza.

Examinou novamente o telefone: 3h46...

— Achas que os marroquinos já encontraram o acampamento?

— Diria que sim.

— Achas que já identificaram alguma das vítimas?

— Uma ou duas.

— Vai ser uma notícia bombástica, não achas? Um importantíssimo produtor de haxixe e um hoteleiro francês encontrados mortos juntos.

— Quase tão bombástica como um ataque falhado com drones em solo marroquino.

— Pergunto-me quanto tempo é que demorará a tornar-se pública. Porque se isso acontecer...

Keller deixou o pensamento inacabado.

3h47...

Gabriel telefonou a Carter às quatro em ponto. Transcorreram mais dez minutos, enquanto as câmaras e sensores do satélite avaliavam o alvo.

— É um recinto murado. Uma estrutura maior e dois anexos mais pequenos.

— Como é que são os muros?

— É difícil determinar a altura, principalmente no escuro. Vão ter de dar uma volta de reconhecimento de carro ou usar a imaginação.

— O portão está aberto ou fechado?

— Fechado — disse Carter. — E o *Renault* do Nazir Bensaïd está lá, sem dúvida nenhuma.

— Quantos homens?

— Dois no exterior, três no interior. Todos na estrutura principal. Estão agrupados, bastante próximos uns dos outros.

— A tratar de um homem ferido.

— Parece que sim.

— Em que sítio da casa é que estão?

— Andar de cima, canto sudeste.

— Virados para Meca.

— Detetámos muito mais calor adicional nessa divisão — disse Carter. — O Kyle acha que é equipamento informático.

— E sabe Deus que o Kyle nunca se engana.

— É possível que tenham encontrado o recinto a partir do qual o Saladino tem dirigido os atentados. Possivelmente, as joias da coroa

da rede estão nesses computadores.

— Estás a sugerir que confiscuemos tudo o que conseguirmos?

— Talvez não seja má ideia.

— Há mais alguma coisa que me possas dizer?

— Parece que ele tem dois cães lá dentro. Grandes — acrescentou Carter.

Gabriel praguejou suavemente. O seu medo de caninos era do conhecimento geral na irmandade internacional de espões.

— Lamento ser o portador de más notícias — disse Carter compassivamente.

— Que género de extremista muçulmano que se preze tem cães em casa?

— O género que não confia em gatos para o avisarem de um intruso. E mais uma coisa — disse Carter. — A NSA tem estado a escutar a polícia e o exército marroquinos.

— E?

— Sabem muito bem que fizemos um ataque com drones no solo deles ontem à noite. E sabem que o Mohammad Bakkar e o Jean-Luc Martel estão mortos.

— Quanto tempo até divulgarem a notícia?

— Se tivesse de adivinhar, diria que o povo marroquino ouvirá falar disto com os cereais do pequeno-almoço.

— Então se calhar devíamos criar outro assunto.

— Nós?

— Avisa-me se houver algum movimento no recinto.

Gabriel desligou.

— Problemas? — perguntou Keller.

— Dois cães e um portão trancado.

— Quanto aos cães, não se pode fazer grande coisa, mas o portão não deve ser um problema.

Keller entregou o telefone de Mohammad Bakkar a Natalie, que escreveu uma mensagem e a enviou a Nazir Bensaid, para o interior do recinto. A resposta tardou uns segundos.

— Está feito — disse ela.

Gabriel e Yaakov tinham trazido mais do que apenas computadores e equipamento de comunicação segura da Casa de Espões em Casablanca. Também tinham tirado duas pistolas *Jericho* calibre 45 e duas submetralhadoras compactas *Uzi Pro*. Gabriel deu a Yaakov uma de cada e a Natalie uma *Uzi Pro*. Guardou unicamente uma *Jericho* para si.

— A arma perfeita para autodefesa — disse Keller.

— Também é perfeita para eliminar aqueles que dão conselhos

indesejados.

— Não quero meter-me em assuntos familiares, mas...

— Então não te metas — disse Gabriel.

Keller pareceu refletir.

— Quantos cães é que há no recinto? Disseste um ou dois?

Gabriel não disse nada.

— Deixa-nos tratar deles, a mim e ao Mikhail. Ou, melhor ainda — disse Keller —, vamos mandar o Yaakov entrar sozinho. Tem ar de quem já fez este tipo de coisas uma ou duas vezes.

Yaakov introduziu habilmente o carregador na *Uzi Pro* e olhou para Gabriel.

— Ele tem razão, chefe.

— Não comeces tu também.

— Há limites quanto ao que aquele satélite nos consegue dizer. E o que *não* nos consegue dizer é se há esconderijos de franco-atiradores ou se aqueles rapazes estão vestidos com coletes-suicidas.

— Então, devemos presumir que sim.

Yaakov colocou uma mão sobre o ombro de Gabriel.

— Já não és um miúdo qualquer. Agora, és o chefe. Deixa-nos tratar disto, aos três. Ficas aqui com...

— Com as mulheres?

— Não foi isso que quis dizer — disse Yaakov. — Mas alguém tem de as proteger.

— A Dina esteve no exército israelita, tal como todos nós. Consegue proteger-se sozinha.

— Mas...

— Tomei a devida nota do que disseste, Yaakov. Vais conduzir ou é melhor ser eu a encarregar-me disso?

Yaakov hesitou, depois deslizou para trás do volante. Mikhail deixou-se cair no lugar do passageiro, à frente, Gabriel e Keller no banco de trás. Natalie observou enquanto o carro partia em direção a Zaida. Depois, caminhou até ao *Jeep Cherokee* e entrou para o lugar do passageiro. Colocou a *Uzi Pro* no chão entre os pés e viu as horas no telefone de Mohammad Bakkar. Eram 4h11.

— Se calhar, devíamos ouvir as notícias.

Dina ligou o rádio e tentou sintonizá-lo em algo que soasse como um noticiário matinal. Perante o som de uma voz masculina, parou e olhou para Natalie.

— Está a ler versos do Corão.

Dina voltou a girar o sintonizador.

— Melhor?

— Sim.

— De que é que ela está a falar?

— Do tempo.

— Qual é a previsão?

— Quente.

— Não me digas.

Natalie riu-se suavemente.

— Lembras-te daquele dia em Nahalal? — perguntou pouco depois.

— O dia em que tentei dizer que não a tudo isto?

Dina sorriu perante a recordação.

— E agora olha para ti. És uma de nós.

Na estrada, um camião passou. Depois outro. As estrelas da metade oriental do céu estavam a começar a esmorecer.

— Como é que ele era? — perguntou Dina.

— Quem?

— O Saladino.

— Não interessa. — Natalie verificou novamente as horas. — Daqui a alguns minutos, vai estar morto.

ZAIDA, MARROCOS

Tal como as restantes povoações pequenas por esse mundo fora, Zaida, por natureza, não dormia até tarde. Um dos cafés na praça principal estava aberto e os passageiros na paragem em frente estavam a entrar num autocarro fumegante com destino a Fez. O fedor a gasóleo do tubo de escape invadiu o carro enquanto Yaakov, guinando para evitar uma cabra tresmalhada, passava por ele. A sua velocidade era a ideal. Não iam demasiado depressa nem, mais importante ainda, observou Gabriel, demasiado devagar. Uma mão repousava levemente no volante, a outra estava imóvel sobre a alavanca das mudanças. Por seu lado, Mikhail tamborilava no painel central do carro. Contudo, Keller parecia absolutamente indiferente ao que estava prestes a acontecer. Na verdade, se não fosse pela *Kalashnikov* pousada sobre as coxas, poderia muito bem ser um turista a ver as vistas numa excursão por uma terra exótica.

— Não podes, pelo menos, fingir estar um bocadinho preocupado?
— disse Gabriel.

— Com o quê?

— Com essa arma, para começar. Parece uma peça de museu.

— É uma arma impecável, a *Kalashnikov*. Para além disso, deu conta do recado perfeitamente, no campo do deserto. Pergunta ao teu amigo Dmitri Antonov. Ele conta-te.

Mas Mikhail não estava a ouvir; continuava a tamborilar no painel no carro.

— Há alguma forma de conseguires fazê-lo parar? — perguntou Keller.

— Já tentei.

— Esforça-te mais.

Yaakov retirou a mão direita das mudanças e colocou-a sobre a de Mikhail. Os dedos detiveram-se.

— Muito agradecido — disse Keller.

Alguns metros para lá da praça, a povoação começava a reduzir-se. Atravessaram um riacho seco e entraram numa região mais baixa que separava a civilização do deserto. Alguns edifícios em ruínas brotavam da terra castanha de ambos os lados da estrada e, a leste, como uma

ilha num mar de pedras, vislumbrava-se o recinto. Ao longe, era impossível perceber o que era: uma casa, uma fábrica, uma instalação governamental secreta, o esconderijo do terrorista mais perigoso do mundo. Os muros exteriores pareciam ter cerca de três a três metros e meio de altura, com espirais de arame farpado no topo. O caminho privado que fazia a ligação entre o recinto e a estrada não era pavimentado, garantindo que qualquer veículo que se aproximasse faria bastante ruído e levantaria uma nuvem de pó.

Gabriel ergueu o telefone até ao ouvido. Estava conectado a Adrian Carter, em Langley.

— Conseguem ver-nos?

— É difícil passarem despercebidos.

— Alguma alteração?

— Dois no exterior, três no interior. Estão na mesma divisão. Um deles não se mexe há bastante tempo.

Gabriel baixou o telefone. Yaakov estava a fitá-lo pelo espelho retrovisor.

— Quando virarmos — disse ele — perdemos completamente o fator surpresa.

— Mas nós não vamos surpreendê-los, Yaakov. Estão à nossa espera.

Yaakov virou para o caminho privado e avançou na direção do recinto.

— Acende os máximos — instruiu Gabriel.

Yaakov assim fez, iluminando com luz branca a paisagem inóspita e rochosa.

— Agora, estão a ver-nos.

Gabriel ergueu um segundo telefone até ao ouvido, o que estava conectado a Natalie, e disse-lhe que tocasse à campainha.

Natalie já escrevera a mensagem no telemóvel de Mohammad Bakkar. Agora, seguindo as ordens de Gabriel, premiu o botão para a enviar.

— Então? — perguntou ele.

— Está a escrever a resposta.

A mensagem finalmente apareceu.

— Diz que vão abrir o portão.

— Que gentil da parte deles. Mas diz-lhes que se despachem. O médico está muito ansioso por ver o irmão.

Natalie enviou a mensagem do *Samsung* de Bakkar. Depois, ligou o seu próprio telefone em modo altifalante e aguardou pelo som dos disparos.

Nesse momento, Gabriel já estava a falar com Adrian Carter em Langley.

— Alguma alteração?

— Dois homens a prepararem-se para abrir o portão, um a descer umas escadas. Parece que tem uma arma.

— Lá se vai a hospitalidade árabe — disse Gabriel, e baixou o telefone.

Estavam a uns cinquenta metros do recinto e a aproximar-se a uma velocidade moderada. Agora, os faróis iluminavam diretamente o portão. Era um modelo de batente com duas folhas, em aço inoxidável. Uma nuvem de pó assentou em redor deles como nevoeiro, enquanto Yaakov abrandava até parar. Durante vários segundos, não aconteceu nada.

Gabriel ergueu o telefone de Langley até ao ouvido.

— O que é que se passa?

— Parece que estão a destrancá-lo.

— Onde é que está o terceiro homem?

— À espera no exterior, à entrada da casa.

— E onde é que fica a entrada relativamente a nós?

— Às vossas duas horas.

Gabriel voltou a baixar o telefone, enquanto uma fenda se abria entre as folhas do portão. Transmitiu a informação do satélite aos outros três homens no interior do carro e emitiu um conjunto sucinto de instruções.

Keller franziu o sobrolho.

— Importas-te de dizer isso outra vez numa língua que eu consiga perceber?

Gabriel não se apercebera de que estava a falar hebreu.

Subitamente, o portão começou a abrir-se, puxado por dois pares de mãos. Yaakov equilibrou a *Uzi Pro* sobre o volante e fez pontaria para o par de mãos à direita. Mikhail apontou a *Kalashnikov* para as mãos à esquerda.

— Esquece — disse Keller. — Não é preciso tradução.

Finalmente, o portão abriu-se o suficiente para que coubesse um carro. Dois homens, cada um deles com uma espingarda automática na mão, caminharam para a fresta e fizeram sinal a Yaakov para que entrasse no recinto. Em vez disso, Yaakov disparou uma rajada de tiros para o homem da direita através do para-brisas. Mikhail, sentado ao seu lado, premiu várias vezes o gatilho da *Kalashnikov* na direção do homem da esquerda. Nenhum dos guardas conseguiu disparar uma única bala de resposta, mas, enquanto Yaakov acelerava através do portão aberto, uma arma abriu fogo a partir da entrada do edifício principal. Mikhail respondeu através da janela aberta do passageiro da frente, enquanto Gabriel, sentado atrás dele, disparou várias balas da

Jericho 45. Em poucos segundos, a arma da entrada silenciou-se.

Yaakov travou abruptamente e colocou o carro em ponto-morto enquanto Mikhail e Gabriel rebojavam para fora do veículo e começavam a atravessar o pátio exterior do recinto. Mikhail afastou-se rapidamente de Gabriel e, após alguns passos, Keller também o ultrapassou. Os dois soldados de elite fizeram uma breve pausa à entrada, junto do corpo do terceiro atirador. Gabriel olhou de soslaio para baixo, para o rosto sem vida. Era Nazir Bensaïd.

Para lá da entrada, havia um pátio mourisco ornamentado, azulado pelo luar, com portas de cedro em cada um dos quatro lados. Keller e Mikhail transpuseram a porta à direita e atravessaram um *hall* até um lanço de escadas de pedra. Foram imediatamente recebidos com disparos de uma arma automática vindos de cima. Os dois agentes lançaram-se para o chão em busca de cobertura, um à direita, o outro à esquerda, enquanto Gabriel se mantinha agachado lá fora, no pátio. Quando os disparos cessaram, Gabriel esgueirou-se para o interior do *hall* e refugiou-se junto de Mikhail. Keller, precisamente do lado oposto, fez o canhão da sua *Kalashnikov* espreitar para a escadaria e disparou cegamente várias balas para a escuridão. Então, Mikhail fez o mesmo.

Quando pararam para recarregar, só se ouvia o silêncio vindo de cima. Gabriel espreitou em torno da extremidade da parede. O patamar no topo das escadas parecia vazio, mas, no escuro, não conseguia ter a certeza. Finalmente, Keller e Mikhail subiram o primeiro degrau. Subitamente, ouviu-se um grito lancinante. O grito de uma mulher, pensou Gabriel: duas palavras árabes com significado religioso que deixavam poucas dúvidas quanto ao que iria suceder a seguir. Agarrou na camisa de Mikhail e puxou-a com toda a força que lhe restava no corpo, enquanto Keller se lançava pelas escadas abaixo para se refugiar em segurança. Um segundo depois, a bomba explodiu. Aparentemente, Saladino tinha perdido o sentido de oportunidade.

Gabriel transportava dois telemóveis no bolso do casaco, um ligado a Adrian Carter, o outro a Natalie e Dina. Carter e os restantes agentes reunidos no Buraco Negro tinham a vantagem das câmaras e sensores do satélite, mas Natalie e Dina só dispunham de informação a partir da transmissão de áudio. A qualidade era má e os ruídos chegavam-lhes abafados. Mesmo assim, não tiveram qualquer dificuldade em perceber o que estava a acontecer no interior do recinto. Uma breve, mas intensa, troca de tiros, uma mulher a gritar «*Allahu Akbar*», o som inconfundível de uma bomba a explodir. Depois disso, houve apenas silêncio. Dina pôs, rapidamente, o motor a trabalhar. Pouco depois, estavam a acelerar ao longo da rua principal de Zaida, a pequena

povoação à sombra das montanhas do Médio Atlas estava agora completamente deserta.

Sobre os degraus jaziam, dispersos, os restos desfeitos de uma mulher (pequena, com uns vinte a vinte e cinco anos, bonita em vida). Uma perna aqui, uma porção do tronco ali, uma mão, a direita, acolá, ainda a apertar o detonador. A cabeça rolara até ao fundo das escadas e viera repousar aos pés de Gabriel. Ele levantou o véu negro que lhe cobria o rosto e deparou-se com um conjunto de feições delicadas, agrupadas numa máscara de loucura religiosa. Os olhos eram azuis: o azul de um lago de montanha. Seria uma esposa ou uma concubina? Ou talvez uma filha? Ou seria apenas outra viúva negra, uma rapariga perdida a quem Saladino amarrara uma bomba e uma ideologia de morte?

Gabriel fechou-lhe os olhos azuis, cobriu-lhe o rosto e seguiu, silenciosamente, Keller e Mikhail pelas escadas acima. No chão do patamar superior, havia uma *Kalashnikov* que caíra das mãos da mulher, juntamente com os cartuchos de balas que completariam um carregador. Para a direita, um corredor espraiava-se para a escuridão. No fundo havia uma porta; e, atrás da porta, pensou Gabriel, ficava um quarto no canto sudeste da casa. Um quarto virado para Meca. Um quarto onde jazia, agora, um homem ferido que se encontrava sozinho, sem ninguém que o protegesse.

Escolheram cautelosamente o caminho através do patamar de forma a não tocar nos cartuchos de balas e deslocaram-se silenciosamente ao longo do corredor. Quando alcançaram a porta, Keller testou o puxador. Estava trancada. Trocou alguns sinais breves com Mikhail e gesticulou a Gabriel para que se afastasse, mas Gabriel rapidamente impôs a sua vontade com o seu próprio gesto. Era chefe de operações e preferia enfrentar os seus inimigos a um metro de distância do que a um quilómetro.

Keller não discutiu, não havia tempo. Em vez disso, arrombou a porta com um pontapé e, depois, seguiu Gabriel e Mikhail para o interior. Saladino estava deitado num colchão nu, no canto mais escuro, com o rosto iluminado pelo brilho de um telemóvel. Sobressaltado, esticou o braço para agarrar a *Kalashnikov* ao seu lado. Gabriel correu na sua direção com a *Jericho* nas mãos esticadas e disparou onze balas para o coração de Saladino. Depois, dobrou-se para apanhar o telefone caído. Estava a vibrar com uma mensagem recebida.

INSHALLAH, ASSIM SE FARÁ...

MARROCOS – LONDRES

Saladino realizara a sua derradeira ação de resistência não com uma arma, mas com um telemóvel *Android Nokia 5*. Havia outros espalhados à sua volta, juntamente com vários *Samsung Galaxies* e *iPhones*, oito computadores portáteis e dezenas de *pens*. Mikhail e Keller introduziram rapidamente os aparelhos num saco de viagem, enquanto Gabriel tirava uma fotografia ao rosto sem vida de Saladino. Não era um troféu. Queria provar, sem sombra de dúvidas, que o monstro morrera e, dessa forma, desferir um duro golpe, não só ao Estado Islâmico, mas ao movimento jihadista internacional no seu conjunto.

Dina e Natalie estavam a atravessar o portão aberto do recinto quando Gabriel, Mikhail e Keller saíram da casa. Yaakov estava a retirar outro *Nokia 5* do bolso de Nazir Bensaïd. O *Peugeot* alugado não estava em condições de andar na estrada, com o para-brisas rebentado e orifícios de bala de uma ponta à outra do chassis, portanto amontoaram-se todos no *Jeep Cherokee*. No total, desde a entrada forçada até à partida apressada, estiveram no interior do recinto menos de cinco minutos.

Evidentemente, o som dos disparos e da explosão alcançara o centro de Zaida. Enquanto aceleravam ao longo da rua principal da cidade, depararam-se com alguns olhares fixos, uns curiosos, outros manifestamente hostis, mas ninguém tentou pará-los. Só quando chegaram à minúscula aldeia berbere de Aït Oufella, a uns dezasseis quilómetros de distância, ao descer a montanha, vislumbraram os primeiros gendarmes a subir o vale.

Os carros da polícia passaram por eles velozmente, sem abrandar, e prosseguiram na direção de Zaida. Daí a vinte minutos, talvez menos, entrariam no recinto. E, num quarto do primeiro andar da casa, encontrariam um árabe grande, de constituição poderosa, que jazia sozinho com onze orifícios de bala na parte frontal da jilaba. Se pudesse falar, fá-lo-ia com um característico sotaque iraquiano e, se pudesse caminhar, fá-lo-ia a coxear. Vivera uma vida de violência e morrera em conformidade. No entanto, teria esse homem, nos derradeiros segundos de vida, ordenado outro atentado? Uma última

abertura das cortinas para receber a ovação do público.

Inshallah, assim se fará...

Era possível que a resposta, juntamente com outras informações cruciais, residisse algures nos telemóveis, computadores e *pens* que tinham retirado do quarto de Saladino. Por conseguinte, era fundamental que os aparelhos não acabassem nas mãos dos marroquinos, que estariam mais interessados em resolver o enigma de uma noite longa e violenta do que em prevenir o atentado seguinte. Ainda assim, Gabriel decretou que não fariam uma retirada conflituosa. Já houvera derramamento de sangue suficiente. E, agora que Saladino estava morto, era menos provável que os marroquinos tivessem um ataque de raiva diplomático ou fizessem algo estúpido, como julgar em tribunal o chefe dos serviços secretos israelitas por homicídio.

Eram quase sete horas quando chegaram a Fez. Dirigiram-se para norte através das montanhas do Rife, na direção da costa mediterrânica. O esconderijo era em El Jebha, mas não poderia ser utilizado antes de escurecer, pois só nesse momento seria seguro trazer os *Zodiacs* até terra. Isso significava que se perderia um dia inteiro, talvez mais, até os técnicos poderem começar a vasculhar os telefones e computadores em busca de informação. Gabriel decidiu que, em vez disso, deixariam Marrocos de *ferry*. O porto de Tânger era a escolha mais óbvia. Havia *ferries* regulares para Espanha, França e até mesmo Itália. Mas, a leste, havia um porto mais pequeno que dispunha de um serviço direto para o território ultramarino britânico de Gibraltar. Embarcaram, com quinze minutos de antecedência, no barco do meio-dia e um quarto. Gabriel e Keller estavam de pé, ao sol, junto do gradeamento da embarcação (Keller a fumar um cigarro, Gabriel a segurar num telemóvel), enquanto os penhascos de calcário branco do famoso rochedo de Gibraltar surgiam à sua frente.

— Finalmente em casa — disse Keller.

Mas Gabriel não estava a ouvir; estava a fitar a fotografia que tirara do rosto sem vida de Saladino.

— É a melhor fotografia que alguma vez lhe tiraram — disse Keller.

Gabriel permitiu a si próprio um breve sorriso. Depois, enviou a fotografia de forma segura para Adrian Carter, em Langley. A resposta de Carter foi instantânea.

— O que é que ele disse? — perguntou Keller.

— *Alhamdulillah*.

Keller atirou o cigarro para o mar.

— Veremos.

Do terminal de *ferries* de Gibraltar, uma curta caminhada ao longo

da Winston Churchill Avenue conduziu-os até ao aeroporto, onde os aguardava um jato executivo *Falcon 2000* alugado, cortesia dos Serviços Secretos de Sua Majestade. Graham Seymour abastecera o avião com várias garrafas de excelente champanhe francês, mas ninguém a bordo tinha disposição para celebrar. Assim que o avião descolou, começaram a ligar os telefones e computadores apreendidos. Estavam todos protegidos com palavras-passe, bem como as *pens*.

A tarde estava a terminar quando aterraram no Aeroporto London City, nas Docklands. Havia dois veículos a aguardá-los, um furgão e uma limusina *Jaguar* preta. O furgão levou Mikhail, Yaakov, Dina e Natalie para Heathrow, onde poderiam apanhar um voo noturno para o Ben Gurion. Gabriel e Keller seguiram no *Jaguar* para Vauxhall Cross, juntamente com o saco de viagem.

Entraram no edifício através do parque de estacionamento subterrâneo e transportaram o saco para o escritório de Graham Seymour. Seymour chegara de Washington algumas horas antes. Tinha um aspeto apenas ligeiramente melhor do que Gabriel e Keller.

— Eu e a Amanda Wallace concordámos numa divisão do trabalho relativamente aos telefones e aos computadores. Os serviços secretos britânicos ficam com metade e o MI5 com o restante. Os nossos respetivos laboratórios estão plenamente equipados e preparados para começar.

— Surpreende-me que tenham conseguido manter os americanos fora disto — respondeu Gabriel.

— Não conseguimos. A Agência e o FBI vão enviar agentes de ligação para nos vigiarem. Caso estivesse a interrogar-te — acrescentou Seymour —, era mesmo ele. A Agência confirmou com uma análise facial de oito pontos. — Deu a mão a Gabriel. — Mereces uma homenagem. Parabéns e obrigado.

Gabriel aceitou relutantemente a mão de Seymour.

— Não me agradeças a mim, Graham, agradece-lhe *a ele*. — Apontou com a cabeça na direção de Keller. — E à Olivia, claro. Nunca teríamos conseguido aproximar-nos do Saladino sem ela.

— A Royal Navy retirou-a daquele vosso falso navio de carga há cerca de uma hora — disse Seymour. — Escusado será dizer que é essencial manter o papel dela em absoluto segredo.

— Isso talvez seja difícil.

— Bastante — disse Seymour. — A Internet já está em brasa com rumores de que o Saladino está morto. A Casa Branca está ansiosa por fazer um comunicado formal antes que os marroquinos se adiantem.

— Quando?

— A tempo do telejornal da noite. Estavam a interrogar-se se o Departamento desejaria parte dos créditos.

— Meu Deus, não.

— Tinham esperança de que disseses isso. Eventualmente, os marroquinos vão acabar por ultrapassar a questão da invasão da sua soberania por parte dos americanos, mas com os israelitas seria uma questão completamente diferente.

— Então e os britânicos?

— A lei proíbe-nos de participar em operações de homicídio com alvos específicos. Portanto, não vamos dizer nada. — Seymour olhou para Keller. — Ainda assim, os analistas estão muito interessados em falar contigo. E os advogados também.

— Isso — disse Keller — seria uma péssima ideia.

— Foste tu que...

— Não — disse Keller. — Não tive essa sorte.

Eram seis da tarde quando os peritos começaram a trabalhar nos aparelhos apreendidos. O MI5 foi o primeiro a conseguir aceder a um telefone; o MI6 a um computador. Como era esperado, todos os documentos estavam fortemente encriptados. Mas, às sete horas, técnicos de ambos os serviços estavam a decodificar os documentos sem problemas e a passá-los às equipas de análise para identificação de pistas vitais. O primeiro lote era composto por coisas de importância reduzida. Mas Gabriel e Keller, que estavam a monitorizar os trabalhos a partir do escritório de Graham Seymour, advertiram as equipas de trabalho para que não fossem complacentes. Tinham visto a expressão no olhar de Saladino enquanto enviava a sua derradeira mensagem de texto.

Às nove horas de Londres, o presidente americano e o diretor da CIA, Morris Payne, entraram a passos largos na Sala de Imprensa da Casa Branca para anunciar que o cérebro operacional do terrorismo do ISIS, conhecido como Saladino, fora assassinado durante a noite numa operação clandestina dos Estados Unidos nas Montanhas do Médio Atlas, em Marrocos. Aparentemente, a sua morte era o resultado de um meticuloso esforço americano para fazer justiça ao homem que perpetrara os atentados de Washington e provava a determinação da nova administração em eliminar o islamismo radical de uma vez por todas. Os marroquinos tinham sido antecipadamente informados da operação e tinham prestado uma assistência preciosa, mas, à exceção disso, fora uma empreitada americana do início ao fim. «E os resultados», vangloriou-se o presidente, «falam por si».

— Não estás arrependido? — perguntou Seymour.

— Não — respondeu Gabriel. — Prefiro ir e voltar sem que me vejam.

Quando o presidente e o diretor da CIA terminaram a conferência de imprensa, os jornalistas e especialistas em terrorismo contratados

tentaram, rapidamente, preencher as inúmeras lacunas do relato oficial. Infelizmente para eles, a maioria da informação vinha diretamente de Adrian Carter e da sua equipa, o que significava que muito pouca se assemelhava sequer remotamente à verdade. Às dez e meia, Gabriel e Keller já tinham ouvido o suficiente. Exaustos, entraram para a limusina *Jaguar* e dirigiram-se para West London, do outro lado do rio. Keller encaminhou-se para a sua casa opulenta em Kensington; Gabriel, para o velho apartamento seguro do Departamento na Bayswater Road, com vista para o Hyde Park. Ao entrar, ouviu uma mulher a cantar suavemente para si própria em italiano. Fechou a porta e sorriu. Chiara cantava sempre quando estava feliz.

BAYSWATER, LONDRES

— Onde é que estão os miúdos?

— Quem?

— Os miúdos — repetiu Gabriel enfaticamente. — A Irene e o Raphael. Os *nossos* miúdos.

— Deixei-os com os Shamrons.

— Queres dizer que os deixaste com a Gilah. O Ari mal consegue tomar conta de si próprio.

— Eles estão ótimos.

Gabriel aceitou um copo de *Gavi* fresco e sentou-se num banco alto junto à bancada da cozinha. Chiara lavou e secou uma embalagem de cogumelos e, com um punhado de movimentos hábeis da sua faca, reduziu-os a filas de lâminas perfeitas.

— Não cozinhes — disse Gabriel. — É demasiado tarde para comer.

— *Nunca* é demasiado tarde para comer, querido. Para além disso, estás com ar de quem precisa de uma refeição. — Franziu o nariz. — E de um duche.

— O Hamid e o Tarek disseram que se eu tomasse banho perturbaria os *jins*.

— Quem são o Hamid e o Tarek?

— Funcionários involuntários dos serviços secretos israelitas.

— E os *jins*?

Gabriel explicou.

— Quem me dera poder ter estado lá contigo.

— Ainda bem que não estavas.

Chiara atirou os cogumelos para uma frigideira e, pouco depois, o aroma a azeite quente impregnou o ar. Gabriel bebeu um pouco do *Gavi*.

— Como é que sabias que vínhamos para Londres?

— Tenho um contacto dentro do Departamento.

— Esse teu contacto tem nome?

— Prefere manter-se anónimo.

— Claro.

— É um ex-chefe. Muito importante. — Deu uma sacudidela à frigideira e os cogumelos começaram a fritar. — Quando soube que tu

e a equipa iam tentar escapar por Gibraltar, esgueirei-me para um voo com destino a Londres. A equipa de limpeza da casa teve a amabilidade de pôr algumas coisas no frigorífico.

— Porque é que ninguém informou o atual chefe de nada disto?

— Pedi-lhes que não informassem. Queria que fosse surpresa. — Chiara sorriu. — Não reparaste nos meus guarda-costas lá em baixo, na Bayswater Road?

— Estava demasiado cansado para olhar.

— Os rudimentos do ofício estão a começar a escapar-te, querido. Dizem que acontece aos que passam demasiado tempo atrás de uma secretária.

— Duvido que o Saladino concordasse contigo.

— A sério? — Chiara olhou de soslaio para a televisão ligada em silêncio sobre a bancada da cozinha. — Porque a BBC diz que foi tudo uma operação americana.

— Os americanos — disse Gabriel — foram muito prestáveis. Mas fomos nós que o apanhámos, com a ajuda crucial do Christopher Keller.

— E pensar que, em tempos, te tentou matar. — Bebeu um pouco do vinho de Gabriel.

— Quanto é que o Uzi te contou sobre o que aconteceu?

— Muito pouco, na verdade. Sei que o ataque com drones não correu como planeado e que conseguiram seguir o rasto do Saladino até um recinto nas montanhas. Depois disso, as coisas tornam-se um bocadinho nebulosas.

— Para mim também — disse Gabriel.

— Estavas lá?

Ele hesitou, depois assentiu lentamente com a cabeça.

— Foste tu que...

— Isso interessa?

Ela não disse nada.

— Sim — disse Gabriel —, fui eu. Fui eu que o matei.

E, depois, contou-lhe o resto. A mulher que se fizera explodir nas escadas. O quarto repleto de telefones e computadores no qual Saladino passara as últimas horas. A derradeira mensagem de texto.

Inshallah, assim se fará...

— Provavelmente, era só conversa — disse Chiara.

— De um homem que quase conseguiu contrabandear um carregamento de cloreto de cézio para França. Cloreto de cézio suficiente para fabricar várias bombas sujas. Bombas que tornariam o centro da cidade inabitável durante anos. — Fez uma pausa, depois acrescentou: — Estás a ver onde quero chegar.

Chiara esperou que os cogumelos perdessem a água antes de os temperar com sal, pimenta e tomilho acabado de picar. Depois,

despejou vários punhados de *fettuccini* seco para uma panela de água a ferver.

— Quanto tempo planeias ficar em Londres? — perguntou ela.

— Até que os britânicos acabem de examinar os telefones e computadores que trouxemos do recinto.

— Preocupa-te que ele possa vir atrás de nós?

— O primeiro alvo dele foi o Centro Isaac Weinberg para o Estudo do Antisemitismo em França. É melhor eu ficar aqui enquanto a informação está a ser processada. É menos provável que algo lhes escape.

— Mas não quero mais heroísmos — advertiu ela.

— Não — disse Gabriel. — Agora sou o chefe.

— Também eras o chefe quando estavas em Marrocos. — Provou um fio de *fettuccini*. Depois olhou em redor da pequena cozinha e sorriu. — Sabes, sempre adorei este apartamento. Passámos aqui bons momentos, Gabriel.

— E maus também.

— Casámo-nos aqui, lembras-te?

— Não foi um casamento verdadeiro.

— Eu achei que sim. — A sua expressão obscureceu. — Lembro-me de tudo de forma tão nítida. Foi na noite antes de...

A sua voz esmoreceu. Adicionou vinho e natas à frigideira. Depois, despejou a mistura sobre o *fettuccini* e salpicou tudo com queijo ralado. Preparou apenas uma dose individual e colocou-a diante de Gabriel. Ele mergulhou um garfo e girou-o.

— Nada para ti? — perguntou ele.

— Oh, não. — Chiara olhou de soslaio para o relógio de pulso. — É demasiado tarde para comer.

Gabriel usara o apartamento seguro tantas vezes que a sua roupa estava pendurada no armário e os seus artigos de higiene enchiam o armário da casa de banho. Depois de terminar uma segunda dose de massa, tomou um duche, fez a barba e caiu na cama, exausto, ao lado de Chiara. Tinha esperança de que os sonhos se ausentassem do seu sono, mas não foi isso que aconteceu. Subia uma escada interminável, encharcada de sangue e coberta com os restos de uma mulher. E, quando encontrou a cabeça e desviou o véu, foi o rosto de Chiara que viu.

Inshallah, assim se fará...

Pouco antes das cinco, acordou subitamente, como que sobressaltado pelo ruído de uma bomba. Era apenas o seu telemóvel, que estava a deslizar pela superfície da mesa de cabeceira. Erguendo-se, vestiu-se na escuridão. E para a escuridão regressou.

THAMES HOUSE, LONDRES

A limusina *Jaguar* aguardava-o em baixo, na Bayswater Road. Deixou Gabriel não em Vauxhall Cross, mas em Thames House, o quartel-general do MI5. Miles Kent, o subdiretor, acompanhou-o enquanto subiam as escadas rapidamente até ao escritório de Amanda Wallace. Amanda aparentava estar desgastada e cansada e, de forma bastante evidente, sob enorme stress. Graham Seymour também lá estava, ainda envergando o mesmo fato da noite anterior, mas sem gravata. Agentes mais jovens entravam e saíam apressadamente da divisão e havia uma videoconferência segura a decorrer com a Scotland Yard e Downing Street. O facto de estarem reunidos ali, e não do outro lado do rio, só poderia significar uma coisa. Alguém encontrara, nos telefones e computadores de Saladino, provas de que estava iminente um novo atentado. E Londres era, uma vez mais, o alvo.

— Há quanto tempo é que sabem? — perguntou Gabriel.

— Desenterrámos os primeiros indícios por volta das duas da manhã — disse Seymour.

— Porque é que ninguém me disse nada?

— Achámos que precisavas de dormir um pouco. Para além disso, trata-se de um problema nosso, não teu.

— Onde?

— Westminster.

— Quando?

— Esta manhã — disse Seymour. — Pensamos que por volta das nove.

— Qual é o método do atentado?

— Bombista suicida.

— Conhecem a identidade dele?

— Ainda estamos a trabalhar nisso.

— Só um? Têm a certeza?

— Parece que sim.

— Porquê só um?

Seymour entregou a Gabriel uma pilha de folhas impressas.

— Porque não precisam de mais do que um.

A mensagem de texto fora enviada às três e um quarto da madrugada anterior, hora da Marrocos, quando o provável remetente da mesma estava emocionalmente perturbado e em grande dor física. Consequentemente, não cumprira os habituais protocolos de encriptação secundária e terciária da rede, permitindo, assim, que um técnico informático do MI5 a desenterrasse de um dos telefones retirados do recinto de Zaida. A linguagem estava codificada, mas não deixava quaisquer dúvidas. Era uma ordem para levar a cabo uma operação suicida. Não havia qualquer menção a um alvo, mas a pressa aparente com que a mensagem fora enviada permitira ao técnico encontrar comunicações e documentos relacionados que tornavam perfeitamente claro o objetivo do atentado e o momento em que deveria ser executado. Tinham sido encontradas diversas fotografias do local e até um documento relativo aos ventos dominantes e ao provável padrão de dispersão do material radiológico. Os responsáveis pelo plano esperavam, com a ajuda de Deus, uma área de contaminação nuclear que se estenderia da Trafalgar Square até à própria Thames House. Os peritos do MI5, que tinham estudado cenários semelhantes, previam que um atentado com essas características tornasse a zona que constituía a sede do poder britânico inabitável durante meses, ou até mesmo anos. O custo económico, para não falar do impacto psicológico, seria catastrófico.

O recetor da mensagem fora mais cauteloso do que o remetente. Ainda assim, o erro anterior do remetente invalidara completamente o cuidado do recetor. Consequentemente, o técnico do MI5 conseguira localizar toda a troca de mensagens, juntamente com um vídeo do mártir. O sujeito dirigia-se à câmara com um sotaque londrino e o rosto oculto. Os peritos linguísticos do MI5 calcularam que se tratava de um homem do norte de Londres, nativo e, provavelmente, de linhagem egípcia. Com a ajuda do GCHQ, o serviço britânico de espionagem de comunicações, o MI5 estava a comparar freneticamente a voz do homem com a de radicais islâmicos conhecidos. Para além disso, o MI5 e o SO13, o Comando Antiterrorista da Polícia Metropolitana, estavam a monitorizar extremistas conhecidos e suspeitos de serem membros do ISIS. Em suma, toda a estrutura de segurança nacional do Reino Unido estava em discreto, mas eficiente, modo de pânico.

Às seis da manhã, enquanto os céus para lá da janela de Amanda estavam a começar a clarear, todos os esforços para identificar e localizar o bombista suicida suspeito tinham-se revelado infrutíferos. O primeiro-ministro Jonathan Lancaster, no Gabinete do Conselho do número 10, convocou uma videoconferência às seis e meia. Iniciou-a

com uma questão que nenhum perito em antiterrorismo jamais gostaria de ouvir:

— Devemos criar um cordão de segurança em Westminster e ordenar uma evacuação dos distritos vizinhos?

Um por um, os seus ministros, funcionários, chefes dos serviços secretos e comissários da polícia deram as suas respostas. A recomendação foi unânime. Fechar Westminster. Interromper todo o tráfego de comboios, autocarros ou automóveis para o centro de Londres. Dar início a uma evacuação minuciosa e ordenada.

— E se for um embuste? Ou um *bluff*? Ou se se basear em informação que não é fiável? Vamos parecer o *Chicken Little*. E, da próxima vez que dissermos que o céu está a desabar, ninguém vai acreditar em nós.

A informação, concordaram todos, era tão fiável e atempada quanto poderia ser. E estavam rapidamente a esgotar-se outras opções para prevenir um desastre de proporções monumentais.

O primeiro-ministro semicerrou os olhos.

— É o senhor Allon que eu estou a ver aí?

— É, senhor primeiro-ministro.

— E o que é que lhe parece?

— Não me cabe a mim dar uma opinião, senhor primeiro-ministro.

— Por favor, deixe-se de cerimónias. O senhor e eu conhecemo-nos demasiado bem para isso. Para além disso, não há tempo.

— Na minha opinião — disse Gabriel cautelosamente —, seria um erro ordenar encerramentos e evacuações.

— Porquê?

— Porque irão desperdiçar a única oportunidade de que dispõem para impedir o atentado.

— Que é?

— Sabem a hora e o local em que vai ocorrer. E, se tentarem criar um cordão de segurança no centro de Londres, incitarão o pânico em massa e o terrorista suicida limitar-se-á a escolher um alvo secundário.

— Continue — indicou o primeiro-ministro.

— Mantenham as entradas para Westminster completamente abertas. Coloquem equipas de CBRN infiltradas e atiradores do SCO19 à paisana em pontos estratégicos em redor do Parlamento e da Whitehall.

— Montamos-lhe uma armadilha e deixamo-lo entrar? É isso que está a dizer?

— Exatamente, senhor primeiro-ministro. Não vai ser difícil identificá-lo. Vai estar vestido com excesso de roupa para o clima de verão e o detonador vai ser visível numa das mãos. Provavelmente, vai estar a suar devido aos nervos e a recitar orações. Poderá até estar a sofrer de envenenamento por radiação. E, quando passar por um

contador Geiger — disse Gabriel para concluir —, vai fazê-lo disparar. Assegurem-se só de que o agente armado que vai atrás dele tem a coragem e a experiência adequadas para fazer o que é necessário.

— Algum candidato? — perguntou o primeiro-ministro.

— Só dois — disse Gabriel.

PARLIAMENT SQUARE, LONDRES

— Acho que este é o início de uma bela amizade.

— Ou o final.

— Porque é que és sempre tão fatalista? — perguntou Keller. — Já não estamos no Saara. Estamos no meio de Londres.

— Sim — disse Gabriel, olhando em redor. — O que é que poderia correr mal aqui?

Estavam sentados num banco na extremidade ocidental da Parliament Square. Estava uma bela manhã de verão, fresca e suave, com uma promessa de chuva para mais tarde. Mesmo atrás deles, ficava o Supremo Tribunal, o tribunal mais importante do reino. À sua direita ficavam a Abadia de Westminster e a igreja medieval de St. Margaret. E, precisamente diante deles, do outro lado do relvado verde da praça, estava o Palácio de Westminster. O relógio do icónico campanário mostrava que faltavam cinco minutos para as nove. O trânsito da hora de ponta circulava através da ponte de Westminster e para cima e para baixo da Whitehall, passando pela Autoridade Fiscal e Aduaneira de Sua Majestade, pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros e da Commonwealth, pelo Ministério da Defesa e pela entrada para Downing Street, residência oficial do primeiro-ministro. Sim, pensou novamente Gabriel. O que é que poderia correr mal?

Tinha um transmissor auricular no ouvido direito e uma arma no fundo as costas. A arma era uma *Glock 17* de 9 mm, a arma padrão do SCO19, a unidade tática de atiradores da Polícia Metropolitana de Londres. O transmissor estava ligado à rede segura de comunicações da Polícia Metropolitana. O chefe do SO15, o Comando Antiterrorista, estava a dirigir as operações, com o auxílio de Amanda Wallace do MI5. Até agora, tinham identificado dois potenciais suspeitos que se aproximavam de Westminster. Um estava a atravessar a ponte vindo de Lambeth. O outro estava a caminhar ao longo da Victoria Street. Na verdade, estava, naquele preciso momento, a passar pela New Scotland Yard. Ambos os homens transportavam mochilas, o que dificilmente se poderia considerar inusitado em Londres, e ambos aparentavam ser originários do Médio Oriente ou do Sul da Ásia, algo que também não era invulgar. O homem que vinha pela ponte

começara a sua viagem no bairro de Tower Hamlets, na zona leste de Londres. O que estava a passar pela New Scotland Yard viera da secção de Edgware Road, no norte de Londres. Estava vestido de forma quente e aparentava estar constipado.

— Parece ser o nosso homem — disse Gabriel. — Estou a apostar em Edgware e no vírus da gripe.

— Vamos saber daqui a um minuto. — Keller estava a folhear a edição matutina do *Times*. Estava repleta de notícias sobre a morte de Saladino.

— Não podes pelo menos...

— O quê?

— Esquece.

O homem vindo de Tower Hamlets atravessara a ponte e chegara a Westminster. Passou por um *Caffè Nero* e pela entrada da estação de metro de Westminster. Depois, passou por uma equipa de CBRN infiltrada e dois atiradores táticos à paisana. Não havia vestígios de radioatividade, nenhum detonador na mão, nenhum sinal de perturbação emocional. Era o homem errado. Atravessou a rua para a Parliament Square e juntou-se a um protesto pequeno e triste que tinha algo a ver com a guerra no Afeganistão. Ainda havia guerra no Afeganistão? Até Gabriel tinha dificuldade em acreditar.

Virou a cabeça alguns graus para a direita para observar o segundo homem (o homem da secção de Edgware Road, no norte de Londres) que caminhava ao longo da Broad Sanctuary, passando pela torre norte da abadia. Keller estava a fingir ler as notícias desportivas.

— Que ar é que ele tem?

— Tem ar de estar muito doente.

— Alguma coisa que comeu?

— Ou alguma coisa que tem vestida. Tem ar de quem brilharia no escuro.

No relvado norte da abadia, havia uma equipa de CBRN a posar para fotografias como se de um grupo de turistas normais se tratasse, juntamente com outra unidade do SCO19. A equipa de CBRN já começara a detetar níveis elevados de radiação, mas, à medida que o homem de Edgware se aproximava, os níveis dispararam de forma dramática.

— É uma maldita Chernobyl — disse Keller. — Apanhámo-lo.

Uma comoção irrompeu pelo transmissor, com várias vozes a gritarem simultaneamente. Gabriel forçou-se a desviar o olhar.

— Quais são as probabilidades? — perguntou calmamente.

— De quê?

— De ele nos escolher a nós?

— Diria que são maiores a cada minuto que passa.

O homem atravessou a Broad Sanctuary para o edifício do Supremo

Tribunal e entrou na Parliament Square pelo canto sudoeste. Alguns segundos mais tarde, a suar, com os lábios a tremer, lívido como a morte, estava a aproximar-se do banco onde Gabriel e Keller estavam sentados.

— Alguém precisa de acabar com o sofrimento deste desgraçado — disse Keller.

— Não sem ordem do primeiro-ministro.

O homem passou pelo banco.

— Que nível de exposição é que acabámos de sofrer? — perguntou Keller.

— Equivalente a cerca de dez mil radiografias.

— Quantas é que tu já fizeste?

— Onze mil — respondeu Gabriel. Depois, disse calmamente: — Olha para a mão esquerda.

Keller fê-lo. Estava a agarrar um detonador.

— Olha para o polegar — disse Gabriel. — Já está a pressionar o gatilho. Sabes o que é que isso quer dizer?

— Sim — disse Keller. — Quer dizer que tem uma bomba suja com um detonador que é ativado se ele retirar o dedo.

O Big Ben estava a dar as badaladas das nove da manhã quando o mártir em espera alcançou o flanco oriental da praça. Deteve-se durante um momento para observar o protesto e pareceu a Gabriel estar a ponderar as suas opções: o Palácio de Westminster, que ficava mesmo à sua frente, ou a Whitehall, que ficava à direita. O primeiro-ministro e os assessores de segurança também estavam a ponderar as suas opções. Chegados a este ponto, havia apenas uma. Alguém tinha de conceder ao homem a morte que ele tanto desejava, enquanto outra pessoa segurava firmemente o seu polegar sobre o detonador. Caso contrário, várias pessoas morreriam e a sede da história e do poder britânicos transformar-se-ia num deserto radioativo durante muito tempo.

Finalmente, o mártir em espera virou para a esquerda na direção da Whitehall, com Gabriel e Keller no seu encalço a poucos passos de distância. Uma brisa suave soprava de norte diretamente contra os seus rostos: uma brisa que dispersaria a radioatividade por toda a zona de Westminster e Victoria se a bomba detonasse. A equipa de CBRN que estivera no *Caffè Nero* estava agora no exterior do edifício da Autoridade Fiscal e Aduaneira; os valores dos medidores de radiação ultrapassaram todos os limites quando o homem passou por eles. O primeiro-ministro não necessitava de mais provas.

— Abatam-no — disse ele, e o chefe do Comando Antiterrorista repetiu a ordem para Gabriel e Keller. Depois, acrescentou

calmamente:

— E que Deus esteja convosco.

Mas de que lado, pensou Gabriel, estaria Deus esta manhã? Do lado do fanático com a arma de destruição maciça amarrada ao corpo ou do lado dos dois homens que tentariam impedi-lo de a detonar? O primeiro passo cabia a Keller. Tinha de agarrar na mão esquerda do mártir com um aperto de ferro antes que Gabriel disparasse o tiro certo. Caso contrário, o polegar do mártir enfraqueceria sobre o detonador e a bomba explodiria.

Passaram pela arcada da King Charles Street e pela entrada do Ministério dos Negócios Estrangeiros e da Commonwealth. O tráfego ao longo da Whitehall diminuiu. Evidentemente, a polícia bloqueara o trânsito para norte da Parliament Square e para sul da Trafalgar Square. O mártir em espera pareceu não reparar. Estava a caminhar na direção do destino, a caminhar na direção da morte. Gabriel sacou a pistola *Glock* do fundo das costas e acelerou o ritmo da sua passada, enquanto Keller, um borrão na sua visão periférica, inspirava profundamente algumas vezes.

Diante deles, o mártir, suado e doente devido à radiação, passou despercebido por um grupo de turistas e continuou a caminhar na direção do portão de segurança de Downing Street, o seu alvo aparente. Porém, abrandou até parar quando viu os agentes de polícia fardados de preto no passeio. Subitamente, reparou na peculiar ausência de carros na rua habitualmente movimentada. Então, virando-se, viu os dois homens a caminharem na sua direção, um deles com uma arma na mão. Os olhos arregalaram-se, os braços ergueram-se e esticaram-se à largura dos ombros de ambos os lados.

Keller avançou velozmente enquanto Gabriel erguia a *Glock*. Esperou pelo instante em que Keller agarrou na mão esquerda do suicida antes de premir o gatilho. Os primeiros dois disparos destruíram o rosto do bombista. Os restantes foram disparados depois de o homem estar no passeio. Disparou até a arma ficar vazia. Disparou como se estivesse a tentar empurrar o homem para as profundezas subterrâneas e conduzi-lo diretamente até às portas do inferno.

Subitamente, havia polícias e técnicos de desativação de bombas a correr para eles vindos de todas as direções. Um carro parou na rua, a porta traseira abriu-se. Gabriel lançou-se para o banco de trás e para os braços de Chiara. A última coisa que viu, enquanto o carro se afastava, foi Christopher Keller a segurar o polegar de um homem morto sobre um detonador.

QUARTA PARTE

GALERIA DE MEMÓRIAS

LONDRES

A duração da evacuação de Westminster e da Whitehall foi muito mais curta do que aquilo que Saladino poderia ter esperado, mas, ainda assim, traumática. Durante nove longos dias, o coração palpitante da política britânica, o epicentro religioso e político de uma civilização e império outrora gloriosos, foi separado por um cordão de segurança do resto do reino e manteve-se encerrado. A zona inativa estendia-se da Trafalgar Square, a norte, até à Milbank, a sul, e a leste, para a Victoria até à New Scotland Yard. Os grandiosos ministérios repousavam vazios, tal como o Parlamento e a Abadia de Westminster. O primeiro-ministro Lancaster e a sua equipa abandonaram o número 10 de Downing Street e mudaram-se para uma casa de campo cuja localização não foi revelada. A rainha, contra os seus desejos, foi levada para o castelo de Balmoral, na Escócia. Só as equipas de CBRN estavam autorizadas a entrar na área de acesso restrito, e apenas durante períodos de tempo limitados. Deslocavam-se pelas ruas e praças desertas nos seus fatos antirradiação verde-lima, farejando o ar em busca de vestígios de radioatividade, enquanto as badaladas lúgubres do Big Ben marcavam a passagem do tempo.

A reabertura realizou-se sem celebrações. O primeiro-ministro e a esposa, Diana, esgueiraram-se para o número 10 como se estivessem a arrombar a sua própria casa, enquanto, subindo e descendo a Whitehall, funcionários públicos e secretários permanentes voltavam discretamente para as suas secretárias. Na Câmara dos Comuns, houve um minuto de silêncio; na abadia, uma cerimónia religiosa. O presidente da Câmara de Londres alegou que a cidade sairia mais forte do desastre que estivera iminente, embora não tivesse oferecido qualquer explicação para justificar tal afirmação. Na capa de um tabloide conservador podia ler-se: BEM-VINDOS À NOVA NORMALIDADE.

Era quarta-feira, o que significava que o primeiro-ministro era obrigado a comparecer diante dos Comuns ao meio-dia e a submeter-se às questões da oposição, que começaram por ser cortesias, inicialmente, mas não durante muito tempo. Acima de tudo, os deputados queriam saber como é que era possível que, apenas seis

meses depois do atentado devastador no West End, o ISIS tivesse conseguido contrabandear para o Reino Unido o material necessário para fabricar uma bomba suja. E como é que, dado o nível elevado de ameaça, os serviços de segurança não tinham sido capazes de identificar o terrorista antes da manhã do atentado planejado. O primeiro-ministro esteve tentado a dizer que a situação de segurança quase impossível com que a Grã-Bretanha se confrontava era o resultado de erros cometidos por uma geração de líderes; erros que tinham transformado a terra de Shakespeare, Locke, Hume e Burke no mais proeminente centro da ideologia salafista-jihadista do mundo. Mas não mordeu o isco.

— O inimigo está determinado — declarou —, mas nós também.

— E a forma como o suspeito foi neutralizado? — questionou o deputado eleito pela seção de Washwood Heath, em Birmingham, uma cidade das Midlands ocidentais britânicas com grande número de muçulmanos e que produzira inúmeros terroristas e ameaças.

— Não era um suspeito — contrapôs o primeiro-ministro. — Era um terrorista armado com uma bomba e vários gramas de cloreto de cério radioativo.

— Mas não existia realmente outra forma de resolver a situação senão uma execução a sangue frio? — insistiu o deputado.

— Não foi disso que se tratou.

A posição oficial do Governo de Sua Majestade e da New Scotland Yard era que os dois homens que tinham impedido que o terrorista detonasse a bomba suja eram membros da divisão especial de atiradores da Polícia Metropolitana, o SCO19. A Polícia Metropolitana recusou tornar os seus nomes públicos e também não aceitou ao pedido dos meios de comunicação social para divulgar as imagens da operação captadas pelas câmaras de videovigilância. De alguma forma, havia apenas um único vídeo do incidente, filmado por um turista americano que, casualmente, estava no exterior do portão de segurança de Downing Street às nove horas. Desfocado e tremido, mostrava um homem a disparar várias balas para a cabeça do terrorista, enquanto outro homem segurava no detonador que havia na sua mão esquerda. O atirador abandonou imediatamente o local nas traseiras de um carro. Enquanto acelerava para subir a Whitehall, era possível vê-lo a abraçar uma mulher no banco de trás. O seu rosto não era visível, apenas uma mancha grisalha, como um borrão de cinza, na sua têmpora esquerda.

Mas foi o seu parceiro, o que segurou no polegar do terrorista sobre o detonador durante três horas enquanto os técnicos desativavam a bomba, que recebeu a maior parte da atenção mediática. De um dia para o outro, tornou-se um herói nacional; era o homem que arriscara altruisticamente a própria vida pela rainha e pelo país. Mas histórias

destas raramente sobrevivem durante muito tempo (não na era implacável das atualizações constantes e das redes sociais) e rapidamente surgiram inúmeros artigos que punham em causa a sua identidade e origem. O *Independent* alegava que era um antigo membro do Serviço Aéreo Especial que servira de forma notável na Irlanda do Norte e na primeira Guerra do Iraque. Contudo, o *Guardian* contribuiu para a discussão com uma alegação duvidosa de que se tratava, na verdade, de um agente do MI6. Tinham-se esbatido os limites, dizia o jornal, ou talvez até atravessado. Graham Seymour tomou a decisão invulgar de emitir um comunicado oficial a negá-lo. Agentes dos serviços secretos britânicos, disse ele, não se envolviam em atividades policiais e poucos se davam ao trabalho de transportar armas de fogo.

— A alegação — declarou — é absolutamente ridícula.

No meio da troca de acusações, quase passou despercebido o facto de Saladino, o autor de um rasto transatlântico de sangue e edifícios destroçados, ter deixado de existir. Inicialmente, a sua legião de seguidores, incluindo alguns que caminhavam abertamente pelas ruas de Londres, recusaram-se a acreditar que tinha realmente morrido. Certamente, alegaram, tratava-se simplesmente de propaganda negra americana destinada a debilitar a influência do ISIS sobre uma geração de jovens radicais islâmicos. A fotografia do rosto cirurgicamente retocado e sem vida de Saladino não ajudou, pois ostentava reduzida semelhança com o original. Porém, quando o ISIS confirmou o seu falecimento num dos seus principais canais das redes sociais, até os seus apoiantes mais fervorosos pareceram aceitar o facto de que estava verdadeiramente morto. Os seus tenentes mais próximos não tiveram tempo para fazer o luto; estavam demasiado ocupados a tentar escapar de bombas e mísseis americanos. Londres foi a última gota. A batalha final (a que o ISIS esperava que conduzisse ao regresso do Mahdi e ao início da contagem decrescente para o final dos dias) começara.

Mas quais eram as circunstâncias exatas da morte de Saladino no recinto das montanhas do Médio Atlas, em Marrocos? A Casa Branca (e o próprio presidente) deram várias versões contraditórias da história. A complicar ainda mais a questão, surgiu, num *site* independente de notícias marroquino, uma notícia relacionada com três *Toyota Land Cruisers* encontrados na região sudeste do país, num local que não distava muito do mar de areia de Erg Chebbi. Um dos jipes parecia ter colidido com algo, mas os outros dois estavam carbonizados. O *site* alegava que tinham sido destruídos por um drone americano Predator, uma alegação apoiada por uma fotografia de fragmentos de um míssil Hellfire que acompanhava o artigo. A Casa Branca negou a informação da forma mais veemente possível. O

governo de Marrocos fez o mesmo. Depois, por precaução, mandou encerrar o *site* que publicara as fotografias e enfiou o seu editor na prisão.

A alegação de um ataque com drones americano em solo marroquino incendiou protestos por todo o país, especialmente nos *bidonvilles*, onde os recrutadores do ISIS exerciam o seu ofício letal. A agitação quase ofuscou o brutal assassinato de Mohammad Bakkar, o maior produtor de haxixe de Marrocos e autoproclamado rei das montanhas do Rife. A condição deplorável do corpo, disseram os gendarmes, sugeria que Bakkar fora alvo de uma vingança relacionada com o narcotráfico. Mais difícil de explicar era o facto de Jean-Luc Martel, o extremamente bem-sucedido hoteleiro e empresário da restauração francês, ter sido encontrado morto a alguns centímetros de distância, com dois orifícios de bala no rosto. Os marroquinos não estavam muito interessados em tentar determinar como é que Martel tivera aquele destino ou porquê; queriam apenas desembaraçar-se do assunto tão depressa quanto possível. Entregaram o corpo à embaixada francesa, assinaram a papelada necessária e disseram um afetuoso *adieu* a JLM.

Todavia, em França, o violento fim de Jean-Luc Martel deu origem a uma investigação séria, tanto por parte da imprensa, como das autoridades, e a um profundo exame de consciência. As circunstâncias que rodeavam a morte sugeriam que os rumores sobre ele eram, afinal, verdadeiros, que não se tratava de um empresário com um toque de Midas, mas sim de um traficante de droga disfarçado. Enquanto os pormenores chegavam às páginas do *Le Monde* e *Le Figaro*, carreiras políticas outrora promissoras desmoronavam-se. O presidente francês foi obrigado a emitir um comunicado de arrependimento em relação à sua amizade com Martel, tal como o ministro do Interior e metade dos membros da Assembleia Nacional. Como habitualmente, a imprensa francesa abordou o assunto filosoficamente. Jean-Luc Martel era visto como uma metáfora para todos os problemas que afligiam a França moderna. Os seus pecados eram os pecados da França. Ele era a prova de que algo, algures, estava errado na Quinta República.

Pouco tempo depois, seguiram-se detenções, desde a sede da JLM Enterprises em Genebra até às ruas de Marselha. Os seus hotéis foram fechados a sete chaves, os restaurantes e estabelecimentos comerciais encerrados, as propriedades e contas bancárias expropriadas e embargadas. Na verdade, a única coisa que o Estado francês não reclamou foi o seu corpo, que definhou durante vários dias na morgue de Paris até que um familiar distante da sua aldeia na Provença finalmente o reclamou para realizar o funeral. Poucas pessoas compareceram nas cerimónias fúnebres. Particularmente notória foi a

ausência de Olivia Watson, a bonita ex-modelo que fora companheira e parceira empresarial de Martel. Todos os esforços para localizar a senhora Watson por parte das autoridades francesas e dos meios de comunicação social revelaram-se infrutíferos. A sua galeria em Saint-Tropez permanecia fechada, com a montra com vista para a Place de l'Ormeau esvaziada de quadros. O mesmo sucedia com a sua boutique na Rue Gambetta. A *villa* que partilhara com Martel estava, aparentemente, deserta. Curiosamente, o mesmo acontecia com o extravagante palácio no lado oposto da baía.

Mas, existiria uma relação entre a morte de Jean-Luc Martel e o assassinato do cérebro operacional do terrorismo do ISIS conhecido como Saladino? Outra relação para além da semelhança de hora e lugar? Até mesmo os jornalistas mais conspiradores pensavam que isso era improvável. Ainda assim, havia suficientes elos ténues a merecerem uma observação mais atenta, e eles fizeram-na: do West End de Londres ao sétimo *arrondissement* de Paris, de uma galeria vazia em Saint-Tropez a um troço de passeio encharcado de sangue junto da entrada para Downing Street. Os jornalistas especializados em temas de segurança e espionagem pensavam que conseguiriam identificar um padrão. Havia fumo, diziam. E, onde havia fumo, normalmente havia o príncipe do fogo.

Com o passar do tempo, até mesmo as mentiras mais cuidadosamente tecidas acabam por se desfiar. Basta que exista uma ponta solta. Ou um homem que se sinta compelido, por motivos relacionados com a sua honra, ou talvez por um sentido de dívida, a fazer a verdade emergir. Não toda, evidentemente, pois tal não seria seguro. Apenas uma pequena parte, o suficiente para manter uma promessa. Deu a história a Samantha Cooke, do *Telegraph* de Londres, que conseguiu tê-la pronta a tempo de sair na edição de domingo. Numa questão de horas, incendiou as quatro capitais distantes. Os americanos ridicularizaram o relato como sendo pura fantasia, e as avaliações de britânicos e franceses foram apenas ligeiramente menos cáusticas. Só os israelitas recusaram fazer comentários, mas, afinal, era esse o seu procedimento habitual no que tocava a operações de espionagem. Tinham aprendido da pior forma que era melhor não dizer absolutamente nada do que emitir um comunicado com uma negação na qual ninguém acreditaria, fosse como fosse. Nesse caso, pelo menos, a sua reputação era merecida.

O agente que estava no centro da notícia foi visto na reunião semanal do turbulento conselho do primeiro-ministro e, mais tarde, nessa mesma noite, com a esposa e os dois filhos no restaurante Focaccia, na Rabbi Akiva Street, em Jerusalém. Quanto ao paradeiro de Olivia Watson, ex-modelo, proprietária de uma galeria e não-exatamente esposa do desacreditado Jean-Luc Martel, permanecia um

mistério. Um proeminente jornalista francês especializado em crimes questionava-se sobre se estaria morta. E, embora o jornalista não pudesse sabê-lo, Olivia questionava-se exatamente sobre a mesma coisa.

WORMWOOD COTTAGE, DARTMOOR

Trancaram-na na Wormwood Cottage, apenas com a senhora Coventry, a governanta, como companhia, e dois guarda-costas para a vigiar. E, obviamente, o velho Parish, o guarda permanente, mas Parish mantinha-se à distância. Cuidara de todo o tipo de pessoas ao longo dos muitos anos em que trabalhara naquele local (desertores, traidores, espiões cujo disfarce fora exposto, até mesmo o estranho israelita), mas havia algo na recém-chegada que o irritava. Como era habitual, por motivos de segurança, Vauxhall Cross mantivera em segredo o nome da hóspede. Contudo, Parish sabia exatamente quem ela era. Era difícil não saber; o rosto inundava as páginas de todos os jornais do país. O corpo também, mas apenas nos tabloides mais atrevidos. Era a rapariga bonita de Norfolk que tinha ido para a América triunfar como modelo. Estivera envolvida com pilotos de fórmula um, estrelas de *rock* e atores e aquele horrível traficante de droga do sul de França. Era aquela que a polícia francesa supostamente procurava por todo o lado. Era a rapariga de JLM.

Tinha um aspeto pavoroso na noite em que chegou e assim permaneceu durante muito tempo. O seu longo cabelo louro pendia flácido e, nos olhos azuis nórdicos, havia uma expressão perturbada que dizia a Parish que vira algo que não deveria ter visto. Embora já fosse magra como um palito, perdeu peso. A senhora Coventry tentou cozinhar para ela (verdadeira comida inglesa), mas ela torcia o nariz aos menus. A maior parte do tempo, ficava sentada no seu quarto do primeiro andar, a fumar cigarro após cigarro e a fitar a charneca desolada. A primeira coisa que a senhora Coventry fazia, todas as manhãs, era colocar-lhe uma pilha de jornais à porta. Invariavelmente, quando recolhia os jornais ao final do dia, várias páginas tinham sido arrancadas. E, no dia em que o seu rosto apareceu no *Sun* debaixo de um título profundamente ofensivo, todo o jornal foi rasgado em pedaços. Apenas uma fotografia sobreviveu. Fora tirada há muitos anos, antes da queda. Escritas na sua testa, a vermelho-sangue, estavam as palavras *A Rapariga de JLM*.

— É bem feito, quem é que a mandou meter-se com um traficante de droga? — disse Parish em tom crítico. — E, ainda por cima, um

traficante *franciú*.

Não tinha mais roupa para além da que cobria a sua elegante figura, portanto a senhora Coventry ofereceu-se para ir até à M&S escolher alguns artigos que a ajudassem a ultrapassar a escassez temporária. Não era aquilo a que estava acostumada, evidentemente (afinal de contas, tinha a sua própria linha de vestuário), mas era melhor do que nada. Muito melhor, como veio a revelar-se. De facto, tudo o que a senhora Coventry selecionou parecia ter sido desenhado e customizado para favorecer o seu corpo longo e esbelto.

— O que eu não daria para ter um corpo daqueles, nem que fosse durante cinco minutos.

— Mas vê lá no que isso deu — murmurou Parish.

— Sim, vê lá.

No final da primeira semana, as paredes pareciam estar a começar a sufocá-la. Aceitando a sugestão da senhora Coventry, saiu para uma curta caminhada pela charneca, acompanhada por dois guarda-costas que pareciam muito mais felizes do que o normal. Depois disso, apanhou um pouco de sol no jardim. Mais uma vez, não era aquilo a que estava acostumada, já que o sol de Dartmoor era bastante diferente do de Saint-Tropez, mas fez maravilhas pela sua aparência. Nessa noite, comeu a maior parte da maravilhosa empada de galinha que a senhora Coventry colocou diante dela e, depois, passou várias horas na sala de estar a ver as notícias na televisão. Foi na noite em que a CNN exibiu o vídeo gravado pelo telemóvel de um turista americano à entrada de Downing Street. Quando surgiu no ecrã um plano aproximado e desfocado do agente que segurara no polegar do terrorista sobre o detonador, pôs-se de pé, subitamente.

— Meu Deus, é ele!

— Quem? — perguntou a senhora Coventry.

— O homem que conheci em França. Dizia que se chamava Nicolas Carnot. Mas não é agente da polícia. É...

— Não falamos dessas coisas — disse a senhora Coventry, interrompendo-a. — Nem mesmo nesta casa.

Os belos olhos azuis de Olivia moveram-se do ecrã da televisão para o rosto da senhora Coventry.

— Também o conhece? — perguntou.

— O homem do vídeo? Oh, céus, não. Como é que poderia conhecê-lo? Sou só a cozinheira.

No dia seguinte, caminhou um pouco mais e, ao regressar à Wormwood Cottage, pediu para falar com alguém com autoridade sobre o estado do seu caso. Houve promessas que se fizeram, insistiu ela. Houve garantias que foram dadas. Insinuou que tinham vindo do próprio «C», uma alegação que Parish não considerou credível. *Como se o próprio «C» alguma vez se fosse preocupar com pessoas da laia dela!*

Contudo, a senhora Coventry não rejeitou completamente a ideia. Tal como Parish, testemunhara muitos acontecimentos peculiares naquela casa de campo, como a noite em que um espião israelita bastante célebre recebera uma cópia de um jornal que o declarava morto. Um espião israelita que, agora que pensava nisso, tinha mais do que uma mera semelhança ténue com o homem que disparara várias balas para a cabeça de um terrorista no passeio da Whitehall. Não, pensou a senhora Coventry, não era possível.

Mas até mesmo a senhora Coventry, que ocupava o nível mais baixo na hierarquia dos serviços secretos ocidentais, sabia que *era* possível. E, por conseguinte, não ficou nada surpreendida por encontrar, na capa da edição de domingo do jornal *Telegraph*, uma longa reportagem sobre a operação que conduzira ao assassinato do cérebro operacional do terrorismo do ISIS conhecido como Saladino. Aparentemente, Jean-Luc Martel, o narcotraficante francês agora falecido e ex-companheiro da atual residente da Wormwood Cottage, tinha, afinal, relação com o caso. De facto, na opinião do *Telegraph*, era o herói desconhecido da operação.

A senhora Coventry colocou o jornal à porta do quarto da mulher, juntamente com o seu café. E, mais tarde nessa manhã, enquanto arrumava o quarto, encontrou o artigo, intacto e impecavelmente recortado, pousado na mesa de cabeceira. Nessa noite, enquanto um vendaval soprava intensamente em Dartmoor, um homem trepou o portão de segurança, sem produzir um som, e subiu o caminho de gravilha até à porta de entrada da casa de campo. Ao entrar, limpou os pés e pendurou o casaco encharcado no cabide.

— O que é o jantar? — perguntou.

— Empadão de carne picada — disse a senhora Coventry, a sorrir.
— Uma bela chávena de chá, senhor Marlowe? Ou prefere uma coisa mais forte?

A senhora Coventry serviu-lhes o jantar na mesinha do recanto aconchegado e, depois, vestiu a capa da chuva e apertou um lenço sob o queixo.

— O senhor trata dos pratos, não trata, senhor Marlowe? E, por favor, desta vez use detergente, meu querido. Ajuda. — Pouco tempo depois, a porta da frente fechou-se com um som suave e ficaram, finalmente, sozinhos. Olivia sorriu pela primeira vez em muitos dias.

— Senhor Marlowe? — perguntou incredulamente.

— Afeiçoei-me bastante ao nome.

— Qual é o teu primeiro nome?

— Peter, aparentemente.

— Não é o nome com que nasceste?

Ele abanou a cabeça.

— E o Nicolas Carnot? — perguntou ela.

— Foi só um papel que desempenhei brevemente, com aclamação moderada.

— Desempenhaste-o bem. Muito bem, na verdade.

— Presumo que tenhas conhecido outros como ele.

— O Jean-Luc parecia atraí-los como moscas. — Estudou Keller cuidadosamente. — Então, como é que fizeste? Como é que conseguiste desempenhar o papel tão bem?

— São os detalhes que contam. — Encolheu os ombros. — Cabelo, guarda-roupa, esse tipo de coisas.

— Ou talvez fosse um papel que já tinhas desempenhado antes — sugeriu Olivia. — Talvez te tenhas limitado a repeti-lo.

— O teu jantar está a arrefecer — disse Keller sem se perturbar.

— Nunca gostei de empadão de carne picada. Lembra-me de casa — disse, franzindo o sobrolho. — De noites frias e chuvosas como esta.

— Não são assim tão más.

Olivia deu uma dentada exploratória na comida.

— Então? — perguntou Keller.

— Não é como comer no sul de França, mas suponho que terá de servir.

— Talvez isto ajude. — Keller serviu-lhe um copo de Bordéus.

Ele ergueu-o até aos lábios.

— É, definitivamente, uma coisa inusitada.

— O quê?

— Jantar com o homem que matou o meu...

Hesitou. Nem mesmo ela parecia saber como referir-se a Jean-Luc Martel.

— No início, enganaste-o. Mas, assim que lhe disseste que eras inglês, não demorou muito tempo a perceber quem realmente eras. Disse que eras um antigo agente do SAS que tinha passado vários anos escondido na Córsega. Disse que eras um...

— Já chega — interrompeu Keller.

— Ainda bem que esclarecemos isso. — Após um silêncio, Olivia disse: — Não somos assim tão diferentes, tu e eu.

— És muito mais virtuosa do que eu.

Ela sorriu.

— Nunca me julgaste?

— Nunca.

— E o teu amigo israelita?

— Pessoas com telhados de vidro.

— Vi-o naquele vídeo — disse Olivia. — A ti também. Foi ele que matou o terrorista que tinha a bomba suja. E foste tu que seguraste no detonador. Durante três horas — acrescentou suavemente. — Deve ter

sido horrível.

Keller não disse nada.

— Não negas nada?

— Não.

— Porque não?

Porque não, de facto?, pensou ele. Observou a chuva que embatia contra as janelas do pequeno recanto aconchegante.

Olivia bebeu um pouco de vinho.

— Tiveste oportunidade de ler os jornais hoje?

— Não achaste incrível aquela notícia sobre a Victoria Beckham no *Mail*?

— Então e aquela no *Telegraph* sobre o assassinato do Saladino? Aquela sobre a forma como o Jean-Luc Martel ajudou os serviços secretos britânicos e israelitas a infiltrarem-se na rede do Saladino e a descobrirem a sua localização em Marrocos.

— Uma leitura interessante — disse Keller. — E verdadeira, para variar.

— Nem tudo.

— Jornalistas... — disse Keller, desdenhosamente.

— Suponho que o teu amigo israelita tenha sido o responsável.

— Normalmente, é.

— Porque é que ele fez isso? Por que motivo decidiu reabilitar a imagem do Jean-Luc depois da forma como ele agiu no campo do Saara?

— Talvez não tenhas lido o resto do artigo — disse Keller. — A parte que referia que a bonita namorada britânica do Jean-Luc não sabia como é que ele, na verdade, ganhava o seu dinheiro. A parte que referia que as autoridades britânicas não tinham qualquer interesse em investigá-la, à luz do papel de Jean-Luc na eliminação do terrorista mais perigoso do mundo.

— De facto, li essa parte — disse ela.

— Então, certamente, tens consciência de que não fez aquilo pelo Jean-Luc, fê-lo por ti. Estás limpa, agora, Olivia. — Keller fez uma pausa, depois acrescentou: — Estás restaurada.

— Como tu?

— Muito melhor, na verdade. Tens o teu inventário profissional de quadros completo, mais os cinquenta milhões que te demos pelo Basquiat e pelo Guston. Já para não falar nos trocos que encontrámos debaixo das almofadas do sofá da galeria. Só o edifício vale, no mínimo, oito milhões. Escusado será dizer — disse Keller — que és uma mulher muito rica.

— Com má reputação.

— O *Telegraph* não parece pensar assim. E o resto do mundo artístico londrino também não o fará. Para além disso, não passam de

uma cambada de ladrões. Vais integrar-te perfeitamente.

— Uma galeria?

— Foi essa a promessa que o meu amigo te fez naquela tarde na *villa* de Ramatuelle — disse Keller. — Uma tela em branco na qual podes pintar a imagem que quiseses. Uma vida sem o Jean-Luc Martel.

— Sem ninguém — disse ela.

— Algo me diz que não te faltarão pretendentes.

— Quem é que vai querer alguém como eu? Sou a rapariga do...

— Come — disse Keller, interrompendo-a.

Ela provou outro pedaço de empadão.

— Quanto tempo tenho de ficar aqui?

— Até que os Serviços Secretos de Sua Majestade determinem que é seguro partires. Mesmo quando isso acontecer, talvez seja sensato contratares os serviços de uma empresa profissional de segurança. Vão seleccionar uns belos rapazes que tenham servido no SAS para tomar conta de ti, do género que o Jean-Luc sempre odiou.

— Há alguma hipótese de fazeres parte do meu destacamento de segurança?

— Receio que tenha outros compromissos.

— Então nunca mais vou voltar a ver-te?

— Provavelmente é melhor que seja assim. Vai ajudar-te a esquecer as coisas que viste naquela noite em Marrocos.

— Não quero esquecer. Pelo menos, ainda não. — Afastou o prato e acendeu um cigarro. — Como é que te chamas? — perguntou.

— Marlowe. — E depois, quase como se se tratasse de uma reflexão tardia, Keller acrescentou: — Peter Marlowe.

— Soa a um nome que alguém inventou.

— Alguém o fez.

— Diz-me o teu nome verdadeiro, Peter Marlowe. O nome com que nasceste.

— Não estou autorizado a fazê-lo.

Ela esticou o braço para o outro lado da mesa e colocou a mão sobre a de Keller. Suavemente, perguntou:

— E estás autorizado a ficar aqui para não teres de ficar sozinho nesta noite inglesa fria e melancólica?

Keller desviou o olhar dos olhos azuis de Olivia e observou a chuva a fustigar as janelas.

— Não — disse ele. — Não tenho essa sorte.

KING STREET, LONDRES

Não tinha planos para uma inauguração faustosa, mas, de alguma forma, com o auxílio de uma mão oculta, ou talvez por magia, os planos materializaram-se. De facto, assim que o sol se pôs no segundo sábado de novembro, uma enxurrada de pessoas do mundo artístico, com toda a bagagem que trazia a tiracolo, atravessou a sua porta. Havia negociantes e colecionadores e curadores e críticos. Havia atores e realizadores de cinema, encenadores de teatro, romancistas, dramaturgos, poetas, políticos, estrelas da *pop*, um marquês que parecia ter acabado de sair do seu iate e mais modelos do que era possível enumerar. Oliver Dimbleby entregava o seu cartão-de-visita dourado a qualquer pobre rapariga que, casualmente, se demorasse mais do que um ou dois segundos ao alcance da sua mão húmida. Jeremy Crabbe, o último marido fiel de Londres, parecia ter ficado sem fala. Só Julian Isherwood conseguiu manter a compostura. Posicionou-se numa extremidade do balcão do bar, junto de Amelia March, da *ARTnews*. Amelia estava a fitar com ar reprovador Olivia Watson, que posava para os fotógrafos diante do seu Pollock, vigiada por dois guarda-costas.

— No final, correu-lhe tudo bastante bem, não achas?

— Como assim? — perguntou Isherwood.

— Envolve-se com o maior traficante de droga de França, faz milhões a gerir uma galeria suja em Saint-Tropez e, agora, instala-se em St. James, rodeada por ti e pelo Oliver e pelos restantes fósseis dos Grandes Mestres.

— E nós estaremos para sempre gratos que ela tenha feito isso — disse Isherwood, enquanto observava uma rapariga que passava, ligeira como uma gazela, junto do seu ombro.

— Não achaste nada disto estranho?

— Ao contrário de ti, fofa, adoro finais felizes.

— Eu gosto dos que têm uma pitada de verdade, e há qualquer coisa nisto que não bate certo. Aviso-te de que tenciono chegar ao fundo desta história.

— Bebe antes mais um copo. Ou, melhor ainda — disse Isherwood —, vem jantar comigo.

— Oh, Julian. — Apontou para o mar de cabeças, na direção do homem alto e pálido que se encontrava a poucos centímetros de Olivia. — Está ali o teu antigo cliente, o Dmitri Antonov.

— Ah, pois é.

— Aquela é a mulher?

— A Sophie — disse Isherwood, fazendo um gesto afirmativo com a cabeça. — Uma mulher encantadora.

— Não é o que dizem por aí. E quem é aquele ao lado dela? — perguntou. — Aquele homem atraente que parece outro guarda-costas.

— Chama-se Peter Marlowe.

— O que é que ele faz?

— Não saberia dizer-te.

Às oito e meia, Olivia pegou num microfone e disse algumas palavras. Estava satisfeita por fazer novamente parte do grandioso mundo artístico londrino, estava feliz por ter regressado a casa. Não fez qualquer menção a Jean-Luc Martel, o herói desconhecido da caça ao cérebro operacional do terrorismo do ISIS conhecido como Saladino, e nenhum dos jornalistas presentes, incluindo Amelia March, se deu ao trabalho de a questionar sobre JLM. Estava finalmente livre. Podia perfeitamente ter essa informação tatuada na testa.

Às nove em ponto, a intensidade das luzes diminuiu e a música começou, e outra vaga de convidados apertou-se para atravessar a porta. Muitos eram sobreviventes veteranos das farras na Villa Soleil. Milionários que tinham todo o tempo do mundo e cuja única preocupação era relacionar-se com os seus pares. Os Antonovs apertaram algumas das mãos mais exclusivas antes de se esgueirarem para as traseiras da sua limusina *Maybach*, para nunca mais serem vistos. Keller saiu pouco tempo depois, mas sem antes puxar Olivia para um local mais recatado para a felicitar e desejar-lhe uma boa noite. Nunca lhe tinha parecido mais bonita do que naquele momento.

— Gostas? — perguntou ela, radiante.

— Da galeria?

— Não. Da imagem que pinteí na tela branca que o teu amigo me deu. — Puxou-o para junto de si. — Quero ver-te — sussurrou-lhe ao ouvido. — Prometo que posso tornar tudo melhor do que quer que tenha acontecido na tua vida anterior.

No exterior, estava a começar a chover. Keller apanhou um táxi na Pall Mall e dirigiu-se para o seu duplex na Queen's Gate Terrace. Depois de pagar ao taxista, ficou de pé no passeio durante muito tempo e examinou minuciosamente as persianas das suas inúmeras janelas. Os seus instintos diziam-lhe que estava na presença de perigo. Virando-se, rastejou silenciosamente pelas escadas que conduziam à entrada do andar de baixo e sacou a *Walther PPK* do fundo das costas antes de destrancar a porta. Entrou na própria casa num turbilhão

rodopiante, como entrara no quarto do canto sudeste daquela casa em Zaida, e apontou a arma ao homem sentado calmamente no balcão da cozinha.

— Filho da mãe — disse, baixando a arma. — Esta foi por pouco.

— Tens mesmo de parar de fazer isto.

— Aparecer sem avisar?

— Arrambar-me a casa. O que é que os vizinhos chiques do senhor Marlowe, em Kensington, pensariam se ouvissem disparos? — Keller atirou o seu sobretudo *Crombie* para a ilha com cobertura de mármore, onde Gabriel, iluminado pelas discretas lâmpadas embutidas, estava sentado num banco alto. — Não conseguiste encontrar nada para beber no meu frigorífico?

— Não me importava de beber um chá, obrigado.

Keller franziu o sobrolho e encheu a chaleira elétrica com água.

— O que é que te traz por cá?

— Uma reunião em Vauxhall Cross.

— Porque é que não fui convidado?

— Era altamente confidencial.

— Qual era o tema?

— Que parte de «altamente confidencial» é que não percebeste?

— Queres chá ou não queres?

— A reunião tinha a ver com certas atividades suspeitas relacionadas com o programa nuclear iraniano.

— Imaginem só.

— Custa a acreditar, eu sei.

— E a natureza dessas atividades?

— O Departamento é da opinião de que os iranianos estão a realizar investigação de armamento na Coreia do Norte. Os serviços secretos britânicos concordam. E é lógico que assim seja — acrescentou Gabriel. — Temos o mesmo informador.

— Quem é?

— Algo me diz que em breve saberás.

Keller abriu um dos armários.

— *Darjeeling* ou *Prince of Wales*?

— Não tens *Earl Grey*?

— *Darjeeling*, então. — Keller deixou cair uma saqueta de chá numa caneca e esperou que a água fervesse. — Perdeste uma festa e tanto, esta noite.

— Ouvi dizer.

— Não conseguiste arranjar tempo na tua agenda ocupadíssima?

— Achei que não seria muito sensato mostrar a minha cara numa parte de Londres onde ela é bastante conhecida. Para além disso,

esforcei-me muito por tornar a Olivia novamente respeitável. Não queria estragar o meu trabalho.

— Removeste o verniz sujo — disse Keller. — Retocaste a pintura.

— Por assim dizer.

— O artigo no *Telegraph* foi um belo trabalho da tua parte. Com uma evidente exceção — acrescentou Keller.

— Qual?

— O retrato heroico de Jean-Luc Martel.

— Era inevitável.

— Estás a esquecer-te de que encostou uma arma à cabeça da Olivia?

— Eu vi tudo.

— Da fila de trás.

Keller colocou a caneca de chá na ilha. Gabriel não lhe tocou.

— Obviamente — disse, passado um momento —, os teus sentimentos pela Olivia estão a toldar-te o discernimento.

— Não tenho sentimentos por ela.

— Poupe-me, senhor Marlowe. Acontece que sei que te tornaste visitante assíduo da Wormwood Cottage enquanto a Olivia esteve lá.

— Foi o Graham que te disse isso?

— Na verdade, foi a senhora Coventry. Para além disso — prosseguiu Gabriel —, tive conhecimento de que tu e a Olivia partilharam um momento íntimo esta noite, na inauguração da galeria.

— Não foi íntimo.

— Queres ver a fotografia?

Sem dizer uma palavra, Keller serviu dois dedos de uísque num copo baixo de vidro ornamentado. Gabriel soprou o seu chá.

— Não tenho sido um bom amigo para ti, apesar das circunstâncias infelizes do início da nossa relação? Não te dei bons conselhos? Afinal de contas, se não fosse eu, ainda serias...

— Onde é que queres chegar? — interrompeu Keller.

— Não cometas o mesmo erro que eu cometi — disse Gabriel. — A Olivia sabe mais sobre ti do que qualquer outra mulher no mundo, exceto aquela vidente louca da Córsega, e essa é demasiado velha para ti. Para além disso, Vauxhall Cross já vasculhou toda a roupa suja dela, o que significa que os serviços secretos britânicos não vão colocar impedimentos à vossa relação. Vocês foram feitos um para o outro, Christopher. Agarra-te a ela e nunca mais a largues.

— O passado dela é...

— Nada, comparado com o teu — disse Gabriel. — E vê como te tornaste num homem decente.

Keller esticou a mão.

— O que foi? — perguntou Gabriel.

— Deixa-me vê-la.

Gabriel entregou-lhe o seu telemóvel por cima da bancada da cozinha.

— Os pombinhos — disse ele.

Keller olhou para a fotografia. Fora tirada a partir do outro lado da sala, enquanto Olivia estava a sussurrar-lhe ao ouvido.

Prometo que posso tornar tudo melhor do que quer que tenha acontecido na tua vida anterior.

— Quem é que a tirou?

— O Julian — disse Gabriel. — O verdadeiro herói da operação.

— Não te esqueças dos Antonovs — disse Keller.

— Como é que poderia esquecer-me?

— Marcaram presença de forma breve esta noite, já agora. Pareciam felizes, para variar.

— Não me digas.

— Achas que vão conseguir manter-se juntos?

— Sim — disse Gabriel. — Acho que talvez consigam.

AVENIDA REI SAUL, TELAVIVE

Assim sendo, restava apenas uma ponta solta. Não uma, na verdade, mas várias centenas de milhões. Já para não falar de uma casa assombrada no coração da parte antiga de Casablanca, uma *villa* sumptuosa na Côte d'Azur francesa e uma coleção de quadros adquirida sob o olhar profissional de Julian Isherwood. O património imobiliário foi vendido discretamente e com um prejuízo substancial, com mobiliário, funcionários permanentes e *jinn*s incluídos. Os quadros, como prometido, encontraram o caminho até Jerusalém e até às paredes do Museu de Israel. O diretor queria chamar-lhe Coleção Dmitri e Sophie Antonov, mas Gabriel insistiu que a doação permanecesse anónima.

— Mas porquê?

— Porque o Dmitri e a Sophie na realidade não existem.

Mas a caridade dos Antonovs não se ficou por aí, já que tinham à sua disposição uma vasta soma de dinheiro que tinha de ir para algum lado. Dinheiro que tinham pedido emprestado, sem juros, ao Carniceiro de Damasco. Dinheiro que o Carniceiro pilhara ao seu povo, antes de o atacar com bombas e gás e de o dispersar por campos de refugiados na Turquia, na Jordânia e no Líbano. Os Antonovs, através dos seus representantes, doaram incontáveis milhões para alimentar, vestir, alojar e atender as necessidades médicas dos desterrados. Também ofereceram milhões para construir escolas nos territórios palestinianos (escolas que não ensinavam as crianças unicamente a odiar) e a uma instituição no Deserto do Neguev que cuidava de crianças gravemente incapacitadas, fossem elas árabes ou judias. O Centro Médico Hadassah recebeu vinte milhões de dólares para ajudar a construir uma nova ala subterrânea de salas cirúrgicas. Outros dez milhões foram para a Academia de Arte e Desenho de Bezalel, destinados à construção de um novo estúdio e à criação de um programa de bolsas para artistas israelitas promissores provenientes de famílias com baixos rendimentos.

Contudo, a maior parte da fortuna dos Antonovs, seria depositada no Banco de Israel, numa conta controlada pela agência governamental cuja sede se encontrava num edifício de escritórios

anónimo na Avenida Rei Saul. A quantia era suficientemente avultada para fazer face a todos os pequenos extras da vida: assassinatos, informadores pagos, desertores, casas seguras, despesas de viagem, até mesmo uma festa de noivado. Mikhail assinou o último documento no escritório de Gabriel. Ao fazê-lo, enterrou formalmente Dmitri Antonov.

— Vou ter saudades dele. Não era mau de todo, sabes.

— Para um traficante de armas russo — disse Gabriel. — Trouxeste o anel?

Mikhail entregou-lhe a caixinha forrada de veludo. Gabriel abriu a caixa com o polegar e franziu o sobrolho.

— O que é que se passa?

— Há uma pedra aqui dentro, algures?

— De um quilate e meio — protestou Mikhail.

— Não é tão bonito como o que ela usava em Saint-Tropez.

— É verdade, mas eu não tenho o dinheiro do Dmitri.

Não, pensou Gabriel enquanto fazia deslizar a papelada para o interior da sua pasta. Agora, já não.

Chiara e as crianças estavam à espera em baixo, na garagem, no banco de trás do jipe blindado de Gabriel. Enquanto seguiam para leste através da Galileia, foram seguidos por um segundo jipe que transportava Uzi e Bella Navot e por uma caravana de carros com mais de duzentos membros da equipa operacional e analítica do Departamento. Tinha escurecido quando finalmente chegaram a Tiberíades, mas a *villa* de Shamron, encavalitada sobre a escarpa com vista para o lago e para o antigo campo de batalha, irradiava uma luz intensa. Mikhail e Natalie foram os últimos a chegar. O anel cintilava na mão esquerda de Natalie. Os seus olhos também cintilavam.

— É muito mais bonito do que o da Sophie, não achas?

— Oh, sim — disse Gabriel apressadamente. — Muito mais.

— Tiveste alguma coisa a ver com isto?

— Só pelo facto de te ter oferecido um trabalho que nenhuma mulher no seu perfeito juízo teria aceiteado.

— E, agora, sou uma de vós — disse ela, erguendo o anel. — Até que a morte nos separe.

Faltou ao evento a devassidão das célebres festas dos Antonovs na Villa Soleil, e todos os presentes ficaram gratos por isso. Verdade seja dita, nenhum deles tinha, verdadeiramente, o hábito de beber. Ao contrário dos aliados britânicos, não utilizavam o consumo de elevadas quantidades de álcool como parte dos rudimentos do ofício. Para além disso, no dia seguinte havia escola, como gostavam de dizer, e a maioria estaria de volta à sua secretária de manhã, exceto

Mikhail, que partiria ao romper da aurora para uma operação em Budapeste. A doutrina do Departamento ditava que passasse a noite num andar franco em Telavive. Gabriel e Yaakov Rossman, que iriam com ele, tinham-lhe concedido um indulto.

Ainda assim, houve música e gargalhadas e mais comida do que alguma vez conseguiriam ingerir. Todavia, Saladino não esteve longe dos seus pensamentos. Falaram dele com respeito e, mesmo na morte, com uma pitada de mau presságio. A previsão sombria de Dina Sarid sobre o futuro (um futuro de ciberjihadismo interminável) estava a concretizar-se diante dos seus olhos. O califado do ISIS estava a desvanecer-se. Demasiado lentamente, era verdade, mas estava, não obstante, a morrer. Mas isso não significava que o fim do ISIS estivesse próximo. Muito provavelmente, tornar-se-ia simplesmente noutro grupo terrorista salafista-jihadista, primeiro entre iguais, com seguidores em todo o mundo dispostos a pegar numa faca, numa bomba ou num automóvel em nome do ódio. Saladino era o seu santo padroeiro. E, graças à notícia do *Telegraph*, a notícia que Gabriel filtrara, Israel e os judeus da diáspora eram os alvos principais.

— Foi — entoou Shamron — um erro crasso da tua parte.

— Não foi o primeiro — respondeu Gabriel. — E tenho a certeza de que não vai ser o último.

— Espero que ela tenha sido merecedora disso.

— A Olivia Watson? Foi.

Shamron não pareceu ficar convencido.

— Talvez a tenhas utilizado meramente como desculpa para justificar as tuas revelações irresponsáveis àquela jornalista britânica tua amiga.

— Porque é que eu faria uma coisa dessas?

— Talvez quisesse que os seguidores do Saladino soubessem que quem o matou foste tu. Talvez — disse Shamron — quisesse deixar a tua assinatura.

Tinham-se retirado da festa e encontravam-se no local favorito de Shamron no terraço. O lago brilhava em tons de prata sob o luar, os céus sobre os Montes Golã cintilavam com o amarelo e branco da artilharia americana. Estavam a atingir alvos em toda a Síria.

Com o seu velho isqueiro *Zippo*, Shamron acendeu um cigarro.

— Será que sabem o que estão a fazer?

— Os americanos?

Shamron assentiu lentamente com a cabeça.

— Veremos — disse Gabriel.

— Não parece muito esperançoso.

— Nunca gostei muito dessa palavra.

— Otimista — sugeriu Shamron.

— Não há grandes motivos para estar — disse Gabriel. — Vamos

partir do princípio de que os americanos e os aliados eventualmente derrotarão o ISIS e acabarão com o califado. E depois? A Síria vai ser reconstruída? O Iraque vai ser reconstruído? Desta vez, os americanos vão permanecer nesses territórios para garantir a paz? Não me parece provável, o que significa que haverá vários milhões de muçulmanos sunitas marginalizados e descontentes a viverem entre o Tigre e o Eufrates. Vão ser uma fonte de instabilidade regional ao longo das próximas gerações.

— Desde o início que eram países artificiais, o Iraque e a Síria. Talvez tenha chegado o momento de traçar novas linhas na areia.

— Mais um estado árabe falhado em criação — disse Gabriel. — É mesmo aquilo de que o Médio Oriente precisa.

— Talvez, agora que o Saladino está morto, possam ter uma verdadeira oportunidade de prosperar. — Shamron olhou de soslaio para Gabriel. — Tenho de te dizer, meu filho, levaste o conceito de chefia de operações longe demais.

— Foste tu que me fizeste aquele discurso sobre fazer várias coisas ao mesmo tempo.

— Isso não queria dizer que desejava que irrompesses impetuosamente num quarto e matasses pessoalmente o Saladino. E se ele tivesse uma arma na mão, em vez de um telemóvel?

— O resultado teria sido o mesmo.

— Espero que sim.

— Lá está essa palavra outra vez.

Shamron sorriu.

— *Espero* que tenhas guardado algum daquele dinheiro.

— O Carniceiro de Damasco — disse Gabriel — vai financiar as operações secretas do Departamento durante muitos anos.

— Doaste uma enorme quantia para ajudar a cuidar das vítimas dele.

— Vamos retirar dividendos disso no futuro.

— A caridade começa em casa — disse Shamron em tom reprovador.

— Isso é um provérbio corso?

— Na verdade — disse Shamron —, estou bastante certo de que é meu.

— Um quarto da população síria vive fora das suas fronteiras — explicou Gabriel. — E a maioria é constituída por muçulmanos sunitas. Ajudar a cuidar deles é uma política inteligente.

— Um quarto — repetiu Shamron — e outras centenas de milhar estão mortos. E, no entanto, o mundo culpa-nos a nós pelo sofrimento dos árabes. Como se a criação de um estado palestiniiano resolvesse magicamente os variadíssimos problemas do mundo árabe. A falta de educação e de empregos, os ditadores sanguinários, a repressão das

mulheres.

— Isto é uma festa, Ari. Tenta divertir-te.

— Não há tempo. Pelo menos, para mim não há. — Shamron esmagou lentamente o seu cigarro. — Esta guerra terrível na Síria deveria tornar absolutamente evidente o que aconteceria se os nossos inimigos alguma vez conseguissem penetrar as nossas defesas. Se o Carniceiro de Damasco está disposto a massacrar o próprio povo, o que é que aconteceria ao nosso? Se o ISIS está disposto a matar outros muçulmanos, o que é que faria se conseguisse deitar as mãos aos judeus? — Deu uma palmadinha paternalista no joelho de Gabriel. — Mas isso agora são problemas teus, meu filho. Não são meus.

Observaram o espetáculo de luzes no céu, o ex-chefe e o atual chefe, enquanto, atrás deles, amigos, colegas e entes queridos esqueciam, por breves instantes, o mundo problemático que os rodeava.

— Quando era miúdo — disse Shamron —, tinha sonhos.

— Eu também tinha — disse Gabriel. — Ainda tenho.

O vento soprava suavemente de oeste, do antigo campo de batalha de Hittin.

— Estás a ouvir? — perguntou Shamron.

— O quê?

— O choque das espadas, os gritos dos moribundos.

— Não, Ari, só ouço música.

— És um tipo sortudo.

— Sim — disse Gabriel. — Suponho que sou.

Nota do autor

Casa de Espiões é uma obra de ficção e deve ser lida apenas como tal. Os nomes, personagens, lugares e incidentes descritos nesta história são produto da imaginação do autor ou foram ficcionados. Qualquer semelhança com pessoas, vivas ou mortas, negócios, empresas, acontecimentos ou locais verdadeiros é pura coincidência.

Existem muitos edifícios antigos, elegantes e absolutamente intactos, na Rue de Grenelle, em Paris, mas nenhum deles alberga uma unidade antiterrorista de elite da DGSI chamada Grupo Alpha, pois tal unidade não existe. O leitor procurará em vão o quartel-general dos serviços secretos israelitas na Avenida Rei Saul em Telavive; há muito que este foi deslocado para um local a norte da cidade. O Campus de Informação de Liberty Crossing, em McLean, Virgínia (sede do Centro Nacional de Antiterrorismo e do gabinete do diretor dos serviços secretos nacionais) foi destruído por um atentado terrorista em *A Viúva Negra* mas, felizmente, isso não aconteceu na vida real. Os funcionários das duas agências trabalham, dia e noite, para manterem o solo americano seguro.

Gabriel Allon e a família não residem no número 16 da Narkiss Street, em Jerusalém, mas, ocasionalmente, podem ser vistos no Focaccia ou no Mona, dois dos seus restaurantes de bairro favoritos. Existem diversas galerias de arte no *centre ville* de Saint-Tropez, algumas melhores do que outras, mas nenhuma exibe o nome de Olivia Watson. Quem visitar o bairro de St. James em Londres também não encontrará uma galeria de arte especializada em Grandes Mestres que seja propriedade de alguém chamado Julian Isherwood, Oliver Dimbleby ou Roddy Hutchinson. Os quadros referenciados em *Casa de Espiões* aparecem apenas com fins literários. O autor não tem qualquer comentário a fazer quanto à forma como foram adquiridos, nem pretende sugerir que o sanguinário governante da Síria detém uma conta no prestigiado Banco do Panamá.

O título da terceira parte de *Casa de Espiões* foi inspirado numa frase de *O Céu Que Nos Protege*, obra-prima de Paul Bowles. A frase aparece também no texto do meu romance, juntamente com uma porção da frase subsequente e o título de uma das partes do livro de Bowles.

Para além disso, servi-me, a título de empréstimo, da iconografia de Bowles (e da poesia de Sting, igualmente um admirador de *O Céu Que Nos Protege*) na minha descrição da breve incursão ao luar de Natalie Mizrahi pelas dunas de areia do Saara. Obviamente, Gabriel saqueou *O Grande Gatsby* e *Terna é a Noite*, de F. Scott Fitzgerald, para desenhar a sua operação, que, em resultado disso, ganhou elegância. Os fãs da versão cinematográfica de *007 - Agente Secreto* reconhecerão, indubitavelmente, onde é que Christopher Keller encontrou inspiração para descrever o poder de uma pistola *Walther PPK*.

Completei o primeiro rascunho de *Casa de Espiões* com a descrição de dois atentados terroristas em Londres, um deles bem-sucedido, o outro gorado, a 15 de março de 2017. A 22 de março, às 14h40, Khalid Masood, um convertido ao Islão de cinquenta e dois anos, entrou na ponte de Westminster ao volante de um *Hyundai* alugado. Enquanto atravessava o rio Tamisa a uma velocidade que alcançou os cento e vinte quilómetros por hora, atropelou vários peões inocentes que caminhavam pelo passeio sul e, depois disso, fez o carro embater num gradeamento da Bridge Street, no exterior do Parlamento. Aí, assassinou a punhaladas o agente da polícia Keith Palmer, de quarenta e oito anos, antes de ser abatido a tiro por um agente armado do Comando de Proteção da Polícia Metropolitana. No total, o atentado durou oitenta e dois segundos. Seis pessoas pereceram, incluindo Massod, e mais de cinquenta ficaram feridas, algumas com lesões de extrema gravidade.

O nível de ameaça na altura do atentado era «elevado», o que significava que um atentado era «altamente provável». Contudo, quatro meses antes, Andrew Parker, diretor-geral do MI5, foi ainda mais direto na sua avaliação. «Vão existir atentados terroristas na Grã-Bretanha», disse ao jornal *Guardian*. «É uma ameaça permanente e é, no mínimo, um desafio geracional que temos de enfrentar.» As táticas do ISIS diferem das utilizadas pela Al-Qaeda. Um colete suicida, uma arma, uma faca, um automóvel, um camião: estas são as armas do novo terrorista jihadista. Mas o ISIS tem ambições mais elevadas. A divisão de operações externas do grupo está a tentar, de forma frenética, fabricar uma bomba que possa ser introduzida num avião comercial sem ser detetada. E existem inúmeras provas que sugerem que o ISIS tem andado a tentar adquirir os componentes para o fabrico de um dispositivo de dispersão radiológica, ou «bomba suja».

Com o califado do ISIS sitiado pelos Estados Unidos e pelos parceiros de coligação, o fluxo de combatentes estrangeiros do Ocidente e de outros países do Médio Oriente reduziu-se drasticamente. Ainda assim, o ISIS demonstrou ser hábil no recrutamento de novos membros para as suas fileiras. Frequentemente, são pessoas com antecedentes criminais. O ISIS não

as ostraciza. Aliás, faz exatamente o contrário: está a recrutar ativamente novos membros com cadastro, principalmente na Europa Ocidental. «Por vezes, as pessoas com o pior passado criam o melhor futuro.» Foi o que pudemos ler na publicação nas redes sociais do Rayat al-Tawheed, um grupo de combatentes do ISIS de Londres. A mensagem foi clara. O ISIS está disposto a empregar criminosos para concretizar o sonho de construir um califado islâmico mundial.

A relação entre crime e islamismo radical é uma das tendências emergentes mais perturbadoras que os agentes antiterroristas dos Estados Unidos e dos países ocidentais enfrentam atualmente. Tome-se como exemplo o caso de Abdelhamid Abaaoud, o presumível cérebro operacional do atentado de Paris, em novembro de 2015. Nascido na Bélgica e criado no bairro de Molenbeek de Bruxelas, cumpriu penas por agressão e outros crimes em, pelo menos, três estabelecimentos prisionais antes de se juntar ao ISIS. Salah Abdeslam, cúmplice e amigo de infância de Abaaoud, também cometera pequenos delitos; na verdade, tinham sido detidos juntos, uma vez, por invasão a uma garagem. Ibrahim El Bakraoui, que detonou uma bomba suicida no interior do Aeroporto de Bruxelas em março de 2016, disparou contra a polícia com uma espingarda de assalto *Kalashnikov* enquanto tentava assaltar uma casa de câmbios, em 2010. O seu irmão mais novo, Khalid, que detonou um dispositivo suicida numa estação de metro de Bruxelas, tinha variadíssimos antecedentes criminais que incluíam condenações em vários casos de *carjacking*, um assalto a um banco, rapto e posse ilegal de armas.

Diversos operacionais do ISIS vieram do mundo dos estupefacientes ilícitos, e o ISIS está ligado ao contrabando de droga na parte oriental do Mediterrâneo quase desde os seus primórdios. No entanto, atualmente existem provas que sugerem que o grupo, financeiramente asfixiado, está envolvido no lucrativo tráfico de haxixe no Norte de África. Pouco depois da queda de Muammar Kadhafi na Líbia, em 2011, a polícia da Europa Ocidental notou um acentuado aumento do fluxo de haxixe vindo de Marrocos, juntamente com uma alteração da rota de contrabando tradicional, com os portos líbios a servirem como principal ponto de partida. Teria o ISIS, que estabelecera uma presença na Líbia pós-Kadhafi, conseguido, de alguma forma, imiscuir-se no tráfico de haxixe? A polícia europeia não conseguiu afirmá-lo com certeza, mas recebeu, no final de 2016, uma boa notícia, quando as autoridades marroquinas detiveram Ziane Berhili, alegadamente um dos maiores produtores de haxixe do mundo. Berhili era proprietário de uma grande empresa de fabrico de sobremesas em Marrocos. Mas, de acordo com as autoridades italianas, ganhava a maior parte do seu dinheiro através do contrabando estimado de quatrocentas toneladas de haxixe para a Europa por ano. Essa droga atingiria, nas ruas, um

valor a rondar os quatro mil milhões de dólares.

Marrocos exporta mais do que apenas droga para a Europa; também exporta terroristas. Abdelhamid Abaaoud, Salah Abdeslam, Ibrahim e Khalid El Bakraoui têm mais em comum para além dos antecedentes criminais. Todos são de etnia marroquina. Mais de mil e trezentos marroquinos juntaram-se às fileiras do ISIS, juntamente com várias centenas de combatentes de etnia marroquina vindos da Europa Ocidental, principalmente de França, Bélgica e Países Baixos. No inverno de 2017, durante uma viagem de pesquisa que fiz a Marrocos, vi um país em alerta máximo. E com razões para tal. O chefe do serviço antiterrorista de Marrocos advertiu, em abril de 2016, que a sua unidade impedira vinte e cinco planos terroristas do ISIS apenas no ano anterior, um deles envolvendo gás-mostarda. A vital indústria turística de Marrocos, que atrai milhares de ocidentais para o país todos os anos, é um dos seus alvos principais.

É previsível que os Estados Unidos e os seus parceiros vençam a batalha contra o ISIS no Iraque e na Síria. No entanto, a perda do califado significará o fim do terrorismo dirigido ou inspirado pelo ISIS? Provavelmente, a resposta é não. O califado já está a ser substituído por um califado digital onde os seus agentes recrutam e planificam na segurança e anonimato do ciberespaço. Mas haverá sangue derramado na vida real, nas estações ferroviárias, aeroportos, cafés e teatros do Ocidente. O movimento jihadista global mostrou ter uma capacidade de adaptação excecional. O Ocidente tem, igualmente, de se adaptar, e com celeridade. Caso contrário, caberá ao ISIS e à sua inevitável prole determinar a qualidade e segurança das nossas vidas na «nova normalidade».

Agradecimentos

Estou imensamente grato pelo amor e apoio da minha esposa, Jamie Gangel, que me auxiliou na concepção de *Casa de Espiões*, realizou inúmeros contributos para o enredo e editou habilmente o meu manuscrito, que foi terminado apenas alguns minutos antes do final do prazo. Os meus filhos, Lily e Nicholas, foram uma fonte constante de amor e inspiração, principalmente durante a minha viagem de pesquisa a Marrocos, onde me ajudaram a planificar as voltas e reviravoltas da longa sequência que constitui o clímax do romance.

Falei com inúmeros espiões, agentes antiterroristas e políticos envolvidos na segurança nacional, e agradecer-lhes-ei, agora, preservando o seu anonimato, que é como preferem que o faça. Louis Toscano, meu grande amigo e editor de longa data, introduziu inúmeras melhorias, grandes e pequenas, neste romance. Kathy Crosby, a minha revisora pessoal com olhar de lince, garantiu que o texto estivesse isento de erros gramaticais e tipográficos. Quaisquer erros que tenham escapado à agudeza formidável de ambos são da minha exclusiva responsabilidade.

Consultei centenas de livros, jornais, artigos de revistas e *sites* enquanto preparava o livro, demasiados para aqui serem mencionados. Porém, estaria a incorrer em falta se deixasse de referir *The Caliph's House*, de Tahir Shah, e *A House in Fez*, de Suzanna Clarke. Um agradecimento especial a Michael Gendler, Linda Rappaport, Michael Rudell e Eric Brown pelo seu apoio e sábia assessoria.

Os funcionários do Hotel Four Seasons, em Casablanca, e do Palais Faraj, em Fez, foram incrivelmente atenciosos durante a nossa estadia em Marrocos, e os nossos guias, M e S, deixaram-nos obter um vislumbre do seu extraordinário país que nunca esquecerei. As histórias dos seus esforços contra os *jinn*s, contadas durante uma viagem de um dia pelas florestas de cedros cobertas de neve das montanhas do Médio Atlas, conseguiram penetrar o meu manuscrito, bem como a sua generosidade e amabilidade.

Estarei eternamente em dívida para com David Bull, pelo seu parecer de especialista em relação a todas as questões relacionadas

com arte e restauro. Todos os anos, o David concede-me várias horas do seu tempo precioso para garantir que os meus romances estão livres de erros. E, para seu castigo, é agora conhecido em todo o mundo artístico como «o verdadeiro Gabriel Allon». Finalmente, o inigualável Patrick Matthiesen reservou algum tempo de uma viagem recente à América para me deleitar com histórias das suas experiências num mundo artístico em mutação. A extraordinária galeria de Grandes Mestres de Patrick partilha a morada com o perpetuamente problemático estabelecimento do qual o ficcional Julian Isherwood é proprietário. À exceção disso, têm apenas em comum o profundo conhecimento e amor pela arte, o sentido de humor e a humanidade.

Se gostou deste livro, também gostará desta apaixonante história que cativa desde a primeira até à última página.



www.harpercollinsiberica.com